

JURACI CONCEIÇÃO DE FARIA

**A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza
Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de
Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda**

**Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo – SP
2004**

JURACI CONCEIÇÃO DE FARIA

**A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza
Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de
Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda**

Dissertação apresentada como exigência Parcial do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Elydio dos Santos Neto, para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo – SP
2004**

FICHA CATALOGRÁFICA

Faria, Juraci Conceição de

A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan : um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda / Juraci Conceição de Faria ; orientação de Elydio dos Santos Neto. São Bernardo do Campo, 2004.
278 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Educação e Letras, Curso de Pós-Graduação em Educação.

1. Interdisciplinaridade (Educação) 2. Professores - Formação profissional 3. Prática pedagógica I. Santos Neto, Elydio dos II. Título.

CDD 374.012

À memória de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan,
a quem devo o ânimo da pesquisa, do ensino e da aprendizagem
de uma prática pedagógica interdisciplinar.

À Ivani Fazenda,
pelas sementes e pelos frutos da grande árvore da Interdisciplinaridade
por ela cultivada.

Aos meus filhos Maurício, Vinícius e Marina,
a quem primeiro contei as estórias de um menino colecionador de sapos, que vivia
escondido no “Castelo Amarelo”
de um “Gigante pra lá de excelente”!

AGRADECIMENTOS

A **Rogério**, pela parceria em três poemas: Maurício, Vinícius e Marina.

A **Maria-mãe e Maria-ia**, pelo amor inesgotável e pela ajuda abençoada, cuidando dos meus filhos e do nosso jardim.

Aos meus irmãos **José Luiz, Washington, Antonio e Mauro**, com quem descobri, nos quintais da nossa infância, a guerreira que me conduz.

Aos queridos irmãos **Jurandir e Dundum**, pela espera amorosa, festa de cada visita.

Ao meu querido pai, **Juca**, que soube amar intensamente a menina que em mim sorria.

Aos **familiares de Malba Tahan**, em particular, sua neta **Renata** e seus pais, **Sonia Maria e Hélio**, pela carinhosa amizade e pelas fotografias e segredos compartilhados.

Ao Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Ensino de Lorena, em particular aos padres **Hugo Grecco** (in memória), **Mário Bonatti, Antonio Carlos Altieri, Nivaldo Luiz Pessinatti, Gilberto Luiz Pierobom, Olívio Poffo, Antonio Olival Júnior, Marcos Biaggi, Dilson Passos Júnior e Milton Braga de Rezende**, pelas duas décadas de acolhida nesta “casa de Dom Bosco”, que definiram a minha trajetória profissional de professora-pesquisadora e a minha formação humana de educadora-salesiana.

Aos alunos **Emanuele, César, Maura, Marcelo, Valéria, José Roberto, Heloisa, Joyce, Liliane, Lucirene, Isaac, Dêmio, Carlos** e às professoras **Marcilene Bueno e Tânia Lacaz**, pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan (Unisal - Lorena e Unesp - Guaratinguetá), pelos sete anos de pesquisa e por todos os outros setenta vezes sete com quem a dividiremos.

A **José Luiz Pasin**, pela acolhida no IEV - Instituto de Estudos Valeparaibanos - e por ter inspirado a ousadia de historiar Malba Tahan.

Aos professores do “Miguel Pereira”: **Marly Freire Ayrosa, Yolanda Neves Prata Serafim, Benedito Carlos da Silveira, Paulo César Pinheiro da Silva, Marcelo Sodero e Carlinhos Rocha**, meus primeiros mestres, a quem devo minhas conquistas.

A **Antonio Sérgio Cobianchi**, mestre e amigo, pela sólida formação inicial de professora de Matemática, pelos poemas, pelos livros, pelos primeiros projetos compartilhados.

À **Juanita Leite Marcondes**, por ter me introduzido no bojo da Educação Matemática e pelo presente mais valioso: sua coleção de livros do Malba Tahan!

A **Mario Fabri Filho**, Prefeito Municipal de Queluz; **Arcy Maria de Carvalho Giupponi**, Secretária de Educação; **José Celso Bueno**, Secretário de Cultura e Turismo; **Vicente Vale**, Diretor do Acervo Cultural; pelo apoio incondicional ao Projeto Malba Tahan, que luz!

Aos **educadores** e aos **alunos da Rede Municipal de Queluz**, pelos dois anos de trabalho coletivo, pelas sementes que plantamos e pelos frutos que haveremos de colher ensinando e educando com Malba Tahan.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação da UMESP, **Marília Claret Geraes Duran, Danilo Di Manno de Almeida, Edna Maria Barian Perrotti, Dalmo de Oliveira Souza e Silva, Zeila de Brito Fabri Demartini, Rosália Aragão e Elydio dos Santos Neto**, pela grandeza do saber e pelo valor da partilha.

A todos os colegas do mestrado, em especial, **Fátima Daniel, Gilda Cortez e Renata Suman**, pela grandeza da amizade valeparaibana.

À **Alessandra M. T. Dominichelli**, secretária do programa, pela amável maneira de ser e de tratar, incondicionalmente, professores e alunos.

À **Neusa Banhara** e equipe do PEC-UNITAU, pelo trabalho coletivo e pela coletiva amizade.

Aos amigos **Kátia Tavares** e **Severino Barbosa**, **Laureano Guerreiro** e **Patrícia Bogado**, **Elydio dos Santos Filho** e **Rute Eliana**, **Glória Thiago** e **Vera Pozzatti**, **Neusa** e **Aloísio**, **Euni** e **Maria Eunice**, pela amizade oferecida nos tempos difíceis, que eternamente honrarei.

À **Camila**, por compartilhar com carinho e profissionalismo, os conhecimentos de informática e design.

À **Alda Patrícia**, psicoterapeuta e amiga, cuja força interior tem encorajado minhas mais difíceis travessias.

À **Vera Batalha**, pela leitura cuidadosa do trabalho e por todos os “nós” desatados.

A **Antonio Joaquim Severino**, pelas manhãs filosóficas do Alto da Lapa no Mestrado em Educação do Unisal.

A **Helena Meidani**, **Cristiane Coppe de Oliveira**, **Gabrielle Greggersen**, **Sérgio Lorenzato**, **Pedro Paulo Sales**, **Regina Machado** e aos pesquisadores de **Malba Tahan**, a quem devo unir os meus sonhos de desvelar a peça de valor que Júlio César de Mello e Souza representa para a Educação Brasileira.

A **Zeila** e **Ivani**, mestras e amigas, pelas fecundas sugestões apresentadas durante a banca de qualificação, que estimularam “vôos mais altos” na finalização desta empreitada.

Em especial, ao amigo e orientador **Elydio dos Santos Neto**, pelo incentivo ao vôo de renovação interior, pela paixão de educar, pelo desejo de ir além dos nossos limites.

Seria impossível mencionar todos que me apoiaram durante os sete anos em que pesquisei Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. Entretanto, gostaria de expressar a alegria que me deram, a honra que me concederam e a gratidão que guardarei para com todos.

A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda

RESUMO

O tema central deste estudo é a interdisciplinaridade, encontrada nas concepções de Ivani Fazenda, e faz uma ponte entre a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza, pseudônimo Malba Tahan, e a formação de educadores de nosso tempo. A magia e a excelência da experiência educacional de Malba Tahan são singulares: promovem o diálogo permanente da Matemática com a Literatura e destas com as demais áreas do saber. As suas concepções pedagógicas denotam o caráter de vanguarda de sua prática educativa, pois, hoje, a interdisciplinaridade é tema que se vem firmando no cenário da educação mundial. Apresentam-se as possíveis contribuições que emergem da prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, bem como o relato de uma experiência de educação continuada espelhada nas concepções pedagógicas do grande educador. O registro desta trajetória, estudando e pesquisando suas contribuições para a formação de educadores, resulta em um Álbum de Memórias, o qual registra o trabalho coletivo dos professores e alunos-pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan, do Centro Unisal – Lorena (SP), nos projetos “Malba Tahan vai à Escola” e “A Escola vai a Malba Tahan” vivenciados com os educadores da Rede Municipal de Queluz – (SP).

Palavras-chave

Interdisciplinaridade, Formação de Professores, Prática Pedagógica.

THE EDUCATIVE PRACTICE OF JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA MALBA TAHAN: A POINT OF VIEW FROM THE CONCEPTIONS OF IVANI FAZENDA

ABSTRACT

The main theme of this study is the interdisciplinarity, found in the conceptions of Ivani Fazenda, and it makes a bridge between the educational practice of Júlio César de Mello e Souza, pseudonym Malba Tahan, and the educators formation of our time. The magic and the excellence of educational experience of Malba Tahan are singular: they promote the permanent dialogue between Mathematics and Literature and between these ones and the other areas of knowledge. His pedagogical conceptions show the vanguard nature of his educational practice, because, today, the interdisciplinarity is a theme, which is growing in the world education set. It is presented the possible contributions, which appear from the educative practice of Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, as well as the narrative of an experience of continued education mirrored in the pedagogical conceptions of the great educator. The register of this trajectory, studying and researching his contributions to the educators formation, results in a Memory Album, which register the collective work group of teachers and students-researchers of Malba Tahan Research and Study Group of Centro Unisal – Lorena (SP), in the projects “Malba Tahan goes to School” and “The School goes to Malba Tahan” shared with the educators at Municipal Schools in Queluz (SP).

Keywords

Interdisciplinarity, educators formation, pedagogical practice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Capítulo I: DO ÁLBUM DE MEMÓRIAS: UM RETRATO BIOGRÁFICO DE JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA MALBA TAHAN	15
1.1 Antepassados: uma pequena história dos Mello e Souza	17
1.2 Infância: um menino colecionador de sapos e vendedor de Esperança	23
1.3 Juventude: uma estrela do Ocidente vislumbra o Oriente	29
1.4 Maturidade: uma estrela do Oriente brilha no Ocidente	32
1.5 Na oitava casa da vida: à espera de reconhecimento	45
Capítulo II: O ESCRITOR, UMA FACE VISÍVEL DO EDUCADOR	52
2.1 O Legado de Malba Tahan	53
2.2 O Legado de Júlio César de Mello e Souza	56
2.3 Entre Malba Tahan e Júlio César de Mello e Souza: a identidade de um educador	59
Capítulo III: O EDUCADOR, A FACE OCULTA DO ESCRITOR	67
3.1 Legado à Educação Matemática	67
3.2 Legado à Educação Continuada	74
3.3 Legado à Interdisciplinaridade	78
Capítulo IV: INTERDISCIPLINARIDADE: O OLHAR DE IVANI FAZENDA	85
4.1 Alicerces iniciais da Interdisciplinaridade	89
4.2 A Interdisciplinaridade no Brasil e no mundo	95
4.3 Interdisciplinaridade: uma questão de atitude	97
4.4 Fundamentos de uma Prática Docente Interdisciplinar	100
4.5 Princípios da Prática Docente Interdisciplinar	105

Capítulo V: A PRÁTICA EDUCATIVA DE JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA MALBA TAHAN: O OLHAR DE UMA PESQUISADORA	112
5.1 O Homem que Calculava: origens do diálogo interdisciplinar	113
5.2 A Matemática, ponto de partida para o diálogo interdisciplinar de Malba Tahan	118
5.3 Pedagogia malbatahânica: disciplinaridade ou interdisciplinaridade?	122
5.4 Entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: a ponte da interdisciplinaridade	129
5.5 Entre Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e Ivani Fazenda: o espelho de uma prática educativa interdisciplinar	136
Capítulo VI: MALBA TAHAN E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES	143
6.1 Malba Tahan Vai à Escola ou A Escola Vai a Malba Tahan?	145
6.2 No foco da formação de educadores, as contribuições de Malba Tahan.	151
Capítulo VII: DE MALBA TAHAN, QUE LUZ! UM ÁLBUM DE MEMÓRIAS...	160
REFLEXÕES CONCLUSIVAS	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
ANEXOS	193
ANEXO 1 - Depoimento de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro	194
ANEXO 2 - Testamento de Júlio César de Mello e Souza	227
ANEXO 3 – Localidades das Palestras e/ou Conferências	230
ANEXO 4 – Discurso de Malba Tahan na ABL	234
ANEXO 5 – Oh! Que Coisa Exquisita!	242
ANEXO 6 – Na Oitava Casa da Vida	245
ANEXO 7 – Projeto Malba Tahan vai à Escola	247

ANEXO 8 – Programação do I Simpósio Malba Tahan	254
ANEXO 9 – Projeto A Escola vai a Malba Tahan	255
ANEXO 10 – Programação do II Simpósio Malba Tahan	265
ANEXO 11 - O Problema dos Olhos Pretos e Azuis	266
ANEXO 12 – Uma Fábula sobre a Fábula	270
ANEXO 13 – Aprende a Escrever na Areia	273
ANEXO 14 – Malba Tahan e as Mil e Uma Noites em Queluz	
Enredo de Samba do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Bairro da Palha - Carnaval de 2003	275

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Nossa trajetória profissional e o encontro com Ivani Fazenda e Malba Tahan.

Há muitos anos temos percorrido os caminhos da Educação, como professora de matemática do ensino fundamental, médio e superior e, nos últimos sete anos, temos trilhado ao lado de dois educadores brasileiros que contribuíram, significativamente, não só para a nossa trajetória profissional como também para a formação pessoal: Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza, mais conhecido pelo pseudônimo Malba Tahan.

Como egressa de um curso de Ciências com Habilitação em Matemática, fomos “educada” e preparada para “educar” entre os estreitos muros de uma ciência que vivia os últimos dias de glória do cartesianismo. Entretanto, o nosso “muro de professora de matemática” começou a ruir quando em meados da década de 80, líamos e relíamos o mesmo trecho da entrevista¹ de Marguerite Yourcenar (1983: 253) ao jornalista Matthieu Galey:

Refleti muito sobre o que deve ser a educação da criança. Penso que haveria necessidade de estudos básicos, muito simples, onde a criança aprenderia que ela existe no seio do universo, em um planeta cujos recursos mais tarde deverá aproveitar, que ela depende do ar, da água, de todos os seres vivos, e que o menor erro ou a menor violência ameaça destruir tudo. Aprenderia que os homens se mataram mutuamente nas guerras que sempre produziram apenas mais guerras, e que cada país arranja sua história de forma misteriosa, de modo a lisonjear o seu orgulho. Ensinariam a ela o suficiente do passado para que se sentisse ligada aos homens que a precederam, para que os admirasse onde o merecessem, sem fazer deles ídolos, nem do presente nem de um hipotético futuro. Tentariam familiarizá-la ao mesmo tempo com os livros e as coisas; saberia o nome das plantas, conheceria os animais, sem se entregar às horrendas dissecações impostas às crianças e aos jovens adolescentes sob o pretexto de biologia; aprenderia a dar os primeiros cuidados aos feridos; sua educação sexual compreenderia a observação de um parto, sua educação mental, a visão dos doentes e dos mortos. Dariam a ela, ainda, as simples noções de moral, sem a qual a vida em sociedade é impossível, instrução que as escolas elementares e médias não ousam dar mais nesse país. Em matéria de religião, não se imporá a ela qualquer prática ou qualquer dogma, mas lhe diriam alguma coisa sobre todas as grandes religiões do mundo e sobretudo aquelas do país em que ela se encontra, para despertar o respeito e destruir

¹ De Olhos Abertos: entrevista com Mathieu Galey registra a longa entrevista da escritora ao jornalista, retratando a sua trajetória pessoal e profissional.

antecipadamente certos odiosos preconceitos. Ensinar-lhe-iam a gostar do trabalho, quando o trabalho é útil, e não se deixar envolver pela impostura publicitária, a começar por aquela que vangloria alimentos mais ou menos adulterados, preparando-lhes cáries e diabetes futuros. Há meio de se falar às crianças de coisas verdadeiramente importantes, mais cedo do que se faz.

Naquele momento, a minha escritora favorita dava-nos não só a chave de nossa própria prisão mas a consciência de que havíamos sido aprisionados à sólida formação disciplinar e à falsa consciência dos conceitos de educação, de educador e de educando.

O processo individual de libertação disciplinar foi lento, de muitas buscas, de muitos erros e, também, de alguns acertos. A profícua e complexa confusão estava sendo gestada do outro lado do mundo e, assim, uma simples professora de matemática da Rede Estadual do Ensino de São Paulo sentia, sem saber, o mesmo desejo de buscar outros caminhos para a prática pedagógica de uma disciplina que era a mais temida da escola.

O nosso primeiro vôo interdisciplinar, pode-se assim dizer, foi completamente acidental e bem no início da década de 90, quando após um difícil ano de greve, assumimos as 7ª séries A e B da E.E. “Arnolfo Azevedo” em Lorena – SP.

Como cumprir o conteúdo programático de matemática mais extenso e o mais exigente das quatro séries finais do ensino fundamental para uma turma que não havia tido aulas durante os últimos quatro meses do ano anterior?

Assim como os filósofos dizem que “no meio da escuridão surge a luz”, os matemáticos poderiam parodiá-los dizendo que *no meio do problema surge a solução*. Foi tentando resolver um problema disciplinar, de conteúdo da matemática, que encontramos os caminhos da interdisciplinaridade, como passamos a relatar.

O projeto “*A Casa do Meu Sonho*” extrapolou as fronteiras disciplinares da matemática e representava, a bem da verdade, “a sala de aula dos nossos sonhos”. Acampados em um antigo laboratório de ciências da escola, cedido pelo diretor, escrevíamos, desenhávamos, medíamos, resolvíamos os problemas relacionados à maquete das casas de cada aluno; aprendíamos noções de arquitetura e engenharia civil, elétrica e hidráulica, realizávamos pesquisa de preço nas lojas de material de construção, fazíamos planilhas de custos para as compras à vista e a prazo. Enfim, transformávamos o conteúdo programático de matemática da 6ª e 7ª séries num verdadeiro espaço de outras aprendizagens, entre elas a do educador que também

aprende e do educando que ensina; da indisciplina necessária para a construção dos conhecimentos e dos, digamos, indisciplinados que não respeitavam o horário do seu período e voltavam em outro para cuidar das suas casas; do encontro e da parceria da professora com os alunos e com os outros professores que também queriam participar daquele alvoroço todo.

O diálogo da matemática com as outras áreas do saber foi uma decorrência natural de nosso envolvimento naquele projeto e, de fato, nem havia sido pensado inicialmente. Os professores das demais disciplinas colaboravam na execução do projeto, que passou a ser de todos e de cada um.

Ao final daquele ano letivo, a exposição das maquetes e a apresentação oral de cada aluno, relatando o que havia aprendido (de matemática e das demais disciplinas) enquanto construía “a casa do seu sonho”, revelaram-nos ter encontrado não só o caminho, mas também o jeito de caminhar!

O trabalho foi indicado pela assistente técnico pedagógica da Delegacia de Ensino de Lorena, Juanita Leite Marcondes, para ser apresentado em uma Mostra de Trabalhos organizada pela CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas - na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em São Paulo. Após a apresentação, questionaram-nos se o nosso referencial teórico havia sido **Ivani Fazenda**. Um pouco envergonhada da falta de conhecimento, confessamos que aquela era uma prática inicial e intuitiva e ainda destituída de referencial teórico que pudesse sustentá-la.

Ao buscar pelos primeiros livros publicados da educadora, descobrimos que aquela atitude não-disciplinar chamava-se **interdisciplinaridade** e que estávamos, todos juntos, buscando encontrar em distintos lugares um novo jeito de ensinar e de aprender.

Os estudos futuros sobre a interdisciplinaridade e as novas práticas pedagógicas estariam sustentadas pelo alicerce teórico advindo das produções individuais e/ou coletivas daquela mestra, que havia assumido a interdisciplinaridade não só como uma bandeira, mas como missão. Podemos afirmar que, pelas mãos de Ivani Fazenda, descobrimos que havia iniciado uma jornada individual e profissional fora dos limites da disciplinaridade e quanto mais avançávamos em direção ao pensamento de outros autores citados em seus trabalhos – Piaget, Gusdorf, Morin, Japiassu, Severino - tanto mais percebíamos o quanto nós,

educadores, teríamos que nos unir, pesquisando e estudando, para conquistarmos o espaço da interdisciplinaridade na educação brasileira.

Tarefa difícil se considerássemos a extensão territorial do Brasil e a sua política educacional, todavia, possível se atentássemos ao fato de que a grande maioria dos professores formados entre os muros da disciplinaridade clamava por novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Outras experiências interdisciplinares sucederam-se em minha prática educativa, não só no ensino fundamental como também no ensino superior, lecionando Estatística, Didática, Didática da Matemática, Metodologia de Ensino de Matemática, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em vários cursos de formação inicial de professores do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, em Lorena: Ciências, Matemática, Filosofia, Pedagogia, Psicologia, Turismo, História, Geografia e Normal Superior.

Entretanto, só durante o início do período que estive na coordenação dos cursos de Ciências e Matemática (1997 – 2002) encontramos nos caminhos trilhados por Júlio César de Mello e Souza - mais conhecido pelo pseudônimo de Malba Tahan¹ - elementos que respondiam não só às nossas dificuldades profissionais de *ensinar* matemática, mas de *educar* ensinando matemática.

A leitura de *O Homem que Calculava* nas aulas de Didática da Matemática com os alunos do 4º Ano de Matemática auxiliou-nos na solução do maior problema detectado no curso noturno que coordenávamos: alunos desmotivados, cansados de aprender uma técnica que muitos não compreendiam e cuja utilidade nem descobriam. Os problemas de Beremís Samir eram levados como *desafio* ao final das nossas aulas e *motivação* para iniciarmos a próxima aula. Com essa proposta didática, desperamos nos alunos não só o desejo de aprender uma matemática que transcende os limites do tradicionalismo e do rigor, de que esta ciência está imbuída, mas que está presente nos problemas cotidianos da vida.

¹ Em 1954, o Presidente Getúlio Vargas, por um decreto especial ao Ministério da Justiça autorizou a presença do pseudônimo Malba Tahan na carteira de identidade de Júlio César de Mello e Souza, já que havia quatro homônimos no Brasil, como afirma o educador em sua entrevista ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1). Embora ao final da vida o educador adotasse só Malba Tahan, optamos por tratá-lo de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, uma vez que neste trabalho valorizamos justamente a indissociabilidade profissional e pessoal do professor Júlio César de Mello e Souza e do escritor Malba Tahan .

Estudando outras obras de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan, desvelamos a pesquisadora/educadora que existia na professora de matemática, redescobrimos a nossa identidade pessoal de gostar de propiciar o diálogo da matemática com outras áreas do saber, de buscar respostas corretas para um problema matemático, com a mesma paixão que buscava corretas palavras para os poemas que gostava de escrever, de ver a matemática na história e a história na matemática, de ver matemática na arte e arte na matemática, de ver matemática na música e música na matemática, de ligar a matemática às demais áreas do saber com a facilidade de uma tecelã que escolhe entre todos os fios dispostos em seu tear, somente aqueles necessários à trama que ela compõe a cada momento de sua vida.

Também descobrimos o caráter interdisciplinar de Malba Tahan e, neste, o reflexo da imagem que buscava enquanto aprendiz de professora de matemática.

Ao desvelar a sua prática educativa - ensinar matemática contando histórias ou contando histórias para ensinar matemática – deparamos com o maior desafio enfrentado pelo Professor Júlio César de Mello e Souza ao conceber uma prática pedagógica interdisciplinar: a forte dominação disciplinar que imperava não só na grande maioria das escolas brasileiras, mas, principalmente, no bojo de nosso nicho profissional.

Entretanto, os caminhos interdisciplinares desse educador só foram revelados quando desenvolvemos em parceria com os professores de História da Matemática (Dr. Antonio Sérgio Cobianchi) e de Comunicação e Expressão (Ms. Marcilene Pereira Bueno Rodrigues), o primeiro projeto interdisciplinar destinado aos alunos do 4º Ano de Matemática do Centro Unisal - Lorena: *A Biografia de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan*.

Após a orientação das monografias desses alunos, as quais versavam sobre distintas facetas da vida do educador, surgiu a idéia de criarmos o *Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan*¹ com o intuito de resgatarmos dos legados de

¹ A idéia da criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan e dos títulos dos Projetos de Educação Continuada de Professores “Malba Tahan Vai à Escola” e “A Escola Vai à Malba Tahan” foram inspirados no trabalho pioneiro de Ivani Fazenda no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade da PUC/SP e da educadora e dos pesquisadores do GEPI junto aos professores da Rede Pública Municipal de Resende – RJ, registrado no livro *A Academia Vai à Escola* (Fazenda, 1995).

Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan¹ outras pesquisas, indispensáveis para validarmos as suas desconhecidas contribuições para a educação brasileira.

Nestes sete anos de existência, no *Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan* (1997) orientamos seis projetos de iniciação científica e dois projetos de educação continuada, especificamente destinados aos professores de educação infantil e ensino fundamental da Rede Municipal de Queluz – SP):

1997: Biografia de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan

1998: Estudo bibliográfico das obras de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan

1999: O “Reamanhecer” de um Matemático

2000: O Escritor Malba Tahan

2001: As Interfaces Interdisciplinares da Literatura e Matemática na obra Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan

2002: Malba Tahan Vai à Escola: Projeto de Parceria Centro Unisal - Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz

2003: A Escola Vai a Malba Tahan e Matematicando com Malba Tahan: Projeto de Parceria Centro Unisal - Lorena, Unesp - Guaratinguetá e Prefeitura Municipal de Queluz

Mesmo tendo vivenciado a parceria e o diálogo em todas as pesquisas e projetos desenvolvidos sobre o legado de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan², podemos afirmar que só através da pesquisa e da reflexão estreitamos os laços de parceria e de diálogo entre os dois educadores que mais fortemente influenciaram nossa história pessoal/profissional de pesquisadora/educadora: Ivani Fazenda e Malba Tahan.

Logramos propiciar o encontro entre o passado e o presente, entre a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e a de Ivani Fazenda, entre um educador que morreu à espera de reconhecimento e de uma educadora que poderia validá-lo com o seu legado sobre interdisciplinaridade.

Como um espelho, percebemos que a imagem e o reflexo das práticas educativas de Malba Tahan e de Ivani Fazenda, mesmo que distintas, refletem a

¹ O educador publicou mais de cem obras; algumas assinou Júlio César de Mello e Souza e outras, Malba Tahan; fato que será elucidado nos Capítulos II e III.

² Em 2004, o projeto *Malba Tahan, que luz!*, uma parceria do Centro Unisal – Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz – SP, já está sendo firmado, tendo como objetivo divulgar Malba Tahan junto à mídia, organizar o Museu Histórico e Pedagógico Malba Tahan e o Instituto Malba Tahan.

alegria, o respeito, o diálogo, a humildade e a ousadia, atitudes de quem convive *na, pela e para* a interdisciplinaridade.

Como um “jardineiro que prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera” (Freire, 2000) temos trabalhado todos esses anos, para que “essa semente minúscula, que paira sobre o deserto” (Freire, 2000), possa um dia vir a florescer no deserto da educação brasileira: Malba Tahan!

2. O problema e a hipótese do trabalho

A partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda, é possível afirmar que a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan era uma prática interdisciplinar?

3. Delimitação do tema e os objetivos do trabalho

Da formulação do problema pode-se depreender que o objeto a ser pesquisado é a **Interdisciplinaridade**, especificamente a prática educativa exercida por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan num período anterior (a partir da década de 30) à formulação das concepções de interdisciplinaridade no Brasil e no mundo (a partir da década de 60).

O presente trabalho reflete o olhar de uma pesquisadora que o desvelou com “as lentes” da educadora brasileira que tomou *a interdisciplinaridade como missão*, estudando, pesquisando, criando parcerias, registrando, construindo um legado pedagógico que é uma marca e um grande referencial teórico no Brasil e no exterior: Ivani Catarina Arantes Fazenda.

Antigos questionamentos transformaram-se nos objetivos deste trabalho, para configurar um contorno e um recorte para o problema a ser investigado:

- a) Quem foi Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan?
- b) Quem foi o educador/escritor Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan?

c) Qual o *olhar* de Ivani Fazenda sobre interdisciplinaridade? A sua relevante produção pode ser assumida como referência teórica para a interdisciplinaridade?

d) A partir dessa concepção pode-se analisar a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan como uma prática interdisciplinar?

e) Atualmente, é possível resgatar do legado literário e pedagógico de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan práticas interdisciplinares para a formação de professores?

4. Referencial teórico e metodologia do trabalho

Para responder e fundamentar tais indagações, procuramos realizar uma pesquisa bibliográfica que fornecesse elementos para (re)compôr a biografia desse educador brasileiro, alicerce fundamental para a compreensão das atitudes interdisciplinares do escritor Malba Tahan e do Prof. Mello e Souza, bem como da prática pedagógica interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

De forma análoga, o levantamento bibliográfico dos teóricos da interdisciplinaridade forneceu-nos um quadro teórico e os referenciais metodológicos necessários para buscar responder ao problema proposto nesta pesquisa.

Reencontramo-nos com os mestres Ivani Catarina Arantes Fazenda e Antonio Joaquim Severino, que, com os seus livros e produções acadêmicas contribuíram significativamente tanto para a nossa formação pessoal quanto para nossa trajetória de professora e pesquisadora.

Também buscamos uma maior aproximação com o pensamento de Hilton Japiassu e Isabel Petraglia, educadores que imprimiram em suas obras as lutas que travaram no Brasil em favor da interdisciplinaridade e do cultivo do saber.

No cenário internacional, Georges Gurdof, Edgard Morin e Bassarab Nicolescu consagraram-se pelas valiosas contribuições que trouxeram à interdisciplinaridade, concebendo um extenso legado que pregava a chegada de um paradigma emergente, os embates vividos na superação das fronteiras das Ciências e na globalização do ser e do saber para a reintegração planetária.

Entretanto, a opção especial por Ivani Fazenda, ocorreu após esse longo e profícuo mergulho nas questões da interdisciplinaridade: descobrimos que a prática

interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan legitimava-se na concepção de interdisciplinaridade formulada por Ivani Fazenda. Desde o início de nossa aproximação profissional com Malba Tahan, as obras de Ivani Fazenda haviam sido o berço de sustentação teórica e a fonte de inspiração para a escolha dos temas das pesquisas, dos projetos de iniciação científica e de educação continuada de professores da Rede Municipal de Queluz, da criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan no Centro Unisal – Lorena e da definição final pelo tema desta pesquisa. Suas idéias e o registro detalhado e cuidadoso de sua trajetória nos caminhos da interdisciplinaridade revelam o envolvimento pessoal e profissional de uma educadora/pesquisadora, que ao escrever livros e artigos, conquista outros educadores, aclara novos caminhos, educa para a inteireza do ser e do saber, revela possíveis dificuldades, incentiva o nosso caminhar e o registro dessa caminhada.

Por isso, a nossa trajetória de estudos e pesquisas, especialmente os projetos destinados à formação de educadores, é brevemente relatado ao final deste trabalho, não propriamente com o intuito de ser discutido e/ou analisado, mas de se registrar as lembranças que não poderão se desprender da memória, à espera de novas idéias, de novos projetos, de outras pesquisas futuras.

5. Organização do trabalho

Este trabalho está organizado em sete capítulos, estruturados como segue.

No Capítulo I, *Do Álbum de Memórias: um retrato biográfico de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan*: buscamos nos livros de memórias *Meninos de Queluz e Histórias do Rio Paraíba*, ambos de autoria de João Batista de Mello e Souza (seu irmão mais velho), grande parte das informações de sua infância em Queluz – SP e uma breve história de seus antepassados, os Mello e Souza. Para a (re)constituição dos fatos mais significativos da sua juventude, da vida adulta e dos últimos tempos da vida do educador, utilizamos trechos de seu depoimento¹ à Rádio Nacional do Rio de Janeiro e do discurso de Malba Tahan na Academia Brasileira de Letras durante a premiação de *O Homem que Calculava*.

¹ Depoimento concedido à Neusa Fernandes no dia 25 de abril de 1973, encontrado no Acervo do Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro (Anexo 1).

As pesquisas sistemáticas no Centro Cultural de Queluz – SP e as entrevistas realizadas com seus familiares ofereceram mais do que fotos, documentos pessoais, registros profissionais do educador, artigos de jornais e revistas, críticas e opiniões de escritores e educadores de sua época: a fidedignidade das informações necessárias e indispensáveis à (re)constituição da história de vida de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Sem deixar de mencionar os fatos biográficos mais expressivos, reconstituímos, a partir do álbum de recordação da família, a história de vida do Prof. Mello e Souza e do escritor Malba Tahan, damos a conhecer a peça de valor que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan representa para a Educação Brasileira.

No Capítulo 2, *O escritor, uma face visível do educador*, apresentamos o extenso legado literário do escritor em dois momentos distintos de sua vida de escritor: ora assinando suas obras como Malba Tahan, ora assinando-as como Júlio César de Mello e Souza. Também traçamos um paralelo entre as obras do professor de matemática e do escritor, nelas destacando a identidade do educador.

No Capítulo 3, *O educador, a face oculta do escritor*, trazemos à luz o legado pedagógico do educador, elucidando o ineditismo de suas contribuições à educação matemática, à educação continuada de professores e à interdisciplinaridade.

No Capítulo 4, *Interdisciplinaridade: o olhar de Ivani Fazenda*, buscamos nos alicerces iniciais da interdisciplinaridade desatar os nós e os entrelaçamentos da multi/pluri//inter/transdisciplinaridade, para melhor compreender e identificar os diversos conceitos de interdisciplinaridade, “uma tarefa inconclusa”, segundo Antonio Joaquim Severino. A partir da história da interdisciplinaridade no Brasil e no mundo, tomamos como referencial teórico a concepção de interdisciplinaridade de diversos teóricos e, principalmente, a adotada por Ivani Fazenda, bem como a sua concepção dos fundamentos e dos princípios necessários a uma prática docente interdisciplinar. Em cada um dos temas apresentados buscamos não perder de vista o prisma da formação de educadores desvelando não só os caminhos da interdisciplinaridade, mas também os possíveis descaminhos de uma prática interdisciplinar equivocada e imbuída de falsos conceitos.

No Capítulo 5, *A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: o olhar de uma pesquisadora*, resgatamos a concepção de Matemática e a prática educativa interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. Entrelaçando-as à concepção de interdisciplinaridade adotada por Fazenda,

traçamos um paralelo entre estas e as atitudes interdisciplinares, os fundamentos e os princípios da prática docente interdisciplinar do educador.

No Capítulo 6, *Malba Tahan e a Formação de Educadores*, relatamos as experiências vivenciadas nos dois projetos de educação continuada de professores – *Malba Tahan Vai à Escola e A Escola Vai a Malba Tahan*, uma parceria do Centro Unisal – Lorena, Unesp – Campus de Guaratinguetá e Prefeitura Municipal de Queluz, que possibilitou não só o fortalecimento das pesquisas desenvolvidas pelos professores e alunos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan (Centro Unisal – Lorena) como também o resgate do legado literário e pedagógico desse educador brasileiro como elemento desencadeador de uma prática interdisciplinar destinada à educação infantil, ao ensino fundamental e ao ensino superior. Com este relato, não só respondemos ao problema proposto neste trabalho como também pontuamos as contribuições que o legado de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan poderão efetivamente propiciar à interdisciplinaridade, como também sugerimos problemas, contos, fábulas, histórias e outras atividades da prática educativa desse mestre que poderão trazer significativas contribuições para a formação dos educadores do nosso tempo.

No Capítulo 7, *De Malba Tahan, que luz!, um Álbum de Memórias*, apresentamos um breve relato e algumas fotos da trajetória coletiva de estudos e pesquisas sobre Malba Tahan, principalmente nos dois projetos vivenciados em Queluz com os diretores, coordenadores, professores e alunos das quatro escolas do município.

É importante ressaltar que, ao iniciar cada um dos sete capítulos, utilizamos trechos de textos que conferem identidade e validade às idéias centrais neles defendidas. Como quem faz renda, tecemos as idéias de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e de Ivani Fazenda com as de Ecléa Bosi, Marguerite Yourcenar, Antoine de Saint-Exupéry, Olegário Mariano, Humberto de Campos, Rose Marie Muraro, Walt Whitman, Eduardo Galeano, Paulo Freire e outros autores que foram sendo colecionados ao longo de nossa jornada individual de professora/pesquisadora.

Nas *Reflexões Conclusivas* destacamos as idéias principais de cada capítulo, que entrelaçadas, serviram como suporte teórico para responder ao problema inicial apresentado.

Em *Referências Bibliográficas* apresentamos as obras de Júlio César de Mello e Souza, de Malba Tahan, de Ivani Fazenda e de outros autores que serviram como suporte teórico e metodológico para o presente trabalho.

Nos *Anexos* estão inclusos a transcrição da entrevista que o educador concedeu ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, o Discurso de Malba Tahan na Academia Brasileira de Letras, os projetos Malba Tahan Vai à Escola e A Escola Vai a Malba Tahan, as programações do I e II Simpósios Malba Tahan, a seleção de alguns problemas, contos e fábulas do seu legado literário e pedagógico bem como o enredo de samba do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Bairro da Palha - Carnaval de 2003: Malba Tahan e as Mil e uma Noites em Queluz.

Cumprе mencionar que houve, desde o início da aproximação pessoal e profissional com as obras de Júlio César de Mello e Souza, de Malba Tahan e de Ivani Fazenda, um prazer em aprofundar antigos conhecimentos específicos de nossa formação inicial de professora de matemática e em expandi-los para outras áreas do saber. A tecitura interdisciplinar que a imaginação desse “homem que calculava” havia precocemente concebido para educar e ensinar matemática catalisava nossas visões de peregrina sedenta e faminta de um saber que transformasse os áridos desertos de uma disciplina que havia escolhido aprender e também ensinar.

Durante muito tempo imaginamos quais seriam os cenários da educação brasileira se esta tivesse olhos para deslumbrar, a partir da década de 30, as propostas interdisciplinares educativas concebidas pelo educador. Contudo, por maior que tenha sido o esforço imaginário pessoal e profissional, não saberíamos calcular a dimensão exata dos caminhos não visitados ou abandonados por aqueles que ignoraram os percursos propostos de uma educação não-disciplinar. Os avanços educacionais conquistados em nosso país, principalmente nesse último quarto de século – a educação matemática, a educação continuada de professores, a interdisciplinaridade – nos obrigam a reconhecer o quanto teríamos avançado, principalmente em relação ao ensino e à aprendizagem de matemática, se tivéssemos iniciado há mais tempo esse diálogo com Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

CAPÍTULO I

A Infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam.

Difícil transpor a infância e chegar à juventude.

Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares.

O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido.

A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso de correnteza.

Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro.

(Ecléa Bosi, Memória e Sociedade)

CAPÍTULO I

DO ÁLBUM DE MEMÓRIAS: UM RETRATO BIOGRÁFICO DE JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA MALBA TAHAN

Retomar a vida de **Júlio César de Mello e Souza** é folhear o grande álbum de família de um professor de matemática à frente de seu tempo, que acreditava que a matemática é uma “ciência que deveria ser ‘reamanhecida’ pela simplicidade e beleza” e abordada em sala de aula com um propósito mais nobre do que a simples transmissão de tópicos do conhecimento matemático acumulado pela humanidade ao longo de sua história e completamente desvinculados e desarticulados da atual história de vida e da realidade dos alunos. Para o professor Mello e Souza, a matemática deveria ser uma ferramenta útil para ajudar o ser humano a transcender a sua capacidade infinita de criar e de buscar soluções para a resolução dos problemas de sua vida, obstáculos necessários e indispensáveis ao crescimento de todos os seres aprendizes.

Esta é, sem dúvida, a característica mais marcante da pessoa do professor Júlio César de Mello e Souza, “um ser humano integrado e em perfeita harmonia com seus anseios e as necessidades do seu entorno. Dessa integração deriva toda genialidade e atualidade de sua proposta didática” (Meidani, 1997:18).

Reescrever a história de vida de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan é deparar com outro cenário desse grande álbum, vivido no país da imaginação de um **escritor** que vislumbrou o Oriente pelo olhar do Ocidente, que fixou na Arábia sua tenda literária e a elegeu como palco das apresentações de suas lendas, contos, romances, novelas. Os seus livros literários transportam-nos para uma realidade cultural diversa, povoada por outros cenários, desertos e palácios, camelos e oásis, califas e marajás, xeques e vizires, príncipes e reis, lendas e estórias de mil e uma noites...

Falar dessas duas trajetórias biográficas é reconhecer que no permear das estórias de vida de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan há tantos

entrelaçamentos, que ao longo de suas vidas um novo ser humano foi se constituindo na trama da vida de um mestre que semeou significativas contribuições à educação brasileira, seja pela força do trabalho docente de Júlio César de Mello e Souza, seja pelo esforço da extensa produção literária do escritor Malba Tahan.

Mesmo tendo trabalhado incansavelmente durante toda a sua vida, como professor, escritor, conferencista, capacitador dos cursos da CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário) e defensor da causa dos hansenianos, o legado de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan permanece desconhecido e pouco explorado pelos educadores brasileiros.

Será que suas idéias ficaram perdidas no seu tempo vivido? Será que suas lendas, tão cheias de encanto e fantasia (assim como as do rei Hassan Kamir, o glorioso!), não são mais contadas hoje e repetidas amanhã ? Afinal, o que resta na memória dos homens, para recordar a vida desse “educador das Arábias”? O que recordamos, ainda, da vida desse educador que a educação brasileira esqueceu e que as histórias tornaram célebre e o imortalizaram como “o Homem que Calculava?

Este retrato biográfico de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan é, sem dúvida, uma pequena reconstituição da sua história de vida e a de seus antepassados, uma família de portugueses de “quatrocentos anos”, que um dia não tiveram outra opção profissional, senão o magistério, mas que transformaram o ofício de professor numa arte, na arte de ser Mestre, na arte de ser Educador!

1.1 Antepassados: uma pequena história dos Mello e Souza



Acervo da família

Fig.1: João de Deus



Acervo da família

Fig. 2: Carolina de Mello e Souza

Folhear as páginas do grande álbum da vida de **Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan** significa mergulhar na história de vida de seus antepassados¹, especialmente na história de vida de seus pais, João de Deus de Mello e Souza (1862 – 1910) e Carolina Carlos de Toledo (1886 – 1925), honrados educadores que se doaram intensamente ao exercício do magistério no pequeno município de Queluz - SP e de quem, certamente, Júlio César de Mello e Souza e seus oito irmãos herdaram o carisma de educadores.

Os Mello e Souza eram prósperos portugueses que se estabeleceram no Rio de Janeiro nos meados do século XVIII, gozavam de relativo bem-estar econômico e boas relações na melhor sociedade da Corte Brasileira.

Quando faleceu o patriarca dos Mello e Souza, o Comendador Francisco José de Mello e Souza, combalido pelas doenças e por tentativas mal sucedidas em seus negócios, os irmãos João de Deus, Irineu e Quincas abandonaram os estudos para

¹ Foram seus avós paternos: Francisco José de Mello e Souza e Maria Amélia de Mello e Souza, naturais de Alcobaça (Portugal), e avós maternos, Manuel Carlos de Toledo e Maria de Toledo, naturais de Silveiras (SP).

trabalhar e manter a família, que se achava em situação precária e até passando privações.

João de Deus de Mello e Souza, pai de Júlio César de Mello e Souza, conseguiu uma modesta colocação no escritório de uma importante empresa industrial e, em seu primeiro dia de trabalho, recebeu de seu patrão a incumbência que mudaria completamente o rumo de sua vida: acompanhar às compras no Rio de Janeiro, Antonio Cirino, um rico fazendeiro queluzense. Durante o almoço, João de Deus expôs então ao seu novo amigo as circunstâncias que, muito contra sua vontade, o forçaram a abandonar o 4º ano do curso de Direito para atirar-se àquele gênero de trabalho.

O fazendeiro, já afeiçoado ao moço e sensibilizado pelas condições econômicas em que sua família encontrava, logo sugeriu: “- Desista de seu emprego, vamos amanhã para Queluz. Você é inteligente, é preparado; abrirá um curso para filhos dos fazendeiros... Não há professores, nem colégios por lá, de modo que nossos meninos ficam numa total ignorância... Diz você que tem dois irmãos, ambos em busca de trabalho... Se se derem bem com a vida na roça, ganharão dinheiro, isso eu garanto!” (Souza, 1949: 12).

No arquivo histórico do Centro Cultural do Município de Queluz - SP, existe o registro de que os irmãos João de Deus e Irineu de Mello e Souza mudaram para o pequeno município em 1882 e neste mesmo ano fundaram o “Collégio João de Deus”, ato confirmado por Souza (1949: 12-13) em *Meninos de Queluz*:

Em poucos dias as providências mais urgentes haviam sido adotadas, e uma carta circular comunicava às famílias queluzenses que se fundara na cidade o “Collégio João de Deus”, com regime de internato, sob a direção dos irmãos Mello e Souza.

A idéia foi bem recebida: o novo instituto contou, desde logo, cerca de quarenta alunos. João de Deus e Irineu exerciam, simultaneamente, todos os cargos e funções: eram, conforme as necessidades, professores, inspetores e bedéis do estabelecimento.

João de Deus não tardou a encontrar, na pequena Queluz, aquela que o acompanharia em todos os momentos de sua vida, quer seja como professora de sua escola, quer seja como esposa ou mãe de seus nove filhos.

(...) quando se conheceram, era ele um jovem de vinte e um anos, e ela, uma menina que não vira passar o seu décimo oitavo aniversário. Ele, filho de um industrial português que chegou a possuir avultada fortuna, mas que por uma série de doenças e imprevistos contratemplos, ficou reduzido a uma situação de quase penúria. Ela, de uma família “paulista de 400 anos”, herdeira daquela coragem firme dos bandeirantes e daquela bondade simples das matronas de antigamente. Casaram; tiveram filhos, e, desde então, nada mais fizeram senão trabalhar por eles e para eles (Souza, 1949: 104).

A atuação do casal Mello e Souza no magistério era um casamento perfeito que prosperava a cada ano. Tanto o pequeno internato do “Collégio João de Deus” quanto a modesta escola pública que Dona Carolina instalou em sua residência contavam sempre com muitos alunos do município e de cidades vizinhas. Entretanto, a crise do café e a abolição da escravatura agravaram a situação financeira dos fazendeiros dos municípios do Vale do Paraíba, forçando João de Deus a fechar o pequeno internato, o que ocorreu provavelmente por volta de 1889.

Após dois anos de esforços, a família Mello e Souza, então com três filhos pequeninos - Maria Antonieta, Laura e João Batista - parte para o Rio de Janeiro, onde João de Deus ocuparia o modesto cargo de terceiro oficial da Secretaria da Justiça, mas seguro, que lhe oferecia perspectivas de promoção rápida a postos de realce no Ministério da Justiça e de educar melhor os filhos.

As lembranças de João Batista de Mello e Souza em *Meninos de Queluz* (1949: 17) ajudam-nos a compor o contragosto dessa mudança, tanto da esposa quanto do povo do município, que os estimavam profundamente:

Dona Carolina dispôs-se a partir, como lhe cumpria, mas sentindo no coração o desgosto de abandonar a escola e as crianças, a quem profundamente se afeiçoara.

(...)

Contaram-me mais tarde que a partida constituiu acontecimento sensacional na cidade. Compareceram à estação várias famílias, homens de prol, meninas em grande número. No momento de partir o expresso, choravam as alunas, lamentando o afastamento da mestra carinhosa e amiga; choravam as mães, acompanhando o pranto das filhas; chorava a ex-professora, e, por natural contágio, suas duas filhas, Maria Antonieta e Laura e o único filho varão do casal, o qual, apesar de homem, entrou firme no coro lacrimoso e desconsolado (Souza, 1949: 18).

A permanência da família no Rio de Janeiro perdurou pouco mais de três anos. Mais três filhos vieram compor o núcleo familiar dos Mello e Souza - Julieta, **Júlio César** e Nelson - e, conseqüentemente, aumentar os encargos financeiros do casal.

Apesar das severas economias da família e do esforço incessante do pai que trabalhava também na revisão de um jornal diário, não foi possível evitar uma crise no orçamento doméstico familiar. O retorno a Queluz, onde a vida era muito menos onerosa, foi uma proposta corajosa da esposa, que não só se comprometeu a cuidar sozinha das crianças (o marido passaria apenas uns dias de cada mês com a família) como retomou sua grande vocação de educadora, reintegrando-se novamente ao quadro do magistério público do Estado de São Paulo.

Na memória dos filhos João Batista e Antonieta ficaram as lembranças dessa comemorada partida, do ato de heroísmo dos pais e da nova residência dos Mello e Souza em Queluz:

Nós, os filhos, ainda crianças, recebemos a notícia de nossa volta com indescritível contentamento. Queluz significava, para nós, a vida ao ar livre, os folguedos do campo, a liberdade! Não nos passou pela mente o sacrifício que a longa separação iria causar a nossos progenitores (Souza, 1949: 19).

Pois não foi um ato de heroísmo a volta de mamãe para Queluz, com seis filhos pequeninos, e outro heroísmo não menor o de papai, que para nos educar convenientemente, por tantos anos trabalhou, de dia e de noite, longe da esposa e dos filhos, e privado do conforto do lar? (Souza, 1949: 104).

Chico Carlos havia obtido, para nossa residência, uma casa vetusta e enorme, no alto da colina onde fica a Matriz de Queluz. Do quintal, o melhor trecho, plano e gramado, se reservou para recreio das meninas e estendal de roupa. O mais era uma rampa forte, de onde se descortinava a cidade cortada pelo Paraíba, e exibindo, como pano de fundo, na margem direita do rio, o imponente maciço verde da Fortaleza (Souza, 1949: 21).

Nessa casa nasceram os três filhos caçulas do casal Mello e Souza: Rubens, José Carlos e Olga.

Seguindo a vivência da mãe, quase todos os filhos se dedicaram ao magistério: Antonieta, Laura, João Batista, Julieta, José Carlos e o próprio Júlio César.

É importante ressaltar que pouco mais de um século separa-nos do tempo em que os Mello e Souza viveram em Queluz. A antiga casa, construção térrea, datando

do século XIX, última residência da família Mello e Souza e palco vivo do magistério no município, guarda ainda hoje os vestígios de um tempo em que os filhos e os alunos de Dona Carolina povoavam seus quatro cantos com os sonhos e as brincadeiras da infância.

As tábuas que hoje faltam no assoalho de sua antiga sala, revelam-nos os tesouros esquecidos pelas crianças que nela aprenderam a ler e a escrever. As paredes de taipa, descobertas pelo tempo, desnudam os segredos de amor dos meninos e das meninas que marcaram os seus pilares com os corações transpassados pelas siglas dos nomes de seus amores centenários. No silêncio secular do quintal, entrecortado pelo barulho sereno das corredeiras do Rio Paraíba, ou pelo apito das locomotivas que ainda circulam nos antigos trilhos da estrada de ferro dispostos entre o berço geográfico do município de Queluz - Serra da Mantiqueira e Serra da Bocaina - podemos imaginar ainda o som das vivas vozes de Dona Carolina educando seus nove filhos e seus alunos...

Até hoje essa velha casa dos Mello e Souza (Figura 3) permanece no alto da mesma colina queluzense, senhora de si e de seu grande mistério:

- Por que a força do vento da vida não foi capaz de destruí-la?



Foto: Tânia Lacaz

Figura 3: Casa em que residiram os Mello e Souza em Queluz - SP

Comparativamente, utilizamos a imagem da casa dos Mello e Souza, resguardada pelo tempo, para reafirmar um antigo questionamento, partilhada com outros pesquisadores:

- Por que será que a obra e o legado do professor Júlio César de Mello e Souza e do escritor Malba Tahan permanecem incólumes e quase inexplorados pelos educadores brasileiros?

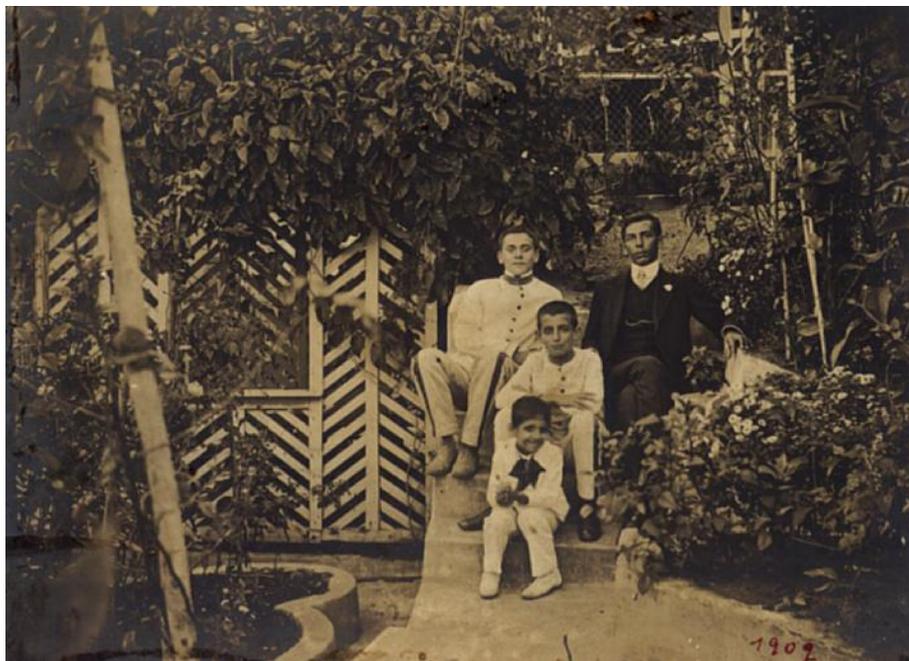
Buscando responder a este questionamento simples, percebemos que as respostas não são tão simples assim.

A visão que fomos construindo da educação brasileira a partir da minha experiência profissional como formadora de formadores, levou-nos a transitar da teoria concebida à realidade cruel da maioria das escolas brasileiras: alunos desmotivados e professores não preparados para os embates do cotidiano das salas de aula; ambos amparados por uma política educacional que ainda não foi capaz de potencializar uma qualidade de formação que atenda ao considerável aumento de alunos, de professores e de escolas que foram se multiplicando desordenadamente no Brasil, nas últimas três décadas.

A imagem de um grande deserto acomoda a comparação com esta realidade e ganha uma dimensão filosófica, maior do que a própria imagem que o deserto representa: de vastidão, de tempestades de vento e de areia, de mudanças bruscas de temperatura, de falta de água, de poucos oásis.

Desvelar a vida e a obra desse educador, o professor Júlio César de Mello e Souza ou do escritor Malba Tahan, é evocar oásis encobertos pelas tempestades de areia do deserto da educação brasileira, descobrindo que há um tempo para todas as coisas e o mesmo tempo que sopra onde quer e quando quer, que levanta a areia do deserto e esconde seus oásis, há de nos revelar que um poço vive a distância e “aquele poço que já conhecíamos, só agora descobrimos que resplandece na amplidão (Saint-Exupéry, 1979: 62).

1.2 Infância: um menino colecionador de sapos e vendedor de Esperança



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 4: O menino Júlio César sentado no 2º degrau da escada, aos 10 anos, um pouco abaixo de seu irmão João Batista, de terno escuro.

Na manhã do dia 6 de maio de 1895, nasceu no Rio de Janeiro o menino Júlio César de Mello e Souza, o quinto filho de João de Deus e de Carolina de Mello e Souza.

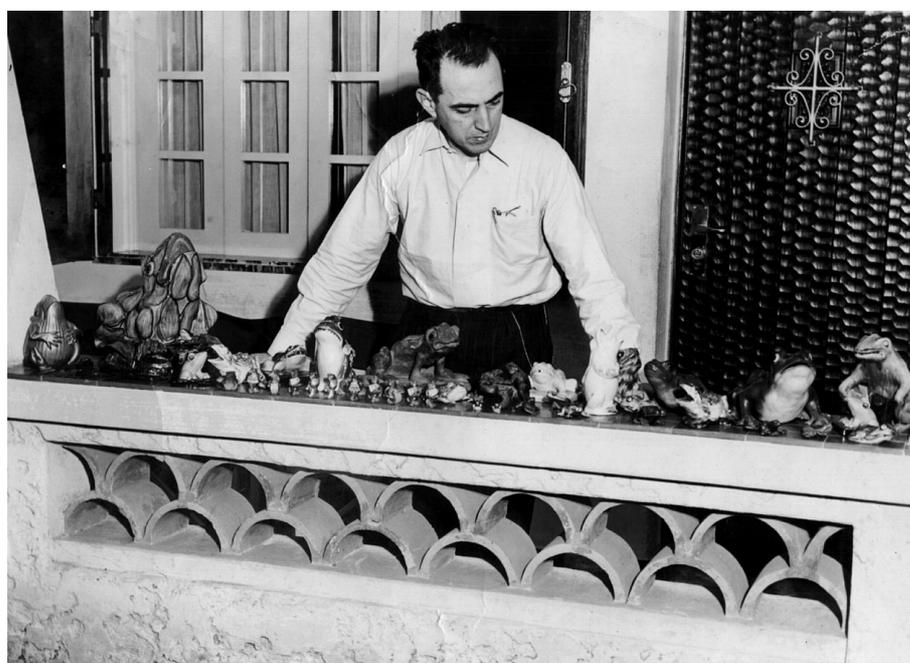
O nome Júlio César foi escolha do pai, tendo nessa escolha um elemento motivador não cumprido pelas opções de vida de seu menino: “Eu me chamo Júlio César porque papai queria que eu fosse militar. Então, já me botou um nome bélico, um nome que não é dos mais pacifistas: Júlio César. Mas eu não segui carreira militar...”

Neste seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1), também ressaltamos o trecho em que Júlio César de Mello e Souza memoriza sua infância, os primeiros anos escolares¹ e uma de suas mais significativas particularidades: era um grande colecionador de sapos!

¹ Júlio César de Mello e Souza iniciou o curso primário na Escola Pública do Prof. Leal e o concluiu na Escola do Prof. Veiga (Tahan, 1973: 307).

Lá em Queluz eu fui aluno de escolas primárias e fui também aluno de minha mãe. Em Queluz, a única preocupação que eu tinha era brincar, evitar os lugares que havia lobisomem, que a turma sabia e dizia que havia lobisomem. Eu não ia lá. E colecionava sapos. Cheguei a ter uma coleção muito interessante de sapos. Cheguei a ter cerca de 50 sapos no quintal de casa, todos eles educados por mim, muito atenciosos e muito obedientes. Eu os comandava com um chicote de corda desfiada. Com aquele chicote eu tocava os sapos para fora, para dentro, e eles atendiam ao meu chamado.

Curiosamente, a sua vida inteira ele colecionou sapos de madeira, louça, metal, jade e cristal (Figura 5). Uma grande parte desta coleção poderá ser apreciada no Acervo Histórico de Queluz - SP.



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 5: Varanda da casa da Gávea com a sua coleção de sapos de louça e porcelana

Outra particularidade muito expressiva da infância do menino Julinho era a confecção manual da revistinha ERRE, produzida durante as férias escolares em Queluz – SP. O título escolhido até hoje guarda uma duplicidade: “erre” do verbo errar ou “erre” da letra R? Nos artigos e nas ilustrações de suas revistinhas, podemos perceber os primeiros sinais de seu dom literário e o potencial criativo de seu universo infantil, expressos pela criatividade dos desenhos, das histórias e dos

contos de **Salomão IV** – sua primeira mistificação literária - e nos jogos, adivinhas ou charadas que propunha.

Aos 10 anos, o exímio contador de histórias estava se constituindo nas entrelinhas desse seu passa tempo favorito: desbancar as publicações das revistinhas O MEZ, de seu irmão Nelson. Para isso, em cada exemplar do ERRE, o autor primava pela editoração, costurada à mão, certamente pelo próprio menino.

Mesmo demonstrando esse lado artístico e criativo, o garoto Júlio César não se enquadrava no rótulo de aluno aplicado. Seu irmão mais velho, João Batista de Mello e Souza (1949: 61-63), relata-nos uma imagem infante-juvenil do irmão muito diferente daquela que um dia viria a constituir a verdadeira face do renomado professor de matemática Júlio César de Mello e Souza e do conceituado escritor de gênero árabe Malba Tahan:

Meu pai incubira-me de intensificar e ultimar a preparação do Júlio César, para o exame a que este se devia submeter, em março, no Colégio Militar. Tomei à sério o encargo, e arvorei-me em ser professor de meu irmão, o futuro Malba Tahan. O Júlio era de atenção versátil, lendo, ou escrevendo, estava preocupado, acima de tudo, com os rumores que vinham de fora. Se os gansos grasnavam, ou a galinha gritava, ele saía a correr, porque podia ser alguma coisa com o “Monsenhor”, ou com o “Ilustríssimo Senhor”, os figurões mais bojudos de sua coleção de sapos.

(...)

Se compunha uma historieta, era certo criar personagens em excesso, muitos dos quais não tinham papel nenhum a desempenhar, dando-lhes nomes absurdos, como Mardukbarian, Orônsio, Protocholóski.

Nos cálculos, então, o desastre foi completo. Resumindo, em carta a meu pai, o resultado de nosso esforço, eu declarei, textualmente, para desengano da consciência: “Não sei como o Julinho vai se sair no exame: ele escreve mal, e é uma negação para a matemática”.

Ninguém é profeta em sua terra, e muito menos em sua casa. Estava escrito que meu irmão seria autor de copiosa obra literária, e detentor de duas cátedras de matemática.

Maktub!

O menino Júlio César de Mello e Souza contradiz a profecia do irmão João Batista de Mello e Souza; despede-se da infância e de Queluz em 1906, quando ingressa no Colégio Militar do Rio de Janeiro - aluno número 846 - sob a tutela do próprio irmão mais velho (Figura 6).



Figura 6: O menino Mello e Souza e a sua turma no Colégio Militar do Rio de Janeiro, encontra-se na segunda fileira, o terceiro da esquerda.

Nessa ocasião, os pais aproveitam sua ausência e fazem uma grande “sapotagem” com ele: jogam sua coleção de sapos no Rio Paraíba do Sul, o que lhe causa enorme desapontamento e tristeza.

Em 1909, deixa o Colégio Militar e é transferido para o Colégio Pedro II, em regime de internato, tendo como professores Silva Ramos (Português), Floriano de Brito (Francês), Henrique Costa (Matemática), Araújo de Lima (Geografia) e outros mestres notáveis. Em sua entrevista ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1), esclarece os motivos de sua transferência:

O Colégio Militar era muito caro e papai não conseguiu gratuidade para mim e ficava muito pesado para ele, que tinha uma porção de filhos, pagar um colégio caro naquele tempo. Aí eu saí do Colégio Militar e arranjei uma gratuidade no Pedro II. Semi-gratuidade. E lá fiz meu curso de humanidades.

Essa época de estudos no Rio de Janeiro foi decisiva e marcante em sua vida. Da convivência com os novos colegas, entre eles, seu saudoso amigo Osvaldo Aranha, ele descobre seu carisma de escritor.

No Colégio Pedro II, o pobre menino travesso encontra uma maneira lucrativa de receber uns “contos de réis” para andar de bonde aos finais de semana e comprar chocolate, um luxo exclusivo dos meninos ricos (Anexo 1):

(...) meu professor de português chamava-se José Júlio da Silva Ramos. Era, aliás, da Academia de Letras (...) ele passava as redações para os alunos fazerem, mas nós tínhamos uma porção de colegas vadios, que não faziam a tal redação e quando o colega não fazia a redação, ele dava zero. E zero privava a gente de saída, que era internato. Então muitos colegas precisavam da redação. Eu então comecei a fazer redação para vender aos colegas. Eu, nesse tempo, recebia de mesada, do inspetor, 400 réis; 200 réis para ir para a casa da minha tia e 200 réis para voltar na segunda-feira. Mas eu gostava muito de um chocolate chamado chocolate Beringer. E esse chocolate custava 400 réis. Então, eu fazia uma coisa muito interessante. Eu ia a pé do campo São Cristóvão até a estação São Francisco Xavier, andava uma hora e meia a pé para economizar um tostão porque atravessando a linha a gente tomava um bonde chamado Vila Isabel X Engenho Novo, que só se pagava um tostão. Ao passo que o Cascadura era 200 réis. Então, naquele tempo nós pagávamos só um tostão e eu economizava um tostão na ida e um tostão na volta. No fim de duas semanas eu podia comprar um chocolate. Mas, como apareceram uns colegas muito malandros, vadios e o professor passava, por exemplo, “faça uma redação sobre esperança!”, eu fazia cinco, seis esperanças e de manhã começava a vender esperança para o pessoal a 400 réis cada uma. De modo que eu fiquei, mais ou menos, melhorando de situação. Já bem melhor porque ao invés de ser 400 réis só, que eu recebia, eu recebia três mil e tanto por semana, dois mil e tanto, e isso permitia que eu fosse de bonde para casa, comprasse chocolate e pagava passagem para os colegas que estavam arrebetados. Eu pagava as passagens deles todos. Todo mundo ia comigo e comprava chocolate também para a turma toda. É uma coisa muito errada isso. Eu devia, desde aquele tempo, estar economizando.

O menino vendedor de Esperança, ingenuamente, já estava definindo os caminhos de sua vida como escritor. O mesmo não poderíamos afirmar em relação à sua escolha profissional como professor de matemática. O menino Júlio César de Mello e Souza nunca foi um apaixonado pela ciência dos números! Ao contrário, ele não foi um aluno que se destacasse em matemática. Alguns relatos confirmam a própria afirmação do educador (Anexo 1): “Eu não tive paixão pela matemática! Eu resolvi, no Colégio Pedro II, a ser professor mais tarde.”

Como aluno do Colégio Pedro II, Júlio César foi um desastre completo nos números. Nessa época, seu boletim registrou em vermelho uma nota dois, em uma

sabatina de álgebra, e raspou no cinco em uma prova de aritmética (Villamea, 1995: 12).

Acordaram-me de Madrugada é a única obra autobiográfica de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, em que o educador relata parte de sua infância e um pouco de sua rotina, de suas aventuras e de suas memórias como aluno interno do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. A própria escolha desse título refere-se a uma das mais belas lembranças que o menino Júlio César guardou da infância: o dia em que o diretor do colégio o acordou em plena madrugada, para ver o Cometa de Halley no céu do Brasil. Era a madrugada do dia 18 de maio de 1910! O Cometa de Halley magnetizava a atenção de milhares de pessoas e, especialmente, de um menino colecionador de sapos e vendedor de esperança (Anexo 1):

Oh, Diretor, que maravilha! Era o Cometa de Halley, era o Cometa de Halley. Esse homem extraordinário sai da casa dele de madrugada, só um bonde no horário, anda a pé, quase que uma hora para chegar ao internato para acordar dois meninos para verem o Cometa de Halley. Eram os únicos que iam ficar porque os outros iam sair, os pais mostrariam. E nós não tínhamos. Quem é que ia mostrar? Nós íamos perder o Cometa de Halley, o Cometa de Halley passava o sol e ele se afastava, não era mais visto. Então, aquela noite era a última do Cometa de Halley na terra.

1.3 Juventude: uma estrela do Ocidente vislumbra o Oriente



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 7: O jovem Júlio César de Mello e Souza

A juventude de Júlio César de Mello e Souza foi marcada pelos estudos e pelos primeiros trabalhos. Apesar do lucrativo negócio de escrever redações para os colegas, em 1913, ele já carregava livros no terceiro armazém da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Desde muito cedo Júlio César de Mello e Souza dedicou-se ao magistério. O jovem educador fez o curso de professor primário na antiga Escola Normal do Distrito Federal, atualmente Instituto de Educação no Rio de Janeiro.

Em 1913, ingressa no curso de engenharia civil da antiga Escola Politécnica da Universidade do Brasil. Entre o magistério e a Engenharia Civil, preferiu sua primeira opção profissional. Embora nunca tenha exercido a profissão de engenheiro, os conhecimentos de matemática advindos dessa formação certamente o auxiliaram em sua docência, principalmente no ensino superior (Anexo 1):

Em 1913 já regia turmas suplementares do Externato do Colégio Pedro II. Foi professor de Escolas Públicas Primárias da Guanabara durante quatro anos. (...) Durante doze anos exerci o cargo de professor catedrático interino do Colégio Pedro II. Fui docente, por concurso de títulos e provas do Colégio Pedro II. Também por concurso de títulos e provas obtive o cargo de Professor da Escola Normal e mais tarde de catedrático do mesmo estabelecimento já com o nome de Instituto de Educação.

Curiosamente, o jovem Júlio César de Mello e Souza também foi aluno da Escola Dramática Municipal (1915), tendo sido colega de turma de Procópio Ferreira. Apesar de não ter concluído o curso, utilizava a arte de interpretar para tornar suas aulas e seus cursos mais dinâmicos e mais criativo.

Essa sua veia artística foi totalmente canalizada para a área literária. Em 1918, era secretário do jornal *O Imparcial* e, como já gostasse de escrever, propôs ao diretor Leônidas Rezende que publicasse seus primeiros contos. Após algumas tentativas frustradas de seu trabalho vir a ser publicado, retira-o da mesa do diretor, e substitui seu próprio nome pelo nome de **R. S. Slady**, sua segunda mistificação literária (Anexo 1):

Leônidas, aqueles contos que eu trouxe para você realmente eram muito fracos, não valiam nada, mas eu descobri um escritor americano formidável, que é muito curioso. Os contos dele são desconhecidos aqui no Brasil". Ele pegou o primeiro conto, achou interessante e botou: "Primeira página, risco dentro de um quadro, duas colunas". Quando, no dia seguinte, eu vi o conto de R. S. Slady na primeira página do *O Imparcial*, dentro de um friso, duas colunas, limpo, eu raciocinei: "Que diabo! Então, quando é J.C.Mello e Souza, chumbo em cima! Quando é R.S.Slady, primeira página, duas colunas!

Embora o Jornal *O Imparcial* só tenha publicado cinco contos de Júlio César de Mello e Souza com o pseudônimo de R. S. Slady, esse fato marcou o início da carreira literária do jovem escritor. Como se costumava dizer que ninguém é profeta em sua própria terra, a "mistificação literária" seria a máscara que ele utilizaria até ser reconhecido no Brasil como escritor. Salomão IV e R. S. Slady, seus dois primeiros pseudônimos, saíram de cena quando o jovem escritor vislumbrou no Oriente o palco perfeito para a sua farsa literária.

A dupla convivência do escritor-professor/professor-escritor mostrava-se de um companheirismo pacífico e de uma realidade que ainda viria a ser definida pelo tempo: o jovem escritor seria reconhecido como professor de matemática de renome, e o professor de matemática, como escritor de gênero árabe. Entretanto, naqueles tempos, o escritor representava uma face visível do professor de matemática que haveria de conceber um outro roteiro no deserto do ensino e da aprendizagem de matemática: o diálogo dessa ciência com a literatura e com outras áreas do saber.

1.4 Maturidade: uma estrela do Oriente brilha no Ocidente



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 8: Júlio César de Mello e Souza revela a farsa literária e o rosto de Malba Tahan

A maturidade ocupou o período mais longo da vida de Júlio César de Mello e Souza e definiu os traços mais significativos de sua existência: de escritor de renome, de professor respeitado e de homem honrado.

Relatar essas características é novamente revisitar a infância e a juventude, para nelas reencontrar as sementes que geraram o escritor, o professor, o homem Júlio César de Mello e Souza.

Desde criança, Júlio César de Mello e Souza nutria profundo interesse pela cultura árabe. Seu livro preferido era *As Mil e Uma Noites*, que inspirou os primeiros contos de Salomão IV¹ na Revista ERRE.

¹ Salomão IV foi a primeira mistificação literária adotada pelo menino Júlio César durante alguns anos de sua infância.

A sua fonte de inspiração sempre foi o Oriente Médio: soube impregnar sua literatura de forte exotismo oriental.

Seus livros literários eram recheados de aventuras com personagens árabes, desertos e cenários orientais, o que o levou a pensar que um escritor brasileiro não faria sucesso assinando contos orientais com seu verdadeiro nome. Por isso cria sua terceira mistificação literária, o exímio contador de histórias e escritor árabe, Malba Tahan.

O próprio Júlio César de Mello e Souza relata-nos a história dessa mistificação literária, o que nos revela o quanto se preparou para viver não só sob este ocultamento, mas, principalmente, o quanto se apropriou da cultura árabe para revelar-nos em seus livros, alguns *flashes* de sua Arábia imaginária (Anexo 1):

Preparei a mistificação sobre este pseudônimo durante sete anos (1918 / 1925). Estudei o Islã, li o Alcorão e o Talmud e cheguei a tomar aulas particulares de árabe com o Dr. Jean Achar. Com o trabalho pronto, procurei o jornalista Irineu Marinho, que era nesse tempo, diretor de A NOITE, o jornal mais lido do Brasil. Recebeu-me com muita bondade e simpatia, em sua residência de Santa Tereza. Disse-lhe a verdade. A minha idéia era surpreender o Brasil com uma mistificação literária. Inventar um escritor árabe e publicar contos orientais educativos. Irineu Marinho leu 2 ou 3 contos (que eu havia levado como amostra) e achou a idéia muito interessante e resolveu ajudar-me. Recomendou ao seu secretário, Euricles de Mattos, que publicasse na primeira página de A NOITE, com destaque, os contos de Malba Tahan, precedendo-os de uma biografia apócrifa. “Vou publicá-los, disse, risonho, Irineu Marinho, sob o título CONTOS DAS MIL E UMA NOITES, com a palavra NOITE grifada. Achei o título muito original e sugestivo, e A NOITE lançou as histórias do escritor árabe Mank Malba Tahan, morto em el-Riad, lutando pela liberdade de uma pequena tribo de beduínos perdida no deserto. Os contos eram publicados na primeira página e com excepcional destaque. Irineu Marinho, devo confessar, foi de uma ética impecável. Jamais revelou a pessoa alguma (nem mesmo ao Euricles) o segredo da mistificação literária da qual fora, não só cúmplice, mas o grande responsável.

Para que essa mistificação literária parecesse ainda mais perfeita aos leitores, foi criado também um tradutor para a obra, o professor Breno de Alencar Bianco. Entretanto, oito anos depois do lançamento do primeiro livro de Malba Tahan, o seu ocultamento foi desvelado pela professora Rosalina Coelho Lisboa (Anexo 1):

Quem descobriu que era mistificação foi uma poetisa, Rosalina Coelho Lisboa. Eu caí na asneira de botar em um dos meus livros “Obras de Malba Tahan”. Então tinha uma porção de “Obras de Malba Tahan”. E entre eles havia assim: *Samulá, Contos Orientais*, tradução de Radiales S. Ela me telefonou e disse: “É mentira isso porque Radiales S. nunca traduziu nada desse negócio”. Então ficou declarado que aquilo era falso. Eu não sabia que Rosalina tinha mania de Radiales S.

Júlio César de Mello e Souza viu-se obrigado a confessar sua mistificação literária e a revelar a face oculta de um dos escritores mais lidos no Brasil: Malba Tahan.

O personagem que sustentaria toda sua obra literária, **Malba Tahan**, na verdade foi inspirado no sobrenome de uma aluna, **Maria Zachusuk Tahan**, e, **Malba**, na origem árabe, figura entre as derivadas do verbo LABĀ que significa ordenhar ou ainda, o lugar onde eram reunidas as ovelhas para a ordenha. Embora outros estudiosos discutam as possíveis traduções de Malba Tahan¹, adotaremos a tradução que o próprio escritor menciona em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1): “Eu precisei escolher um pseudônimo. Malba é um oásis, nome de um oásis, e Tahan significa moleiro, aquele que prepara o trigo.”

A melhor prova de que Júlio César de Mello e Souza foi um magnífico criador de enredos é a própria biografia que ele cria sobre o escritor árabe Malba Tahan, publicada em 1925 no Rio de Janeiro, com o intuito de enganar seu público. Um resumo desta biografia encontra-se no prefácio de *Lendas do Oásis* (1999: 7-8):

Ali Yezid Izz-Eddin Ibn-Salin Malba Tahan, famoso escritor árabe, descendente de uma tradicional família de mulçumanos, nasceu em 6 de Maio de 1885, na aldeia de Muzalit nas proximidades da cidade de Meca.

Fez seus primeiros estudos no Cairo, e, mais tarde, transportou-se para Constantinopla onde concluiu oficialmente o seu curso de ciências sociais. Datam dessa época os seus primeiros trabalhos literários, que foram publicados, em idioma turco, em diversos jornais e revistas.

A convite de seu amigo, o Emir Abd el-Azziz ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de *quaimaquam* (prefeito) na cidade de El Medina, tendo desempenhado as suas funções administrativas com rara inteligência e habilidade. Conseguiu, mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos e as autoridades; e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada proteção aos estrangeiros ilustres que visitavam os lugares sagrados do Islã.

Pela morte de seu pai, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança: abandonou, então, o cargo que exercia em El-Medina e iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo. Atravessou a China, o Japão, a Rússia, grande parte da Índia e da Europa, observando os costumes e estudando as tradições dos diferentes povos.

Entre as suas obras mais notáveis citam-se as seguintes: *Roba-el-kali*, *Al-Samor*, *Sama-Ullah*, *Maktub*, *Lendas do Deserto*, *Martyres da Armênia* e muitas outras.

Foi ferido em combate (Julho de 1921) nas proximidades de El-Riad quando lutava pela liberdade de uma pequenina tribo da Arábia Central.

¹ Outras versões traduzem diferentemente o vocábulo Malba: para o professor Jean Achar teria havido no lêmén (Arábia) um pequeno oásis de nome Malbhe, e daí, a origem de Malba; para o poeta libanês Assad Bittar, Malba, em árabe designa a raiz de uma planta da família das marantáceas, de que se extrai uma farinha alimentícia.

Comparativamente, Júlio César de Mello e Souza e Malba Tahan possuem algumas semelhanças: nasceram no mesmo dia (6 de maio, embora Malba Tahan tivesse nascido dez anos antes), eram escritores e escreveram alguns livros a quatro mãos *Maktub*, *Lendas do Deserto*; e diferenças interessantes: culturais (Ocidente e Oriente), religiosas (cristão e muçumano), profissionais (professor e prefeito), pessoais, reveladas por Villamea (1995: 9) em um dos trechos selecionados desta entrevista:

A melhor prova de que Malba Tahan foi um magnífico criador de enredos é a própria biografia de Malba Tahan. Na verdade, esse personagem das areias do deserto nunca existiu. Foi inventado por outro Malba Tahan, que de certo modo também não existiu efetivamente: tratava-se apenas do nome de fantasia, o pseudônimo, sob o qual assinava suas obras o genial professor, educador, pedagogo, escritor e conferencista brasileiro Júlio César de Mello e Souza. Na vida real, Júlio nunca viu uma caravana atravessar um deserto. As areias mais quentes que ele pisou foram as das praias do Rio de Janeiro, onde nasceu em 6 de maio de 1895. Júlio César era assim, um tipo possuído por incontrolável imaginação. Precisava apenas inventar um pseudônimo, mas aproveitava a ocasião e criava um personagem inteiro.

O fato de ele ter criado um outro personagem levou alguns lingüistas a discordarem em relação ao que o próprio escritor denominava pseudônimo¹; muitos julgam tratar-se de um heterônimo, já que Malba Tahan é um personagem imaginário criado por Júlio César de Mello e Souza para assumir a autoria de suas obras literárias de cunho oriental.

Entretanto, em respeito à escolha do próprio escritor e ao modo surpreendente como este pseudônimo tornou-se a mistificação literária mais popular do Brasil, o evocaremos nesta pesquisa como **pseudônimo**.

Sobre a sua própria mistificação literária, o escritor esclarece-nos (Anexo 1):

Mistificação literária é quando o escritor faz uma obra que atribui a um outro escritor, vivo, real ou não (pausa), real ou imaginário, chama-se mistificação literária. Tem havido grandes mistificações literárias. Grandes mesmos. No Brasil, já houve algumas. (...) Medeiros de Albuquerque fez um estudo da mistificação literária de Malba Tahan mostrando que foi a maior. Eu fiz crer aos brasileiros que Malba Tahan era um árabe que

¹ Marcilene Pereira Rodrigues Bueno, professora-pesquisadora da obra literária de Malba Tahan, contrariamente ao que o próprio Júlio César de Mello e Souza julgava tratar-se de um pseudônimo (do grego, pseudos = falso, myma = nome, ou seja, nome falso). Define-o como um heterônimo (do grego, heteros = diferente, myma = nome, ou seja, outro nome, imaginário, que um autor empresta a certas obras suas).

morreu em combate lutando pela liberdade de uma tribo na Arábia Central. (...) E assim, os brasileiros leram Malba Tahan convencidos de que era um árabe.

O professor Mello e Souza extraía da própria cultura árabe um provérbio que costumava repetir aos seus alunos e que poderia servir como uma segunda justificativa para a mistificação literária de Malba Tahan: “nada interessa mais aos homens do que uma boa história”.

E essa sua história sobre o escritor árabe Malba Tahan era tão convincente que um jornalista carioca dizia que “poucas pessoas no Brasil conheciam Júlio César de Mello e Souza, matemático, escritor e professor. E eram poucas as pessoas que **não** conheciam Malba Tahan. No entanto, os dois moravam na mesma casa rosa da Rua Arthur Araripe, Nº 23, na Gávea – Rio de Janeiro. E dormiam na mesma cama. E andavam com as mesmas pernas. E pensavam com a mesma cabeça. Um era o pseudônimo do outro”.

Embora a mistificação literária de Malba Tahan tenha perdurado somente oito anos após a publicação de seu primeiro conto, permanece até os dias de hoje, a crença entre grande parte de seus leitores de que Malba Tahan é de fato um escritor árabe, tão acentuada é a fidedignidade do universo oriental que o escritor brasileiro soube impregnar suas obras literárias.

Um fato curioso merece destaque: o prazer com que Júlio César de Mello e Souza fomentava essa farsa literária, indicando em seus livros obras de Malba Tahan que teriam sido lançadas e traduzidas no Brasil a partir de 1900, época em que Júlio César de Mello e Souza contava apenas cinco ou seis anos de idade (Anexo 1): “Todos esses livros que saíram na indicação de obras, não existiam. Eu publicava aquilo para enganar o público. (...) Em São Paulo houve polêmicas e mais polêmicas sérias entre as pessoas; “existe ou não existe Malba Tahan?”

Ao longo de sua carreira literária, Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan publicou mais de uma centena de livros¹. Alguns foram lançados com o nome de Júlio César de Mello e Souza e outros com o pseudônimo Malba Tahan (Capítulo II).

Tendo como referência o período em que o educador publicou sua obra (1925-1974) e o país em que foram lançadas (um Brasil de não leitores), esse é um número consideravelmente superior à média das publicações de outros escritores ou

¹ Há polêmicas em torno desse número. Alguns falam em 113, 125 e 128; entretanto, o próprio educador em sua entrevista ao MIS questiona: “São 103...?” (Anexo 1).

educadores brasileiros que com ele dividiram o mesmo cenário épico: Fernando de Azevedo, Monteiro Lobato, Anysio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros.

De todos os seus livros publicados, *A Sombra do Arco-Íris* é o seu favorito, embora *O Homem que Calculava*, sem dúvida alguma, é ainda hoje considerado sua obra-prima mais famosa. Conta a estória de um árabe que usa a matemática para resolver qualquer problema. A obra foi premiada em 1939 pela Academia Brasileira de Letras¹; atualmente encontra-se na 55ª edição, tendo sido traduzida em mais de vinte idiomas e vendidas mais de dois milhões de cópias no Brasil e no exterior.

Outra atividade que ele desenvolveu em paralelo à sua específica produção de livros didáticos e literários foi a de colaborador de diversas revistas e jornais brasileiros: “*O Imparcial*”, “*A Noite*”, “*O Jornal*”, “*O Diário da Noite*”, “*O Cruzeiro*”, “*Noite Ilustrada*”, “*O Correio da Manhã*”, “*Folha da Noite de São Paulo*”, “*Última Hora*”, “*Diário de Notícias*”, “*Jornal do Brasil*” e “*Tico-Tico*”. Os artigos literários, os contos infantis, os desafios de matemática de Malba Tahan eram esperados e colecionados por seus leitores e admiradores das colunas diárias, dos artigos semanais ou das colaborações esporádicas ou mensais.

Retratando um pouco mais de sua vida, o ano de 1925 marca uma outra aliança em sua vida pessoal: casa-se com uma de suas alunas da Escola Normal, a professora Nair Marques da Costa.

¹ Parecer dos Concursos Literários da Academia Brasileira de Letras de 1939: “O livro de Malba Tahan já nos vem em segunda edição, e isto mostra o bom acolhimento que êle tem encontrado por parte dos leitores. É uma obra muito curiosa, pela série de problemas matemáticos que apresenta, e que torna compreensíveis, mesmo aos espíritos menos dados a êsses estudos. Escritor que já tem um longo tirocínio em livros e em jornais, que compõe a sua prosa com limpeza e elegância, cremos que Malba Tahan, pelo seu Homem que calculava, pode ser concedido o prêmio de Contos e Novelas de 1939” (Anais de 1940, vol. 60, jul-dez, 1939).



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 9: Júlio César e Nair, o início da vida a dois.

Em função da árdua atividade profissional - professor de matemática, escritor, jornalista, conferencista e de tantas outras ocupações que Júlio César de Mello e Souza se envolvia, sua esposa desempenhou praticamente sozinha o papel de mãe de seus três filhos - Rubens Sérgio, Sônia Maria e Ivan Gil.

Assim como sua mãe Carolina, sua esposa assumiu diversos encargos no seio da família: foi administradora das finanças e do lar, proporcionando ao companheiro toda a tranquilidade doméstica de que necessitava para escrever, preparar suas aulas, lecionar, pesquisar e produzir os livros, as revistas, os artigos e as conferências. Ele se apoiava nela e ela, com a paciência que lhe foi concedida, o acompanhava em quase todas as viagens e assistia às mesmas conferências, sentada na primeira fila.

A vida de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan também foi marcada por outras atividades, que preencheram completamente suas horas e seus dias de descanso e de lazer junto aos filhos e à esposa. Sua rotina profissional sempre foi marcada por um número excessivo de horas semanais de trabalho, exigidas tanto

pela docência quanto pela profissão de escritor. Por isso, costumava acordar diariamente às quatro da manhã e tinha, como hábito, escrever descalço; dizia que a inspiração sempre vinha da terra. Criou e foi o editor-chefe de três revistas, duas de Educação Matemática: Al-Karismi¹ e Lilaváti² e uma destinada aos portadores de hanseníase, denominada Damião³.

Em relação à sua longa jornada como professor de matemática, podemos destacar uma síntese desse percurso vivido por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, relatada pelo próprio educador na entrevista ao MIS (Anexo 1), no qual já encontramos as primeiras evidências de seu caráter interdisciplinar:

Mas, eu na minha vida de magistério, eu fui professor do Pedro II, professor de colégios particulares, professor de colégios religiosos, professor de colégios... Da escola técnica, fui professor durante quatro anos do Loyd Brasileiro. Eu fui professor durante quatro anos da Escola Álvares de Azevedo, durante cinco anos lectionei para menores delinqüentes. (...) Eu lectionei 40 anos no Instituto de Educação, como professor. Mas não lectionei só Matemática. Lectionei Matemática, A Arte de Contar História, Literatura Infantil e Folclore.

É importante ressaltar que durante quatro anos foi professor primário, lecionando em várias escolas públicas do Rio de Janeiro; durante doze anos exerceu o cargo de professor catedrático de Matemática no externato do Colégio Pedro II e, por trinta anos, lecionou matemática em escolas profissionais e colégios particulares.

Em virtude de concurso de provas e títulos, foi nomeado catedrático da antiga Escola Normal, posteriormente denominado Instituto de Educação do Rio de Janeiro (Figura 10). Fato curioso e indispensável para este trabalho é observar a diversidade das áreas do saber nas quais transitavam as disciplinas que ele ministrava às futuras professoras do curso primário (Matemática, Literatura Infantil, Folclore e Arte de Contar Histórias).

¹ Al-Karismi, revista de recreações matemáticas, jogos, curiosidades, histórias e problemas. Produzida nos meados da década de 40, circulou durante 5 anos.

² Lilaváti, revista de Matemática e Didática, recreações matemáticas, problemas curiosos, jogos aritméticos, lendas e histórias, astronomia pitoresca. Tendo a direção de Malba Tahan e colaboradores de renome, circulou a partir de novembro e dezembro de 1957.

³ Damião, foi criada por Malba Tahan em dezembro de 1951. De âmbito nacional, representava uma MENSAGEM DE ESPERANÇA para os portadores do Mal de Hansen. Dedicada à causa do reajustamento social dos hansenianos, era enviada a todos os leprocônios de Brasil e de Portugal.



Figura 10: Mello e Souza entre as alunas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro

Essa sua capacidade de interessar-se pelas várias áreas do saber possibilitou-lhe, no início de sua carreira no Magistério, exercer a docência de outras disciplinas, antes de definir sua opção pela ciência dos números, por ingênuo e puro comodismo (Anexo 1):

Mas quando eu me dediquei ao Magistério, resolvi ensinar História, mas não gostei. História a gente tem que ler livros, revistas,... É muito difícil. Depois passei a ensinar Geografia. Geografia, também não gostei porque a gente tem que estar a par de países que ficam independentes, que viram República e não sei o quê. Eu disse assim: “melhor não ensinar Geografia”. Então comecei a ensinar Física, mas Física tem laboratório, é muito trabalhoso. “Sabe de uma coisa, melhor mesmo é ensinar Matemática”. Porque Matemática é essa coisa, não varia. E passei, então, a ser professor de Matemática.

Foi nomeado, também após concurso de provas e títulos, em 1926, professor catedrático de Matemática da Universidade do Brasil (Escola Nacional de Belas Artes), tendo sido mais tarde transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura, atual Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Figura 11). Seu desempenho como docente no ensino superior valeu-lhe o título de

Professor Emérito, título outorgado pelo Conselho Universitário, em função da proposta da própria Congregação da Faculdade Nacional de Arquitetura.



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 11: Mello e Souza ao lado dos alunos da UFRJ. O menino, à esquerda, é seu filho caçula, Ivan Gil de Mello e Souza.

O professor Mello e Souza exerceu inúmeros cargos comissionados: foi diretor de colégio, presidente de bancas examinadoras e orientador dos cursos da CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

Apesar de todo o seu trabalho profissional como escritor e professor, Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan ainda encontrava tempo para envolver-se pessoalmente com atividades sociais.

A solidariedade era, sem dúvida alguma, um dos pontos fortes da sua personalidade. Ele dedicou parte de sua vida a esses dois grandes projetos: a reabilitação de menores delinqüentes (1925-1930) e a campanha contra a discriminação aos leprosos (1939-1974).

Em relação ao seu trabalho na Escola João Luiz Alves com os menores delinqüentes do Serviço de Atendimento aos Menores Delinqüentes (SAM), um trecho de seu relato ao Museu da Imagem e do Som revela-nos a sua satisfação em ter ajudado pelo menos um desses meninos (Anexo 1):

... durante cinco anos lecionei para menores delinqüentes. Cinco anos! A sua pergunta naturalmente seria a seguinte; “Esses cinco anos ensinando menores delinqüentes teve algum resultado?. Vários dos rapazes que foram meus alunos eu consegui reabilitá-los. Alguns hoje estão aposentados. Eu, de vez em quando, encontro um ou outro que trabalham no Cais do Porto, trabalham na Light, mas de todos eles o que mais se distinguiu foi um rapaz que foi meu aluno. Ele era assassino. Tinha 12 entradas na Casa de Detenção. Esse rapaz conseguiu, com o esforço dele, e eu ajudando, ele conseguiu entrar para os Fuzileiros Navais, fez concurso para Sargento, foi a Primeiro Sargento, tomou parte na Revolução do Contestado, foi a Sub-Oficial e está hoje reformado em Capitão-Tenente. Ganha mais do que eu.

A obra de assistência social aos portadores do Mal de Hansen, que ele exerceu durante grande parte de sua vida, reforça ainda mais a solidariedade como um dos maiores valores pessoais do educador (Anexo 1):

Comecei em 1939. Portanto, há 34 anos. Eu me dedico só em assistência aos doentes de Lepra. Então, já visitei todos os leprosários do Brasil, com exceção do Acre que eu não conheço. E em todos eles eu fiz palestras, conferências. Já fiz no Brasil mais de duzentas conferências sobre Lepra. Fiz uma conferência em Sociedade para trezentos médicos, entre os quais havia cinco ou seis leprólogos de fama internacional. Eu fiz uma palestra sobre o problema da Lepra no Brasil, de modo que eu fui obrigado a estudar Leprologia. Mesmo não sendo médico, eu fui obrigado.

Inspirou-se no exemplo de José Damien de Neuster, sacerdote católico que mostrou ao mundo com o seu exemplo de bondade inexcedível aos leprosos da Ilha de Molokai, que cumpre à sociedade o dever irrevogável de amparar, assistir e socorrer os hansenianos. Assim, Malba Tahan abraça a causa dos hansenianos, no final da década de 30, e realiza um trabalho solidário, visitando todos os leprosários do Brasil e alguns de Portugal, publicando dezenas de artigos em jornais e revistas e proferindo inúmeras palestras sobre a hanseníase. A revista *Damião*, de sua autoria, e as três obras literárias de Malba Tahan dedicadas especialmente ao esclarecimento do problema de Mal de Hansen: “*Ainda Não, Doutor*”, “*O Romance do Filho Pródigo*” e o “*Mistério do Mackenzista*”, constituem a prova mais concreta de que a solidariedade constituía o valor ético mais evidente da pessoa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. Em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som ele relata-nos o momento desse chamado e os frutos de sua dedicação a esse trabalho solidário (Anexo 1):

Um dia eu estava em casa, cismeiei, saí e fui. Apresentei-me a uma senhora, chamada dona Eunice e disse: “Eu quero trabalhar para os leprosos”. Ela me disse: ‘Olha, Malba Tahan, vou dizer a você uma coisa; o leproso é ingrato. Jesus curou 10 e só um voltou para agradecer”. Eu, então disse a dona Eunice: “Eu não quero saber se leproso é grato ou ingrato. Eu resolvi trabalhar por eles porque são excomungados, são reprimidos pela sociedade, são amaldiçoados e desde os tempos bíblicos que eles sofrem horrores”. Então, eu resolvi me dedicar exclusivamente aos leprosos. Não espero gratidão, nem ingratidão. Mas, ao contrário, só tenho recebido provas de amizade, de simpatia dos leprosos. Minha mulher diz que eu conheço mais leproso do que gente sadia. É possível.

Segundo os dados biográficos de Malba Tahan, relatados pelo próprio educador em seu único livro de memórias *Acordaram-me de Madrugada* (1973: 309), pelos serviços prestados à causa dos hansenianos brasileiros recebeu diploma e medalha de Honra da Ordem do Mérito de Damião, conferidos pela Associação Brasileira de Amparo aos Leprosos; diploma de “Amigo dos Internados” do Hospital Curupaití, no grau de “Grande Benemérito” e diploma de membro Benemérito da Associação dos Hansenianos Dispensaristas do Estado da Guanabara. Além disso, seu nome figura como patrono da Biblioteca do Hospital Curupaití e a Caixa Beneficiante desse hospital carioca que mantém, em lugar de destaque, seu busto cinzelado pelos artistas Jocyl Vargas e Yvone da Escola Nacional de Belas Artes.

Neste seu trabalho solidário transparece alguns lampejos de sua espiritualidade, um valor que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan conservava implícito em suas ações sociais, explicitava em algumas de suas obras literárias (*Lendas do Céu e da Terra* e *Lendas do Povo de Deus*) e na entrevista que concedeu ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1):

Oton Costa: Deus existe? Sim ou não, por quê?

Malba Tahan: Acredito no Deus que fez o homem. Não no Deus que os homens fizeram.

Ao nos aproximarmos de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan podemos percebê-lo um homem espiritualista, um ser humano que transcende os dogmas e as contradições do islamismo oriental e do cristianismo ocidental, berços religiosos do escritor árabe Malba Tahan e do professor brasileiro Júlio César de Mello e Souza, e revela-se um indivíduo integralmente ecumênico: transita nas tendas de Allah com as mesmas vestes que pede as bênçãos a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na última edição brasileira de *Lendas do Deserto*¹, Malba Tahan dirige-se ao leitor esclarecendo (Tahan, 2001: 7): “Este livro, publicado sob o título *Lendas do Céu e da Terra*, destina-se, apenas, a ser uma coletânea de lendas, poesias, preces ensinamentos – tudo sob a inspiração da mais elevada moral cristã”.

Entretanto, essa sua obra conquistou um espaço atípico entre seus leitores: não só foi adotada como livro de leitura em muitos colégios religiosos do Brasil, como também foi citada, em sermão, por ilustres pregadores brasileiros, padres e pastores. Quando nessa obra Malba Tahan reúne as contribuições de vários segmentos religiosos, claramente define sua posição ecumênica diante das culturas divergentes por que transitou: o Oriente, como escritor de gênero árabe; o Ocidente, como professor, escritor, jornalista, conferencista e cidadão brasileiro.

Mas é pela voz do protagonista do *O Homem que Calculava* (1949: 206) que o educador menciona o seu posicionamento religioso: “- A verdadeira felicidade – segundo afirma Beremis - só pode existir à sombra da religião cristã.”

¹ Em *Lendas do Céu e da Terra*, coletânea de lendas, poesias, preces e ensinamentos – tudo sob a inspiração da mais elevada moral cristã (Tahan, 2001: 7), publicada no Brasil em 1933, hoje encontra-se na 25ª edição; também foi publicada na Espanha em 1976. Segundo o Pe. A. Lemos, esse livro constitui uma antologia notável, ricamente ilustrada, que contém cerca de cento e oitenta das mais lindas e famosas lendas cristãs.

1.5 Na oitava casa da vida: à espera de reconhecimento



Acevo Centro Cultural de Queluz

Figura 12: A espera de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan

Reconhecer e afirmar o valor deste mestre não significa, porém, desconhecer as limitações que o seu legado deparou durante o tempo em que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan viveu como educador brasileiro.

Os atuais avanços educacionais apontam, a partir da terceira década do século passado, inúmeros pontos de intersecção entre as novas teorias e as propostas por Malba Tahan. Interdisciplinaridade, didática, educação continuada, ética, cidadania, pluralidade cultural, solidariedade, comunicação social, educação matemática, literatura, são apenas alguns recortes desta infinita trama de possibilidades dialógicas e de inter-relações com sua extensa produção literária.

Talvez Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, essa estrela do Oriente que um dia brilhou no Ocidente, tenha se antecipado muito no tempo e, conseqüentemente, tenha sido isolado pelas suas idéias e concepções pedagógicas e colocado à margem do grande deserto da educação brasileira.

Embora tivesse sido agraciado com diversos títulos: cidadão sírio (honorário), cidadão honorário de Ubá (MG), cidadão de Queluz (SP) e da cidade de Itaocara

(RJ); e também membro da Academia Carioca de Letras, da Associação Brasileira de Imprensa, da Associação Amazonense de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, da Associação Brasileira de Educação, Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan nunca se articulou, politicamente, para obter nenhum deles.

Em relação à matemática, tudo o que ele havia concebido, suas idéias mais brilhantes, as metodologias e a didática proposta para ensinar “a ciência que deveria ser reamanhecida pela simplicidade e beleza”, estavam ofuscadas pela importação de uma nova corrente pedagógica, denominada Matemática Moderna, que contrapunha-se totalmente aos métodos, às técnicas e à didática malbatahânica de ensinar e aprender matemática e foi considerada, posteriormente, um dos maiores erros cometidos pela política educacional brasileira para o ensino de matemática.

Pesava sobre a genialidade e o carisma do educador o isolamento intelectual e social. Tanto o matemático quanto o escritor estavam à margem dos movimentos educacionais e literários que compunham o cenário brasileiro dos anos 70. Ao mestre nada restou, senão as lembranças dos velhos e bons tempos - a mistificação literária de Malba Tahan e as aulas, os cursos e as conferências do Prof. Mello e Souza – e o questionamento de terem sido válidos, ou não, os roteiros que ele havia escolhido para a sua longa travessia de professor, escritor e educador.

O desabafo de sua filha Sônia Maria, ao final de uma entrevista¹, revela-nos o quanto ele esperou por este diálogo: “Papai, ao final da vida, tinha uma grande tristeza: de não ter sido reconhecido como escritor e nem como matemático!” Também relata-nos os seus últimos dias:

“Ultimamente triste, em função da curva da vida, das limitações físicas, intelectuais e emocionais, ele já não tinha o mesmo vigor e não podia corresponder aos aplausos a que estava habituado. Quando recebeu o convite do Recife, ficou felicíssimo. Preparou os seus dois cursos com muita antecedência. Foi ao médico e fez os exames solicitados. Lá fez o maior sucesso, sucesso retumbante. Apoteose total! O coração não agüentou... Ele morreu como as árvores morrem: de pé! Morreu brilhando, fazendo o maior sucesso”¹.

¹ Entrevista concedida por sua filha Sonia Maria, no Rio de Janeiro, em 25/10/2003.

O Prof. Mello e Souza esperou até os últimos dias de sua vida pelo reconhecimento do esforço pessoal e profissional, registrados e documentados em centenas de livros, pastas e arquivos que futuramente pudessem levar outros educadores a contemplarem o que seus olhos viam: uma nova proposta de educação, novos olhares sobre a arte de ensinar e de aprender matemática.

O escritor Malba Tahan esperava que seus livros pudessem um dia *educar e ensinar*, não de forma fragmentada e destituída de significado e de significância para os seus leitores, mas com a mesma inteireza e a mesma complexidade da dupla missão com as quais os havia escrito.

Como pesquisadora de seu legado, temos dúvidas de que este seu esperar advinha do verbo *esperançar* e tenha sido carregado de esperança: o menino vendedor de esperança não soube impregnar de esperança a sua espera!

É interessante ressaltar que o substantivo *esperança*, “ato de esperar o que se deseja” (Aurélio, 1997), de certa forma transcende o título de sua primeira investida como escritor e revela-nos a grande lição que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan teve de aprender ao longo de seus 79 anos de vida: o tempo da espera, de uma espera com esperança de um dia suas idéias e contribuições à educação brasileira serem, de fato, reconhecidas.



Acervo Centro Cultural de Queluz

Figura 13: Uma das últimas conferências do educador

Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan não viveu suficientemente o tempo que a educação brasileira precisava para iniciar pessoalmente com ele este diálogo.

Ele foi surpreendido pela morte aos 79 anos, no Recife, atendendo ao convite da Secretaria de Educação e Cultura daquele estado, ministrando os cursos *A Arte de Contar Histórias e Jogos e Recreações no Ensino de Matemática*, curiosamente, os dois temas assumidos por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e que ele tão bem soube conceber e transitar durante toda a sua vida: literatura e matemática.

O matemático contador de histórias, que descreveu magicamente o Oriente, onde nunca esteve, cumpriu a tarefa a que se determinara: “escrever, mas escrever sobre assuntos matemáticos” (Anexo 1).

O seu testamento (Anexo 2) revela-nos não só o pressentimento da morte: “Tenho o pressentimento que vou morrer de um momento para outro. (...) queira Deus que minha morte seja repentina!”, mas um homem que extraía de sua extensa e gloriosa vida de escritor, professor de matemática, matemático, conferencista e defensor da causa dos hansenianos, somente a humildade e a solidariedade.

Em 1985, após o falecimento de sua esposa Nair de Mello e Souza, a família, num gesto de desprendimento e honra à memória de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, doou à Prefeitura Municipal de Queluz - SP, os documentos, alguns objetos pessoais, medalhas, certificados, a coleção de sapos, os registros de suas aulas, as pastas de suas conferências, os originais de alguns livros editados e de outros inacabados, os álbuns de fotografia, os cadernos de recordações, alguns exemplares de seus livros mais famosos, enfim, o grande tesouro material que o Prof. Mello e Souza e o escritor Malba Tahan acumularam ao longo das oito décadas de coexistência.

Queluz - SP mantém no Centro Cultural do Município, o Museu Malba Tahan (Figura 14), criado em homenagem à memória do ilustre cidadão queluzense – título outorgado a Júlio César de Mello e Souza em 1965 - com o objetivo de tornar-se, ao longo do tempo, um ponto de referência aos pesquisadores de seu legado e aos interessados na história de um menino colecionador de sapos e vendedor de esperança, que soube honrar o berço natal de seu carisma de educador e de mestre.



Foto: Juraci Faria

Fig. 14: Museu Malba Tahan - Centro Cultural de Queluz - SP

CAPÍTULO II

Existiu outrora, num país além do Iêmen, um rei chamado Hassan Kamir, que foi um dos monarcas mais ricos e poderosos de seu tempo. Não poucas foram as façanhas por ele praticadas. A sua vitória sobre a cidade Al-Menara inspirou nada menos de três poemas heróicos; o ataque, por ele próprio dirigido, contra os muros do Sliman (assim quis Allah!) mereceu a honra de uma citação especial, feita duzentos anos depois, pelo erudito Ahmed, “O Cordovez”, filósofo do Islã.

Mas, afinal, meu amigo, que resta, na memória dos homens, para recordar a vida gloriosa do rei Hassan Kamir? Nada. Da biografia desse monarca não conhecemos nem datas nem monumentos.

A caravana quando atravessa o deserto desenha na areia o sulco sinuoso do seu rumo; vem depois o simum devastador e tudo apaga. Assim também faz o tempo, arrebatando da História as páginas que devem ser esquecidas; e com essas páginas perdidas desapareceram nomes, esqueceram-se dinastias, e vão também para o olvido guerras, paixões e triunfos!

Enganam-se, porém, os críticos. Embora as guerras e campanhas levadas a termo pelo rei Hassan tenham sido olvidadas; embora não exista mais desse soberano obra alguma capaz de recordar-lhe o nome, é bem certo, entretanto, que os homens jamais o esquecerão.

E a razão é simples. Muitas foram as lendas interessantíssimas que se formaram em torno da vida do rei Hassan Kamir;

Allah seja louvado! Eis um caso realmente singular. Essas lendas, tão cheias de encanto e fantasia, contadas hoje e repetidas amanhã, fazem perpetuar na memória dos homens o nome do herói que nelas sempre figura: o rei Hassan Kamir, o glorioso! Um rei que a história esqueceu e que as “histórias” tornaram célebres e o immortalizaram!

(Malba Tahan, Lendas do Oásis)

CAPÍTULO II

O ESCRITOR, UMA FACE VISÍVEL DO EDUCADOR

O escritor Malba Tahan marcou a vida de muitas pessoas. Júlio César de Mello e Souza, o professor de matemática, perpetua-se na memória de seus ex-alunos e dos leitores que vislumbraram, através de seus livros e de suas aulas, uma matemática que transcende o imaginário daqueles que estão habituados com uma ciência considerada árida e desvinculada de outras áreas do conhecimento.

O escritor representava apenas uma face visível do educador: “*genial professor, educador, pedagogo, escritor e conferencista brasileiro*” (Villamea, 1995: 9). De seu legado transparecem outras faces subocultas que vão sendo desveladas enquanto lemos e pesquisamos a sua obra: um ser humano íntegro, um conferencista carismático, um cidadão solidário, um educador à frente de seu tempo.

Embora oito décadas nos separem de sua primeira publicação, *Contos de Malba Tahan* (1925), o que mais nos impressiona não é a extensão desse legado (mais de cem livros publicados), mas a atualidade dos temas abordados em grande parte de seus livros – ética, cidadania, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, educação matemática, educação continuada, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade - e os valores neles transmitidos: verdade, justiça, solidariedade, humildade, respeito, amor.

Embora esteja separada pela dupla autoria, Malba Tahan e Júlio César de Mello e Souza, o conjunto de sua obra diz respeito a um mesmo escritor que encantou inúmeras gerações de brasileiros, ora contando histórias orientais, ora revelando-nos da “famigerada” matemática outros ângulos: “recreativa, divertida e delirante, divertida e curiosa, divertida e diferente, fácil e atraente, divertida e curiosa, divertida e pitoresca, suave e divertida”.

Inspirados na própria distinção que o escritor faz entre os autores de seus livros - os livros literários e de cunho oriental eram assinados por Malba Tahan, enquanto Júlio César de Mello e Souza era o responsável pela autoria dos livros relacionados à matemática - optamos por preservar esta distinção, apresentando no

legado do escritor as produções de Malba Tahan e as de Júlio César de Mello e Souza.

Buscou-se analisar cronologicamente, através das décadas em que as mesmas foram publicadas, a extensa produção literária de Malba Tahan e de Júlio César de Mello e Souza; todavia, em algumas de suas obras não há a especificação do ano de publicação, fato ocorrente em algumas editoras: Vecch, Brasil-América, Bloch e Conquista.

O **legado do escritor**, um exemplo de disciplina, dedicação e registro cuidadoso, revela-nos, indiretamente, o **legado pedagógico** desse educador brasileiro, que assumiu como missão não somente o ato de escrever e o ato de ensinar matemática, mas “escrever sobre assuntos matemáticos. Uma mistura da literatura com a matemática” (Anexo 1).

Também apresentamos o paralelo existente entre as obras do professor de matemática Júlio César de Mello e Souza e as do escritor Malba Tahan, delineando os pontos de intersecção que não só definiram a face do educador brasileiro mas, principalmente, o sucesso de permanência de reedições nacionais e internacionais de diversos títulos do seu legado.

2.1 O Legado de Malba Tahan¹

a) Década de 20

Contos de Malba Tahan, Rio, A Encadernadora, 1925;

Céu de Allah (contos orientais), Rio, Lux, 1925;

b) Década de 30

Amor de Beduíno (contos orientais), Rio, F. Griguët, 1930;

Lendas do Deserto (contos orientais), Rio, Azevedo, 1930;

Minha Vida Querida, Rio, Pongetti, 1932;

¹ A análise detalhada da extensa produção de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan, efetuadas neste capítulo, revelou-nos que em muitos de seus livros **não** há o registro da data da publicação ou da localidade da editora, dados julgados relevantes às atuais normas catalográficas e que, posteriormente, poderão ser completados em futuras pesquisas.

Lendas do Deserto (edição completamente diferente da anterior), Rio, Calvino Filho, 1933;

Lendas do Oásis (contos orientais), Rio, Civilização Brasileira, 1933;

Maktub! (lendas orientais), Rio, Getúlio Costa, 1935, adaptado para o teatro, também traduzido para o Inglês;

Amigos Maravilhosos (novela infantil), Rio, Francisco Alves, 1935;

Lendas do Céu e da Terra (lendas cristãs), Rio, Getúlio Costa, 1935;

Alma do Oriente (contos), Rio, José Olímpio, 1936;

Novas Lendas do Deserto (contos orientais), Rio, 1937;

Paca-Tatu... (contos infantis), Rio, Cruzada da Boa Imprensa, 1939;

c) Década de 40

O Livro de Aladim (contos orientais), Rio, Getúlio Costa, 1943;

d) Década de 50

Lendas do Bom Rabi, 1951;

e) Década de 60

O Terceiro Motivo (contos e lendas orientais), São Paulo, Saraiva, 1963;

A Estrela dos Reis Magos, 1965;

Matemática Recreativa (fatos e fantasias), 1º volume, São Paulo, Saraiva, 1965;

Os Números Governam o Mundo (curiosidades numéricas colhidas no folclore da Matemática) – Rio, TecnoPrint, 1965;

O Mundo Precisa de Ti, Professor (noções sobre ética); Rio de Janeiro, Editora Vecchi Ltda, 1967;

f) Década de 70

Iazul (contos e lendas orientais), Rio, Edições de Ouro – TecnoPrint, 1970;

O Mistério do Mackenzista (sobre reabilitação dos hansenianos), São Paulo, Edicel – Cultural Espírita, 1970;

g) Ano de Publicação Não Mencionado

A Arte de Ler e Contas Histórias (de feição didática);

A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor, Rio, Vecchi;

A Girafa Castigada (conto infantil, inspirado no Evangelho), Brasil-América;

A Lógica da Matemática, São Paulo, Saraiva;

A Pequeninha Luz Azul (conto infantil de origem árabe, adaptado para o teatro), Brasil-América;

A Sombra do Arco-Íris, em três volumes;

Ainda Não, Doutor (romance), em colaboração com Eva Antakieh, Rio, Conquista;

Antologia da Matemática, em dois volumes (lendas e curiosidades), São Paulo, Saraiva;

Antologia do Bom Professor (artigos e comentários), Rio, Vecchi;

As Maravilhas da Matemática (curiosidades, problemas notáveis), Rio, Bloch;

Aventuras do Rei Baribê (romance oriental infanto-juvenil), Rio, Conquista, também produzido para o Esperanto;

História da Onça que Queria Acordar Cedó;

Homens Extraordinários (adaptado para o teatro);

Lendas do Céu e da Terra (edição totalmente refundida);

Lendas do Deserto (nova edição totalmente diferente das anteriores), Rio, Conquista;

Lendas do Povo de Deus (contos ídiches);

Maktub! (edição completamente diferente da anterior);

Matemática Divertida e Delirante (problemas curiosos e lendas), São Paulo, Saraiva;

Mil Histórias Sem Fim (contos orientais), em dois volumes, Rio, Conquista;

Minha Vida Querida (edição totalmente diferente da primeira), Rio, Conquista;

Novas Lendas Orientais;

Numerologia (preconceitos sobre o nome), Rio, Americana;

O Guia Carajá (lenda do sertão do Brasil), Rio, Conquista;

O Homem que Calculava (aventuras de um calculista persa, também traduzido para o inglês, espanhol, italiano e alemão);

O Problema das Definições em Matemática (erros, dúvidas e curiosidades);

O Professor e a Vida Moderna (casos, contos e comentários);

O Rabi, o Cocheiro e os Anjos de Deus (conto ídiche), Brasil-América;

O Tesouro de Bresa (conto infantil, que ensina mais de cem vozes de animais), Brasil-América;
Os Melhores Contos;
Os Sonhos do Lenhador (conto chinês), Brasil-América;
Paca-Tatu... (edição ampliada);
Páginas do Bom Professor (trechos selecionados sobre Pedagogia);
Problemas Famosos e Curiosos da Matemática;
Romance do Filho Pródigo;
Roteiro do Bom Professor (trechos selecionados sobre Pedagogia);
Salim, O Mágico (novela), São Paulo, Ibrasa;
Sob o Olhar de Deus (romance), Rio, Conquista.

2.2 Legado de Júlio César de Mello e Souza

a) Década de 30

Trigonometria Hiperbólica (tese para concurso), Rio, 1932.
Funções Moduladas (primeiras noções), Rio, Borsói, 1934;
Matemática Fácil e Atraente (metodologia na escola primária), Rio, A.B.C., 1938;
História e Fantasias da Matemática (com origem da Geometria), Rio, Getúlio Costa, 1939;
Matemática Divertida e Curiosa, Rio, Calvino, 1939;

b) Década de 40

Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática, em dois volumes, Rio, Getúlio Costa, 1940;
Matemática Divertida e Pitoresca (problemas curiosos, sofismas algébricos, recreações geométricas), Rio, Getúlio Costa, 1941;
O Bom Caminho (educação moral e religiosa), Rio, Getúlio Costa, 1942;
Matemática Divertida e Diferente (curiosidades, números cabalísticos), Rio, Getúlio Costa, 1943;
Geometria Analítica (no espaço de duas dimensões), Rio, Getúlio Costa, 1943;

Geometria Analítica (no espaço de três dimensões), Rio, Getúlio Costa, 1943;
As Grandes Fantasias da Matemática (com a origem dos números), Rio, Getúlio Costa, 1945;

O Inferno de Dante, em dois volumes (tradução anotada e comentada sob a forma de narrativa), Rio, Aurora, 1947;

O Escândalo da Geometria (estudo elementar), Rio, Aurora, 1949;

c) Década de 50

Matemática, Matemática (admissão), Rio, Conquista, 1950;

Matemática Suave e Divertida (contos e recreações), Rio, Aurora, 1951;

Didática da Matemática, em dois volumes (conceito e importância), São Paulo, Saraiva, 1951 e 1962;

Estudo Elementar das Curvas (tese para concurso), Rio, Getúlio Costa, 1953;

Folclore da Matemática (lendas, curiosidades), Rio, Conquista, 1954;

Meu Anel de Sete Pedras (folclore da Matemática), Rio, Getúlio Costa, 1955;

A Lua na Poesia Brasileira (os poetas e a lua), Rio, Lux, 1955;

Didática da Matemática (súmula), Rio, Aurora, 1957;

Técnicas e Procedimentos Didáticos no Ensino da Matemática (fatores que interferem no ensino da Matemática), Rio, Aurora, 1957;

A Equação da Cruz (publicação para um Congresso), Rio, 1959;

d) Década de 60

Alegria de Ler (antologia), Rio, Aurora, 1963;

Tábuas Completas e Formulários (logarítimos e formulários, Aritmética e Álgebra, Geometria, Trigonometria, Cálculo Diferencial, Cálculo Integral), Rio, Aurora, 1963;

Meu Caderno de Matemática (admissão), Rio, Aurora, 1964;

O Bom Caminho (extraído do livro anterior, com noções de Gramática), Rio, Aurora, 1964;

Diabruras da Matemática (edição refundida da anterior), São Paulo, Saraiva, 1966;

e) Ano de Publicação Não Mencionado

A Caixa do Futuro (novela infantil), Rio, Conquista;

f) Obras em Parceria

Em colaboração com o professor Cecil Thiré, pela Francisco Alves, Rio:

Exercícios de Matemática, em dois volumes;

Exercícios e Formulários de Geometria;

Matemática, com um volume;

Álgebra, em seis volumes (admissão, ginasial).

Em colaboração com os Professores Cecil Thiré e Euclides Roxo:

Exercícios de Matemática, em cinco volumes (ginasial).

Em colaboração com os professores Cecil Thiré e Nicanor Lembruger, pela Francisco Alves, Rio:

Matemática Comercial – Exercícios.

Em colaboração com os professores Cecil Thiré e Jurandy Paes Leme:

Pathimel (curso de desenho, 1º ano), Rio, Francisco Alves.

Em colaboração com a professora Irene de Albuquerque:

Álgebra;

Diário de Lúcia (4º ano primário), Rio, Aurora, 1964;

Exercícios de Matemática, em dois volumes;

Exercícios e Formulários de Geometria;

Matemática (admissão);

Matemática, em quatro volumes;

Tudo é Fácil (3º ano primário), Rio, Aurora, 1964.

Em colaboração aos professores Jairo Bezzera e Célia Moraes:

Apostilas de Didática da Matemática, Rio, MEC, 1958.

2.3 Entre Malba Tahan e Júlio César de Mello e Souza: a identidade de um educador

A partir dos estudos referentes à apresentação do legado de Malba Tahan e de Júlio César de Mello e Souza é interessante ressaltar as observações que vieram à luz e que merecem ser analisadas e discutidas, em função das valiosas peças que poderão recompor uma das faces de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: a de educador:

a) Durante a carreira literária de Malba Tahan, especificamente, do início da farsa literária em 1925 até 1965, o escritor delegava a Malba Tahan a autoria de todos os livros de cunho oriental (lendas, contos, novelas). Júlio César de Mello e Souza assumia, sem exceção, a autoria dos livros relacionados à ciência dos números. Entretanto, outras facetas de Malba Tahan merecem igualmente destaque, pela multiplicidade de temas que aborda enquanto autor:

Pedagogia: *O Mundo Precisa de Ti Professor, Antologia do Bom Professor, Antologia da Matemática, O Professor e a Vida Moderna, Páginas do Bom Professor, Roteiro do Bom Professor, A arte de Ser Um Perfeito Mau Professor, A Arte de Ler e Contar Histórias;*

Literatura Infanto-Juvenil: *Amigos Maravilhosos, A Onça que queria Acordar Cedo, O Tesouro de Bresa, Paca-Tatu, A Girafa Castigada, A Pequenininha Luz Azul;*

Outros títulos com temas variados: *O Mistério do Mackenzista (reabilitação dos hansenianos), Numerologia, O Guia Carajá (lendas do sertão do Brasil), Os Sonhos do Lenhador (conto chinês) e O Rabi, O Cocheiro e os Anjos de Deus (conto idiche).*

b) Em 1965, o escritor de gênero árabe Malba Tahan assume, pela primeira vez, a autoria do livro *Matemática Recreativa*, fato consolidado após quatro décadas de apropriação pessoal da imagem literária do escritor Malba Tahan pelo professor

Júlio César de Mello e Souza. Posteriormente, outros livros relacionados à Matemática também foram assinados por Malba Tahan - *Os Números Governam o Mundo, Folclore da Matemática, A Lógica da Matemática, As Maravilhas da Matemática, Problemas Curiosos e Famosos da Matemática, Matemática Divertida e Delirante, O Problema das Definições em Matemática* – o que nos revela que Malba Tahan, o escritor de gênero árabe, sutilmente, foi se apropriando dos territórios específicos do professor de matemática Júlio César de Mello e Souza, e o professor de Matemática, igualmente, foi se apropriando das estórias de Malba Tahan para seduzir e motivar o desejo dos seus alunos/leitores de aprender uma matemática ainda inexistente nos áridos desertos da educação brasileira. Pode-se afirmar que em algum momento dessa dupla convivência (1925 – 1974), as fronteiras entre o escritor Malba Tahan e o professor Júlio César de Mello e Souza passaram a não mais existir, a se completar e a se complementar num todo indivisível e indissociável. O educador legalmente mereceu a apropriação do seu pseudônimo ao lado de seu verdadeiro nome - **Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan**.

c) Entretanto, nesta compilação inicial, não encontramos um único livro de cunho oriental assinado por Júlio César de Mello e Souza. O próprio traduziu *O Inferno de Dante* e escreveu alguns livros literários - *O Bom Caminho, A Lua na Poesia Brasileira, Alegria de Ler, A Caixa do Futuro* - entretanto, em nenhum deles o escritor manifesta temas relacionados à cultura oriental (educação moral e religiosa, antologias, poesias, novelas infantis).

d) Júlio César de Mello e Souza contribuiu significativamente para o ensino de matemática no Brasil, produzindo livros didáticos destinados aos alunos dos antigos cursos primário, admissão, ginásio e secundário, ora sozinho, ora em parceria com outros educadores - Euclides Roxo, Nicanor Lembruger, Cecil Thiré, Jurandyr Paes Leme, Irene de Albuquerque, Jairo Bezerra e Célia Moraes. Cumpre mencionar também a sua valiosa contribuição ao ensino superior, especificamente aos alunos dos cursos de Matemática e de Engenharia, através dos livros *Trigonometria Hiperbólica, Funções Moduladas, Geometria Analítica no Espaço de Duas e Três Dimensões, O Escândalo da Geometria, Estudo Elementar das Curvas, Técnicas e Procedimentos Didáticos no Ensino da Matemática, A Equação da Cruz e Didática da Matemática*.

O extenso legado de Malba Tahan e Júlio César de Mello e Souza, em qualidade e em quantidade, é de tal consistência que, com o passar dos anos e décadas não diminui o interesse do público ou dos críticos; mantêm, até os nossos dias, inúmeros livros sendo publicados e vendidos no mercado editorial do Brasil e do exterior.

No Brasil, trinta e três editoras¹ publicaram os livros do educador. Atualmente, a Editora Record detém os direitos de publicação de vinte e um títulos² e tem mantido, sistematicamente, um volume significativo de vendas nos últimos dez anos:

Tabela 1: Número de vendas dos livros de Malba Tahan no período de 1992-2002.

Ano	Número de Vendas
1992	11.969
1993	11.315
1994	19.353
1995	25.965
1996	22.215
1997	48.984
1998	54.680
1999	66.449
2000	45.943
2001	50.826
2002	41.966

Fonte: Dr. Hélio Pereira, genro de Malba Tahan.

¹ José Olímpio, Comercial, F. Briguiet, Brasil América, Getúlio Costa, Conquista, Record, Typografia A Encadernadora, Francisco Alves, Círculo do Livro, Brasileira Lux, Edições de Ouro, Saraiva, Livraria Azevedo, Calvino, Freitas de Almeida, Civilização Brasileira, Ibrasa, Freitas Bastos, Pogetti, A Noite, ABC, Aurora, Bloch, Companhia Editora Americana, Grafipar, Tecnoprint Gráfica e Editora, Vecchi, Borsoi, Luz, Oficina Gráfica do Colégio Pedro II, Edicel, Cruzada da Boa Imprensa, CADES.

² De Malba Tahan: Amor de Beduíno, Aventuras do Rei Beribê, A Caixa do Futuro, Céu de Alá, Lendas do Céu e da Terra, Lendas do Deserto, Lendas do Oásis, Lendas do Povo de Deus, Maktub!, Os Melhores Contos, Mil Histórias Sem Fim – Volumes I e II, Minha Vida Querida, Novas Lendas Orientais, O Homem que Calculava, O Livro de Aladim e Salim, o Mágico; de Júlio César de Mello e Souza: Meu Anel de Sete Pedras e Matemática Divertida e Curiosa.

No exterior, seus livros estão sendo publicados pelas seguintes editoras: Editora Veron – Espanha; Editorial Limusa – México; W. W. Norton & Company – USA; Canongate Press – Escócia; Adriano Salani Editore – Itália; Panamericana Editorial – Colômbia; Vale Novak Publishers – Slovenia; Editorial Empuries - Países de Língua Catalã; Hakuyosha Publishing Co. – Japão; Editorial Presença – Portugal; Hachette Livre As – França; Kiung Moon – Coréia. Embora estejam cancelados os contratos de publicação com as editoras Mário Copetti – Venezuela, Charles Frank Publications - USA e Walter Verlag – Alemanha, novos contratos foram assinados com as editoras Pluma Y Papel e Polaris e brevemente alguns títulos serão publicados e divulgados na Argentina, Servia e Croacia.

A publicação e divulgação da obra do educador em países tão distintos e distantes permite-nos parafrasear Paulo Mansur (2002: 202-203) ao apresentar o escritor *Malba Tahan* em *Os Melhores Contos* - “através dos livros de Malba Tahan, não só os brasileiros conhecem o Oriente” – mas também os americanos, os franceses, os espanhóis, os portugueses, os venezuelanos, os mexicanos, os alemães, os escoceses, os italianos, os colombianos, os eslovenos, os japoneses, os coreanos, os argentinos, os sérvios, os croatas. Entretanto, quanto mais nos afastamos do tempo em que Mansur proferiu tais palavras, mais estrangeiros teremos para somar nesta lista interminável de leitores que, assim como os brasileiros, terão conhecido o Oriente de Malba Tahan.

O nome de Malba Tahan está gravado no coração de cada um dos sírios e libaneses do Brasil. É ele a grande figura intelectual brasileira que dedicou sua vida e seu talento à divulgação das coisas orientais em língua portuguesa. Nos seus livros, verdadeiros relicários, repletos de jóias lindíssimas, ele tem mostrado sempre um amor imenso pela raça oriental, consagrando em páginas de beleza imortal todas as virtudes dos povos da raça árabe, ressaltando a sua lealdade, a sua sabedoria, a sua bondade, a sua gratidão e o seu heroísmo. Podemos mesmo afirmar que é através dos livros de Malba Tahan que os brasileiros conhecem o Oriente.

Revestidos de uma imensa força de sugestão e poesia, os seus contos e romances têm aproximado o povo brasileiro do espírito oriental, prestando um serviço extraordinário à divulgação da cultura árabe no Brasil.

Mesmo tendo sido um dos escritores mais populares do Brasil, cujos livros estão em permanente catálogo há mais de 50 anos, parte do seu legado pedagógico só encontra um espaço de diálogo acadêmico nos últimos anos, quando a educação matemática conquista no ensino tradicional dessa ciência as esferas do saber anteriormente vislumbradas por esse “educador das arábias”: etnomatemática, matemática e linguagem, jogos, resolução de problemas, didática da matemática, entre outras.

Entretanto, os livros de cunho oriental pouco foram estudados. Uma antiga reflexão de Bueno¹, oriunda das discussões pedagógicas do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan, justifica-nos tal fato: “Malba Tahan não faz parte de um movimento literário ou de uma corrente ideológica, não é símbolo de uma época, não representa ninguém além de si mesmo”:

Não se pode negar, no entanto, a permanência de Malba Tahan como escritor notável, e o fascínio que certamente nunca deixará de exercer sobre os jovens com gosto pelo Oriente e pela Matemática. Como divulgador desta última, desempenhou em nosso país um papel comparável ao de Martin Gardner nos EUA, com numerosos livros de problemas, puzzles e brincadeiras matemáticas. Seu senso de estrutura espacial aplicado à literatura o fez utilizar, à revelia dos grupos de vanguarda e dos autores pré-estruturalistas, constantes narrativas que muito poucos autores no Brasil, mesmo hoje, se arriscariam a encarar. A medida de seu talento está na ousadia e complexidade dos seus projetos, e na simplicidade da execução.

Júlio César de Mello e Souza, que no início de sua carreira literária utilizou a túnica de Malba Tahan para revelar-nos as outras faces subocultas de um professor de matemática que sonhava com um outro cenário para o ensino dessa ciência (de diálogo permanente com a literatura e com as outras áreas do saber), demonstra-nos com o seu legado de escritor que ele cumpriu a missão assumida ao ter escolhido como pseudônimo **Malba** (oásis) **Tahan** (moleiro, aquele que prepara o trigo).

¹ Apostila: *Malba Tahan – Um Heterônimo*. s.c.p. s/d. mimeo.

O legado de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan está à espera dos educadores de nosso tempo, os caravaneiros de um deserto que “tem rumo, mas não tem estradas”. Em seus livros poderemos encontrar água para a nossa sede e alimento para a nossa fome de um saber interdisciplinar.

CAPÍTULO III

Está em mim ... não sei o que é ... mas sei que está em mim. (...).
Algo que gira sobre algo maior do que a Terra sobre a qual giro,
aí a criação é o amigo cujo abraço me desperta”.

(Walt Whitman, Canto de Mim Mesmo)

CAPÍTULO III

O EDUCADOR, A FACE OCULTA DO ESCRITOR

A missão assumida por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan “de escrever, mas escrever sobre assuntos da matemática” (Anexo 1) comprova-se no extenso legado de sua obra pedagógica, um verdadeiro “oásis” à espera de educadores que tenham sede de um saber fora dos limites da disciplina, em pleno diálogo com as novas correntes educacionais.

Em Júlio César de Mello e Souza, o escritor Malba Tahan representa uma face visível do educador; em Malba Tahan, o educador representa a face oculta do escritor, que ensinava matemática para educar.

Neste capítulo, apresentaremos algumas das contribuições de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan à educação brasileira. Em função do recorte teórico necessário, estaremos explorando apenas as contribuições relacionadas à educação matemática, à educação continuada de professores e à interdisciplinaridade. Entretanto, outros recortes pontuam as inúmeras contribuições de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan à educação brasileira, que certamente deverão ser estudadas e pesquisadas, em futuro próximo, uma vez que demonstram plena sintonia com as atuais propostas educacionais brasileiras, largamente difundidas pelo MEC, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais: ética, cidadania, pluralidade cultural, meio ambiente e saúde.

3.1 Contribuições à Educação Matemática

Sabemos que grande parte das propostas didáticas do Prof. Júlio César de Mello e Souza e do escritor Malba Tahan para o ensino e a aprendizagem de matemática era fortemente rejeitada pela comunidade acadêmica de seu tempo, já que se

contrapunham ao tradicionalismo e ao tipo de rigor que o ensino da matemática exigia para a sua época.

Suas propostas didáticas só começaram a ser aceitas no Brasil em meados da década de 80, após a implantação dos primeiros núcleos de estudo de educação matemática na USP, UNICAMP, Unesp de Rio Claro e Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro. Estes núcleos concebiam na experimentação e na discussão de problemas matemáticos do cotidiano dos alunos a chave para o desenvolvimento de uma nova proposta de ensino e aprendizagem de matemática, desvinculada do exacerbado algebrismo e aritmecismo que haviam marcado o ensino de matemática no Brasil há muito tempo.

Através de uma passagem rápida nos dois volumes da sua *Didática da Matemática*, verifica-se que Malba Tahan critica de forma contundente este algebrismo exagerado que, durante tantas décadas, impregnou o ensino de matemática no Brasil. Afirmava que “a matemática, ciência que devia ser reamanhecida pela simplicidade e beleza, aparecia destorcida e aviltada pelo algebrismo”.

Para o professor Mello e Souza (Tahan, 1961: 61), o algebrismo podia ser definido como:

O acervo imenso de teorias intrincadas; de problemas complicados, sem a menor aplicação; de cálculos numéricos trabalhosos, reloucados, dos quais o estudante nada aproveita; de questões cerebrinas fora da vida real; de demonstrações longas, complicadas, cheias de sutilezas; tudo enfim, que o professor apresenta, em Matemática, fora dos objetivos reais dessa ciência, com a finalidade única de complicar, dificultar e tornar obscuro o ensino da Matemática.

O próprio Júlio César de Mello e Souza foi uma das vítimas desse período. De forma contraditória, Malba Tahan, o gênio da matemática, foi um desastre completo nos números quando era aluno do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Notas vermelhas de Álgebra e Aritmética, como mencionado anteriormente, salpicavam seus boletins - expostos aos curiosos visitantes do Museu Malba Tahan em Queluz – SP, o que nos leva a indagar:

- Como um aluno medíocre e um professor, cuja vocação para a matemática é descoberta ao acaso, poderia se tornar esse exímio educador, que a todos encantava com seu jeito criativo de ensinar matemática: contando estórias,

utilizando recursos didáticos inovadores em sala de aula, publicando um verdadeiro compêndio de didática e metodologia da matemática, encantando tantos professores quando ministrava os cursos da CADES ou realizando suas conferências pelo Brasil afora?

- Qual seria a causa de um desempenho tão fraco para alguém que viria a se apaixonar pela matemática? Seria a didática da época que, centrada no professor, resumia a aula de matemática em cansativas exposições orais e ao registro do conteúdo e de exercícios no quadro negro? Seria a ausência de conhecimentos advindos do construtivismo, que passariam a distinguir e a respeitar a capacidade de abstração e de construção de conhecimento – imprescindíveis para a aprendizagem da matemática - das crianças e dos adultos?

Justamente por ter sido vítima desse ensino de matemática tradicional e obsoleto, que em seus livros de Didática e Metodologia da Matemática, o professor Mello e Souza defendia o uso de jogos e de resolução de problemas nas aulas de matemática, recorrendo à criatividade, ao estudo dirigido e à manipulação de objetos que possibilitassem ao aluno maior compreensão dos conteúdos apresentados e, conseqüentemente, melhor aprendizagem. Afirmava que o ensino deveria ser atraente, na medida do possível, e que para isto os professores deveriam aperfeiçoar os programas, encorajar os alunos e criar métodos de ensino capazes de envolver e encantar seus alunos.

Talvez esta didática exclusiva de Malba Tahan tenha sido a sua mais valiosa contribuição à educação, já que ela é o traço mais marcante e a maior lembrança entre aqueles que conviveram ou compreenderam o Prof. Mello e Souza.

Sérgio Lorenzato (1995: 97), que teve sua prática docente de professor universitário¹ fortemente influenciada por Malba Tahan, relata-nos no artigo “Um (Re)Encontro com Malba Tahan”, da Revista Zetétikè: “Malba Tahan ensinava Matemática com arte, conhecimento e sabedoria, propunha novas alternativas para melhorar o ensino-aprendizagem de Matemática...”

Só a título de exemplificação, vejamos uma das contraposições aos métodos rigorosos que dominavam o ensino tradicional: o professor Mello e Souza não dava

¹ Por influência de Malba Tahan, Sérgio Lorenzato decidiu tornar-se professor de Matemática, chegando a ocupar o cargo de professor titular da Universidade Estadual de Campinas durante várias décadas.

zeros, nem reprovava (Anexo 1): “Por que dar zeros, se há tantos números? Dar zero é uma tolice!”.

Entretanto, criou uma didática de sala de aula que o auxiliava a não emitir notas muito baixas: ele encarregava os melhores da turma de ajudar os mais fracos. “Em junho, julho, estavam todos na média”, garantiu o mestre no valioso depoimento que concedeu ao Museu da imagem e do Som do Rio de Janeiro (Anexo 1).

Outra forma distinta que ele adotava como professor de matemática era a valorização dos erros de seus alunos; os erros não o incomodavam, comenta Salles (1995: 6), já que, na opinião do Prof. Mello e Souza, a matemática tinha que ser uma descoberta e que para descobrir uma coisa, tem de se permitir o erro e o desejo de buscar os caminhos para a solução.

O próprio Júlio César de Mello e Souza vivenciou em suas escolhas profissionais a importância do erro. Foi graças aos erros de suas primeiras escolhas profissionais – graduando-se em Engenharia Civil, iniciou na docência das disciplinas de história, geografia e física - que ele descobriu sua habilidade com o ensino e a aprendizagem da matemática.

Ao retomar Lorenzato (1995: 95), as lembranças do professor Mello e Souza revelam-nos o quanto eram inovadoras as propostas metodológicas por ele apresentadas no curso “Metodologia da Matemática na Escola Primária”¹:

Para a sua primeira aula, Malba Tahan escolheu o estudo dos “métodos obsoletos” de ensino, comparativamente aos “métodos progressistas” e, para surpresa geral, ouvimos o mestre recomendar que, em nossas aulas, nós utilizássemos de laboratório de ensino de Matemática, de jogos matemáticos, de redescoberta, do raciocínio heurístico, de resolução de problemas, de histórias da Matemática e de aplicações da Matemática. Embora muitos desses assuntos, hoje, estejam relativamente divulgados entre nós, professores, em 1958, falar sobre eles no interior de São Paulo era tarefa apenas para um precursor.

Sobre a maneira de como o Prof. Mello e Souza ministrava o curso, Lorenzato ainda relata-nos (1995: 96):

A distribuição dos diversos temas de conteúdos a serem abordados em sala de aula recebia de Malba Tahan uma especial atenção: os mais densos ou abstratos eram sempre entremeados com os mais suaves. Assim foi que os estudos sobre conjuntos equivalentes, conjuntos

¹ Curso de extensão para professores de matemática, ministrado em São Carlos – SP, em julho de 1958.

enumeráveis, número cardinal, hiper-espaços, curvatura de espaço, condição necessária, condição suficiente, generalização, intuição, indução e dedução, entre outros, foram entremeados com a opção das abelhas (que fazem seus alvéolos hexagonalmente), a catenária (a curva que enganou até Galileu), a divisão áurea (e os padrões de beleza humana), os números primos (e a fabricação de chaves).

Além desse equilíbrio entre assuntos difíceis e fáceis, Malba Tahan empregava freqüentemente em suas aulas episódios da História da Matemática, e esta, ele conhecia profundamente. Outro recurso didático que o mestre utilizava (e gostava) era o que ele chamava de “pintura geométrica” e que consistia em, sempre que possível, ilustrar questões aritméticas ou algébricas através da Geometria.

Assim, nos anos cinqüenta, época em que educação matemática era um enfoque inexistente, o Prof. Mello e Souza apresentava em suas inúmeras conferências e cursos, opiniões, críticas e sugestões que só hoje revelam sua vanguarda inquestionável nessa ciência, o que pode ser confirmado por outros brasileiros de renome. Em entrevista especial à Revista Nova Escola¹, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do educador² (6 de maio de 1995), três depoimentos confirmam a significativa contribuição que Malba Tahan trouxe à educação matemática brasileira:

- A opinião do respeitado matemático e professor paulista Antonio José Lopes Bigode, membro da Sociedade Brasileira de Educação Matemática: “Malba Tahan estava muito além de seu tempo e o resgate de sua didática pode revolucionar o ensino”.
- Outro depoimento de Sérgio Lorenzato: “Hoje as atividades lúdicas são muito valorizadas, mas naquela época eram vistas como uma heresia”.
- O depoimento do editor de livros didáticos da Editora Scipione, Valdemar Vello: “Os tradicionalistas eram absolutamente contrários a Malba Tahan e ao seu interesse pelo cotidiano da Matemática”.

¹ Artigo: Malba Tahan, o Genial Ator da Sala de Aula. Revista Nova Escola. Setembro/1995.

² A Deputada Estadual Heloneida Stuart – autora do projeto de Lei nº 480/95 que instituiu o Dia da Matemática no Calendário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, comemorado anualmente em 6 de maio, data de nascimento de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Mesmo não tendo sido respeitado pela comunidade acadêmica de seu tempo, Oliveira (2001: 121) afirma em sua dissertação de mestrado: “Mello e Souza e Malba Tahan formaram gerações, conduziram idéias e plantaram sementes férteis no deserto do ensino da Matemática”.

Lorenzato (1995: 97) compartilha da mesma opinião de Oliveira: “Sem dúvidas, ele se tornou um marco de nossa desprestigiada história da Educação Matemática brasileira”.

Em um artigo da Revista Ensino Superior¹, e referindo-se à didática malbatahânica, Marcos Masetto (2002: 6) alega que o sucesso profissional do professor Mello e Souza foi justamente o fato de ele lecionar matemática de forma tão prazerosa, numa época em que todos eram conservadores: “Não sei se houve uma geração de professores que dava aula de forma tão criativa. O Malba Tahan foi a exceção”.

Nestas últimas décadas, a educação matemática evoluiu muito, principalmente no Brasil e, mesmo assim, o pensamento de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan mantém-se atualizado em relação às concepções de ensino e aprendizagem de matemática ditados por essa corrente pedagógica.

Hoje, fala-se em educação matemática como o conjunto dos temas que se relacionam com a arte de ensinar a ciência matemática: história da matemática, filosofia da matemática, epistemologia, sociologia da matemática, matemática para não matemáticos, etnomatemática, modelagem matemática, matemática extra-classe, matemática e linguagem, jogos matemáticos, Educação Matemática e Cidadania, Arte e Matemática, Afetividade, crenças e concepções matemáticas, recursos didáticos, vida de professores; todas resultantes das concepções, contextualizações e inquietações dos pesquisadores brasileiros que, assim como Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, se dispuseram a procurar, nas novas práticas pedagógicas, algumas soluções para os graves problemas de ensino e aprendizagem de matemática detectados pelas avaliações estaduais, nacionais e internacionais, nos três níveis de ensino brasileiros: ensino fundamental (SARESP, SAEB e PISA), ensino médio (ENEM) e superior (ENC – especificamente, nos Cursos de Licenciatura em Matemática).

¹ Artigo: Como tornar as aulas mais atraentes (sem gastar dinheiro) – 2002: 6

Suely Druck, atual presidente da Sociedade Brasileira de Matemática, em seu artigo da Folha de São Paulo “O Drama do Ensino da Matemática” (Folha Snapse, 25/3/2003) revela-nos que em todos os níveis a situação do ensino e da aprendizagem matemática é extremamente crítica e não foge à regra:

No Exame Nacional de Cursos, a média dos graduandos em matemática tem sido a mais baixa entre todos os cursos avaliados pelo MEC desde 1999; o último SAEB (Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica) mostra que apenas 6% dos alunos têm o nível desejado em matemática; e a comparação internacional é ainda mais alarmante: no Pisa (Program for International Student Assessment) de 2001 e 2003, o Brasil ficou avaliado em último lugar.

Esses desfavoráveis resultados obtidos pelo Brasil nas avaliações nacionais e internacionais de ensino-aprendizagem de matemática colocam-nos diante de um desafio: o de vencer o fracasso do ensino de matemática, que ora presenciamos. O ensino convencional que se assenta na memorização de conhecimentos gradual e linearmente apresentados aos alunos em sua forma logicamente bibliográfica tem evidenciado sua ineficácia, a mais flagrante, para a grande massa do alunado brasileiro.

Com a mesma ênfase que Druck utiliza para nos impactar com tais dados, ela também nos acalma revelando sua esperança de que o Brasil tem condições de mudar o quadro lastimável em que se encontra o ensino da matemática. Convocamos para um esforço coletivo e urgente de buscar medidas de aperfeiçoamento na formação inicial ou continuada dos professores de matemática, a fim de que possamos buscar novos caminhos de se ensinar a antiga ciência dos números, mãe de outras ciências e mestra da tecnologia universal.

Em contraposição a esse pensamento de esperança, outro quadro avaliativo poderá nos revelar a díspare dicotomia existente entre as pesquisas desenvolvidas nos atuais programas brasileiros de mestrado e doutorado em Educação Matemática e a dificuldade de inserção dessa nova produção de conhecimento no bojo dos cursos de formação inicial de professores de matemática e, conseqüentemente, no ensino fundamental e médio.

A mesma resistência que foi apresentada às propostas didático-pedagógicas de Malba Tahan há mais de sete décadas, (e que certamente, se não o tivessem sido, teríamos um outro quadro avaliativo do ensino e aprendizagem de matemática no

Brasil), impedem que essas novas metodologias propostas pela educação matemática sejam incorporadas à prática docente dos educadores brasileiros, já que suas antigas metodologias resistem ao novo, ao desconhecido, ao complexo, ao experimental.

Tendo consciência dessa grande dificuldade de aceitação e, conseqüentemente, de incorporação de novas propostas pedagógicas e de mudanças na prática educativa da grande maioria dos professores, o educador abraçou uma outra causa: a educação continuada de professores, levando aos quatro cantos do Brasil e de alguns países da América do Sul uma nova proposta pedagógica de ensino e aprendizagem de matemática.

3.2 Contribuições à Educação Continuada de Professores

À convite do Diretor da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES¹, José Carlos de Mello e Souza² (1956 – 1967), Malba Tahan assume a capacitação dos professores de matemática, lecionando Didática da Matemática e Didática Geral a muitas turmas de professores em várias estados brasileiros.

Segundo Drumond (2002: 587 – 594), os programas da CADES, atendiam prioritariamente às necessidades de cada região e no período de 1956 a 1967, as atividades realizadas foram agrupadas em três categorias; as primeiras canalizavam suas ações para o corpo técnico-administrativo das escolas e tinham como objetivo

¹ A CADES, órgão criado pelo MEC em 1956, tinha por objetivo melhorar e expandir o ensino secundário, organizar cursos de atualização dos professores em todas as unidades federadas e elevar o nível técnico - administrativo do ensino secundário em todo o País.

² No Dicionário de Educadores do Brasil, Drumond (2002: 587 - 594) retrata a vida e a obra de José Carlos de Mello e Souza que, mesmo ocupando cargos influentes na política educacional brasileira, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da matemática e das ciências nas escolas brasileiras. A sua luta política pela melhoria da qualidade de Ensino no Brasil levou-o a coordenar na CADES (1956 – 1967) programas de aperfeiçoamento de professores. Ao deixar o MEC, José Carlos de Mello e Souza retorna à sua Cátedra de Matemática no Departamento de Matemática na Universidade Santa Úrsula, exercendo também cargos na esfera administrativa: Chefe do Departamento de Matemática e, posteriormente, Chefe de Gabinete do Reitor. Na USU dedicou-se, até os 80 anos, à sua grande paixão profissional: a Matemática.

principal preparar professores e secretários para desempenhar suas funções com maior objetividade e segurança. Aí estavam os cursos para habilitação para os exames de suficiência, os de aperfeiçoamento de diretores e do magistério e os de treinamento dos secretários das escolas. A segunda grande atividade estava voltada para o apoio e continuidade dos cursos de aperfeiçoamento, os Kits de ciência e a coleção de discos para o ensino da língua francesa. A terceira importante atividade da CADES era de inovação de ensino. Ações inovadoras foram implantadas e tinham como objetivo abrir espaço para novas técnicas e métodos que surgiam no campo educacional. Os exames de suficiência eram realizados nos estados e municípios onde não existiam faculdades de Filosofia, Ciências e Letras para atender aos muitos professores que já lecionavam mas não tinham registro do MEC.

Os irmãos Mello e Souza, José Carlos e Júlio César, eram idealistas que desejavam batalhar por uma causa que havia se transformado no *leitmotiv* de ambos: a do aperfeiçoamento da educação no Brasil, especialmente no tocante ao ensino de matemática.

Numa época em que não se cogitava capacitar o professor e nem muito menos articular o trabalho docente, o conhecimento e o desenvolvimento profissional do professor, como possibilidade de uma postura reflexiva dinamizada pela práxis (Lima, 2001), Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan partilhou suas concepções de ensino, conquistou adeptos para as novas metodologias de ensino e aprendizagem de matemática, orientando professores e promovendo o que hoje se denomina Educação Continuada de Professores.



Figura 15: O educador com uma turma de professores, possivelmente da CADES

Durante os oito anos em que atuou na CADES, o Prof. Mello e Souza, esforçou-se em conceber uma nova postura reflexiva, que dinamizada pela sua própria práxis educativa, fosse capaz de minimizar o rigor e o autoritarismo presentes na prática docente da grande maioria dos professores, especialmente, dos professores de matemática. Nesses cursos, o conferencista carismático havia encontrado a abertura necessária para começar a transpor os anteparos e os muros que haviam sido colocados diante das propostas literárias interdisciplinares de Malba Tahan e das inovadoras propostas didático-pedagógicas do Prof. Mello e Souza.

De personalidade atraente, conversador, simples, sempre pronto a contar uma história, o educador tornou-se um conferencista envolvente e carismático e um professor de matemática anticonvencional e dedicado que, por várias gerações, a todos encantou com seu talento de escritor e mestre. Ele foi, realmente, um celebrado contador de histórias e *showman* da pedagogia, como, com acerto, afirmava o Prof. Lauro de Oliveira Lima.



Figura 16: Em sala de aula, o educador revela-nos a veracidade de seu “encanto”

O educador também ministrava outros cursos em todo o Brasil. Viajou de norte a sul, proferindo mais de duas mil conferências (Anexo 3) no território brasileiro e no exterior – Montevideú, Buenos Aires e Lisboa, demonstrando grande capacidade de oratória e de competência profissional.

Todas as palestras e conferências proferidas pelo educador eram metodicamente organizadas em pastas e arquivos, contendo o telegrama ou carta-convite, os originais de seus escritos, uma pesquisa histórica, geográfica e turística do local, recortes dos jornais noticiando o evento e as críticas à conferência ou à palestra ministrada.

De todas estas pastas, destacamos a de Pindamonhangaba – SP, pelo fato de ter sido uma de suas últimas conferências proferidas no Vale do Paraíba. O recorte do Jornal *Tribuna do Norte*¹, trazia muito mais que as notícias de sua brilhante presença.

Alto, muito simpático e alegre, a dicção perfeita, a dar mostras de sua longa intimidade com a oratória e seu convívio com a cátedra, ostentando orgulhosamente seu longo guardapó de professor do Colégio D. Pedro II – assim, para uma numerosa e seleta platéia, discorreu Malba Tahan sobre um tema curioso, que lhe deu oportunidade para algumas digressões humorísticas: “As aparências enganam...”.

¹ Tribuna do Norte – Pindamonhangaba, 22 de Dezembro de 1973 – Número 4.689

Autor consagrado de uma centena de livros sobre os mais variados assuntos, Malba Tahan em sua palestra, partiu da matemática, da qual é mestre, para incursionar, com graça e talento, pelo campo da ficção e das lendas, juntando sempre um apêndice conceituoso ou uma citação bíblica ao fim de suas histórias. De quando em quando, uns claros de poesia, em que ele pôs à prova a excelente memória de seus 78 anos, recitando autores de cuja intimidade ele privou, como Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Belmiro Braga, Afrânio Peixoto, e outros.

(...)

Todos nós sabemos que Malba Tahan é um emérito educador, e daí a lembrança de alguns professores, naquela noite, de convidá-lo para dar, no próximo ano letivo, algumas aulas sobre a difícil e fascinante arte em que ele é mestre: contar e escrever histórias.

Nesse artigo, encontrava-se no relato do jornalista (que não se identificara) o caráter interdisciplinar inseparável do conferencista, do professor de matemática, do escritor e do educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Em nome de uma educação que favorecesse a inteireza humana, Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan foi também se transformando na inteireza de um menino colecionador de sapos, na inteireza de um jovem professor de Matemática que buscava cumprir a sua missão de escritor, na carismática inteireza de um conferencista que a todos encantava e seduzia, na humilde inteireza do defensor da causa dos hansenianos, na inteireza de um conferencista que viajava nas estradas de ferro de norte a sul do Brasil, levando na sua grandeza de educador a proposta educativa interdisciplinar.

Essa mensagem foi levada a mais de duas mil cidades brasileiras, a incontáveis alunos do primário, do ginásio, do magistério e de inúmeras universidades, aos professores, aos políticos, aos cooperadores do Rotary Club, aos leprosos, aos menores delinqüentes e a qualquer pessoa que buscasse aprender algo mais com Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan - o andarilho da esperança, como o caracterizamos.

3.3 Legado à Interdisciplinaridade

Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan viveu cada um de seus dias intensamente, escrevendo, ensinando, dialogando, tentando conquistar outros pares

que pudessem com ele reforçar a luta por uma nova tecitura no ensino de matemática, vinculado às outras áreas do saber, aos problemas cotidianos de seus alunos e à construção do conhecimento humano necessário para resolvê-los.

Para isso não bastava depositar em seus alunos somente os conhecimentos da área específica do saber matemático. Concebe uma nova metodologia de diálogo entre a matemática e as outras áreas do saber, que embora desprovida ainda do termo interdisciplinar, continha em suas primeiras experimentações a práxis da interdisciplinaridade explicitada futuramente por outros educadores: Jean Piaget, Georges Gusdorf, Edgar Morin, Hilton Japiassu, Ivani Fazenda.

O resgate da literatura, através dos contos que utilizava para propor problemas em sala de aula e despertar em seus alunos o raciocínio, a abstração e as diferentes tentativas de resolução dos mesmos era apenas um dos artifícios interdisciplinares a que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan recorria para tornar suas aulas mais atraentes. Meidani (1997: 16) afirma que este era apenas “um dos recursos que o educador utilizava para que a matemática penetrasse a inteligência dos alunos: travestida de história”.

Outra área do saber que acompanhava o Prof. Mello e Souza em sua docência no curso primário, ginasial, secundário e até no ensino superior era a história. Ele sempre buscava contextualizar os tópicos do conteúdo de matemática que apresentava com ilustrações da história da matemática e do próprio momento histórico em que estes haviam sido concebidos. Em grande parte de sua obra, especialmente os livros relacionados à didática, metodologia e curiosidades da matemática, a história é a área do saber a que Malba Tahan freqüentemente recorre para ensinar matemática.

Entretanto, nos seus livros literários encontramos a maior área de intersecção utilizada pelo escritor para educar e ensinar: a literatura e a linguagem, especialmente, a árabe.

Dos estudos de Meidani (1997) para a sua dissertação de mestrado, intitulada *Malba Tahan: Matemática, Literatura e Educação*¹ a pesquisadora delineia as interfaces entre a literatura e o ensino de matemática presentes no universo interdisciplinar da matemática e da literatura da ação educacional do professor Mello e Souza e do escritor Malba Tahan para apresentar, de forma crítica, algumas

¹ Dissertação de Mestrado submetida a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientada pelo Prof^o Dr. Luiz Jean Lauand, em 1997

narrativas paradigmáticas que, destacando o caráter árabe da proposta pedagógica malbatahânica e o caráter tributário da forma narrativa árabe, juntos traduzem uma ação comunicativa do sistema língua/forma.

Em síntese, o trabalho de pesquisa de Meidanni (1997: 147-148) revela-nos:

(...) Malba Tahan pretendia construir um ser humano melhor e, para isso, escolheu a matemática.

Numa breve revisão de tudo o que já se disse aqui – desde a incansável busca da personagem em tela pelo permanente aprimoramento de seu trabalho até a concepção do ensino como iniciação, passando por uma visão da matemática como parte inalienável do patrimônio cultural da humanidade, dos alunos como seus mais legítimos herdeiros e da forma narrativa como recurso privilegiado para a efetivação dessa posse -, é nítida a adequação da escolha: a matemática era, para Malba Tahan, matéria muito importante e querida. Que melhor contribuição pode dar um professor ao projeto – que deveria ser de todos nós – de tornar o ser humano melhor e, eventualmente, contribuir para melhorar o próprio mundo do que ensinar, cada vez melhor, aos seus alunos a disciplina que acredita ser a *sua* forma de ver a realidade, por meio da qual encontra alegria e prazer?

Meidani (1997: 14) também afirma que o autor utiliza a língua/pensamento árabe não ao acaso, mas a serviço de objetivos didático-pedagógicos para o ensino de matemática. Nisso reside a grande genialidade do Prof. Mello e Souza ao assumir a identidade e a personalidade de Malba Tahan: ele não assume apenas o turbante e *narguilé de um árabe, mas o ethos árabe* naquilo que tem de mais genuíno e profundo, com a única finalidade de ensinar uma matemática divertida, curiosa, recreativa, folclórica, fantasiosa, completamente distinta da matemática tradicional, algebrista e rigorosa que imperava nas escolas brasileiras de sua época.

O olhar da arte da imagem também freqüentava suas produções literárias, ora ilustrando seus contos, ora estampando com outras cores o ensino das geometrias, euclidiana e não-euclidiana.

A geografia do Oriente sempre foi o plano terrestre eleito para o cenário de suas lendas, contos e novelas: o paralelo entre a geografia do Ocidente era uma decorrência implícita advinda dessas leituras, principalmente para os leitores brasileiros e os da América do Sul. O mesmo paralelo traçamos quando contextualizamos aspectos da cultura e da tradição oriental com os valores e os princípios da cultura ocidental.

Em relação à língua estrangeira, Malba Tahan utilizava especificamente, a árabe. Encontramos na grande maioria de seus livros, principalmente nos literários,

manuscritos, provérbios e citações em árabe, normalmente com as devidas traduções em notas de rodapé ou em glossários.

Muito mais que tentar interagir a matemática com as demais disciplinas do currículo escolar mas, sobretudo, buscando ensinar uma matemática mais criativa, mais rica de significados e mais significativa para os seus alunos, o Prof. Mello e Souza, aliado ao escritor Malba Tahan, ia criando novas estratégias de ensino e aprendizagem da disciplina, testando-as em seus alunos e em seus leitores, buscando não perder o fio condutor do saber integral, que transcendesse os muros disciplinares explorados e contribuísse para a formação integral do ser humano que delas se aproximassem, quer sejam alunos e/ou leitores.

Educar para a inteireza humana era a grande missão escolhida por esse educador, quando assumiu a responsabilidade de ensinar matemática. Pode-se seguramente afirmar que embora o cenário da maioria de seus trabalhos tenha sido a matemática, ela apenas servia como um foco condutor dos valores éticos e dos outros conhecimentos que o educador explorava, enquanto subia “as oito casas do tabuleiro da vida”.

O que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan buscava em pleno início do século XX era “resituar o saber, que ora se encontrava parcelado, mutilado e disperso” (Petragila, 1995: 68), super valorizado pelo caminho da especialização, do progresso e do desenvolvimento técnico e científico.

Das ações solidárias desse educador, da sua prática docente, da sua produção literária, da sua maneira de ser e estar neste mundo, transparecem inúmeros valores éticos que a humanidade cultivava como verdadeiros e que foram, pouco a pouco, se perdendo na luta pela sobrevivência e na falta de luz interior da grande maioria dos homens e das mulheres que sobrevivem na atual civilização.

O exercício do olhar sobre a pedra de valor que o professor Mello e Souza, o escritor Malba Tahan e a pessoa de Júlio César de Mello e Souza foram se constituindo, ao longo da escalada indissociável do professor-escritor/escritor-professor, obriga-nos a reconhecer que graças a essa integração que temos “toda a genialidade e atualidade de sua proposta pedagógica” como nos afirma Meidani (1997: 17): “entre as características mais marcantes do professor, do autor e da pessoa do Prof. Júlio César de Mello e Souza, encontramos, como era de esperar, um ser humano integrado e em perfeita harmonia com seus anseios e as

necessidades de seu entorno. Dessa integração deriva toda a genialidade e atualidade de sua proposta pedagógica”.

Das significativas contribuições desse educador especialmente à educação matemática, à educação continuada de professores e à interdisciplinaridade, podemos esperar que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan poderá ser reconhecido como uma peça de valor no tabuleiro da educação brasileira.

Quanto mais nos aproximamos de sua história de vida, e quanto mais pesquisamos a sua obra, tanto mais descobriremos nas suas propostas literárias e didático-pedagógicas que, embora tenham escandalizado professores e acadêmicos de seu tempo, demonstram estar em perfeita harmonia com as atuais propostas educacionais presentes no Brasil e no mundo.

O caráter interdisciplinar de sua ação pedagógica e de sua produção literária contemplará apenas mais um dos recortes teóricos possíveis advindos de seu legado de escritor e de educador, e a pequena contribuição que pretendemos trazer com a presente pesquisa constituirá o florescer de apenas uma das sementes lançadas pelo educador no deserto da educação brasileira nos anos 30: a sua prática educativa interdisciplinar.

CAPÍTULO IV

Escuta, beduína, escuta! Quando abandonaste a minha tenda tomei do cálamo e
escrevi o teu nome na capa do meu Alcorão.

lasra! E todos os dias, no silêncio da prece, a saudade vem, como o tigre dos
juncais, bramir no fundo do meu coração!

Es-san-aleika! A minha promessa, ó beduína!, não foi escrita na areia incerta do
deserto. Por isso é que verás o teu nome repetido em quase todas as páginas deste livro.

Só Allah sabe a verdade. Uassalam!

Oásis de Halib, 7 da lua de Rebiah, 1904

(Malba Tahan, Minha Vida Querida)

CAPÍTULO IV

INTERDISCIPLINARIDADE: O OLHAR DE IVANI FAZENDA

Numa dimensão interdisciplinar, um conceito novo ou velho que aparece adquire apenas o encantamento do novo ou o obsoleto do velho. Ele só não adquirirá significado e força se for estudado no exercício de suas possibilidades. A imagem que me vem à cabeça é a dos dois mil esboços realizados por Picasso ao compor Guernica – a totalidade conceitual dessa obra foi gestada na virtude da força guerreira, no desejo transcendente de expressar liberdade. A magnificante força que dela emana, o impacto que sentimos quando dela nos aproximamos encontra-se na harmonia de cada detalhe, na beleza da vida e na crueza da morte, assim como na crueza da vida e na beleza da morte. Razão e emoção compõem a dança de luz e sombra da liberdade conquistada.

*Ao contemplá-la, cada um de nós chora e ri a partir dos sonhos anunciados, das instituições subliminares, no jogo explícito das contradições, de história configurada. Picasso cuidou interdisciplinarmente de cada aspecto de sua liberdade pessoal, exercitou-o ao compor um conceito universal de liberdade. **Ainda estamos por viver esse exercício nos educadores.** Geralmente cuidamos da forma, negligenciamos a função, a estética, a ética, o sagrado que cobre o cotidiano de nossas proposições educativas ou de nossas pesquisas.*

Considerando uma das mais belas imagens que Fazenda (2001: 18-19) utiliza para exemplificar a afirmação de que num processo interdisciplinar é preciso olhar o fenômeno sob múltiplos enfoques, e ele só adquirirá significado e força se for estudado no exercício de suas possibilidades, assim como fez Picasso ao compor uma de suas obras mais famosas (Guernica), refletimos, freqüentemente, na frase “Ainda estamos por viver esse exercício nos educadores” e, conhecendo, da forma que buscamos conhecer, a vida e a obra de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, não podemos negligenciar o fato de que já vivemos, sim, esse exercício na educação brasileira.

Quanto mais aprofundamos o olhar investigativo pesquisando a vida e a obra desse “educador das arábias”, tanto mais descobrimos a riqueza do seu legado e o caráter de vanguarda inquestionável de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, esse visionário educador que plantou nos desertos da educação brasileira, as sementes da educação matemática, da educação continuada de professores, da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade e de outras esferas educacionais pouco ou ainda inexploradas.

O resgate de sua memória, de suas idéias e de sua obra revela-nos a ousadia de um educador que não se conformou em repetir e copiar os métodos e as técnicas de ensino de matemática que estavam impostas; procurou, sim, construir ambientes de aprendizagem, principalmente de aprendizagem matemática, totalmente distintos do gradil didático-metodológico da disciplinaridade que vigorava nas escolas brasileiras das primeiras décadas do século passado.

A indissociável presença do professor que contava histórias para ensinar matemática e do escritor que ensinava matemática através de histórias se foi transfigurando na face visivelmente interdisciplinar desse educador que sabia tornar-se o “fio anônimo que unia as pedras” da matemática com a literatura, a história, a geografia, a arte, a cultura oriental, a ética, a cidadania, a solidariedade – “e se imolava anônimo para que todas fossem um”.

O ensino e a aprendizagem de matemática, que haviam sido aviltados de sua essência *mathema* (todos os conhecimentos adquiridos pela experiência) e reduzidos apenas à técnica de ensino (*tica*), encontra nas inter-relações dialógicas da matemática com a literatura de Malba Tahan e destas com as demais áreas do saber a sua dimensão inicial de uma ciência “reamanhecida” pela sua simplicidade e beleza e que poderia viver em constante diálogo com as demais atividades da humana inteligência.

Marginalizado pela Academia, assim como Georges Gusdorf e outros educadores haviam sido na Europa dos anos 60, Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan percorreu um caminho solitário e único; tão solitário que poucos educadores brasileiros conhecem a sua verdadeira história e as suas contribuições como educador. Seu legado, uma coleção de mais de cem obras, é expressão autêntica de um pensador íntegro, que jamais mudou o seu “roteiro no areal” para ter em seu caminho outra companhia além das suas crenças e suas concepções educativas.

Assim como o tempo apagou da memória dos homens as histórias do rei Hassan Kamir, o sulco sinuoso do rumo desse educador no areal está sendo “apagado pelo simun devastador que tudo apaga e que arrebatada da História, nomes, guerras, paixões e dinastias!” Entretanto, sábio foi Júlio César de Mello e Souza ao criar, em torno da sua vida de escritor, a lenda de um árabe que morreu lutando pela liberdade de uma tribo na Arábia Central. Essa lenda, tão cheia de encanto e fantasia, serviu para perpetuar na memória dos homens o nome daquele que nelas

sempre figura, Malba Tahan, um escritor que “a história esqueceu e que suas ‘histórias’ tornaram célebres e o imortalizaram”.

De todos os roteiros que este “beduíno atrevido e cheio de fé” traçou no terreno da educação brasileira, apenas um assumimos como missão desvelar: o roteiro da interdisciplinaridade.

Por isso, recorreremos à concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda, uma educadora que transita entre a teoria e a própria prática interdisciplinar, que construiu nesses anos que se dedica à causa da Interdisciplinaridade um considerável legado, registrados em seus livros, em seus artigos e nas produções orientadas nessa área¹, a fim de colocar em evidência o educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, um exemplo típico de fecundidade de uma mente interdisciplinar

Assim como uma *ponte*, transitamos entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, buscando conhecer no legado de Ivani Fazenda os pontos de sintonia relacionados à prática interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Assim como um *espelho*, buscamos nos dois legados imagens e reflexos, que são distintas, mas que espelham a interdisciplinaridade e, por isso, possam validar uma prática docente e um legado literário que foram colocados à margem da educação brasileira, mas que merecem ser resgatados para iniciarmos um diálogo com aqueles que hoje, certamente, seriam os seus pares.

Por isso, retomamos os caminhos suscitados pelos educadores brasileiros Hilton Japiassu e Ivani Fazenda, os precursores da interdisciplinaridade no Brasil, e eles nos encaminham à Europa dos anos 60 e aos seus mestres, Jean Piaget e Georges Gusdorf, educadores por excelência, que mesmo atravessando as obscuridades de mudanças de paradigmas instaurados naquele momento cultural e histórico, não se renderam aos entraves acadêmicos e à busca de novas concepções de ensino para além da disciplinaridade e do paradigma da simplicidade.

¹ Segundo Kachar (2001), só no pós-graduação em Educação: Currículo da PUC-SP, 52 produções foram orientadas por Ivani Fazenda nessa área: 13 teses de doutorado e 39 dissertações de mestrado. Não foram contabilizadas suas produções no Programa de Mestrado em Educação da Universidade da Cidade de São Paulo (Unicid), cujo núcleo temático é Interdisciplinaridade, Formação e Aprendizagem.

Com Edgard Morin, Bassarab Nicolescu e Isabel Petraglia, enveredamos pelo paradigma da complexidade, buscando na compreensão desses duplos movimentos de simplicidade/complexidade, ordem/desordem, certeza/incerteza, compreender os novos caminhos que os educadores teriam que trilhar para ajudar a humanidade a atravessar esse túnel obscuro que nos levaria a compreensões mais amplas e mais profundas da complexa teia de ligações do ser e do saber – a pluridisciplinaridade, a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

A opção pelo foco da **interdisciplinaridade**, antes mesmo de um maior aprofundamento nas questões da pluri, da multi e da transdisciplinaridade, justificase pelas antigas aventuras do nosso ser *pessoal e profissional* em acompanhar o percurso individual e coletivo de Ivani Fazenda de transformar a práxis educativa brasileira numa práxis interdisciplinar e, também, ao desvelar o solitário e fecundo caminho trilhado por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, semeando a interdisciplinaridade no desértico cenário educacional brasileiro da primeira metade do século XX.

Após esses tantos anos de efetivo estudo e pesquisa sobre a interdisciplinaridade no Brasil, haveremos de honrar e reconhecer o trabalho pioneiro de Hilton Japiassu, no campo filosófico e, sobretudo, de Ivani Fazenda, no campo pedagógico¹. A missão por eles assumidas em favor da interdisciplinaridade em nosso país e do esforço pioneiro dos educadores brasileiros nesses trinta anos de estudos e pesquisas, contribuíram significativamente para fomentar o diálogo da interdisciplinaridade na academia brasileira, criar grupos de estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade - principalmente nas grandes universidades do país, produzir pesquisas e tentar inserir a interdisciplinaridade nas práticas educativas das escolas brasileiras.

Embora muitos educadores ainda resistam ou a ignorem, a interdisciplinaridade no Brasil definiu um espaço coletivo e dialogal para os saberes, conquistou educadores e pesquisadores e graças a esse esforço coletivo, o Brasil é hoje reconhecido pela UNESCO como Centro de Referência Mundial nas questões da interdisciplinaridade.

¹ Ivani Fazenda coordena o GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade, na PUC/SP e o NEPI - Núcleo Emergente de Pesquisa Interdisciplinar, na UNICID/SP.

Reviver a caminhada da interdisciplinaridade na educação brasileira e, posteriormente, a caminhada de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan nesta seara, será “um grande desafio, mas, sobretudo, um ato de paixão, de humildade e de coragem”, como afirma Guimarães (2002: 22): “... uma dissertação ou tese é um ato de paixão, elaborá-las numa perspectiva interdisciplinar é um ato de paixão e de humildade, mas, também, de coragem – trabalhar o saber numa perspectiva interdisciplinar é não temer desafios”.

4.1 Alicerces Iniciais da Interdisciplinaridade

Historicamente, sabe-se que a idéia de interdisciplinaridade surgiu na Europa, no final dos anos 60, como exigência estudantil de uma nova escola e de uma nova universidade, que articulasse no ensino e na pesquisa o diálogo entre as diversas áreas do saber. Na época, havia uma oposição flagrante à denominada “educação por migalhas”, que se condicionava por uma especialização excessiva, denominada por Hilton Japiassu (1976), de uma verdadeira “patologia do saber”.

A discussão que pairava sobre os acadêmicos do valor do conhecimento específico das ciências e a possibilidade de extrapolar os seus limites foi uma das bandeiras assumidas por Jean Piaget, ao final dos anos 60, nas quais foi sendo gestada, antes mesmo da teoria da interdisciplinaridade, as primeiras concepções de transdisciplinaridade. Sobre este fato histórico, Ivani Fazenda, em seu artigo¹ *A teoria fecunda e a prática difícil da interdisciplinaridade*, esclarece-nos: “Piaget após longa investigação sobre a complexidade dos limites da ciência, numa atitude de liberação das amarras que impediam o afrouxamento das fronteiras, cria o conceito de *transdisciplinaridade*, imaginando com ele, a possibilidade de transgressão dos principais paradigmas fechados das ciências convencionais da época”.

A escola, que nessa época assumia o seu papel de transmissora de conhecimento e formadora de novos cientistas, também iniciava o questionamento

¹ Revista abc educatio. Ano 3 – Número 17. São Paulo, Editora Criart.

da ciência convencional, da organização das disciplinas e do currículo, buscando secundarizar a ortodoxia cientificista em prol das pesquisas fronteiriças entre as disciplinas que seriam responsáveis por um novo ordenamento curricular, que pudesse favorecer uma nova formação de alunos e, conseqüentemente, de existências mais humanas.

Entretanto, a nova “desordem” científica, que certamente acarretaria um “caos social” não foi bem recebida naquele contexto europeu ordenado historicamente pelos parâmetros de um modelo de ciência desenvolvida e acabada - a ciência moderna, estruturada pelas contribuições científicas de Francis Bacon, Galileu, Descartes e Newton – e que servia de inspiração e alicerce à filosofia e às demais ciências há mais de cinco séculos.

As estruturas desse paradigma newtoniano-cartesiano não podiam ser abaladas e, por isso, “as instituições resistem e até mesmo impedem os espíritos que desejam se reformar de efetuarem esta reforma”. Fazenda, no artigo anteriormente citado, relata-nos ainda que muitos adeptos de uma abertura de fronteiras foram colocados à margem da Academia e que entre eles estavam Georges Gusdorf, que, como Piaget, foi precursor da interdisciplinaridade.

Superando as resistências e os impedimentos da Academia, a teoria da interdisciplinaridade foi sendo gestada no laboratório de Jean Piaget e os caminhos que seriam traçados para sua implantação na educação pressupunham a não-fragmentação do saber e um maior dinamismo para operar as mudanças que surgiam em decorrência do próprio avanço desta ciência, mas que não eram suficientemente capazes de romper a parede milenar da transmissão de antigos conhecimentos científicos cristalizados nas grades e nos componentes curriculares “depositados” nos alunos das escolas e das universidades do mundo inteiro.

Uma mudança de atitude nas esferas educacionais era um imperativo urgente, uma vez que o avanço da ciência adquiria um ritmo tão intenso que a natureza e o volume do conhecimento científico produzido nas últimas décadas superava o legado científico que a humanidade havia concebido durante séculos.

Além disso, a complexa rede de inter-relações de conhecimentos produzidos clamava pela formação de um novo ser humano, *sapiens e demens*, que pudesse somar novas redes ao conhecimento sistêmico, que tivesse capacidade de compreender a complexidade do ser e do saber, o jogo dialógico da ordem e da desordem, o duplo desafio da religação e da incerteza (Morin, 2000).

O paradigma dominante de disjunção e de redução a que obedecíamos cegamente apontava-nos não só um caminho de superação mas, sobretudo, da necessidade de “se resituar o saber que ora se encontrava parcelado, mutilado e disperso. Saber este, herança do Século XX, em que buscava-se o desenvolvimento técnico e científico, valorizando-se a especialização como único caminho para o progresso, em detrimento da unidade e da complexificação” (Petraglia, 1995: 68).

A grande lição aprendida nos domínios desse paradigma - quanto mais se separa mais se reduz, quanto mais se reduz, menos se sabe das outras partes e do todo – levou-nos a conceber no bojo da grande crise social, cultural e científica da humanidade, o paradigma da complexidade,

Essa crise, instaurada principalmente nas últimas três décadas do século passado, trouxe para o limiar do século XXI “o desafio de educar numa cultura tecnológica, informatizada, pluralista, com profundas diferenças sociais e passando por muitos processos de mudanças nas mais diferentes áreas - ética, política, econômica, religiosa, de relacionamento interpessoal etc...” (Santos Neto, 1998: 18).

Edgar Morin, ao se dirigir aos educadores franceses em uma de suas conferências¹, esclarece com tanta coerência a gênese dessa crise científica que optamos por apresentá-la na íntegra:

(...) até os anos 70, todo o pensamento era fundado inconscientemente num princípio de ordem. O universo físico era totalmente determinado. Era uma espécie de uma máquina perfeita que girava por toda a eternidade. A vida era totalmente determinada e acreditava-se mesmo que a história seguia um progresso automático, em função das leis pré-estabelecidas.

Esta idéia caiu por terra em quinze anos, sob a influência de fatores muito favoráveis. Primeiramente vimos com Prigogine, na física, os problemas da termodinâmica e da agitação desordenada que, no entanto, é capaz ao mesmo tempo e em certas condições, de tirar a ordem. Vimos com Monod, mesmo se a tese era excessiva, que o acaso representava um papel na organização e na evolução. A termodinâmica, a microfísica, a biologia, os pensamentos como o de Von Foerster que impulsionou a idéia “*order form noise*” a ordem a partir do ruído ou o pensamento de Atlan... Tudo isto criou um estado de tal comoção que, hoje, sabemos que o universo físico evolui através das desordens, algumas destruidoras, mas outras que cooperam para desenvolvimentos organizadores. Vimos que a vida não é um processo linear, mas um processo aleatório, que comporta não poucas desordens. Vemos que a história das sociedades humanas – é a evidência, mas a escondemos por muito tempo, comporta enormes desordens e muitas são absolutamente positivas, porque significam também a liberdade. Ou seja, começamos a conceber que para compreender tudo o que acontece, tanto do ponto de vista físico, humano, biológico, como social e

¹ Rencontre Avec Edgar Morin – Pour Réforme de La Pensée

psicológico, não podemos absolutamente opor ordem e desordem, não devemos mesmo expulsar a ordem para colocar a desordem no seu lugar; é preciso ver este dialógico, esta complementariedade no antagonismo das noções de ordem e desordem, graças às quais nascem as organizações, isto é, os sistemas. (Petraglia. 1995: 97-98)

Responder ao desafio imposto por esta crise paradigmática numa perspectiva educacional, eficiente e eficaz, tornar-se-ia a grande tarefa imposta aos educadores e aos profissionais da educação de nosso tempo.

Desde que a disciplinaridade foi colocada em xeque pelo paradigma da complexidade, muitos educadores tomaram para si duas tarefas: de descobrir outros caminhos para a efetiva transmissão dos conhecimentos adquiridos pela humanidade e de produzir novos saberes, a partir de uma rede de conhecimentos, para a continuidade do desenvolvimento cultural, social, científico e tecnológico da atual civilização.

A discussão e os avanços que naturalmente vêm ocorrendo em todos os segmentos da sociedade conquistaram nas escolas e nas universidades o seu maior espaço. Na história da educação, nunca se produziu tanto e em tão pouco tempo quanto nestes últimos trinta anos. Os congressos, os simpósios, os colóquios e os encontros de educadores constituem a prova mais evidente de que os educadores do mundo todo têm buscado novos caminhos para ensinar e aprender a complexidade do ser e do saber. Nesse movimento de troca de experiências e de diálogo entre os educadores dos cinco continentes, a busca de novas práticas educativas, capazes de educar os seres humanos na sua condição de complexidade, confirma o anseio universal de não só educar a humanidade para viver e sobreviver no paradigma da complexidade, mas, sobretudo, com a complexidade em que e na qual está mergulhada.

Diante do antigo currículo escolar - mínimo e fragmentado, linear e reducionista, pré-estabelecido pelo paradigma da simplicidade - como poderíamos responder à visão do todo, à estruturação de um conhecimento uno, que favorecesse aos seres humanos do século XXI a aprendizagem do *aprender a ser* complexo, do *aprender a fazer* na complexidade, do *aprender a conviver* com a complexidade e do *aprender a aprender* para a complexidade?

Ao apresentar os quatro pilares do conhecimento – *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da instrução; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o

meio envolvente; *aprender a viver junto*, a fim de participar e cooperar em todas as atividades humanas; *aprender a ser*, via essencial que integra as três vias do saber precedentes - Jacques Delors (1998: 89 - 90) afirma que “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”. Portanto, ele conclui:

Já não é possível nem mesmo adequada, uma bagagem escolar mais pesada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo de mudança.

Os novos pilares do conhecimento deixaram de ser estáticos e irremovíveis; o mundo dinâmico e em constante mutação exige um novo desafio para a educação: a formação permanente dos indivíduos. Frederico Mayor, Diretor Geral da UNESCO, salienta em seu discurso no Colóquio Internacional de Educadores (Paris, 18-19 de junho de 1994) que essa nova concepção de educação – mais ampla e ao longo da vida – é uma idéia essencial dos nossos dias e deve “antes de mais nada, fazer despertar todo o potencial daquele que é, ao mesmo tempo, o seu protagonista e último destinatário: o ser humano, o que vive hoje aqui na Terra, mas também o que nela viverá no dia de amanhã” (Delors, 1998: 85).

Para responder a tal desafio, dois imprescindíveis movimentos devem nortear a reflexão dos educadores do nosso tempo: de análise em profundidade (verticalização) sobre os caminhos educacionais já trilhados pela humanidade no paradigma da simplicidade e também de visualização ampliada (horizontalização) dos caminhos que deveremos trilhar para implantar nas esferas educacionais as novas redes de conhecimento presentes no paradigma da complexidade. Pedro Demo (1999) ao abordar a vocação verticalizada da ciência moderna, ou seja, a especialização e a complexidade horizontalizada da realidade, enfatiza que a verticalização não supre a necessidade abrangente da complexidade, enquanto que a horizontalização, como regra, é sempre superficial, porque olha de cima e não por dentro. Também enfatiza que devemos garantir que a visão complexa seja – ela também – suficientemente profunda, para ser considerada científica. Ou seja, sem a profunda reflexão *do onde viemos* - dos caminhos e dos descaminhos da

disciplinaridade - e sem a ampla visualização *do para onde queremos ir*, como iniciar um trabalho pedagógico que rompa o estático gradil da *disciplinaridade* - que isola e aprisiona – e liberte o conhecimento para o dinâmico mundo da complexidade?

Tarefa hercúlea assumida por diversos pensadores e educadores (Piaget, Gusdorf, Berger, Apostel, Bottomore, Dufrene, Mommsen, Morin, Palmarini, Smirnof e Ui, Asa Brigs, Guy Michaud, Heackhausen, Jantsch, Bastide, Japiassu, Fazenda, entre outros), porém, não finalizada, já que a dificuldade de se integrar os conhecimentos reside na manutenção do cartesianismo científico e dos preconceitos positivistas e cientificistas presentes *ainda* nas nossas escolas e, principalmente, nas universidades (Japiassu, 1979).

A necessidade indispensável de laços entre as diferentes disciplinas e a busca pela integração do conhecimento traduziu-se pelo surgimento de quatro conceitos não-disciplinares: a pluri, multi, inter e transdisciplinaridade.

Fazenda (1993: 31) revela-nos que há uma gradação nesses conceitos, que se estabelece na esfera de coordenação e cooperação entre as disciplinas, propondo a prática interdisciplinar:

Assim sendo em âmbito da **pluri** e da **multidisciplinaridade**, ter-se-ia uma atitude de justaposição de conteúdos de disciplinas heterogêneas ou a integração de conteúdos numa mesma disciplina. Em termos de **interdisciplinaridade**, ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados, dependendo basicamente de uma atitude cuja tônica primeira será o estabelecimento de uma intersubjetividade. A interdisciplinaridade depende, então, basicamente, de uma mudança de atitude perante o problema do conhecimento, da substituição de uma concepção fragmentária pela unitária do ser humano.

O nível **transdisciplinar** seria o mais alto das relações iniciadas nos níveis pluri, multi, interdisciplinares. Além de se tratar de uma utopia, apresenta um incoerência básica, pois a própria idéia de uma transcendência pressupõe uma instância científica que imponha sua autoridade às demais, e esse caráter impositivo da transdisciplinaridade negaria a possibilidade de diálogo, condição *sine qua non* para o exercício efetivo da interdisciplinaridade. Quanto a multi ou pluridisciplinaridade, implicando apenas a integração de conhecimentos, poderiam ser consideradas etapas para a interdisciplinaridade.

Segundo Petraglia (1995), Edgar Morin define interdisciplinaridade como a colaboração e comunicação entre as disciplinas, guardadas as especificidades e particularidades de cada uma; por transdisciplinaridade entende o intercâmbio e as articulações entre elas. O pensador francês (1998: 217) faz crítica à

interdisciplinaridade, revelando-nos que na transdisciplinaridade – tendência a que é favorável - há a superação e o desmoronamento de toda e qualquer fronteira que inibe ou reprime, reduzindo e fragmentando o saber e isolando o conhecimento em territórios delimitados: “Mas a Interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas quanto a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer a sua soberania territorial, e, a custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de se desmoronarem”.

A multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, que ao primeiro olhar investigativo mostravam guardar como semelhança a não-disciplinaridade, escondem distintas especificidades que até hoje têm sido alvo de discussões, conceituações e reconceituações entre aqueles que tomaram para si a tarefa de contribuir com a queda do muro disciplinar a que a humanidade havia sido aprisionada dentro dos limites do cartesianismo e do cientificismo.

De todos os teóricos pesquisados, revisitamos Basarab Nicolescu (1999) que, além de apresentar a sua concepção para os mesmos termos, apazigua as divergências encontradas nas diferentes concepções, bem como desata os nós e os entrelaçamentos da pluri, multi, inter e transdisciplinaridade: “A disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento”.

4.2 A Interdisciplinaridade no Brasil e no Mundo

Segundo Fazenda (2001), nas décadas de 70 e 80, o Brasil contava com um número reduzido de pesquisas na temática da interdisciplinaridade e com uma bibliografia pouco difundida. Porém, no final dos anos 80 e início dos 90, começam a surgir, em diversos outros países, centros de referência que reunindo pesquisadores em torno da interdisciplinaridade, disseminaram - se, influenciando e interferindo diretamente nas reformas educacionais do ensino fundamental e médio de diversas instituições.

No Canadá, podemos citar o Centro de Pesquisa Inter-Universitária sobre a Formação e a Profissão/Professor (CRIFPE) e o Grupo de Pesquisa sobre Interdisciplinaridade na Formação de Professores (GRIFE) coordenado por Yves Lenoir; na França, temos o Centro Universitário de Pesquisas Interdisciplinares de Didática (CIRID), coordenado por Maurice Sachot; nos Estados Unidos, os pesquisadores Julie Klein, da Wayne State University, e William Newell, da Miami University, trouxeram significativas contribuições às reformas educacionais americanas.

Na década de 90, os pesquisadores Gerard Fourez, da Bélgica, Maritza Carrasco da Universidade Santa Fé na Colômbia e Heloísa Bastos da Universidade Federal do Recife unem-se ao grupo canadense de Montreal, Vancouver e Quebec, estudando e pesquisando as questões interdisciplinares na educação.

Entretanto, a grande contribuição do Brasil à interdisciplinaridade nasceria no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade na Educação – o GIPE, coordenado por Ivani Fazenda, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que desde a sua origem – 1986 – já produziu mais de 50 pesquisas sobre diferentes aspectos da interdisciplinaridade na educação¹.

Esse grupo, assim como os grupos estrangeiros, disseminaram-se para outras universidades, ampliando e possibilitando o diálogo interdisciplinar em outros estados brasileiros.

Embora hoje tenhamos conquistado reconhecimento internacional no âmbito das pesquisas sobre a interdisciplinaridade, no âmbito nacional vivenciamos entraves políticos e educacionais que não favorecem a presença da interdisciplinaridade na grande maioria das escolas brasileiras.

Como educadores, somos testemunhas de uma ambigüidade: desde a década de 70 as reformas na educação brasileira têm acusado a necessidade de partirmos para uma proposição interdisciplinar; entretanto, a interdisciplinaridade não tem sido bem compreendida, mesmo nas décadas subseqüentes: 80 e 90 (Fazenda, 1979, 1984, 2001).

¹ O artigo *Produção Bibliográfica*, de Vitória Kachar (2001: 247-255) apresenta o mapeamento de todas estas pesquisas, resultado do percurso de Ivani Fazenda estudando e investigando a Interdisciplinaridade no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP.

Em seu livro *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro*, Ivani Fazenda (1979) já denunciava o preconceito de alguns em aderir à interdisciplinaridade, julgando-a, quase sempre, como uma aventura, ou um diletantismo; aderir a ela, para muitos, significava ainda rejeitar a especialização. Esse tipo de trabalho persiste ante a perspectiva de instaurar-se uma metodologia interdisciplinar, com medo de que em nome do restabelecimento de uma atitude global, perca-se a unidade do particular.

Por mais que muitos educadores não a compreendam e, por isso mesmo, tenham por ela essa atitude crítica, destituída muitas vezes de uma teoria mal interpretada e de uma práxis interdisciplinar não efetiva, a interdisciplinaridade deixa, cada vez mais, de ser questão periférica para se tornar objeto central dos discursos governamentais e legais no Brasil e no mundo, principalmente depois que a Unesco a escolheu como tema da educação mundial para a próxima década.

4.3 Interdisciplinaridade: uma questão de atitude

Iniciemos a elucidação do conceito de **interdisciplinaridade** pela metáfora do olhar, analisando, a princípio, a etimologia da palavra *interdisciplinaridade*. O “prefixo **inter**, derivado do latim *inter* -, do advérbio e preposição ‘inter’ entre, no meio de; **disciplina**, substantivo feminino que significa ‘regime de ordem imposta livremente ou livremente consentida’, ‘relação de subordinação do aluno para com o mestre ou instrutor’, ‘doutrina, matéria de ensino, conjunto de conhecimentos que se professam em cada cadeira de um estabelecimento de ensino’; **idade**, ‘sufixo derivado do latim – *itãtem* -, acusativo de” (Cunha, 1982).

Interdisciplinar significa “*comum a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento*” (Aurélio, 1997: 957). Segundo Kachar (2001: 77), na palavra *interdisciplinar* está contida a proposição de ligação, isto é, a conexão entre as disciplinas, territórios delimitados, e a possibilidade de intercâmbio e o deslocar-se entre elas. Ela conecta, permitindo comunicação e diálogo, relação e vínculo entre os separados, diferentes, opostos. Para Fazenda (1993: 30-31):

O termo “interdisciplinaridade” não possui ainda um sentido único e estável e que, embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, seu princípio é sempre o mesmo: caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa. Embora a palavra “interdisciplinaridade” seja um neologismo, designa um campo de indagações que se evidencia desde a Grécia antiga até a atualidade. Refere-se a um tema bastante controverso na Europa e nos Estados Unidos, em virtude da crise por que passa a civilização contemporânea, e assinala uma tentativa de busca do saber unificado para preservar a integridade do pensamento e o restabelecimento de uma ordem perdida.

Reconhecendo a origem da palavra interdisciplinaridade, buscamos *pesquisar* nos teóricos selecionados para este estudo - Hilton Japiassu, Heloísa Lück, Antonio Joaquim Severino, Edgar Morin, George Gusdorf, Bassarab Nicolescu e Ivani Fazenda – a concepção que eles haviam formulado sobre *interdisciplinaridade*:

- **Hilton Japiassu** (1976: 145). “A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real dos conhecimentos dessas diferentes disciplinas/profissões.”

- **Heloisa Lück** (1994: 45): Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo a serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

- **Antonio Joaquim Severino** (2002: 114): “A interdisciplinaridade não é a fusão homogeneizadora de conteúdos, uma espécie de identificação confusional que elimina a especificidade das várias formas de saber. A exigência da interdisciplinaridade nasce do caráter coletivo do conhecimento.”

- **Edgar Morin** (1998: 217): “Interdisciplinaridade é a colaboração e a comunicação entre as disciplinas, guardadas as especificidades e particularidades de cada uma.”

- **George Gusdorf**¹: “O que se designa por interdisciplinaridade é uma atitude epistemológica que ultrapassa os hábitos intelectuais estabelecidos ou mesmo os programas de ensino.”

- **Bassarab Nicolescu** (1999: 45-46): “A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.”

- **Ivani Fazenda** (1995: 15): “A interdisciplinaridade pode ser definida, também, como a correlação entre o conhecimento e o sujeito conhecedor. (...) A interdisciplinaridade é um movimento que rejeita a mediocridade das idéias, pois ela anula a vitalidade espiritual. É, pois, radicalmente contra o hábito instaurado da subserviência, esse que massacra as mentes e as vidas., Infelizmente, a mediocridade ainda governa o mundo e a escola – a interdisciplinaridade oferece as armas para combatê-la.”

Ou ainda, uma nova concepção formulada por Fazenda (2001: 11): “Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano. A metáfora que a subsidia, determina e auxilia sua efetivação é a do olhar, metáfora que se alimenta de natureza mítica diversa.”

As distintas concepções apresentadas, permitem-nos afirmar que a concepção de interdisciplinaridade de Fazenda foi se constituindo e se modificando nas linhas e nas entrelinhas de suas publicações, no seu tempo vivido *na* interdisciplinaridade, *pela* e *para* a interdisciplinaridade, justificado ainda por outro pensamento da educadora de que “a cada nova investigação que se propõe desconstruir e reconstruir conceitos clássicos da Educação, novas facetas vão aparecendo no sentido da aquisição de uma atitude interdisciplinar, ou ainda, “para viver a interdisciplinaridade é necessário, antes de tudo, **conhecê-la**, em seguida, **pesquisá-la**, posteriormente **definir** o que por ela se pretende” (2001: 28).

¹ Trecho de uma carta pessoal a Ivani Fazenda, datada em 10/10/1977(Fazenda, 1993: 24).

Logo percebemos que, para Ivani Fazenda, o conceito de interdisciplinaridade está intimamente ligado ao *conhecimento*, que por sua vez, está intimamente ligado à *pesquisa*, a qual por sua vez, está ligada ao seu objeto de estudo: a *interdisciplinaridade*. Portanto, a cada nova pesquisa efetuada, novas facetas da interdisciplinaridade vão aparecendo e elucidando o “*velho*” conceito antes formulado, que se torna de novo “*novo*”, num processo dialético e contínuo de pesquisa – conhecimento – (re)definição.

Severino (1995) afirma que a conceituação de interdisciplinaridade é, sem dúvida, uma tarefa inacabada; opinião semelhante a de Tavares (1991: 29) - “a interdisciplinaridade não tem forma definida. Constrói-se a partir do modo como cada um vê o mundo, da sua vivência, do seu envolvimento etc.”

4.4 Fundamentos de uma Prática Docente Interdisciplinar

“A minha vida profissional, é essencialmente marcada por um símbolo, símbolo fundamental que surgiu há vinte anos e se tornou quase missão, símbolo que é a razão do meu ser profissional: a interdisciplinaridade.”

Consideremos esta afirmação de Ivani Fazenda (1993: 12) como principal justificativa de termos compilado de sua tese de livre-docência na Unesp, *Interdisciplinaridade – Um projeto em parceria, os fundamentos de uma prática docente interdisciplinar*.

O **movimento dialético, a memória, a parceria, a sala de aula interdisciplinar, o respeito e as pesquisas interdisciplinares**, muito mais que teorizados por Fazenda em seus mais diferentes aspectos, representam o registro

de suas próprias vivências enquanto pesquisadora/sujeito de uma prática docente interdisciplinar.

O primeiro fundamento, **o movimento dialético**, deriva do exercício do diálogo, imprescindível em uma prática docente interdisciplinar. Diálogo permanente entre o velho e o novo, entre a teoria e a práxis interdisciplinar, entre o que está pesquisando/produzindo e o que já se pesquisou/produziu. Ivani Fazenda (1993: 20) afirma que o velho sempre pode tornar-se novo e que, em todo o novo, existe algo de velho:

Rever o velho para torná-lo novo ou tornar novo o velho – eis o paradigma que pauta cada linha deste livro-tese. A tese é que o velho sempre pode tornar-se novo, e que em todo o novo sempre existe algo de velho. Novo e velho – faces da mesma moeda – dependem da ótica de quem lê, da atitude de quem examina – se disciplinar ou interdisciplinar.

Tal fato pode justificar aos educadores de nosso tempo a importância do registro, principalmente de nossa práxis educativa. “Nunca devemos desprezar as experiências vividas – elas constituem-se nas possibilidades da inovação, da revisão e da análise interdisciplinar. O registro das experiências vividas pode gerar novas perspectivas, depende do exercício interdisciplinar de captar delas o movimento dialético e contraditório que elas encerram” (Fazenda, 1994: 82).

A **memória**, palavra que deriva do latim *memoria* - faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente (Aurélio, 1997), apresenta na abordagem interdisciplinar uma dupla inseparável e indispensável: “a **memória-registro** escrita e feita em livros, artigos, resenhas, sinopses, comunicados, anotações de aula, resumos de cursos e palestras; e a **memória vivida** e refeita no diálogo” (Fazenda, 1994:83).

Edgar Morin (1998: 153) considera a memória como uma ligação entre o passado e o presente, afirmando que o conhecimento do presente necessita do conhecimento do passado, que necessita do conhecimento do presente: “É por meio da memória que podemos fazer com que os dados e a lembrança do passado intervenham na percepção do presente. Está na reabordagem do passado, na e pela experiência do presente, na abordagem do presente, na e pela experiência do passado. Ela está no circuito ininterrupto de inter-relações passado-presente”.

Segundo Ecléa Bosi (1994: 39) “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” e, mesmo que só tenhamos capacidade de reter de nossas experiências vividas apenas um fragmento, essa parcela tem sido fundamental “como possibilidade de releitura crítica e multi-perspectival de fatos ocorridos nas práticas docentes” (Fazenda, 1994:83).

Por isso, a memória deve ser exercitada não só para favorecer pesquisas históricas e sociológicas do problema educacional (Demartini, 1988), mas, particularmente, entre os educadores, que muitas vezes deixam de compartilhar suas práticas educativas, uma vez que estas acabam se perdendo no “cabedal infinito” da memória e dos afazeres cotidianos de nossa vida pessoal e profissional.

No Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade, Maria Célia Barros Virgolino Pinto (2002: 115 – 117) revela-nos que entre a memória e o movimento dialético existem inúmeras interfaces que, se utilizadas, poderão contribuir para a renovação das práticas interdisciplinares nas escolas:

Memória que tece lembranças, que mescla o passado, revê o curso do presente e que pode inspirar o futuro. Esse movimento dialético, que é exercitar a memória numa prática docente substantivamente interdisciplinar, torna-se importante na medida em que as marcas do passado servem para compreender diferentes práticas vividas. Assim, esse movimento estimula a pensar a renovação das escolas.

Atualmente, um cenário paradigmático definirá outra trama em torno da memória dos educadores do nosso tempo: a **parceria**. Reginaldo Dalla Justina (2002: 160 – 162) ao explicitar o verbete Parceria no *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade* esclarece-nos, de forma sucinta, que enquanto a disciplinaridade presente no Cartesianismo exigia o individualismo, a interdisciplinaridade exige parcerias e trocas entre os indivíduos:

Com o enfraquecimento da visão cartesiana e disciplinar de mundo podemos por intermédio de parcerias, gerar um movimento em busca da compreensão da totalidade da realidade, onde a construção de conhecimentos ocorre num contínuo ir e vir, interconectando o indivíduo, que aprende consigo mesmo, com os seus pares e com o meio à sua volta. Aprender passa a ser produto de parcerias e de trocas, em um processo ininterrupto que dura toda a vida.

De sua experiência nesses quase trinta anos de lutas em prol da interdisciplinaridade, Fazenda (1994: 84) afirma que “a parceria é categoria mestra dos trabalhos interdisciplinares e pode surgir:

- de uma necessidade de troca ou de uma insegurança inicial em desenvolver um trabalho interdisciplinar;

- da solidão de alguns profissionais que possuem uma prática interdisciplinar em relação às instituições que habitam;

- da necessidade do educador de apropriação de novos e infinitos conhecimentos, que por algum motivo, não se interessou ou não teve tempo de aprender, mas que transformou-se em domínio de saber de outros educadores, com quem poderá compartilhá-los e deles usufruir, através do diálogo. “O tempo para isso é curto, como curta é a vida. A vida se prolonga na confluência de outras vidas que também são curtas, que também são breves, mas juntas podem se alongar e se eternizar” (Fazenda, 1993: 13).

- de um movimento revelador dos aspectos ocultos dos atos de ensinar e aprender que se processam por meio da reflexão na e sobre a prática cotidiana (Fazenda, 1996).

A parceria que se estabelece com os sujeitos entre si e com o conhecimento histórico e socialmente construído é fundamental na prática interdisciplinar; ela está sutilmente presente na vida dos educadores e nem sempre temos consciência do quanto somos parceiros dos teóricos que lemos, dos nossos alunos e de outros educadores que lutam por uma educação melhor.

Segundo Ivani Fazenda (1993: 12-13), da parceria derivam duas categorias: a **alegria** e a **cumplicidade**.

A alegria desse trabalho em parceria manifesta-se no prazer em compartilhar falas, compartilhar espaços, compartilhar presenças, compartilhar ausências. Prazer em dividir e, no mesmo movimento, multiplicar, prazer em subtrair para, no mesmo momento, adicionar, que, em outras palavras seria de separar para, no mesmo tempo, juntar. Prazer de ver no todo a parte ou vice-versa – a parte no todo.

Prazer de ver a teoria na prática e a prática na teoria. Prazer de ver possibilidade na utopia e utopia na possibilidade. Prazer de tornar o uno múltiplo e o múltiplo uno, o anônimo identidade e a identidade, novo anônimo.

Prazer de periodizar só para fazer história. Prazer que é natural a quem sempre pretende a produção, em parceria. *Parceria*, enfim, pode ser traduzida em *cumplicidade*.

Alegria e cumplicidade devem ocupar todos os momentos vividos na relação de educador/educando e educando/educador e todos os espaços de uma sala de aula, principalmente, de uma sala de aula interdisciplinar.

A sala de aula (Fazenda, 1993: 81-83) pode ser traduzida como a produção de parceria com os nossos alunos e nela existem quatro elementos que a identificam, que a singularizam e merecem ser destacados quando se pensa num projeto interdisciplinar: o espaço físico, o tempo de permanência (o horário), a disciplina (aquela específica) e a avaliação (a esperada pela escola).

A sala de aula interdisciplinar é o espaço da interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade exige certa ordem e certo rigor. Não a ordem e o rigor comuns, mas um rigor e uma ordem próprios. Esse é um dos aspectos principais que diferenciam uma sala de aula interdisciplinar de outra que não o é – a ordem e o rigor, travestidos de “nova ordem e de novo rigor”:

- Na sala de aula interdisciplinar, o tempo ou o horário não é imposto, mas proposto; o mesmo acontece com o espaço, que pode ser alterado, metamorfoseado a cada encontro (existe um cuidado imenso com essa questão, pois a disposição arquitetônica da mesa e das cadeiras, por exemplo, vai determinar o tipo de aula que se pretende desenvolver). A cada aula isso é observado criteriosamente, em função da forma de tratar o item a ser desenvolvido.

- A avaliação numa sala de aula interdisciplinar transgride todas as regras costumeiras. Ela ocorre diariamente, no processo – na correção dos trabalhos, no olhar do professor, num bilhete passado – e não no final do curso.

- A autoridade do professor numa sala de aula comum é outorgada; numa sala de aula interdisciplinar é sempre conquistada, assim como a autonomia do aluno também o é.

- Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e se tornam parceiros da produção de um conhecimento para uma escola melhor, produtora de homens mais felizes.

- Numa sala de aula interdisciplinar, “a obrigação é alternada pela satisfação, a arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo, a reprodução pelo questionamento (...) Em síntese, numa sala de aula interdisciplinar há ritual de encontro – no início, no meio, no fim”.

Fazenda (1993: 86) explicita ainda que o **respeito** é o quinto fundamento de uma prática docente interdisciplinar, que deve primar pelo indivíduo e pelo caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia. Sabendo que a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas, pode-se afirmar que o respeito é vital para o desenvolvimento das práticas interdisciplinares.

As pesquisas interdisciplinares contrapõem-se à improvisação e a acomodação, pois é esta falta de seriedade que tem conduzido projetos interdisciplinares a um esfacelamento do conhecimento e, muitas vezes, conduzido a uma interpretação errônea do que vem a ser interdisciplinaridade.

A verdadeira atitude interdisciplinar se identifica pela ousadia da busca, da pesquisa, da transformação. Necessita-se constantemente do pensar, do questionar, do construir. Assim sendo, os projetos interdisciplinares, em nível universitário, têm procurado transformar as salas de aula dos cursos de graduação em locais de pesquisa. Aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, deveria se iniciar desde a pré-escola. Nas universidades, para se executar um projeto interdisciplinar, necessita-se da pesquisa coletiva, que é integrada pela pesquisa nuclear, que cataliza as preocupações dos diferentes pesquisadores, e pela pesquisa satélite, em que cada indivíduo possa ter o seu pensar e revelar a sua própria potencialidade.

Fazer pesquisa é a possibilidade de buscar a construção coletiva de um novo conhecimento, prático ou teórico, para os problemas da educação.

A pesquisa interdisciplinar admite a presença de inúmeras teorizações das questões da educação, o que inviabiliza a construção de uma única, absoluta e geral teoria da interdisciplinaridade.

4.5 Princípios da Prática Docente Interdisciplinar

A prática docente interdisciplinar pauta-se em cinco princípios: **humildade, coerência, espera, respeito e desapego**, expressos por Fazenda (2001) não somente no *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade* como também em outros de seus livros e artigos publicados. A delimitação e a concepção desses princípios resultam da práxis educativa e das inúmeras experiências vivenciadas por Fazenda.

Para Cláudio Alves (2001: 61-64), a **humildade** é uma das categorias da interdisciplinaridade, preocupada com a dimensão da totalidade, tanto do conhecimento quanto do ser. Define-a como “virtude lúcida, sempre insatisfeita consigo mesma. É a virtude do homem que sabe não ser Deus”. Limitado em sua condição humana, o homem experimenta na humildade a sua centelha divina: “A humildade é um ato de força de quem se priva de demonstrar sua superioridade, procurando valorizar o próximo que necessita de valorização ou de brilho, o que não conseguiria se o primeiro fizesse valer a sua superioridade”. Por isso, é uma atitude indispensável na relação professor-aluno e nos processos de ensinar e de aprender: “O professor deve ser humilde. Ser humilde é estar aberto para o outro. Aceitar a presença ativa do aluno, estabelecer parcerias, ouvir e escutar o que emerge das diversas manifestações da expressão/comunicação do outro e não se considerar o centro de ação pedagógica”. Em consulta a Alves (2001), ainda recolhemos o excerto que segue:

Humildade é conhecer os próprios limites. Aceitar que sabe algo de modo imperfeito, incompleto que, a qualquer momento, pode ser questionado, reformulado e mesmo superado. E, nessa atitude, estar sempre ‘a procura de novos elementos para reforçar, esclarecer o que se julga saber. Encontrando-os, ter a coragem de cotejá-los, incorporá-los, mesmo que isso signifique ter que abandonar a satisfação e a segurança pessoal. Aceitar que o outro, embora pareça simples e ignorante, também sabe algo. Que todos podem sempre, de alguma forma, contribuir para enriquecer o conhecimento. Que se aprende com o aluno, com o colega, com o dito leigo na matéria. A humildade facilita o conhecimento, uma vez que este não tem fronteiras sageradas, zonas obscuras. A pesquisa, a aprendizagem sempre apontam para todos os lados, no espaço e no tempo.

Na visão de Ivani Fazenda (1999) a **coerência** é uma virtude que é movida pela humildade, ou seja, se não formos humildes para perceber que somos limitados, dentro de um ser que naturalmente é incoerente, nunca iremos nos flagrar em um momento, *flash* de coerência. A coerência vai de pensamentos a atos, “quem não for coerente não consegue ser interdisciplinar”.

Etimologicamente, coerência é uma palavra originária do latim, *cohaerentia*, e significa estado ou qualidade de ser coerente, nexo entre fatos e idéias. (Aurélio, 1997).

Beatriz Di Marco Giacon (2001: 35-39) afirma que a coerência é, por excelência, uma virtude mãe, o fio que faz conexão entre os fios que formam a trama do tecido do conhecimento e uma das diretrizes que norteiam todo o seu trabalho. À dimensão interdisciplinar, a coerência pode ser comparada a amálgama entre o manifesto e o latente, entre o pensar, o fazer e o sentir. “A coerência é uma disciplina normativa, tradicionalmente vinculada à filosofia, que se propõe a determinar as condições da verdade nos diferentes domínios do saber”. Por essa razão, a coerência é condição indispensável às práticas docentes interdisciplinares.

Adverte-nos Edina Castro de Oliveira (2002: 11) no Prefácio de *Pedagogia da Autonomia*: “É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças”.

Esperar é aguardar, confiar, ter esperança. Quem espera, aguarda o tempo necessário para a maturação, a transformação, a depuração, o crescimento daquilo que é o objeto da sua espera. Quem espera sem confiança, não deseja o que espera e nem sabe esperar. A espera verdadeira pressupõe daquele que espera confiança e esperança. É importante ressaltar que esperança é *o ato de esperar o que se deseja* (Aurélio, 1997). Por isso, ter esperança, aguardar e confiar estão intimamente ligados como três esferas incluídas. Quem confia, aguarda; quem aguarda, tem esperança; quem tem esperança, espera.

Fabio Cascino (2001: 107-109) defende que na educação, esperar é uma constante. O professor(a) sabe, não importa o grau de especificação ou nível de ensino, que o aluno(a), precisa de tempo, tempo de espera/amadurecimento para introjetar conhecimentos, torná-los seus, fazendo uso adequado daquilo que se ensinou, tornando-o parte integrante do seu cotidiano e de seus projetos de vida.

Na perspectiva de uma educação interdisciplinar, a espera é um dos princípios mais requisitados, uma vez que “a troca com outros saberes e a saída do anonimato, características dessa forma especial de postura teórica, devem ser cautelosas e exigem paciência e espera, pois transvestem-se da sabedoria, na limitação e provisoriedade da especialização adquirida” (Fazenda, 1991: 15).

Por conseguinte, a espera exige um outro princípio, que a enfatiza e a enaltece: **o respeito.**

Elemento essencial da vida, sem respeito não há diálogo entre educador e educando, entre aquele que ensina aprendendo e aquele que aprende ensinando.

A pedagogia freireana enfatiza a necessidade de se respeitar os saberes dos educandos, as suas experiências de vida, os problemas e os desafios que enfrentam no cotidiano cruel e desigual, principalmente, das camadas sociais menos favorecidas.

Como ensinar numa perspectiva interdisciplinar sem respeitar as complexas diferenças individuais de educandos e educadores, os quais, (simultaneamente) aprendem e ensinam, dialogando e articulando distintos saberes?

Compactuando com a afirmação de Fazenda (2001: 19): “A lógica que a interdisciplinaridade imprime é a da invenção, da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém gestada num ato de vontade, num desejo planejado e construído em liberdade”. Como o educador, na perspectiva da interdisciplinaridade, pode manter-se preso, colado, amparado somente nos conhecimentos ensinados e transferidos em sua disciplina? Por isso, o **desapego** aos velhos conhecimentos assimilados e às velhas práticas educativas tornam-se uma necessidade e um princípio imprescindível para aqueles que buscam uma prática educativa interdisciplinar.

Outros educadores, sob enfoques e ângulos diferentes, também se apóiam nesses e em outros princípios para fundamentar uma prática docente que transcenda os limites entre as diversas áreas do conhecimento e, também, entre o sujeito que ensina e aquele que aprende. Ensinar a aprender e aprender a ensinar, ações antes distintas, conquistaram no atual modelo educacional uma gama maior de inter-relações, dependendo da linha de pesquisa que cada um defende e acredita. Ivani Fazenda defende a interdisciplinaridade e os princípios de uma prática docente interdisciplinar - humildade, coerência, espera, respeito e desapego. Já o mestre Paulo Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, reflete sobre os saberes necessários à prática educativo-crítica fundamentados numa ética pedagógica e numa visão de mundo alicerçadas em rigorosidade, pesquisa, criticidade, risco, humildade, bom senso, tolerância, alegria, curiosidade, esperança, competência, generosidade, disponibilidade etc. Entre os princípios aclamados por Fazenda e Freire, encontram-se não só as intersecções entre os fundamentos e os princípios de uma prática docente interdisciplinar e de uma pedagogia transgressora, mas também a luta cotidiana de dois educadores em prol da educação, principalmente, da educação brasileira.

Assim como Ivani Fazenda e Paulo Freire, encontramos outros educadores brasileiros – Anysio Teixeira, Lourenço Filho, Álvaro Vieira Pinto – que vieram à luz, levantaram as mesmas bandeiras e lutaram pela educação integral do ser humano; entretanto, encontramos tantos outros que trabalharam incansavelmente pelo mesmo fim e morreram na clandestinidade. De seus legados restaram alguns registros, livros – quem sabe? – e as lembranças daqueles que com eles conviveram e as guardaram na memória.

Consideramos Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan o professor de matemática que se consagrou como escritor, um desses educadores dotados de uma riqueza pedagógica que transcende a sua época e que merece ser trazido à luz dos nossos dias e dos educadores do nosso tempo.

CAPÍTULO V

“A nossa convivência é tão íntima que ainda há poucos dias ele teve a franqueza de mostrar-me, à altura do peito, um pouco acima do coração, a cicatriz que uma lança lhe abriu quando em julho de 1921, nos arredores de El-Raid, lutava como um novo Antár do século XX, pela libertação de uma pequena tribo perdida na Arábia Central. Não me envergonho de confessar que poucos homens tenho encontrado, na vida, com o poder de imaginação, a graça e sentimentalismo desse excêntrico esbanjador de moedas de ouro. Quando nos serões de sua casa solitária, me fala das coisas e da gente do seu país, parece que Alá derrama sobre os seus olhos a doçura de todas as carícias e põe nas suas palavras a magia dos grandes ensinamentos. É lírico e heróico ao mesmo tempo. Dá gosto ouvi-lo como encanta ler os contos que ele derrama mancheias.

Lembro-me como se fosse hoje, da noite em que nos encontramos. Não tenho autorização para declinar o nome de quem nos aproximou. Ouso apenas dizer que foi uma mulher, sua companheira de viagem e minha velha amiga. Creio que havia entre ambos mais do que a camaradagem de alguns dias de bordo, porque ela, caminhando ao nosso lado pela Avenida Beira Mar, não podia esconder a emoção com que ouvia as histórias que ele contava.

Quando nos despedimos, Malba Tahan, dando-me a larga mão nervosa, disse:

- Quando Alá quer bem a um dos seus servidores, abre para ele as portas da Inspiração!

Desde essa noite, esse árabe estranho caminha comigo na vida. As caravanas que passam não se apercebem de nós. Em compensação, Alá não conversa com elas e conversa conosco, espalhando no manto da noite, para a alegria dos nossos olhos, uma porção de estrelas maravilhosas.”

(Olegário Mariano, no Prefácio de Lendas do Deserto)

CAPÍTULO V

A PRÁTICA EDUCATIVA DE JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA MALBA TAHAN

Refletindo sobre as sábias palavras de Humberto de Campos ao amigo Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, retomamos os quatro capítulos anteriores – Do Álbum de Memórias, um Retrato Biográfico de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan; O Escritor, uma face visível do educador; O Educador, a face oculta do escritor e Interdisciplinaridade: o “olhar” de Ivani Fazenda – para buscar compilar, da síntese dos mesmos, os pontos de intersecção existentes: a concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda e o trabalho interdisciplinar pioneiro do educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, concebido mais pela intuição do que pela intenção, mais para o educar do que para ensinar o conhecimento matemático aos alunos, aos professores e aos leitores, de forma lúdica e criativa, à luz de valores éticos e morais.

Ensinar matemática era, sem dúvida, o grande *leitmotiv* do educador brasileiro. Para atingi-lo, transvestiu-se do *ethos* árabe na figura do escritor Malba Tahan; percorreu o Brasil e alguns países, proferindo mais de duas mil conferências aos educadores; dialogou com as outras áreas do saber para ampliar as relações da matemática com as demais disciplinas ministradas na educação brasileira; transcendeu os muros da disciplinaridade e da interdisciplinaridade, propondo uma formação ética e matemática do homem.

Será que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan teve a intenção de traçar todos estes roteiros que o seu legado hoje nos revela?

Será que a sua concepção de interdisciplinaridade foi apenas um dos rumos que este “beduíno atrevido e cheio de fé” escolheu para transportar, no cenário da educação brasileira, o bem mais precioso ao qual fora incumbido: “escrever, mas escrever sobre assuntos matemáticos. Uma mistura da literatura com a matemática... (Anexo 1)?

Se existe de fato uma presença tão marcante da interdisciplinaridade em seu legado e em sua prática docente, alguns questionamentos poderão elucidar o itinerário desse “professor portador de uma atitude interdisciplinar; que traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar, possui um alto grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino” (Fazenda, 1994: 31):

- Como imaginou o diálogo entre a matemática e a literatura e destas com as demais áreas do saber?

- Qual a sua concepção de matemática?

- Como Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan concebeu esta visão interdisciplinar de educar e ensinar através da matemática?

- Como professor de matemática, a sua prática docente era uma prática disciplinar ou interdisciplinar?

- A partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda, é possível afirmar que a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan era, de fato, uma prática interdisciplinar?

5.1 O Homem que Calculava: origens do diálogo interdisciplinar

Ao analisarmos, no Capítulo 2, o contexto interdisciplinar da memorável produção literária de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan em áreas distintas do saber – matemática, literatura de gênero árabe, literatura infantil, didática, didática da matemática, metodologia da matemática - é realmente difícil imaginar para a época que tais obras foram produzidas (1925 - 1974), um pensamento tão inovador e, ao mesmo tempo, tão contraditório à natural falta de diálogo e de relações existentes entre áreas do saber e, conseqüentemente, entre as disciplinas educacionais.

Tendo como foco de estudo apenas a obra mais famosa do educador, *O Homem que Calculava*, nela podemos destacar não só o diálogo entre esferas distintas e antes intangíveis do conhecimento - a matemática e a literatura, como também *as origens* do diálogo entre áreas distintas do saber.

Retomando a história da interdisciplinaridade, verifica-se que os primeiros estudos sobre interdisciplinaridade no Brasil remontam à década de 70, influenciados fortemente pela idéia desenvolvida na Europa dos anos 60, resultante das reivindicações estudantis que exigiam um novo ordenamento da escola e da universidade, condicionadas à excessiva especialização e a uma verdadeira patologia do saber.

Em plena década de 20, os embates vividos por esse educador em sua dupla jornada profissional - professor de matemática e escritor – influenciaram e favoreceram, indiretamente, o escritor Malba Tahan, a iniciar o espírito dialogal da matemática e da literatura, e destas com as demais áreas do saber.

Malba Tahan – o escritor, ao tentar ajudar o professor Júlio César de Mello e Souza a criar uma nova metodologia de ensino para a matemática, cria *Beremis Samir*, o protagonista do conto¹ de maior sucesso de seu primeiro livro *Contos de Malba Tahan* (1925), um árabe que ensinava matemática junto com a magia e o encantamento das incontáveis histórias que iam surgindo ao longo de sua viagem em direção a Bagdá.

O sucesso alcançado por este conto propiciou ao escritor elementos para enriquecê-lo, transformando-o no livro mais famoso de seu legado: *O Homem que Calculava*. Com este livro, Malba Tahan foi agraciado com uma brilhante idéia, inédita no Brasil e no mundo, de diálogo entre duas áreas distintas e antes intangíveis do conhecimento: a literatura e a matemática.

O livro conta a história de Beremis Samir, um árabe que usa a matemática para resolver qualquer problema. Incontáveis problemas vão surgindo ao longo dos caminhos de sua viagem até Bagdá. Com sua brilhante capacidade de raciocínio, o homem que calculava propõe soluções criativas para os mesmos, conseguindo assim captar a simpatia de seus companheiros, a estima do rei, e, mais do que isso, o amor de sua eleita.

A forma criativa e inusitada de contar histórias para ensinar matemática – “mesmo aos espíritos menos dados a esses estudos”, conferiu ao autor de *O Homem que Calculava* a mais honrosa homenagem concedida ao escritor Malba Tahan em vida: a obra foi agraciada pela Academia Brasileira de Letras com o

¹ O conto *O Homem que Calculava* foi publicado pela primeira vez na 2ª edição do livro *Contos de Malba Tahan*, a data precisa de sua publicação não foi ainda definida.

primeiro prêmio do Concurso Literário de Contos e Novelas de 1939, fato comprovado no Parecer da Comissão Julgadora¹ ao reconhecer que esse prêmio poderia ser-lhe concedido justamente pela forma compreensível que o educador encontra de ensinar matemática: contando histórias.

O Homem que calculava – O livro de Malba Tahan já nos vem em segunda edição, e isto mostra o bom acolhimento que ele tem encontrado por parte dos leitores. É uma obra muito curiosa, pela série de problemas matemáticos que apresenta, e que de torna compreensíveis, mesmo aos espíritos menos dado a esses estudos. Escritor que já tem um longo tirocínio em livros e jornais, que compõe a sua prosa com limpeza e elegância, cremos que a Malba Tahan, pelo seu *O Homem que calculava*, pode ser concedido o prêmio de Contos e Novelas de 1939.

Em um dos trechos do discurso de Malba Tahan à cerimônia de entrega desse prêmio (Anexo 4), o escritor declara que a colação deste prêmio constitui um fato inédito nos anais da literatura mundial: finalmente *a ciência de Lagrange – na sua beleza e simplicidade, pode viver e florir em perfeita harmonia com a Literatura:*

A colação deste prêmio constitui um fato inédito nos anais da literatura mundial. Pela primeira vez um livro de fantasias tecidas em torno da Matemática é distinguido por uma valiosa láurea literária. A verdade é que, ao conferir o prêmio ao *Homem que Calculava*, a Academia Brasileira de Letras outra coisa não fez, senão reabilitar a Matemática perante homens de espírito e de talento, os buriladores do Verso, os arquitetos da Frase – e demonstrar, de forma eloqüente e generosa, que a ciência de Lagrange – na sua beleza e simplicidade, pode viver e florir em perfeita harmonia com a Literatura.

O livro tornou-se um verdadeiro sucesso editorial. Mais de seis décadas se passaram e, até hoje, *O Homem que Calculava* é o mais conhecido e o mais vendido de todos os livros escritos por Júlio César de Mello e Souza e por Malba Tahan. Do Ocidente ao Oriente, nos diversos países em que é publicado, continua encantando gerações, como se tivesse sido realmente “salvo das vassouradas do

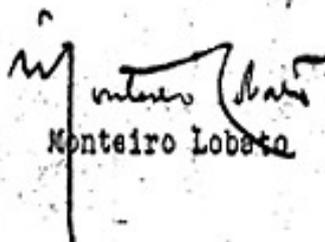
¹ A íntegra do Parecer da Comissão Julgadora analisando as obras inéditas inscritas (*Novos Vizinhos*, de Sebastião Fernandes; *A Canção de Scherezade*, de Pedro de Almeida Moura; *Na Solidão dos descampados*, de Alberto Furtado Portugal; *Algemas de uma raça*, de José Calheiros; *Mosaico*, de Roberto Taves; *Lírio do lodo*, de Ramos de Oliveira) e as obras publicadas (*Barra velha*, de Serafim França; *Presépio*, de Antonio Pousada; *Marisa*, de Leonor Castellano; *Histórias do Macambira*, de Plácido e Silva; *O Homem que calculava*, de Malba Tahan; *A pequena da escola de dans*, de Hugo Verlaine) foi aprovado em sessão de 16 de maio de 1940, encontrando-se nos Anais de 1940 – Julho a Dezembro – Ano 1939 – Volume 60.

Tempo”, assim como intuiu Monteiro Lobato em sua carta ao amigo escritor meses antes da premiação (14/01/1939):

Malba Tahan:

O "Homem que calculava" já me encantou duas vezes e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo. Falta nele um problema - o cálculo da soma de engenho necessária para a transformação do deserto da abstração matemática em tão repousante oásis. Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental - obra alta, das mais altas, e só necessita de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio "ciência + imaginação".

Que Alá nunca cesse de chover sobre Malba Tahan e a luz que reserva para os eleitos,



Monteiro Lobato

Como se depreende da carta de Monteiro Lobato, os críticos literários do início da década de 40 reconheciam o valor inquestionável da idéia pioneira de Júlio César de Mello e Souza de utilizar as histórias (as transmissoras adequadas de mensagens morais, filosóficas e religiosas) para ensinar conhecimentos matemáticos “mesmo ao espírito menos dado a esses estudos”.

A presença da inter-relação da matemática e da literatura, nas ações desse homem que calculava tornou-se, desde então, uma constante na vida do professor de matemática e do escritor. Era impossível desvincular a imagem do professor que contava histórias para ensinar matemática ou do contador de histórias que ensinava matemática aos seus alunos, aos seus leitores, aos professores e a todos aqueles

que se interessavam pelas palestras e conferências que proferia em todo o território brasileiro.

Beremís Samir, o protagonista de *O Homem que Calculava*, prestou-se a auxiliar o professor Mello e Souza na solução do maior percalço de sua caminhada: transformar a abstração do ensino da matemática em “um repousante oásis!”.

Mesmo tendo consciência da dificuldade que teria, ao longo de sua caminhada de educador, de conseguir encontrar novos rumos, este “beduíno atrevido e cheio de fé” nunca deixou de buscar novas técnicas de ensinar matemática.

Beremís Samir é a prova mais concreta e a mais ilustre entre todas as tentativas utilizadas pelo professor-escritor durante a sua travessia de educador. Como ele próprio reconhecia (Anexo 4): “Beremís conseguiu pôr em equação o problema, e ao cabo de alguns momentos, fez-se luz sobre o mistério”.

Beremís Samir, a fantasia mais adequada escolhida pelo escritor para dissimular a própria figura de professor de matemática, prestou-se a conceder ao escritor muito mais que “luz sobre o mistério” e o prêmio mais honroso de sua vida de escritor; prestar-se-á, certamente, a conceder-lhe outro prêmio, de similar honra e valor, ao conferir-lhe o justo reconhecimento de ter sido um dos precursores da interdisciplinaridade na educação brasileira, pela sua criativa prática pedagógica de professor de matemática, pela sua forma criativa de ensinar matemática contando histórias ou pela sua forma misteriosa de contar histórias ensinando matemática.

Por esse prêmio o educador nunca esperou, embora tivesse plena consciência de que todo o esforço despendido em sua dupla jornada de professor e escritor havia sido em vão. Em um dos últimos minutos da sua entrevista ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1) uma de suas respostas ao jornalista Naomin Haissen emociona-nos mais que todas e, não podemos negar reconhecer que todo o esforço desta pesquisa em provar o caráter interdisciplinar desse “homem que calculava” deriva da nossa reflexão sobre estas palavras:

N.F.: O senhor se considera um matemático, um contador de histórias, um professor ou um escritor?

M.T.: Como escritor, eu sou um grande matemático e como matemático eu sou um grande escritor. Quer dizer, eu não sou nem uma coisa nem outra. Eu, como matemático, sou um grande escritor. Mas, o que eu considero mais é a que eu vim, Naomin, é escrever, mas escrever sobre assuntos matemáticos. Uma mistura da literatura com a matemática.

Na dupla vivência profissional como professor e escritor, matemático e orientalista reside o genuíno caráter interdisciplinar do educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. Pode-se afirmar que Malba Tahan só conquistou o sucesso de escritor de renome internacional porque era matemático. E o Prof. Mello e Souza só teve o brilho profissional que a todos encantava e seduzia porque se utilizava da literatura para ensinar matemática.

Essa forma criativa encontrada pelo professor de matemática de travestir-se de escritor de gênero árabe, especialmente para educar e ensinar matemática demonstra o incomparável esforço do educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan de pesquisar, produzir e divulgar métodos e técnicas capazes de transmitir conhecimentos matemáticos de forma criativa e plena de significados: através do diálogo da matemática com a literatura, da matemática com a filosofia, da matemática com os valores éticos e morais, da matemática com qualquer área do conhecimento que pudesse ajudá-lo a tirar da matemática a máscara cruel de matéria difícil e indicada apenas a alguns poucos eleitos.

5.2 A Matemática, ponto de partida para o diálogo interdisciplinar de Malba Tahan

A presença da concepção interdisciplinar do educador está ligada à luta do Prof. Mello e Souza ao propor um novo roteiro para ensinar de forma “simples, interessante e atraente, a ciência árida, transcendente e nebulosa que é a matemática” (Anexo 4).

Um dos trechos do seu discurso na Academia Brasileira de Letras (Anexo 4) expressa a falsa imagem atribuída à matemática ensinada nas primeiras décadas do século passado e a concepção “interdisciplinar” de matemática que Júlio César de Mello e Souza já possuía em plena década de 30:

Vosso gesto, senhores, vem provar, mais uma vez, o erro cometido pelos que consideram a Matemática uma ciência árida, transcendente, nebulosa, e destinada exclusivamente a reduzido número de iniciados. Ao contrário. A Matemática é simples, interessante e atraente e de uma acessibilidade que assombra.

Ciência altamente estética, dotada de virtudes que encantam e de belezas sublimes que impressionam. Os que se ocupam da Matemática – afirma Gomes Teixeira, sábio português – começam a estudá-la pelo que tem de útil, principiam a amá-la quando compreendem o que tem de belo e apaixonam-se por ela quando alcançam o que tem de sublime.

Apesar dessas virtudes e excelências, avulta entre nós, com alhures, o preconceito de que a Matemática vive em constante dissídio com as demais atividades da humana inteligência. Daí o desamor, senão a invencível ojeriza que lhe dedicam tantos lúcidos espíritos.

O matemático, para muita gente, é um ser estranho, fora do comum. Não se interessa pela beleza da arte; não pratica os vôos da imaginação. Eternamente distraído, passa a vida indiferente a tudo, retido naquela prisão gradeada de símbolos e figuras, onde se compraz em viver. No meio de tanta emoção, só ele não vibra!...

Não pode haver, senhores, mais falsa imagem.

No entanto, serve ainda para representar o tipo de matemático, tal como caracterizam os desafetos de nossa bela ciência.

A que deve atribuir esses preconceitos senhores? Ao objeto da Matemática, tão vasto e tão útil em suas aplicações práticas? Não, certamente. Ao caráter da ciência dedutiva, lógica por excelência, de que se reveste? De forma alguma; o método seria, ao contrário, um fator de atração para o espírito. Ao alcance incomensurável de suas concepções, que nos fazem pensar, graças aos recursos de seu simbolismo, do simples, do elementar, para o inextricável, o incompreensível? Também não me parece residir aí a fonte de todo o mal. Os prodigiosos recursos que nos permitem, graças a um simples traço numa expressão numérica, uma letra que se transfere debaixo para o alto, um ponto a mais numa figura, que nos permitem alterar tudo, modificar tudo, transformar um problema banal em questão de análise transcendente – tudo isso deveria aumentar o interesse despertado pela Matemática, estimulada a curiosidade de estudioso pela invencível sedução do mistério.

Essa falsa imagem da matemática, que continua a impregnar o ensino e a aprendizagem desta até os dias atuais, foi invencivelmente combatido pelo Prof. Mello e Souza até os últimos dias de sua vida:

A meu ver, senhores, a desestima que há pela nobre ciência dedutiva é obra de um inimigo roaz e pernicioso: um inimigo que é para a Matemática o que a broca é para o café, a lagarta para o algodão, e a saúva para todo o Brasil. Esse inimigo perigoso e implacável é o *algebrista*.

A denominação de *algebrista* é dada, em sentido pejorativo, a todo aquele que vive possuído de preocupação mórbida de complicar a Matemática.

Que faz o algebrista? Na sua inépcia para chegar a conclusões úteis ou interessantes, inventa problemas obscuros, incríveis, inteiramente divorciados de qualquer finalidade prática ou teórica; procura para resolver uma questão fácil artifícios complicadíssimos, extravagantes, sem o menor interesse para o calculista.

Entre nós o algebrista tem exercido sua atividade, bem digna de melhor emprego, sem que ninguém se atreva em combatê-lo.

E dessa atividade há exemplos sem número.

(...)

Com essa forma criminoso e falsa de apresentar a ciência, consegue o algebrista um deplorável resultado: torna fastidioso e irritante o ensino da Matemática e faz aparecer, no espírito dos jovens, esse irremediável desamor pela ciência que Leibniz considerava como a “honra do espírito humano”.

(...)

Em geral, porém, a aversão das grandes inteligências pela Matemática resulta apenas da forma pouco humana, absurda e falsa pela qual essa ciência é comumente ensinada. Não passa, pois, de consequência da atuação nociva do algebrista.

Não é talvez demasiado dizer – como acentua Dewey – que nove décimos daqueles que não gostam de matemática ou daqueles que não sentem nenhuma aptidão para essa ciência, devem tal desgraça ao ensino errado, que tiveram a princípio.

A luta do educador por encontrar novas técnicas e procedimentos de ensino da matemática, moveu o espírito dialogal do Prof. Mello e Souza e do escritor Malba Tahan, criando um outro cenário para a prisão gradeada de símbolos e figuras com as quais a imagem da matemática havia sido vitimizada. Através dos vãos da imaginação desse educador, a matemática libertar-se-ia desse gradil disciplinar opressor e passaria a viver em permanente diálogo com a literatura e a arte, a história e a geografia, a filosofia e os valores éticos e morais difundidos em seus contos, em seus romances, nos contos, nas lendas, nas novelas, nas histórias infantis e folclóricas.

Todo o esforço pessoal e profissional de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan em produzir esse legado, revela-nos que a matemática foi, sem dúvida, o ponto de partida para a concepção interdisciplinar formulada pelo professor-escriptor/escriptor-professor (Anexo 4):

Ciência altamente estética, dotada de virtudes que encantam e de belezas sublimes que impressionam. (...) Apesar dessas virtudes e excelências, avulta entre nós, com alhures, o preconceito de que a Matemática vive em constante dissídio com as demais atividades da humana inteligência. Daí o desamor, senão a invencível ojeriza que lhe dedicam tantos lúcidos espíritos.

Em seu livro *A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor* (P.M.P.), assim se posiciona em relação às práticas educativas de professores de matemática destituídas de diálogo com outras áreas do saber (1968: 36-37):

No caso, por exemplo, do ensino da Matemática, o P.M.P. não se preocupa em oferecer aos alunos problemas vivos, interessantes, que envolvam noções de Geografia, de Física ou de Química. O P.M.P., de Matemática, limita-se a ensinar a ciência sem cogitar de suas aplicações práticas¹.

E coisa curiosa: O P.M.P. não se sente envergonhado de perder dez ou quinze aulas desenvolvendo para os alunos uma teoria complicada, enfadonha, para a qual ele não oferece a menor aplicação.

O P.M.P. de Matemática, não se preocupa, também, com a parte histórica da Ciência. Fala em crivo de Erastótenes, teorema de Tales, postulado de Euclides, etc., mas silencia completamente sobre a época em que viveram esses geômetras, os seus trabalhos e a influência que exerceram. (...)

Adverte a Prof^a Adolphina Portela Bonapace: "As diversas matérias que constituem o currículo secundário não podem ser consideradas compartimentos estanques, todas elas estão intimamente relacionadas, fundem-se e completam-se para a formação geral do educando".

O P.M.P., quando tem a seu cargo a cadeira de Matemática, por exemplo, limita o seu ensino a um algebrismo árido, complicado e inútil. Não pratica jogos, não apela para recursos de laboratório, silencia, em absoluto, sobre a parte histórica da ciência lagrangeana.

Essa forma, errada e criminosa, de aprender a ciência, faz com que muitas pessoas inteligentes tomem verdadeira ojeriza pela Matemática.

A esse respeito, Meidani (1997: 89-90) apresenta uma queixa muito recorrente entre os alunos de diversas idades – a de que o ensino escolar “não tem nada a ver com a vida”, ou seja, a de que eles não percebem – muito provavelmente porque o professor não o permitiu – a pertinência das disciplinas que aprendem:

Para este propósito, não há necessidade, por exemplo, de que o professor conheça profundamente outras disciplinas, mas apenas que, ciente de sua tarefa de “iniciador” dos alunos na matemática e, simultaneamente, ciente da inclusão desta disciplina no conjunto formado por todo o saber humano, não feche as portas que se abrem naturalmente

¹ Nota do autor: “Em toda aula, o professor deve aproveitar as oportunidades para se referir a outras disciplinas, em ação globalizadora dos conhecimentos; na utilidade das outras disciplinas, e na valorização dos respectivos professores. Cf. Nérici, *Didática Geral*, pág. 163.”

durante a exposição de qualquer conteúdo para suas possibilidades de interação com os demais e, em consequência, com a realidade.

Portanto, reiteramos a urgência do resgate da obra de Malba Tahan, pois nesta residem possibilidades de ensinar uma matemática destituída de tradicionalismo, de algebrismo e de rigor, em pleno diálogo com as outras áreas da humana ciência.

5.3 Pedagogia malbatahânica: disciplinaridade ou interdisciplinaridade?

O registro fiel e cuidadoso das técnicas e dos procedimentos de ensino utilizados pelo educador para ensinar os encantos e as belezas da matemática eram, particularmente, tão exclusivos do Prof. Mello e Souza e do escritor Malba Tahan, que nos autorizamos denominá-lo de *pedagogia malbatahânica*. O caráter interdisciplinar da pedagogia malbatahânica revela-nos um professor de matemática à frente de seu tempo, que sempre buscava nas interfaces desta com outras áreas do saber, educar e ensinar - mesmo sem obter a compreensão da grande maioria dos professores de matemática e das outras áreas disciplinares de sua época.

A pedagogia malbatahânica foi concebida a partir do entrelaçamento da matemática à literatura e às outras áreas do saber, não com o propósito fragmentado do Prof. Mello e Souza de ensinar matemática ou, ainda, de Malba Tahan, de introduzir no universo cultural do Brasil e da América do Sul a literatura de gênero árabe, mas, sobretudo, em decorrência da dupla missão assumida pelo educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan de utilizar a matemática e a literatura para educar e ensinar.

Esse novo “tecido” que conferia à metodologia do ensino e da aprendizagem de matemática do Prof. Mello e Souza um caráter interdisciplinar era exclusivo desse educador que ora utilizava o guarda-pó e a ponteira do Prof. Mello e Souza, ora o turbante e a *nerguilé* do escritor árabe Malba Tahan.

Meidani (1997: 145) também reconhece o caráter interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza e afirma que o professor e o autor mesclam-se e se

confundem para, também diante do leitor – como sempre do aluno -, darem o melhor de si:

(...) ele tinha, sem dúvida alguma, uma relação muito íntima com o conhecimento e a pesquisa, como mostram seu currículo – deu aula de diversas disciplinas, além da matemática – e seus livros, nos quais aborda muitos aspectos do saber humano. Fazia relações entre a matemática e outras disciplinas, observava a boa expressão escrita de seus alunos, procurava estimular valores como o respeito, a solidariedade e a generosidade entre eles, criava e recriava toda sorte de estratégias a fim de garantir que sua disciplina fosse compreendida e amada por seus alunos como ele mesmo amava. Era, *avant la lettre, um professor de cidadania!*

Tendo em vista essa sua pedagogia de ensinar e educar, para além da disciplinaridade, tem-se a clara impressão de que Malba Tahan elegeu a matemática apenas como “fio que une as pedras” do saber, justamente para recuperar a falsa imagem de que a matemática era objeto, antipatizada pela grande maioria daqueles que não haviam tido nos bancos escolares favoráveis experiências com o ensino e a aprendizagem da disciplina.

Meidani (1997: 94) também explicita as razões para o afastamento dos alunos em relação à matemática: “Na matemática, em particular, a falta de distância entre a disciplina e o seu ensino acaba criando um verdadeiro abismo entre os alunos e a disciplina. A insistência histórica da escola na ênfase no formalismo matemático tem determinado uma aversão generalizada pela matéria que, entretanto, é reconhecidamente “indispensável” à vida das pessoas”.

O menino Júlio César, vítima da matemática formalista (suas notas vermelhas em Aritmética e Álgebra não nos deixam mentir!) e o Prof. Mello e Souza, vítima da Matemática Moderna (suas concepções e idéias de Educação Matemática só foram aceitas cinco décadas depois de terem sido propostas!) unem a experiência pessoal à profissional para conceber, através da forma literária proposta por Malba Tahan, uma aproximação fértil entre a matemática e as pessoas de qualquer faixa etária, tentando oferecer-lhes uma experiência favorável de relacionar-se com a “ciência altamente estética, dotada de virtudes que encantam e de belezas sublimes que impressionam” (Anexo 4).

O esforço do educador em conceber uma nova expressão à face aviltada da matemática¹, destituída de seu caráter *mathema*, encaminha-o a descobrir na interação da matemática com a literatura, e destas, com as outras áreas do saber, uma forma de restituir à ciência dos números o seu caráter experimental: nos problemas propostos por Beremís Samir em *O Homem que Calculava*, a tentativa de resolvê-los é um desafio implícito, que nos leva a percorrer vários domínios da matemática para encontrar ou justificar o(s) caminho(s) do raciocínio que Malba Tahan propunha em cada uma de suas histórias. Outro destaque para a resolução de tais problemas é o diálogo constante da matemática com a literatura, uma vez que para a correta interpretação, recorreremos muitas vezes ao texto, dele extraindo dados e pistas que não ficaram evidentes nas primeiras leituras do texto.

As ações interdisciplinares que conferem ao educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan utilizar a interdisciplinaridade em sua prática docente estão presentes tanto na didática criativa do Prof. Mello e Souza quanto na produção literária do escritor Malba Tahan.

Entre os diversos exemplos encontrados em sua prática docente, citaremos apenas aqueles que poderão conferir veracidade à afirmação e certeza à fidedignidade autoral dos mesmos.

Para as comemorações do centésimo aniversário de Júlio César de Mello e Souza, a Revista Hoje – para crianças², Pedro Paulo Salles, sobrinho-neto de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, escreve o artigo *A Matemática de Malba Tahan*, apresentando às crianças brasileiras fatos biográficos curiosos da vida do educador que tinha um jeito muito especial de seduzir e encantar seus alunos para que aprendessem a matemática.

Entre as informações fornecidas por Salles (1995: 2-9), consideramos duas relevantes pelo caráter metodológico interdisciplinar das aulas do Prof. Mello e Souza:

(...) você já imaginou um professor que entra na sala de aula de guarda-pó branco e vareta, se curva diante do aluno e diz Salam Aleikum, que quer dizer a paz esteja contigo, em árabe. Depois escreve na lousa uma adivinha sobre sapos para dar uma explicação matemática!

¹ O vocábulo MATEMÁTICA, deriva dos vocábulos gregos “*mathema*”, que designa todos os conhecimentos adquiridos pela experiência, e “*tica*”, técnica, habilidade.

² Revista Ciência Hoje – das Crianças. Ano 8 – Nº 54.

*Sete sapos há no brejo
Cem crianças no colégio
Quem responde ou fica mudo
Quantos dedos há em tudo?*

(...) Ele apresentava a matemática com histórias, jogos e enigmas. Era o tipo do professor que chegava e desenhava na lousa um enorme bigode e completava com sua voz engraçada:

GODE = cada uma das duas partes simétricas de um bigode

E pronto! Começava a aula sobre simetria e percepção de regularidades

Para despertar em seus alunos a curiosidade e o desejo de aprender matemática, o professor Mello e Souza buscava apoio nas outras áreas do saber que compunham a grade do currículo escolar. A Língua Portuguesa, certamente, era uma de suas prediletas; primeiro pela facilidade que ele demonstrava com a linguagem; segundo, pelas inúmeras possibilidades de troca das demais disciplinas com os conteúdos programáticos da mesma. Ensinar problemas matemáticos com versos e poesias só caberia mesmo a um professor-escritor, ou melhor expressando, a um escritor-professor.

Se a aula era de geometria, por que não lançar mão da arte e do vocabulário criativo, para despertar e motivar uma aula de simetria e regularidades?

Essa capacidade do Prof. Mello e Souza de transitar nas mais diversas esferas do saber era inerente ao seu espírito educativo e revelava-se desde a sua infância. Um fato curioso, ocorrido nas aulas de geografia do Colégio Militar e por ele revelado no depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som (ANEXO 1), demonstra que esta sua capacidade de buscar aprender uma disciplina aliada à outra era um dos artifícios que o menino dispunha para vencer as dificuldades que ia encontrando quando aluno. Uma delas era gravar, na seqüência correta, os doze signos do zodíaco, exigidos pelo professor de geografia. Novamente o menino contador de estórias se apóia na língua portuguesa e cria uma pequena estória que o salva das sabatinas orais diárias - prática comum nos colégios de sua época - e que lhe garantiria, sem dúvida alguma, uma vaga de *teacher's show* nos mais famosos cursinhos pré-vestibulares brasileiros:

O carneiro montou no touro e foi fazer uma visita aos gêmeos que estavam doentes na casa do Dr. Leão.
Aí, encontrou a virgem que trazia uma balança.
Nessa balança ela trazia um escorpião.
Então disse: o sagitário e o capricórnio agora já podem tomar banho no aquário dos peixes.

Esse seu espírito interdisciplinar de diálogo contínuo da matemática com outras áreas do saber, muitas vezes transcende os campos da disciplinaridade, de diálogo apenas com as disciplinas estudadas na educação escolar. Seu olhar interdisciplinar é mais amplo que o da maioria dos professores de sua época e o alcance de seu foco filosófico e teológico transcende os limites da matemática elementar, sabatinada nos quadros negros das salas de aula do Professor Mello e Souza, resguardada no coração daqueles que tiveram a sorte de tê-lo como professor de matemática.

Nos domínios do saber da matemática, da filosofia e da teologia, há mais aprendizagem das regras de sinais da multiplicação dos números inteiros do que possa sonhar a matemática tradicional e algebrista que até hoje são reproduzidas na grande maioria das escolas de ensino fundamental brasileiras. O exemplo apresentado configura um dos trechos do discurso de Júlio César de Mello e Souza na Academia Brasileira de Letras ao receber o primeiro prêmio de Contos e Novelas de 1939 (Anexo 4):

A Matemática conduz o espírito às mais altas regiões do sentimento e da fantasia.

Há proposições matemáticas tão perfeitas nas suas conclusões, que servem até para esclarecer dúvidas ontológicas e demonstrar certas conclusões em matéria de fé. A título de curiosidade, posso citar aqui uma proposição colhida na Matemática Elementar, cuja demonstração é feita, rigorosamente, dentro dos princípios católicos. É a chamada regra dos sinais da multiplicação. Ensina a Álgebra que:

+ por + dá +
+ por - dá -
- por + dá -
- por - dá +

Vamos supor que, na primeira coluna vertical, o sinal + (mais) significa precisamente “ganhar”; o sinal – (menos), perder. Na Segunda coluna vertical, o sinal mais traduz-se por virtude; o sinal menos por vício. Na terceira coluna, enfim, o sinal mais significa crescer aos olhos de Deus; o sinal menos significa desmerecer aos olhos de Deus.

Dentro dessa interpretação vejamos como demonstrar a exatidão das operações.

- 1º) Ganhar virtude importa em crescer aos olhos de Deus; isto é, mais por mais dá mais;
 2º) Ganhar vício, desmerecer aos olhos de Deus; isto é, mais por menos, dá menos;
 3º) Perder virtude, igualmente desmerecer aos olhos de Deus; isto é, menos por mais dá menos;
 4º) Perder vício importa em crescer aos olhos de Deus, isto é, menos por menos dá mais.

Os mesmos jogos e recreações matemáticas que eram por ele concebidos para ensinar a matemática elementar aos seus alunos do antigo ginásio, eram igualmente dispostos para ensinar uma matemática mais avançada às meninas do Curso Normal, futuras professoras do primário, formadas no Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

No exemplo citado pelo próprio Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan na entrevista ao Museu da Imagem e do Som (Anexo 1), ele utiliza a Canção do Exílio de Gonçalves Dias para que suas alunas decorem uma das regras da Adição de Arcos Trigonométricos – a Adição dos Senos¹:

Eu vou dizer um verso, e vocês todas, depois de eu dizer o verso, vocês dizem: ‘seno a cosseno b + seno b cosseno a’

MT: *“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”*

CORO: “seno a.cosseno b + seno b.cosseno a”

MT: *“As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá”*

CORO: “seno a.cosseno b + seno b.cosseno a”

MT: *“Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá”*

CORO: “seno a.cosseno b + seno b.cosseno a”

MT: *“Sem que eu desfrute os primores que não encontro por cá”*

CORO: “seno a.cosseno b + seno b.cosseno a”

A sua produção literária revela-nos a extensão dos conhecimentos adquiridos por um professor primário e um engenheiro civil que, por seu autodidatismo, distingue-se como matemático e escritor no Brasil. Pesquisou e produziu mais de uma centena de livros em áreas distintas do saber: na literatura de gênero árabe e na produção de livros específicos para o ensino e a aprendizagem de matemática, fato que difere de outros estudiosos (nacionais e internacionais) que embora tenham

¹ Seno (a + b) = seno a . cosseno b + seno b . cosseno a

se destacado por suas contribuições à matemática e à literatura, não a utilizaram no contexto escolar (Anexo 4):

Na história da Literatura poderíamos citar muitos geômetras de renome; na História da Matemática não é difícil sublinhar nomes que se distinguiram nas letras.

Lá no Oriente, por exemplo, vamos encontrar a figura curiosa de Omar Khayyam o famoso poeta que foi matemático e astrônomo. A *Álgebra* de Khayyam é menos conhecida do que o *Rybyat* – mas não deixa de ser uma obra notável.

D'Alembert, autor de um teorema famoso que tortura os estudantes de Matemática, foi membro da Academia Francesa; Bertrand, apontado como um exemplo de “Matemático prodígio” conquistou igual posto por seus trabalhos literários; do mesmo cenáculo famoso também fez parte Poincaré – um dos gênios da Matemática Moderna.

É evidente que na Academia Brasileira de Letras, constituída dos mais altos expoentes da cultura nacional, haveríamos de encontrar também, muitos apreciadores da Matemática, e mais de uma mestre e sabedor profundo da bela ciência de Galileu e Einstein.

Lembrarei de início, Carlos de Laet, que ensinou Matemática e escreveu um artigo muito curioso, que se intitulava “A Matemática e a Academia”. Laudelino Freire, autor de uma *Geometria*. Euclides da Cunha, que nas páginas dos *Sertões* deixa evidente sua sólida cultura matemática. Devo citar, ainda, Goulart de Andrade, Jaceguai, Visconde de Taunay, Luís Carlos, Garcia Redondo, Gregório Fonseca, este último engenheiro militar, discípulo de Trompowski.

Diante de tantos nomes que se distinguiram na Matemática e nas Letras, Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan destaca-se ainda mais nesse grupo de escritores-matemáticos/matemáticos-escritores, se considerarmos que todo o seu esforço de escritor em criar um diálogo permanente da literatura com a matemática não permaneceu somente no discurso. O Prof. Mello e Souza disto se apropria não só para combater o algebrismo, o tradicionalismo e o rigor que predominavam no ensino-aprendizagem de matemática dos anos 30, mas, sobretudo para contribuir com uma educação melhor.

Os seus métodos de ensino traziam como proposta não mais separar a matemática das demais áreas do saber, ao contrário, em buscar nas outras áreas, pontos de intersecção e de diálogo destas com a matemática.

Mais de sete décadas nos separam do lançamento e da premiação de *O Homem que Calculava* e, até os dias de hoje, as concepções interdisciplinares do escritor Malba Tahan e do professor Júlio César de Mello e Souza não foram estudadas e divulgadas na grande maioria das escolas brasileiras.

Meidani (1997: 89), consciente da peça de valor que Júlio César de Mello e Souza representa para a Educação Brasileira, afirma:

(...) daí a urgência do resgate da obra de Malba Tahan, pois nela residem possibilidades concretas de reconciliação e mesmo de vivo entusiasmo para com a Matemática. Se isto pôde, alguma vez, ser considerado desejável, hoje chega a ser necessário, na medida em que se fala insistentemente em *interdisciplinaridade*, ou seja, na recuperação de formas de saber mais integradas e, portanto, mais próximas da complexidade da realidade.

5.4 Entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: a ponte da interdisciplinaridade

A partir da reflexão sobre a vida, o legado e a prática interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, bem como os estudos decorrentes da concepção de interdisciplinaridade formulada por Ivani Fazenda, foi possível constatar que entre o pensamento de um educador e outro há muitos pontos de convergência que, se elucidados, poderão validar a prática interdisciplinar desse educador brasileiro, que há muitos anos ergueu solitariamente essa bandeira, esperando pelo dia que sua prática educativa encontrasse ressonância na prática educativa de outros pares.

Constatamos na teoria formulada por Ivani Fazenda, durante mais de três décadas de seus estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade, os reflexos da prática educativa interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

A criação de Beremís Samir, o protagonista de *O Homem que Calculava*, marca uma das primeiras atitudes interdisciplinares do escritor Malba Tahan e o prêmio concedido a esta obra, justamente por propiciar o diálogo entre a matemática e a literatura, serviu apenas para dar ao Prof. Mello e Souza, “a voz da partida” de que ele necessitava para atravessar os árduos caminhos da educação brasileira com a certeza de que sua idéia original não se perderia nesse areal.

Embora a idéia e o termo interdisciplinaridade ainda nem existissem, constata-se sua forte presença nas suas aulas de matemática, nos artigos que

escrevia para jornais e revistas de sua época, nas conferências que proferia, nas capacitações dos cursos da CADES - Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, enfim, em toda ação educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

O educador trabalhou incansavelmente para conduzir o ensino de matemática a outros roteiros. Nunca poupou-se dos embates com a Academia, que o julgava, pelas suas idéias inovadoras sobre didática e metodologia da matemática, peça de menor valor nos domínios da tradicional matemática que imperava absoluta em sua época.

Provavelmente, o mesmo repúdio sofreu como escritor. Embora *O Homem que Calculava* tivesse sido premiado pela Academia Brasileira de Letras, Malba Tahan sofreu, tanto quanto o Prof. Mello e Souza, a discriminação de muitos críticos e escritores brasileiros: inicialmente, pela moral que expressava ao final da maioria de suas histórias, lendas ou contos; em menor grau, pelo fato do escritor dispor-se, com freqüência, da voz de seus protagonistas para ensinar matemática.

Se o escritor não tivesse ocultado sob a túnica e a *narguilé* árabe de Malba Tahan, suas polêmicas concepções de educação, especialmente, de educação matemática, certamente teria sido mais difícil para Júlio César de Mello Souza divulgá-las em seu meio.

A atitude interdisciplinar do professor de matemática que, ao invés de exigir que seus alunos soubessem “de cor e salteado” teoremas, axiomas e proposições matemáticas, ensinava-os através de histórias, jogos, problemas, desafios e recreações, incomodava tanto quanto as atitudes do escritor que escrevia com intuito de ensinar matemática através das histórias de Malba Tahan.

Essa atitude dialogal do Prof. Mello e Souza e do escritor Malba Tahan impactava o modelo de professor de matemática de sua época, fortemente marcado pelo rigor de uma ciência que havia assumido, ao longo da história, apenas o seu caráter excessivamente teórico:

Porque o matemático, o professor de matemática, em geral, é sádico. Há exceções, é claro. Ele tem um prazer de complicar a matemática. Se pode dar um problema para o menino, ele dá um problema difícil porque dando um problema fácil o menino perde o respeito por ele. (...) A preocupação de quase todos os professores de matemática é essa. É fazer com que a matemática não seja compreendida porque, como dizia Comte, “aquilo que não se entende, venera-se”.

Fazenda (1993: 19) enfatiza o quanto essa “camisa de força” que é a verdade máxima imposta por determinadas correntes educacionais em determinadas épocas, podem contribuir para a reconstrução de novas teorias, entre elas a interdisciplinaridade:

Embora pareça paradoxal, a dificuldade maior é mobilizar consciências mais estruturadas – no caso, já em estágio de escolaridade mais avançado, para um trabalho interdisciplinar. As barreiras, de diferentes ordens, se erguem, porém a mais séria é a de natureza pessoal – a academia, em certos casos, passa a ser camisa-de-força. Estrutura, formaliza, rotula e direciona em uma única, mas restrita, direção. Impede o alcance de um olhar mais penetrante, tornando-o segmentar, covarde e limitado. Em muitos casos, entretanto, ela é a forma por excelência de libertação e reconstrução de itinerários próprios da vida e da teoria.

Mesmo tendo sido colocado à margem desse núcleo matemático brasileiro, o Prof. Júlio César de Mello e Souza nunca desistiu do diálogo; discutia suas idéias com os seus alunos, com os professores que compareciam em suas conferências e em seus cursos, com os críticos e os seus leitores. Inúmeros devem ter sido os desafios educativos vividos pelo educador ao longo dessa memorável travessia.

Mas a sua história pessoal e profissional revelam-nos que a vida de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan foi marcada por duas dicotomias (luta/resistência e solidão/desejo de encontro), apresentadas por Fazenda (1994: 31) como um dos fortes elementos do perfil de um professor interdisciplinar.

(...) o professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por *conhecer e pesquisar*, possui um grau de *comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa técnicas e procedimentos de ensino*, porém, antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano. Apesar do seu empenho pessoal e do sucesso junto aos alunos, trabalha muito, e seu trabalho acaba por incomodar os que têm a acomodação por propósito. Em todos os professores portadores de uma atitude interdisciplinar encontramos a marca da *resistência* que os impele a lutar contra a acomodação, embora em vários momentos pensem em desistir da luta. Duas dicotomias marcam suas histórias de vida: *luta/resistência* e *solidão/desejo de encontro*.

Comparando outros aspectos levantados, podemos enfatizar as áreas distintas em que transitam as 103 obras publicadas por Júlio César de Mello e Souza e Malba Tahan; seu legado constitui-se na prova mais evidente de que o educador trazia em si o gosto especial por *conhecer e pesquisar*. As obras de cunho didático e, principalmente, as relacionadas à didática da matemática, revelam que o educador possuía um grau de “comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousava técnicas e procedimentos de ensino” (Fazenda, 1994: 31), porém, antes, analisava-os e dosava-os convenientemente.

As diferentes bandeiras levantadas por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan ao longo de seu itinerário como educador – educação matemática, educação continuada de professores, interdisciplinaridade etc. – compõem a prova mais evidente de que ele sempre estava envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos: “Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que lutava por uma educação melhor” (Fazenda, 1994: 31).

O educador, em muitos momentos de seu itinerário pessoal/profissional, defrontou-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano: foi banido do grupo de matemáticos da época, afinal a sua matemática era uma heresia. Entretanto, a sua concepção de matemática e o entrelaçamento desta com as mais diversas áreas do saber conquistava leitores, alunos, ouvintes de suas conferências; é como se ela guardasse em si uma magia e um encantamento que só Malba Tahan sabia absorver e transmitir. “Apesar do seu empenho pessoal e do sucesso junto aos alunos, trabalhou muito, e seu trabalho acabava por incomodar os que tinham a acomodação por propósito” (Fazenda, 1994: 31).

Entretanto, todo o esforço, toda a sua *resistência* e toda a sua luta ao conceber e registrar esse legado encontra-se às portas do reconhecimento, principalmente após as atuais concepções de ensino presentes no Brasil e no mundo, em particular, as novas correntes da educação matemática (etnomatemática, modelagem matemática, matemática e linguagem, jogos, resolução de problemas etc.).

As duas dicotomias que fortemente marcaram a sua história de vida – “luta/resistência e solidão/desejo de encontro” – e que o definem como um professor interdisciplinar encontram nas atuais concepções de Educação, especialmente na interdisciplinaridade, a sua maior aliada.

Dentre as atitudes mais marcantes desse mestre, apresentamos aquelas que encontram pontos de intersecção com a concepção de interdisciplinaridade formulada por Fazenda (2000: 154): “interdisciplinaridade é uma questão de atitude”.

Atitude de quê? Atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor, atitude de espera frente aos atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo; atitude de humildade frente a limitação do próprio saber; atitude de perplexidade frente a possibilidade de desvendar novos saberes; atitude de desafio em redimensionar o velho; atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas; atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida.

- Ele já possuía em si a “atitude interdisciplinar”, condição primordial para ter se tornado o educador/escritor que magnetizou muitas gerações de leitores, professores e alunos brasileiros.
- “A sua prática educativa era uma prática interdisciplinar”. Transitava como professor de outras áreas do saber com o mesmo domínio de conhecimento que havia adquirido para exercer a docência de matemática. Como exemplo, podemos mencionar a sua atuação docente no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, no qual exerceu o cargo de professor durante 40 anos: ele lecionava Matemática, A Arte de Contar História, Literatura Infantil e Folclore.
- “A sua busca de alternativas para conhecer mais e melhor” pode ser encontrada no diálogo da matemática com a literatura e destas com outras áreas do saber; em suas propostas didáticas inovadoras – laboratório de ensino de matemática, jogos, resolução de problemas etc.
- “A sua atitude de espera perante atos não-consumados” fica explícita na sua espera de reconhecimento, em relação à sua produção literária e/ou de sua produção específica na área de ensino-aprendizagem de matemática e educação.

- “Atitude de reciprocidade que impele à troca, ao diálogo com pares idênticos”, comprovada nas duas mil pastas de suas conferências, proferidas de norte a sul do Brasil e em algumas cidades da América do Sul (Anexo 5).
- “Atitude de humildade diante da limitação do próprio saber” torna-se evidente quando retomamos suas obras e nestas descobrimos as co-autorias em muitos de seus livros (Capítulo 2).
- “Atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio diante do novo, desafio de redimensionar o velho”, principalmente, o velho método de ensino de matemática, aplicado no Brasil durante as sete primeiras décadas do século passado e do qual ele foi vítima – tanto na condição de aluno quanto na condição de matemático e de professor de matemática.
- “Atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e as pessoas nestes implicadas”, o que se evidencia tanto no cuidado e no respeito que nutria pela aprendizagem matemática de seus alunos/professores/leitores quanto no envolvimento e comprometimento com a causa e a reabilitação dos hansenianos.
- “Atitude de compromisso de construir sempre da melhor forma possível o que se propunha”: professor de matemática, escritor, conferencista, matemático, defensor da causa dos hansenianos.
- “Atitude de responsabilidade e sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida”, fortemente presentes no prazer que o educador deixava transparecer em ter cumprido a sua missão, ensinando matemática, escrevendo, contando histórias, proferindo palestras, cursos e conferências, cuidando da causa dos hansenianos e dos menores delinqüentes.
- “Pela sua capacidade de dispor aos outros os conhecimentos que havia adquirido nas mais diversas áreas do saber”, compilados em mais de uma centena de livros e em três revistas, que publicados a partir de 1925, até hoje encantam seus leitores e os pesquisadores de seu legado, tanto pela

multiplicidade de títulos quanto pela variedade de temas em que pesquisava e estudava para conceber tais obras: literatura, linguagem, matemática, educação, ética, cidadania, religião, história, geografia, filosofia etc.

Através das atitudes interdisciplinares formuladas por Ivani Fazenda estabeleceu-se, pois, uma interligação das concepções de interdisciplinaridade com a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Entre um educador e outro existe muito mais pontos de intersecção do que as atitudes interdisciplinares explicitadas: existe a ousadia da busca, a intuição, a imaginação, a alegria, o registro, o resgate da própria identidade, a espera, a reciprocidade, a perplexidade, o desafio, o envolvimento, o comprometimento, o compromisso, a responsabilidade, o entendimento de que ser um professor é ser formador e formando ao mesmo tempo, a humildade de perceber a si próprio incompleto para desejar conhecer mais, pesquisar mais.

Entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan também existem:

- os cinco princípios que subsidiam uma prática docente interdisciplinar: humildade, coerência, espera, respeito e desapego;

- os fundamentos de uma prática docente interdisciplinar: o movimento dialético, a memória, a parceria, a sala de aula interdisciplinar, o respeito e as pesquisas interdisciplinares;

- o olhar de uma pesquisadora que se dispôs ler nas entrelinhas de uma concepção teórica – a interdisciplinaridade de Ivani Fazenda - as possibilidades de encontro do novo em revisita ao velho – a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan;

- duas histórias de vida, vividas em prol de uma educação que pudesse romper as barreiras entre áreas distintas do conhecimento;

- um fio que une as dúvidas temporárias da complexidade e as certezas provisórias da interdisciplinaridade;

Entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan existe uma elaboração teórica arduamente construída que tornou-se um elo, uma verdadeira ponte entre os dois educadores: **a interdisciplinaridade!**

... a interdisciplinaridade permite-nos olhar o que não se mostra e intuir alcançar o que ainda não se consegue, mas esse olhar exige uma disciplina própria capaz de ler nas entrelinhas.

Outro aspecto a ser salientado é a necessidade de privilegiar o encontro com o novo, com o inusitado em sua revisita ao velho. (...) A trilha interdisciplinar caminha do ator ao autor de uma história vivida, de uma ação conscientemente exercida a uma elaboração teórica arduamente construída.

5.5 Entre Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e Ivani Fazenda: o espelho de uma prática educativa interdisciplinar

Atualmente, estudiosos do legado de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan reconhecem em *O Homem que Calculava* um outro grande marco na vida do educador: a convergência de vários domínios do conhecimento humano articulados e interagindo, expressos pela proposta pedagógica malbatâhanica de educar e ensinar matemática através de estórias. A obra revela o caráter de vanguarda inquestionável do educador nos domínios da interdisciplinaridade, principalmente, na educação brasileira.

Regina Machado¹, defende a idéia de que esta é uma obra resultante da convergência de vários domínios do conhecimento humano, todos eles esmiuçados (esquadrinhados, experimentados) pela curiosidade e o rigor erudito de Malba Tahan: os domínios da educação, da matemática, da cultura e filosofia orientais (especialmente do mundo árabe) e o da narrativa tradicional. “A experiência que teve na sua vida vivida de professor e contador de estórias, de investigador da ciência matemática e estudioso dos povos árabes, condensou-se nesta obra singular: os vários domínios aí conservam sua autonomia, interpenetram-se e complementam-se na configuração do todo da narrativa, alinhavada, ‘ligada’, pela imaginação”.

Como podemos perceber, a prática educativa do Prof. Mello e Souza e a proposta literária interdisciplinar do escritor Malba Tahan definiram e delinearam o perfil interdisciplinar desse educador que, mesmo vivendo num ambiente educacional hostil às suas propostas pedagógicas, persistiu em divulgá-las nos seus

¹ MACHADO, r. Malba Tahan. s.c.p. s/d. mimeo. p.2

livros, nas suas aulas, nos seus cursos e nas conferências que proferia de norte a sul do país.

Quando antepomos essa proposta pedagógica malbatahânica de educar e ensinar à concepção de interdisciplinaridade formulada por Ivani Fazenda, percebemos que a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan encontra o *espelho* que buscava para validar a suas idéias de pleno diálogo entre as distintas áreas de nossa inteligência.

Em Saramago, no *Ensaio sobre a Cegueira*, encontramos uma justificativa para a metáfora do *espelho*: “se podes olhar, vê, se podes ver, repara”, utilizada para representar a professora-pesquisadora que não apenas vê, mas que repara em seu próprio olhar o reflexo das duas imagens que nela incidem: a de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e a de Ivani Fazenda.

Buscando recuperar “a alegria do *olhar*, de ter *olhos* quando os outros o perderam” (Fazenda, 1999: 13), ao retomar a prática educativa deste educador brasileiro, encontramos nas produções literárias de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan, mil e uma possibilidades de desenvolver propostas pedagógicas interdisciplinares destinadas aos mais variados níveis de ensino – da educação infantil ao ensino superior, especialmente, nos cursos de formação inicial e continuada de educadores.

A opção pelo conto infantil *Oh! ... Que coisa exquisita!*¹ (Anexo 5) se justifica pelo caráter interdisciplinar do mesmo e, também, como um pretexto para o exercício da interdisciplinaridade na educação infantil, como sugere Junqueira Filho (1995, 30) em *Interdisciplinaridade na Pré-Escola: o convite num olhar*. “Começar a conjugar interdisciplinarmente a pré-escola é dispor-se a tentar ligar essas e outras múltiplas, diferentes e diversas faces, buscando as relações e a interação entre elas”.

A seguir, apresentamos duas propostas de trabalho interdisciplinares decorrentes da leitura e da análise deste conto de Malba Tahan e que resultaram do planejamento coletivo com os professores da Educação Infantil da Rede Municipal de Queluz durante um dos encontros do Projeto A Escola Vai a Malba Tahan¹:

¹ Oh! Que coisa exquisita!, conto de Malba Tahan, publicado no Jornal O TICO-TICO, Agosto de 1945.

¹ Em Queluz, 29 de Setembro de 2003.

1ª Proposta: Maternal (3 a 4 anos)

1º dia: Contar a história adequando sua linguagem à faixa etária das crianças da educação infantil (3 a 5 anos). Solicitar que a expressem através do desenho livre da parte da história que mais gostou. Após o término dos desenhos, propor que cada criança exponha seu desenho no “varal de histórias” da classe.

2º dia: Após a recordação coletiva do conto, montar um texto com os alunos, solicitando que os mesmos criem outro final para a história do gigante Fabordão. Montar um livrão coletivo, em canson A3.

3º dia: Criar situações – problema com a história.

4º dia: Propor uma pesquisa para casa sobre os animais que aparecem na história (coruja, gato e rato), depois montar um painel com as pesquisas.

5º dia: Desenhar três presentes que o aluno daria para o médico se fosse o gigante Fabordão.

6º dia: Desenhar a casa do gigante com os detalhes que aparecem na história explorando conceitos matemáticos (quantidades);

7º dia: Montar um cartaz com falas dos alunos sobre o que eles acham “exquisito” no mundo;

8º dia: Encerrar o projeto montando um portfólio com todos os passos do projeto, colocando objetivo, justificativa e fotos de cada etapa diária.

2ª Proposta: Jardim e Pré-escola: (5 a 6 anos)

1º dia: Contar a história adequando sua linguagem à faixa etária das crianças (5 a 6 anos aproximadamente). Solicitar que a expressem através de um desenho livre, que será exposto no “varal de histórias” da classe.

2º dia: Recontar a história, utilizando o recurso do teatro de fantoches. A proposta é interessante, pois despertará nas crianças a memória da história contada no dia anterior e a identificação das mesmas com os personagens – o gigante, o amigo do gigante, o médico, os enfermeiros.

3º dia: Trabalhar os conceitos de cores, tamanho e quantidade.

4º dia: Trabalhar os conceitos de higiene e saúde, educação ambiental, animais, profissões e vestuário.

5º dia: Recontar, parte por parte, a história. Solicitar que os alunos façam um desenho que represente cada parte oralmente contada, confeccionando, ao final da história *Oh! ... Que coisa exquisita!*, o seu próprio livrinho.

6º dia em diante: Explorar outros temas que aparecem na história: lateralidade, percepção tátil, esquema corporal, matemática, valores (solidariedade, gratidão, bem e mal, bom e mau etc.).

Culminância do trabalho: Exposição dos livrinhos e dramatização do Conto *Oh! ... Que coisa exquisita!* pelos próprios alunos.

Encerrar o projeto montando um portfólio com todos os passos do projeto, colocando objetivo, justificativa e fotos de cada dia de trabalho.

Estas propostas representam apenas um convite ao olhar, ao ver e ao reparar as inúmeras potencialidades presentes no legado de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. Pesquisá-las e trazê-las à luz é um desafio para o olhar interdisciplinar de outros “malbatahantólogos” que sempre buscarão descobrir um novo jeito de produzir novos saberes a partir da revisita à velha prática educativa deste educador, que nova se transforma, direcionada pelas certezas provisórias e pelas dúvidas temporárias do nosso fazer educativo (Fazenda, 1998: 13):

Um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas e a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações. Exercitar uma forma interdisciplinar de teorizar e praticar educação demanda, antes de mais nada, o exercício de uma atitude ambígua. Tão habituados nos encontramos à ordem formal convencionalmente estabelecida, que nos incomodamos ao sermos desafiados a pensar com base na desordem ou em novas ordens que direcionam ordenações provisórias e novas.

Portanto, “fazer pesquisa numa perspectiva interdisciplinar, significa a busca de um novo conhecimento, em que este não é, em nenhuma hipótese, privilégio de alguns (...). Fazer pesquisa numa perspectiva interdisciplinar, hoje, significa (...) a busca da construção coletiva, em construção coletiva, em parceria, a quatro mãos, a seis, a muitas outras mais” como anteriormente afirmou Ivani Fazenda (1993: 20).

À espera de muitas mãos está o “moleiro” de Malba, aquele que prepara o trigo, para que os educadores de nosso tempo o transformem em pão.

CAPÍTULO VI

“Ninguém pergunta à caravana qual será o seu roteiro no areal. O deserto, como o oceano, tem rumo mas não tem estradas. E eu, vendo partir este beduíno atrevido e cheio de fé, e sabendo que já não estarei vivo quando ele voltar, mas certo de que fará vitoriosamente a travessia – eu, pondo as mãos trêmulas sobre a sua cabeça turbilhonante de sonho, limito-me como um xeque quase cego que já não vê o fogo diante da própria tenda dar-lhe a voz da partida, lançando-lhe a benção patriarcal em nome de nossa tribo:

- Allah te conduza, filho do deserto! E que as fontes dos oásis dêem água límpida para a tua sede e, à tua chegada, abram no alto, para o teu repouso, um verde teto de folha e estendam, no chão, para o teu sono, um fresco tapete de sombras.”

(Humberto de Campos, no Prefácio de Mil Histórias Sem Fim)

CAPÍTULO VI

MALBA TAHAN E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

O atual contexto histórico e cultural da humanidade mostrou-se imbuído por diversas crises: crise da cultura moderna (Santos Neto, 1997), crise planetária (Morin e Kern, 1993) e, entre outras crises, a crise da educação escolar.

Santos Neto (1998, 99-113) ao citar Boff (1983: 3) lembra que crise tem raiz no sânscrito KRI, que significa limpar, separar, purificar, depurar. A crise é, assim, uma oportunidade de discernimento e de reorientação de escolhas. Discernir o que vale ainda do que já não vale mais. Romper com o que está desgastado e superado. Continuar com os elementos ainda válidos. Mas arrojando-se a novas elaborações e construções que possam auxiliar a edificação da vida plena.

Vivemos atualmente momentos de incertezas, dúvidas, transformações, avanços tecnológicos, trágicos processos de desumanização, globalização da economia e revisão de antigos projetos e utopias. Nesse contexto, a educação escolar e seus profissionais, por motivos e interesses diferentes, aparecem nos sisudos discursos de empresários, políticos, sindicalistas, pesquisadores e de lideranças oriundas dos diferentes segmentos sociais. Existe um franco movimento no sentido de repensar a educação escolar – em meio a conflitos ideológicos em torno do que seja a educação escolar -, objetivando colocá-la em condições de responder aos desafios deste tempo.

Em função dos desafios deste tempo, anteriormente elucidados por Santos Neto (2002: 41) que decorrem as atuais discussões sobre a formação de educadores, que se avolumam e ganham, cada vez mais, importância no Brasil e no mundo.

Nos atuais processos formativos oriundos desse novo paradigma educacional, considera-se não só a formação profissional, mas também a formação pessoal do educador. Neste sentido, quatro competências deverão ser contempladas: a **competência técnica na área escolhida** - o educador deve saber mais do que ele ensina; a **competência pedagógica** - o educador deve compreender a escola e a sua organização, o projeto político pedagógico da escola,

a importância do trabalho coletivo e do sujeito coletivo; a **competência política** – o professor deve compreender que a escola é um meio privilegiado para interferir na sociedade e ajudar a construir a sociedade; a **competência humana** – conhecer a si mesmo e aos outros: “identidade, projetos pessoais, representações, vida emocional, intersubjetividade, consciência corporal, autoconceito, espiritualidade, sensibilidade ao ouvir o outro, capacidade de disciplina pessoal, generosidade, constância, compromisso pessoal com utopias, entre tantos outros” (Santos Neto, 2002: 45).

Das quatro competências citadas, a competência humana foi a mais relegada no paradigma da simplicidade. Em compensação, nos últimos anos, avanços teóricos têm trazido grandes contribuições aos aspectos humanos da formação de educadores. As histórias de vida (António Nóvoa), as práticas sociais (Franco Ferrarotti), os ciclos de vida profissional na carreira docente (Huberman), a complexidade das relações humanas (Edgard Morin), o renascimento do sagrado nos processos educativos (Ruy do Espírito Santo), o paradigma educacional emergente (Maria Cândida de Moraes), o registro da memória (Ecléa Bosi), a exterioridade e a interioridade pessoal e transpessoal (Elydio dos Santos Neto), os saberes necessários à prática docente (Paulo Freire), a construção da identidade fundamentada no autoconhecimento (Ivani Fazenda) entre outros distintos enfoques, constituem os aros do novo leque de opções que surgiram do esforço coletivo de educadores de diversos países em fomentar novas práticas formativas.

Considerando os estudos e as pesquisas realizados para recompormos a história de vida e a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, encaminhamos o foco do nosso olhar para a linha de formação de educadores, a fim de investigarmos se é possível resgatarmos do seu legado literário e pedagógico saberes formativos para os educadores do nosso tempo.

Neste capítulo, retomamos o questionamento que tem despertado o olhar de diversos pesquisadores de seu legado: Lorenzato (1995), Regina Machado (1997), Helena Meidani (1997), Cristiane Coppe de Oliveira (2001), Gabrielle Greguersen (2003) :

- Quais as efetivas contribuições de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan à formação de educadores?

Para respondermos a tal desafio, recorreremos a um dos mais belos contos de Malba Tahan, *Na Oitava Casa da Vida* (Tahan, 2001: 155 – 161), em anexo (Anexo 6), e às figuras metafóricas comparativas utilizadas pelo educador para suscitar a mensagem de busca e de crescimento pessoal/profissional para demonstrarmos uma centelha da sua proposta educativa.

Também trazemos à luz o relato de uma experiência de educação continuada de professores por meio dos projetos *Malba Tahan Vai à Escola* e *a Escola Vai a Malba Tahan*, ambos destinados aos professores e alunos da Rede Municipal de Queluz.

A partir dos resultados obtidos nestas práticas educativas, o foco das possíveis contribuições à formação de educadores foram se centralizando naquele que é o prisma e o objeto do presente estudo: Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

6.1 Malba Tahan Vai à Escola ou a Escola Vai a Malba Tahan?

Os estudos e as pesquisas realizados sobre a vida e a obra de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan direcionaram nosso olhar para os problemas e os desafios enfrentados pelos professores do nosso tempo nos processos de ensino e aprendizagem, levando-nos a buscar, na prática educativa do referendado mestre, contribuições significativas para a formação de educadores.

Encontramos no legado pedagógico deste educador inúmeras contribuições à educação matemática, à educação continuada de professores e à interdisciplinaridade, explicitadas no Capítulo III, e que serviram de alicerce inicial a um projeto de educação continuada destinado aos professores da Rede Municipal de Queluz - SP.

Como pesquisadora do Centro Cultural Malba Tahan em Queluz, percebíamos que o interesse pelo legado do educador tornava-se cada ano mais freqüente, entretanto, esse interesse advinha em maior escala de pesquisadores de outros municípios, de outros estados brasileiros e de outros países, do que propriamente, das pessoas de Queluz.

Tendo como justificativa para este descaso o fator tempo – o menino Júlio César deixou o município no início do século passado para prosseguir seus estudos

no Rio de Janeiro e a família Mello e Souza o fez alguns anos mais tarde em busca de estudos para os irmãos menores e fontes de trabalho para os filhos mais velhos – acrescido também do fator cultural – o povo brasileiro não foi educado para valorizar a sua história, honrar a sua memória e o seu patrimônio – propusemos um trabalho coletivo com os professores, diretoras e a coordenadora pedagógica das quatro escolas do município¹. O Projeto *Malba Tahan Vai à Escola* (Anexo 7), uma parceria do Centro Unisal – Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz atendeu durante o ano de 2002, aproximadamente 120 profissionais da educação, tendo como suporte o trabalho didático pedagógico de três professoras-pesquisadoras² e o trabalho de iniciação científica realizado pelos seis alunos-pesquisadores³ dos cursos de Licenciatura em Ciências, Matemática e História do Centro Unisal – Lorena.

Este projeto, uma parceria do Centro Unisal – Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz, contemplava:

- a) A inserção cultural de Malba Tahan no contexto educacional do município em que o educador viveu a infância e os melhores momentos de sua juventude e pelo qual nutria admirável respeito e consideração;
- b) A criação de um grupo de professores-pesquisadores da Rede Municipal de Queluz que conhecessem a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan e a utilizassem em sua prática pedagógica.

Nosso ponto de partida foi, por excelência, uma avaliação diagnóstica da realidade educacional dos professores das quatro escolas do município realizada durante o nosso primeiro encontro, ressaltando os principais problemas e as dificuldades por eles encontrados no processo educativo. Esse instrumento assinalou dois problemas: alunos com deficiências de alfabetização e letramento e de matemática, em particular, as quatro operações básicas.

¹ EMEF José Carlos de Oliveira Garcez , EMEF Marilda Garcez , EMEF Maria Mendes Guerra Pereira e EMEIEF Arco-íris.

² Professoras-pesquisadoras: Juraci Conceição de Faria, Kátia Tavares da Silva e Marcilene Rodrigues Pereira Bueno

³ Alunos-pesquisadores: Emanuelle Meriche Galvão Bento da Silva (História); César Augusto Sverberi Carvalho, José Roberto de Souza, Maura Watanabe (Ciências e Matemática); Marcelo Henrique e Valéria Figueiredo Brito (Matemática).

O grupo subdividiu-se entre os professores de educação infantil e os de ensino fundamental, a fim de que pudéssemos atender à especificidade de cada nível de ensino e os distintos problemas apontados.

Em cada encontro mensal, de quatro horas de duração, iniciávamos os trabalhos com todos os educadores juntos, ora apresentando a história de vida de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, ora um conto, uma lenda, uma fábula, uma história infantil ou trechos de seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som; em seguida, partíamos para as oficinas de alfabetização e letramento ou de matemática. Articulando as novas tendências educacionais com exemplos e aplicações práticas extraídas do legado do escritor e do educador, íamos não só trazendo fundamentação teórica às dificuldades apontadas, mas, sobretudo, conquistando entre os educadores a valorização do trabalho desse educador que teve em uma das primeiras escolas de Queluz, a de sua própria mãe, o seu “berço pedagógico”.

Esta metodologia de trabalho era também permeada pelo trabalho coletivo, em que os educadores da educação infantil e do ensino fundamental planejavam a tarefa coletiva a ser aplicada em sala de aula e relatada aos colegas no encontro seguinte. A valiosa gama de experiências possibilitou uma troca constante de atividades que tendo sido acertivas ou não, poderiam ser copiadas ou adaptadas a outras práticas pedagógicas, dependendo do olhar de cada um. Esse movimento de ação-reflexão-ação favoreceu o diálogo entre pares de mesmo nível de ensino (educação infantil: maternal, jardim, pré; ensino fundamental: 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a a 8^a séries) e das esferas administrativas, uma vez que a presença constante das diretoras e das coordenadoras destas escolas consistia numa parceria ainda mais enriquecedora.

Alternadamente oferecíamos oficinas de leitura e produção de textos, literatura infantil, arte de contar histórias, as quatro operações, resolução de problemas, jogos matemáticos e projetos interdisciplinares.

Ao finalizarmos as 80 horas anuais desse projeto, organizamos uma mostra dos trabalhos mais significativos organizados pelos professores e alunos de cada escola envolvida nos dez meses de atuação deste projeto. O I Simpósio Malba Tahan¹ (Anexo 8), trouxe a Queluz, não só a presença de familiares e pesquisadores

¹ Realizado na EMEF “Capitão José Carlos de Oliveira Garcez, no dia 18/novembro/2002.

de seu legado, mas, principalmente, a seriedade de um trabalho acadêmico, realizado em parceria e no coletivo da escola.

Ao finalizarmos o último encontro proposto¹, percebemos que, os professores, coordenadoras e diretoras solicitavam, veementemente, a continuidade dos nossos trabalhos em 2003.

Buscando atender a este pedido, elaboramos o Projeto *A Escola Vai à Malba Tahan* (Anexo 9), um trocadilho metafórico com o Projeto *Malba Tahan Vai à Escola*, mas que escondia os sonhos e a ideologia de transpor os limites do mundo adulto dos educadores queluzenses para penetrar diretamente no universo infanto-juvenil de seus alunos, através de uma nova proposta pedagógica, fora dos limites disciplinares, mais ampla que os espaços vazios resultante das intersecções da matemática, da língua portuguesa, da história, da geografia, da ciência, da educação artística, da educação física, da língua estrangeira e de outras áreas do conhecimento que as escolas municipais de Queluz, assim como a grande maioria das escolas brasileiras, não contemplavam ainda.

O projeto proposto contou com uma nova parceria, a Unesp – Campus Guaratinguetá, especificamente com a colaboração da professora Dr^a Tânia Lacaz e de cinco alunos da Licenciatura em Matemática e ainda com três novas alunas da Matemática do Centro Unisal – Lorena².

O novo grupo reunia-se semanalmente, às segundas-feiras, na Unesp. Estudávamos algumas obras de Malba Tahan e organizávamos as ações mensais destinadas aos professores de Queluz. Como em cada encontro solicitávamos aos participantes que avaliassem os trabalhos propostos, utilizávamos parte deste tempo para analisar as sugestões dos professores, discutir novas posturas metodológicas e planejar melhor .

Em Queluz, uma nova dinâmica permeava os encontros mensais: atividades interdisciplinares, compiladas dos contos infantis de Malba Tahan, publicados em antigos jornais do Rio de Janeiro e muitos destes, ainda inéditos e também de sua obra mais conhecida, *O Homem que Calculava*. A interdisciplinaridade ganhou um lugar de honra em nossos estudos e pesquisas e os projetos desenvolvidos pelos

¹ Dezembro de 2002

² Unesp – Guaratinguetá: Carlos Francisco Bastarz, Dêmis Yukio Kato, Isaac Eduardo França de Andrade, Liliâne Lelis Oliveira e Lucirene Vitória Góes França; Unisal – Lorena: Genésia Aparecida Augusto, Heloisa Aparecida Sampaio Siqueira da Silva e Joyce Vieira Prudente.

professores das três níveis educacionais atendidas (educação infantil, do ensino fundamental – 1ª a 4ª séries e ensino fundamental – 5ª a 8ª séries) contemplavam, a cada encontro, o diálogo permanente entre as distintas áreas do saber.

Tendo como preocupação acompanhar os progressos e as dificuldades encontradas pelos professores ao longo de cada mês, iniciávamos os encontros com os professores reunidos pelos três níveis, ouvindo e discutindo os relatos de suas experiências com as atividades interdisciplinares que havíamos planejado no encontro anterior. Muitos professores enriqueciam este momento inicial ao trazer o registro dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, os cadernos pedagógicos e, muitas vezes, os próprios alunos, dramatizando, cantando, declamando, dançando, enfim, desempenhando o papel de atores e autores do conhecimento.

Os professores de 5ª a 8ª séries e as professoras e alunos pesquisadores planejaram e organizaram a *1ª Semana Cultural e Olímpica Malba Tahan - Gincana da Solidariedade*¹ que movimentou não só alunos, professores, coordenadora, diretora, professoras-pesquisadoras e alunos da iniciação científica, como toda a cidade. A programação desta semana revelou o quanto a interdisciplinaridade e o diálogo entre as áreas do saber contempladas no ensino fundamental transpuseram os limites da disciplinaridade e das paredes que separavam cada turma de alunos. As distintas propostas de trabalho possibilitaram a criação de uma rádio na escola, o ensaio de diversas músicas e de novos passos de dança, a dramatização da vida e de trechos de algumas obras de Malba Tahan. O projeto trouxe, comprovadamente, vida nova à escola: alegria, amizade, companheirismo, solidariedade, seriedade, estudo, empenho, coletividade. Ao final daquela semana, vivenciamos a certeza de que havíamos, finalmente, atingido as metas propostas a princípio e que os alunos e os professores das escolas de Queluz, sabiam *de cor* (no coração) quem era de fato Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

De forma análoga ao primeiro ano de trabalho coletivo, os melhores trabalhos desenvolvidos em 2003 foram selecionados pelas escolas para serem apresentados no *II Simpósio Malba Tahan*² (Anexo 10) que reuniu também o relato de outros professores-pesquisadores de seu legado, oriundos de outras instituições de ensino superior do país e, portanto, de outros olhares, diferentes daqueles de que já estavam habituados.

¹ Realizada na EMEIEF Arco-íris, no período de 13 a 17 de outubro de 2003.

² Realizado na EMEF Capitão José Carlos de Oliveira Garcez, no dia 7/novembro/2003.

Também apresentamos uma mostra dos trabalhos realizados durante estes dois anos de educação continuada no II Fórum de Educação da Secretaria Regional de Ensino¹, trabalho este que denominamos *Malba Tahan, que luz!*

No I e II Simpósios Malba Tahan contamos com a presença de alguns familiares do educador, sua neta Ms. Renata de Faria Pereira² e seu irmão Dr. André Pereira³ e, também de renomados pesquisadores de seu legado: Ms. Cristiane Coppe de Oliveira⁴; Prof. Dr^a Gabrielle Greggersen⁵; Ms. Helena Meidani⁶; Dr. Pedro Paulo Salles⁵; Prof. Dr. Sérgio Lorenzato⁶, Dr. Elydio dos Santos Neto⁷, José Luiz Pasin⁸, Dr. Severino Antonio Barbosa⁹ e Ms. Laureano Guerreiro¹⁰.

¹ Realizado no Club dos 500, em Guaratinguetá, no período de 17 a 22 de novembro de 2003.

² Arquiteta, escritora, proprietária da Editora Restauro do Rio de Janeiro.

³ Professor da UFRJ, historiador e neto de Malba Tahan

⁴ Professora da Universidade de Guarulhos, orientanda do Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrósio na dissertação de mestrado que desvela a pluralidade cultural e a etnomatemática no universo malbatahânico (Unesp – Rio Claro),

⁵ Professora da Universidade Mackenzie, estuda a moral e a ética dos contos imaginativos de Malba Tahan como forma de utilizá-los para educar e ensinar a atual geração de jovens e adolescentes brasileiros

⁶ Professora de Matemática do Colégio Oswald de Andrade em São Paulo, orientanda do Prof. Dr. Luiz Jean Lauand enquanto estudava a Matemática, a Literatura e a Educação em Malba Tahan (USP).

⁵ Professor da USP, sobrinho-neto de Malba Tahan e um profundo estudioso da história de vida do educador.

⁶ Professor catedrático da Unicamp, ex-aluno do educador e um dos pioneiros pesquisadores das metodologias e da didática da matemática de Malba Tahan.

⁷ Professor do Programa de Mestrado em Educação da UMESP, diretor da Faculdade de Educação e Letras da UMESP – São Bernardo do Campo (SP) e orientador desta dissertação.

⁸ Historiador de renome no Vale do Paraíba, professor do Centro Unisal – Lorena e Vice-Presidente do IEV – Instituto de Estudos Valeparaibanos.

⁹ Licenciado em Letras e Doutor em Educação pela Unicamp. É professor do Mestrado em educação na Unisal, Americana – SP, e da FATEC, Guaratinguetá – SP.

¹⁰ Licenciado em História, Pós-graduado em Educação (Unisal – Lorena) e mestrando do Programa de Ciências da Religião da UMESP – São Bernardo do Campo; é professor da FAP, Faculdade de Pindamonhangaba - SP.

6.2 No foco da formação de educadores, as contribuições de Malba Tahan

Tendo como suporte teórico os estudos e as pesquisas realizadas que constituíram o arcabouço de sustentação destas experiências de trabalho em três esferas distintas da Rede Municipal de Queluz, reconhecemos que graças a essa vivência teórica permeada pela prática é que desvelamos os elementos da prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, os quais poderão trazer algumas contribuições à formação dos educadores de nosso tempo: os projetos interdisciplinares, o uso de jogos, a resolução de problemas, a sala ambiente ou o laboratório de ensino de matemática, o resgate da história e os valores éticos e morais.

Projetos interdisciplinares multifacetados poderão ser elaborados a partir de seus livros - em especial, *O Homem que Calculava*, de alguns contos, lendas, fábulas e histórias infantis. O diálogo entre as áreas do saber é uma constante em grande parte da produção literária de Malba Tahan e poderia ser utilizada como eixo desencadeador de atividades interdisciplinares desde a educação infantil até o ensino superior, especialmente nos cursos de formação inicial de professores.

À guisa de exemplificação, retomemos um dos projetos interdisciplinares elaborados com os professores da educação infantil da Rede Municipal de Queluz durante as atividades do Projeto *A Escola Vai a Malba Tahan* e que demonstra não só a possibilidade de um trabalho pedagógico interdisciplinar fundamentado em uma história infantil - "*Oh! Que coisa Exquisita!*", mas também a possibilidade de um fazer pedagógico interdisciplinar a partir da educação infantil (Anexo 5).

O uso de jogos como facilitador do processo de ensino aprendizagem, principalmente, de matemática, foi proposto pelo educador em seu livro *Didática da Matemática* (1961: 151-230) no início da década de 60, e, mesmo tendo sido reconhecido décadas mais tarde pela Educação Matemática como uma metodologia indispensável principalmente para a apropriação do conceito de número e das operações numéricas, até hoje grande número de educadores delegam aos jogos apenas sua contribuição ao lazer e ao prazer, esquecendo-se que muitos jogos poderiam ser reaproveitados em sala de aula para a introdução ou a motivação de novos ou velhos conhecimentos. Para o educador, o jogo não deveria ser utilizado em sala de aula apenas como recurso didático, uma vez que disciplina educa a

atenção, desperta a atenção pelo estudo, revigora o espírito de solidariedade, força o aluno a ser correto e leal, reaviva a simpatia pelo mestre, fixa, retifica e verifica a aprendizagem; é uma atividade lúdica que, se bem orientada, educa tanto quanto ensina.

A resolução de problemas nos processos de ensino e aprendizagem, principalmente, de matemática, é uma outra proposta educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, que os apresentava de forma curiosa: através de uma história. Costumava dizer que nada interessa mais aos homens do que uma boa história, por isso, delas se apropriava para criar problemas matemáticos, que desafiassem a curiosidade e despertassem o desejo de buscar nos cálculos, a solução correta do problema. *O Homem que Calculava* exprime essa sua idéia original que tornou-se ao longo do tempo, a marca mais forte de sua prática educativa.

Meidani (1997: 85-100) compara esta prática educativa de ensinar matemática através de problemas desenvolvida por Malba Tahan à prática de correspondência dos alunos entre si e/ou com outras escolas proposta por Célestien Freinet para provocar a escrita das crianças; em ambas podemos perceber o desejo de aprender e o esforço de um aprimoramento crescente dos alunos. Afirma ainda que *a priori*, nenhum aluno quer, espontaneamente, aprender matemática. Entretanto, quando motivado por problemas dotados de algum interesse especial, debruçar-se-á sobre a sua solução e, a esse pretexto, aprenderá matemática. O mesmo interesse aplica-se aos jovens, adultos e matemáticos profissionais:

Seus problemas pintados com tintas de história oferecem a crianças com poucas noções matemáticas, o prazer das histórias; a jovens estudantes, interessantes interfaces de seu aprendizado com a realidade e mesmo com a fantasia; a adultos já fora da escola, oportunidade de revisão dos seus conhecimentos e lazer; a eventuais matemáticos profissionais, novas formas de olhar o já visto; a todos, a simpatia pela matemática.

Malba Tahan adverte-nos no prefácio de seu livro *Matemática Divertida e Curiosa* que os professores de matemática – salvo raras exceções – têm, em geral, acentuada tendência para o algebrismo árido e enfadonho. Em vez de problemas práticos, interessantes e simples, exigem sistematicamente de seus alunos verdadeiras charadas, cujo sentido o estudante não chega a penetrar. Nela

encontramos ilusões de ótica, os quadrados mágicos e os grandes problemas que desafiaram matemáticos ao longo da história.

Embora tenhamos diversas propostas entre os famosos problemas de Malba Tahan, elegemos *o problema dos olhos pretos e azuis* (Anexo 11) como exemplo de um problema interdisciplinar.

Em *Didática da Matemática* (1961: 61-84) Malba Tahan também indica a Sala Ambiente, ou melhor, o Laboratório de Ensino de Matemática para motivar os alunos por meio de experiências e orientá-los, mais tarde, com maior segurança, pelo caminho das pesquisas mais abstratas do conhecimento matemático. O educador não só menciona como deveriam ser as instalações deste laboratório como indica uma lista de material, sugestões de trabalho em parceria com os professores de ciências, desenho, trabalhos manuais e física, e ainda discorre sobre as vantagens e as desvantagens desse recurso didático.

O educador também utilizava um outro recurso didático em sala de aula que poucos de seu tempo tinham como prática educativa e que se tornou anos mais tarde, uma das maiores áreas de pesquisa da educação matemática: a história da matemática. Júlio César de Mello e Souza e Malba Tahan consideravam em suas obras os valores e idéias das antigas civilizações e traziam luz à natureza da ciência matemática, justificando seus porquês históricos dentro do desenvolvimento e da construção do conhecimento matemático através dos tempos. Para o educador, a história da matemática apresentava uma concepção significativa de matemática como desenvolvimento e produto cultural do homem, amplamente explicitada em diversos capítulos de *O Homem que Calculava*, do qual extraímos a concepção do educador sobre o valor desta prática educativa da fala de um dos personagens, o historiador famoso (1949: 147):

“Enganam-se aqueles que apreciam o valor de um matemático pela maior ou menor habilidade com que efetua as operações e aplica as regras banais do cálculo! Ao meu ver, o verdadeiro geômetra é o que conhece, com absoluta segurança, o desenvolvimento e o progresso da Matemática através dos séculos. Estudar a História da Matemática é prestar homenagem aos engenhos maravilhosos que enaltecem e dignificaram as antigas civilizações, e que, pelo labor e pelo seu gênio, puderam desvendar alguns dos mistérios profundos da imensa natureza, conseguindo, pela ciência, elevar e melhorar a miserável condição humana. Cumpre-nos ainda, pelas páginas da História, honrar os gloriosos antepassados que trabalharam para a formação da Matemática e apontar as obras que deixaram.”

Entre grande parte da produção literária de Malba Tahan deparamo-nos com os valores éticos e morais explicitados ao final de seus contos, lendas, fábulas, histórias, novelas, romances e que poderão ser utilizados como estratégia de desenvolvimento de certas competências indispensáveis tanto à formação de educadores quanto de seus alunos: *aprender a ser e aprender a conviver*. Justiça, veracidade, respeito, solidariedade, humildade, bondade, liberdade, dignidade, eqüidade, diálogo, fidelidade, amor, responsabilidade etc., compõem a grande lista dos valores éticos compilados tanto dos seus livros destinados ao público adulto quanto ao público infanto-juvenil. Se o foram tão ricamente explorados em sua produção literária, esses mesmos valores e princípios morais eram difundidos pelo educador em sua prática pedagógica e vividos e buscados cotidianamente pela pessoa, pelo escritor e pelo educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, como se verificou nos capítulos I e II do presente trabalho.

Em relação a este item, grandes contribuições poderão advir dos estudos atuais de Gabriele Greggersen¹ sobre os valores morais presentes na obra literária dele, em sua tese de livre docência intitulada: *Imaginação, Sabedoria e Matemática: a proposta educacional de Malba Tahan*. Neste trabalho, a pesquisadora dos contos do educador brasileiro pretende levar aos professores a descoberta de que os contos imaginativos de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan são o melhor mediador e o grande facilitador do processo educacional e da formação holística dos seus educandos. Propõe, ainda, que educadores e pesquisadores repensem a sua prática de ensino, utilizem a literatura imaginativa malbatahânica para a formação ética e matemática do homem e para uma aprendizagem mais prazerosa, significativa e formativa de seres mais humanos e mais íntegros.

A proposta educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, ora resgatada por Greggersen (2003), responde prontamente às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no que se refere ao desenvolvimento de projetos nas unidades escolares ligados à cidadania e aos princípios éticos sociais:

¹ Graduada em Pedagogia, mestre e doutora em Filosofia da Educação pela Faculdade de educação da USP, pós-doutoranda pelo Instituto de Estudos Avançados da USP, docente do programa de pós-graduação (mestrado) em teologia do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, e em Ciências da Religião e da graduação em Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia e exige de todos, e da escola e educadores em particular, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação. A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social.

Escolhemos a lenda oriental¹ *Uma Fábula sobre a Fábula* (Anexo 12) e um de seus contos² mais famosos *Aprende a escrever na areia* (Anexo 13) que poderão ilustrar esta proposta e servir de apoio para futuras discussões sobre quais os valores éticos e morais estão sendo neles contemplados e se existe ou não necessidade destes valores para a formação integral dos educadores de nosso tempo.

Em relação às suas contribuições à didática, a coleção que mais se destaca dentre as obras de Malba Tahan é a *Coleção do Bom Professor*. Os livros³ ressaltam, por meio de artigos escritos por diversos professores e educadores, conceitos de educação e de pedagogia, a causa do fracasso escolar, as leis básicas da aprendizagem, questões de ética profissional e temas diretamente relacionados ao contexto da sala de aula, tais como: expulsar o aluno da sala, dar zeros, falta de reformulação do professor e suas técnicas de ensino e outras mais. Estes livros demonstram que ele tinha, sem dúvida alguma, uma relação muito íntima com o conhecimento, a pesquisa e o pensamento de outros pensadores. A explanação teórica destas obras, em sua grande maioria, apresenta quase que exclusivamente o pensamento de outros educadores, quer sejam eles educadores brasileiros (Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Roberto de Oliveira Campos, Irmã Maria Luiza Romão, Gilvia Borges Aguiar, entre outros) ou autores célebres (Kant, James Mill, Augusto Comte, Herbert Spencer, Durkeim, Pestalozzi, Locke, Max Scheler, John Dewey). Do pensamento destes sobre educação e pedagogia, subtraímos a concepção malbatahânica de um Bom Professor (com maiúscula, como o educador

¹ TAHAN, Malba. *Minha Vida Querida*. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Record, 2000.

² TAHAN, Malba. *Mil Histórias Sem Fim*. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Record, 2000.

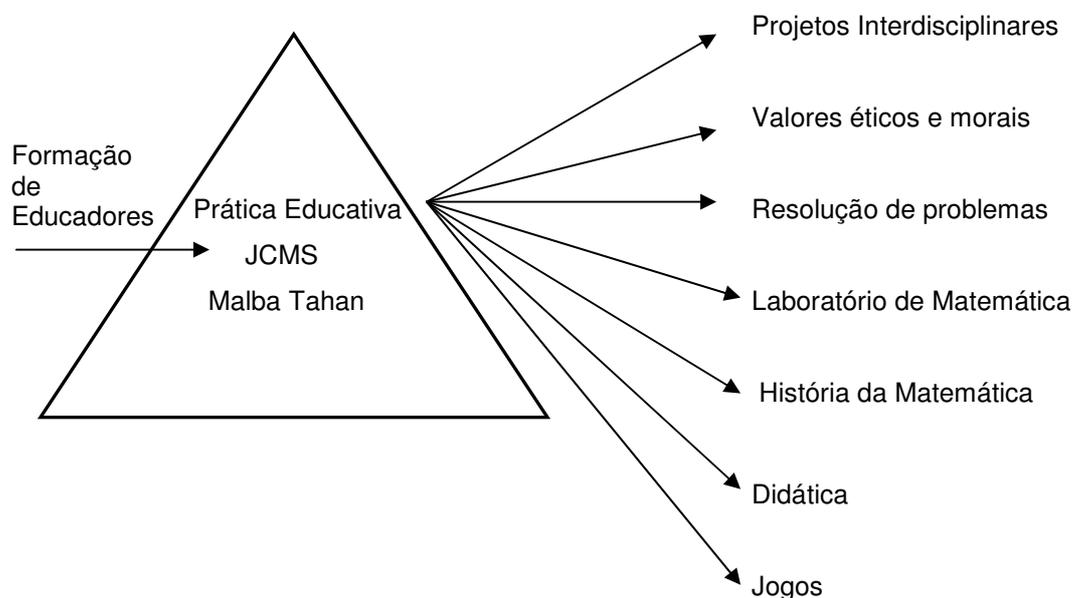
³ Antologia do Bom Professor, A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor, O Professor e a Vida Moderna, O Mundo precisa de Ti, Professor.

ênfatizava): “a indumentária, a pontualidade, a postura física, o bom humor, o senso de humor, a simpatia, a generosidade, o respeito, o tom de voz, o teor da fala, o amor pela matéria dada, o senso de dever, a correção da atitude, a inteligência, enfim, muitos itens ... ” (Meidani, 1997: 146).

Na contemporaneidade, ser um bom professor exige estas e outras competências, estas e outras habilidades, que iremos construindo não só durante a formação inicial dos professores mas contínua e cotidianamente, ao longo de nossa vida de educadores e de eternos aprendizes.

Enquanto aprendizes, o legado de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan poderá oferecer outras conexões com a formação de educadores. Certamente, outros pesquisadores desvelarão novos feixes de trabalho, que poderão trazer contribuições significativas para a formação integral do ser humano, sejam eles alunos ou professores da educação infantil, do ensino fundamental, do ensino médio ou do ensino superior, em particular, os cursos de formação inicial de educadores.

Desse modo, associamos as contribuições de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan à formação de educadores como os sete feixes de luz que se dissipam do prisma de sua prática educativa.



Creemos que diante do exposto, devemos retomar as duas questões formuladas por Regina Machado¹ que motivaram os nossos primeiros estudos e pesquisas sobre Malba Tahan:

- “Primeiro: por que será que Malba Tahan é tão pouco conhecido e principalmente tão pouco utilizado pelos educadores brasileiros?”

- “Segundo: não é uma pena que constantes modas pedagógicas vindas do estrangeiro seduzam tanto nossos professores, obrigando-os a se ‘reciclem’ com as ‘novas’ propostas, quando temos aqui mesmo e já há tanto tempo, uma obra fantástica como a de Malba Tahan, que permanece incólume, quase inexplorada, e muito mais revolucionária do que qualquer modismo contemporâneo?”.

Posteriormente, a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Malba Tahan, a elaboração dos projetos de iniciação científica destinados aos alunos do Centro Unisal – Lorena e da Unesp – Guaratinguetá, dos projetos de educação continuada de professores da Rede Municipal de Queluz, dos projetos interdisciplinares fundamentados em sua prática educativa, desta dissertação que, certamente, encaminhará novos estudos, novas pesquisas, novos projetos futuros sobre este educador que “brilha com luz própria (...) e quem dele se aproxima, se acende”; como expressa Eduardo Galeano² em um de seus poemas:

Um homem do povoado de Neguá, na costa da Colômbia, pôde subir ao alto do céu. Na volta, contou. Disse que havia contemplado, lá de cima, a vida humana. E disse que somos um mar de foguinhos.

- O mundo é isso, revelou. Um montão de gente, um mar de foguinhos.

Cada pessoa brilha com luz própria entre as demais. Não há dois fogos iguais. Há fogos grandes, fogos pequenos e fogos de todas as cores. Há pessoas de fogo sereno, que nem percebem o vento, e pessoas de fogo louco, que enchem o ar de faíscas. Alguns fogos, fogos bobos, não iluminam e nem queimam, mas outros ardem na vida com tanta vontade que não se pode vê-los sem pestanejar, e quem se aproxima se acende.

¹ MACHADO, Regina. *Malba Tahan*. s.c.p. s/d. mimeo. p.2.

² GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos, Siglo XXI*.

CAPÍTULO VII

Florescer

O Espírito sopra quando quer e onde quer
e não adianta esperar por ele, nem resistir à sua força
O vento que levanta a areia do deserto
vem do lugar errado, na hora incerta e na ocasião sem lógica
Mas ele é um vento ardente
queima os ossos e reduz o desejo a pó
Ele atravessa os limites do aço
e traz em si uma semente minúscula
que paira sobre o deserto
E quando ele pousa, o deserto floresce.

Rose Marie Muraro

CAPÍTULO VII

DE MALBA TAHAN, QUE LUZ! UM ÁLBUM DE MEMÓRIAS...

Em algum lugar do passado, retomamos o sonho de fazer o mestrado, sonho de aprender a ser mestre, tendo como proposta inicial de pesquisa o projeto *Por um “reamanhecer” de Malba Tahan: interdisciplinaridade, didática e formação de educadores*.

Na verdade, esse projeto representava um projeto maior, iniciado na coletividade de um Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Malba Tahan no Centro Unisal - Lorena: desvelar a peça de valor que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan representava para a Educação Brasileira!

Pelas idas e vindas teóricas e metodológicas, cursando as disciplinas do Programa de Mestrado em Educação da UMESP - São Bernardo do Campo (SP), outros temas de trabalho foram tirando este projeto inicial de cena, até que *O Homem que Calculava: origens da Interdisciplinaridade na Educação Brasileira a partir das contribuições de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan* foi apresentado à banca de qualificação.

Aquele momento temido de argüição, mostrou-se de uma riqueza maior: os elogios, as sugestões e as críticas da banca foram gravados, mas ainda não foram ouvidos: guardamo-os *de cor, no coração*. Talvez um dia, quando a memória vir a falhar, precisemos ouvi-los para recordar um dos momentos mais significativos da nossa trajetória pessoal e profissional de educadora.

Como esquecer a voz emocionada de Ivani Fazenda falando do seu mestre: “Gusdorf morreu há três. Morreu no ostracismo, mas é detentor de uma obra morta, porém de uma audácia maior.”? Como esquecer o seu desabafo diante do descaso de alguns colegas frente à sua proposta transgressora, a interdisciplinaridade? Como deixar de considerar as suas valiosas sugestões: revisar o título, não esquecer as categorias da interdisciplinaridade, colocar-se enquanto mediadora de Malba Tahan e Ivani Fazenda ?

Como deixar escapar as considerações da professora Zeila, principalmente em relação à ênfase que o legado literário e pedagógico do educador mereceria no corpo do trabalho? Ou então sua advertência: “Pela milésima vez, não esqueça de falar sobre o carnaval de Queluz e o samba enredo de Malba Tahan” ?

Como se apagaria de nossa memória a voz do orientador, Dr. Elydio, encerrando um protocolo que mudaria completamente a trajetória do trabalho apresentado para qualificação?

Refizemos o problema, reescrevemos outro projeto e recomeçamos, com disciplina e determinação, a escrita do trabalho final: *A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda*.

Os quatro capítulos anteriormente estruturados foram se reestruturando a cada dia; novos capítulos foram nascendo do exercício contínuo da reflexão e da análise, da escrita e reescrita dos mesmos.

Enquanto produzíamos, um novo “álbum de memória” ia se constituindo, como resultado de mais uma etapa de nossa história de vida. As fotos que iam se destacando das lembranças revelavam uma verdade quase impossível, a de que os sonhos tornam-se realidade. Nelas revemos uma realidade que antes era apenas uma idéia, ou um projeto, ou algumas ações deste projeto; nelas vemos a lembrança resgatada da memória presente, mas que num futuro próximo poderia ser arrebatada pelo tempo, esquecida, assim como tantas outras lembranças que vamos perdendo no “sorvedouro do tempo”.

Por isso, a importância do registro, tarefa que deveria ser uma prática comum aos educadores, assim como é para os pesquisadores, os cientistas, os fotógrafos.

Ao finalizar este exercício de registro, comungamos plenamente com o pensamento do fotógrafo Henri Cartier-Bresson e o completo; *“as coisas das quais nos ocupamos na pesquisa e na fotografia, estão em constante desaparecimento, e, uma vez desaparecidas, não dispomos de qualquer recurso capaz de fazê-las retornar. Não podemos revelar e copiar uma lembrança”*.

“Todas as fotos têm uma história”, afirma Ecléa Bosi (2003: 23). Todas as pesquisas também. Por isso registramos um pouco de nossa história, antigos sonhos que se desprenderam da realidade e hoje figuram entre as páginas de um álbum de memórias, o de *Malba Tahan, que luz!*

Nele estão as lembranças de quando visitamos Queluz pela primeira vez: o primeiro grupo de alunos e professores pesquisadores em frente ao Acervo Histórico de Queluz (Figura 17), a casa em que Júlio César viveu sua infância, o largo da Matriz de São João Batista e a escola em que viveríamos uma das maiores experiências profissionais, “o Capitão”, como é conhecida a EMEF Capitão José Carlos de Oliveira Garcez.

Também relembramos as primeiras reuniões do Núcleo de Estudos e Pesquisas, todas as segundas-feiras, às oito da manhã, no IEV – Instituto de Estudos Valeparaibanos, no Centro Unisal – Lorena.

Para documentar os encontros mensais do Projeto *Malba Tahan Vai à Escola*, selecionamos algumas fotos: uma oficina de matemática (Figura 18), uma oficina de alfabetização e letramento (Figura 19), uma dramatização de um conto de Malba Tahan (Figura 20) e as lembranças mais significativas do *I Simpósio Malba Tahan: a inesquecível exposição dos trabalhos realizados pelos alunos e professores da Rede Municipal de Queluz*; o apoio incondicional do prefeito Mário Fabri Filho e os seus secretários de Educação (Dr^a Arcy Maria de Carvalho Giupponi), Cultura e Turismo (José Celso Bueno) e do Diretor do Centro Cultural Malba Tahan (Vicente Vale); a presença dos ilustres conferencistas Dr. Sérgio Lorenzato, Ms. Cristiane Coppe de Oliveira, Ms. Renata Pereira, Dr. André Pereira, Dr. Pedro Paulo Sales, Dr. Elydio dos Santos Neto, Silvana Maranesi e da memorável apresentação musical da Big Band de Queluz.

Também merece registro uma das maiores surpresas vividas como pesquisadora: a Escola de Samba Unidos do Bairro da Palha escolheu Malba Tahan como tema do carnaval de 2003, criando o enredo de samba *Malba Tahan e as Mil e Uma Noites em Queluz* (Anexo 14) que fez o maior sucesso entre os queluzenses.

No Projeto *A Escola Vai a Malba Tahan*, como esquecer nossos encontros de planejamento e estudos na Unesp - Guaratinguetá (Figura 21), as conferências dos educadores valeparaibanos Kátia Tavares (Figura 22) e Severino Barbosa (Figura 23), os encontros no Acervo Histórico e Cultural de Queluz com o grupo de professores de educação infantil, quando apresentamos e planejamos o primeiro projeto interdisciplinar “*Oh! Que Coisa Exquisita!*” (Figura 24) e um dos encontros com os professores de 5^a a 8^a séries do ensino fundamental na EMEIEF Arco-íris, quando planejamos a 1^a *Semana Cultural e Olímpica Malba Tahan – Gincana da Solidariedade* (Figura 25) ?

Os projetos e trabalhos desenvolvidos com os alunos nesse projeto foram apresentados no *II Simpósio Malba Tahan*, que contou com a presença das pesquisadoras convidadas Ms. Marcilene Bueno, Ms. Helena Meidane e Dr^a Gabrielle Gregersen (Figura 26).

Para finalizar, uma lembrança da nossa apresentação no *II Fórum de Educação*¹, promovido pela Secretaria Regional de Ensino de Guaratinguetá, no período de 17 a 21 de novembro de 2003, no Club dos 500, em Guaratinguetá – SP (Figuras 27).

Este “Álbum de Memórias”, assim como uma dissertação ou uma tese, da mesma forma que anunciam a veracidade de nossos sonhos ou os novos conhecimentos, igualmente escondem os projetos feitos e refeitos, as conversas afinadas ao mesmo tom do orientador, o diálogo permanente com as próprias idéias e as idéias de outros pensadores, o exercício da escrita e da reescrita, a visita e a revisita aos textos de nossos referenciais teóricos e à nossa trajetória pessoal e profissional, que marcaram as nossas histórias de vida, as lembranças do presente e a presente memória, que um dia transformar-se-á em passado e desaparecerá “no tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro” (Bosi, 1994:).

A coletânea *Malba Tahan, que luz!* (Figura 28), é o retrato mais fiel de um trabalho coletivo, interdisciplinar, construído por todos aqueles que acreditaram no potencial educativo de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: professores e pesquisadores, professores e alunos, coordenadoras e diretoras, discípulos desse educador que deveria, assim como sua eleita Matemática, “reamanhecer” no cenário educacional brasileiro.

¹ Realizado no período de 17 a 21 de novembro de 2003, no Club dos 500, em Guaratinguetá - SP.



Foto: Juraci Faria

Figura 17: 1º Grupo de Professores e Alunos – Pesquisadores de MT - 1997



Foto: Tânia Lacaz

Figura 18: Juraci Faria, oficina de matemática



Foto: Tânia Lacaz

Figura 19: Marcilene Bueno, oficina de alfabetização e letramento



Foto: Tânia Lacaz

Figura 20: Professoras de Queluz dramatizando conto MT



Foto: Tânia Lacaz

Figura 21: Juraci Faria, Grupo de Estudos “Matematicando com Malba Tahan” – Unesp - Guaratinguetá



Foto: Tânia Lacaz

Figura 22: Kátia Tavares, conferencista do Projeto A Escola Vai à Malba Tahan



Foto: Tânia Lacaz

Figura 23: Severino Barbosa, conferencista do Projeto a Escola Vai à Malba Tahan



Foto: Tânia Lacaz

Figura 24: Pesquisadores e professores da Educação Infantil



Figura 25: Organização da 1ª Gincana Cultural e Olímpica Malba Tahan



Figura 26: Conferência de abertura do II Simpósio Malba Tahan – Queluz SP



Figura 27: Apresentação do projeto Malba Tahan, que luz! no Fórum de Educação – Guaratinguetá SP



Foto: Tânia Lacaz

Figura 28: Malba Tahan, que luz!

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O resgate da história de vida de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, de suas idéias e de sua obra, de seu legado de escritor e de educador, de suas contribuições à educação matemática, à educação continuada de professores e, principalmente, à interdisciplinaridade, possibilitaram-nos ter em mãos elementos que pudessem reconhecer o valor imensurável deste “beduíno atrevido e cheio de fé” para a educação, especialmente, para a educação brasileira.

A reconstituição de sua história de vida revela-nos um ser humano íntegro, tão envolvido com a sua missão - “escrever, mas escrever sobre assuntos matemáticos. Uma mistura da literatura com a matemática...” - que nem viu o “tempo escoar no sorvedouro”. A infância, a juventude e a maturidade dele podem ser comparadas a um grande rio, “quase sem margens”, difícil de transpor como a um rio-mar.

Quanto mais aprofundamos o olhar investigativo pesquisando a vida e a obra desse “educador das arábias”, tanto mais descobrimos que o menino Julinho não escolheu Queluz, Queluz o escolheu; o jovem Júlio César de Mello e Souza não escolheu a matemática, a matemática o escolheu; o escritor Malba Tahan não escolheu o Oriente, o Oriente o escolheu e o Ocidente o acolheu; Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan não escolheu a educação, a educação o escolheu.

Quanto mais dele nos aproximamos, como pesquisadores de sua grandiosa produção literária ou, simplesmente, como leitores de qualquer um dos seus livros, descobrimos mil e uma potencialidades deste legado que nos revela incondicionalmente um educador à frente de seu tempo que, convivendo com inúmeras dualidades – profissionais (professor e escritor), culturais (Ocidente e Oriente), sociais (pobreza e riqueza), educacionais (tradicionalismo e construtivismo), tornou-se um verdadeiro ícone da educação brasileira.

A sua capacidade de conceber inovadoras práticas de ensino e aprendizagem de matemática definiu o grande marco de sua carreira docente e sobrepôs-se ao fato de elas terem sido fortemente rejeitadas pela comunidade científica de sua época, que as julgavam inaceitáveis, não só pelo fato de que elas antepunham-se ao rigor e ao tradicionalismo que dominavam a educação, mas, particularmente, por

não terem sido concebidas por um matemático. Mesmo sem o título de bacharel ou de professor de matemática - o professor Júlio César de Mello e Souza era engenheiro civil - suas concepções de resolução de problemas, jogos matemáticos, didática da matemática, metodologia da matemática, sociologia da matemática, história da matemática, filosofia da matemática, matemática e linguagem, etnomatemática, recursos didáticos, entre outros, demonstram até hoje, o ineditismo da sua obra, se considerarmos a época em que elas foram concebidas (a partir dos anos 30) e a distância que as separavam das novas correntes educacionais da educação matemática (anos 80) e outros enfoques ainda inexistentes.

As concepções malbatahânicas de ensino e aprendizagem de matemática seguiram um percurso solitário e único durante muito tempo, pautadas na **ousadia** da busca de um professor de matemática inconformado com o tradicionalismo e o algebrismo que fragmentavam o ensino da matemática; no **diálogo** contínuo que ele fomentou da matemática com a literatura e destas com outras áreas do saber; na **parceria** criada com os seus alunos, com os seus leitores e com alguns professores e educadores de seu tempo.

Estas suas atitudes de ousadia, de diálogo e de parceria são apenas algumas pistas que poderão levar-nos a descobrir que tanto as inovadoras concepções didático-metodológicas de matemática do Prof. Mello e Souza quanto as produções literárias de Malba Tahan são exemplos típicos da fecundidade de uma mente interdisciplinar. Fato que se comprova citando apenas a mais conhecida de suas obras, *O Homem que Calculava*. O livro tornou-se um verdadeiro sucesso editorial justamente por propiciar, de forma criativa e inusitada, o diálogo entre duas esferas distintas do saber: a literatura e a matemática, o que lhe valeu a mais honrosa homenagem e o primeiro prêmio do concurso de contos e novelas da Academia Brasileira de Letras de 1939.

Mais de meio século se passaram desde a premiação de *O Homem que Calculava* e, até hoje, a obra é a mais conhecida entre todos os livros de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan. Do Ocidente ao Oriente, nos diversos países em que é publicada, continua encantando gerações, como se tivesse sido realmente “salva das vassouradas do Tempo”, assim como intuiu Monteiro Lobato em sua carta a Malba Tahan meses antes de sua premiação (14/01/1.939): “Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental – obra alta, das mais altas, e só necessitada de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das

vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio “ciência + imaginação”.

Tendo como referência o caráter interdisciplinar de *O Homem que Calculava*, pode-se afirmar que, após esta publicação não era mais possível desvincular de suas ações profissionais a imagem do professor que contava histórias para ensinar matemática ou do contador de histórias que ensinava matemática aos seus alunos, aos seus leitores, aos professores e a todos aqueles que se interessava por suas palestras e pelas inúmeras conferências que proferia em todo o Brasil.

“Assim como o tempo apagou da memória dos homens, as histórias do rei Hassan Kamir”, o sulco sinuoso do rumo desse educador no areal está sendo “apagado pelo simun devastador que tudo apaga e que arrebatada da História, nomes, guerras, paixões e dinastias”! Entretanto, sábio foi esse educador ao criar em torno da sua vida de escritor, a lenda de um árabe que morreu lutando pela liberdade de uma tribo na Arábia Central. Essa lenda, tão cheia de encanto e fantasia, serviu para perpetuar na memória dos homens, o nome daquele que nelas sempre figura, Malba Tahan, um escritor que “a história esqueceu e que suas ‘histórias’ tornaram célebres e o imortalizaram”.

O Homem que Calculava e suas demais obras cumprem o seu maior desejo, o de não ser esquecido, assim como quis insinuar contando-nos a história do rei Hassan Kamir; “Um rei que a história esqueceu e que as “histórias” tornaram célebres e o imortalizaram!”.

Assim como afirma Walt Whitman em *Canto de Mim Mesmo* (1992: 141) - “Está em mim... não sei o que é... mas sei que está em mim. (...). Algo que gira sobre algo maior do que a Terra sobre a qual giro, aí a criação é o amigo cujo abraço me desperta” -, as idéias de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan sobre o diálogo permanente da matemática com a literatura e destas com as demais áreas do saber estava nele, era algo maior do que os limites da matemática que ele ensinava, era algo maior do que as pequenas histórias de um certo Salomão IV e os contos de um certo R. S. Slady; a mistificação literária de Malba Tahan, um certo escritor árabe que morreu em combate defendendo uma tribo na Arábia Central, pode ser identificado como o amigo, cujo abraço despertou-lhe os contos, as lendas, as fábulas, as novelas e as histórias de uma Arábia imaginária, de imensos desertos e de inúmeros oásis.

No legado de Malba Tahan encontramos um escritor que contava histórias para ensinar matemática; no legado de Júlio César de Mello e Souza encontramos um professor que ensinava matemática contando histórias... Essa sua dupla vivência/convivência profissional – professor/escritor e escritor/professor, acabou o transformando-o em uma “outra peça de valor”: Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, um educador que utilizava a sua matemática para educar, não só seus alunos, mas os leitores de suas obras e todos aqueles que estivessem presentes em suas palestras, conferências e cursos.

Seu legado, uma coleção de mais de cem livros, comprovam que, incondicionalmente, Júlio César de Mello e Souza e Malba Tahan educavam; quer seja por meio de suas obras literárias, ou por suas obras de cunho didático ou pedagógico.

As suas contribuições à educação matemática, à educação continuada de professores e, particularmente, à interdisciplinaridade, superam as fronteiras hoje delimitadas por cada uma destas concepções teóricas, conferindo-lhe o ineditismo em distintas concepções educacionais e, conseqüentemente, o reconhecimento de ter sido um educador à frente de seu próprio tempo vivido.

Se pensarmos apenas em suas contribuições à interdisciplinaridade, é possível afirmar que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, assim como Jean Piaget ou Georges Gusdorf, “anteviu a possibilidade da criação de uma teoria interdisciplinar que desse conta da *abertura de olhar* que as ciências humanas timidamente iniciavam” (Fazenda, 1999: 9). Entretanto, esta sua bandeira permaneceu muitos anos no anonimato à espera de uma “beduína” (cujo nome estava escrito na capa do seu Alcorão e em quase todas as páginas desta dissertação) que atravessaria os desertos da educação brasileira, arregimentando um exército de educadores, aptos para o diálogo entre as mais diversas áreas do saber.

Alcançar os limites do olhar desse educador, um visionário, que plantou nos cenários da educação brasileira as sementes da educação matemática, da educação continuada de professores, da interdisciplinaridade e de outras esferas educacionais pouco ou ainda não-exploradas, demandou dedicação e disciplina, coragem e ousadia, pesquisando antigos registros e estudando uma coleção de mais de cem livros, que revelavam e escondiam, em suas entrelinhas, a resposta para o questionamento inicial deste trabalho: *A partir da concepção de*

interdisciplinaridade de Ivani Fazenda, é possível afirmar que a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan era uma prática interdisciplinar?

Nossa busca de respostas favoreceu outro encontro, que a princípio, timidamente mostrava-se *teórico* com Ivani Fazenda e o seu legado, uma coleção de mais de vinte livros publicados individualmente e em parceria com seus alunos/pesquisadores da interdisciplinaridade. Através do mergulho nestas leituras, o registro sistemático das novas idéias, a descoberta do novo após a revisita ao velho, que se tornava novo em função do novo “olhar” que assim o nomeava, encontrei na *práxis interdisciplinar* de Ivani Fazenda os elementos que validariam a prática interdisciplinar de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. Novamente, a metáfora do olhar (do “*olhar de Juraci*”, como enfatizava Ivani Fazenda na banca de qualificação) encontrava outras metáforas, uma forma melhor de expressar-se:

- Entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan existe um espelho (a concepção de interdisciplinaridade) que nos permitiu perceber diferentes imagens, mas, sobretudo, o mesmo reflexo: a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan;

- Entre Ivani Fazenda e Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan existe uma ponte, a ponte da interdisciplinaridade.

Encontrar tais metáforas implicou desvelar o tempo vivido de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, os roteiros sulcados nesse areal pelo Prof. Mello e Souza e pelo escritor Malba Tahan, buscando ensinar matemática de forma dialogal e criativa, próxima da vida e da vivência de todos aqueles que ele buscava atingir com os seus contos e a sua matemática.

O resgate de sua memória, de suas idéias e de sua obra desvela a ousadia de um educador que não se conformou em repetir e copiar os métodos e as técnicas de ensino de matemática que eram impostas naqueles tempos. Ele procurou construir ambientes de aprendizagem, principalmente de aprendizagem matemática, totalmente distintos do gradil didático-metodológico imposto pela disciplinaridade que vigorava na educação brasileira do século passado.

A matemática que havia sido aviltada de sua essência *mathema* (todos os conhecimentos adquiridos pela experiência) e sido reduzida apenas à técnica de ensino (*tica*), encontra nas inter-relações dialógicas da matemática com a literatura de Malba Tahan e destas com as demais áreas do saber, a sua dimensão inicial de

“uma ciência ‘reamanhecida’ pela sua simplicidade e beleza” e que poderia viver em constante diálogo com as demais atividades da humana inteligência.

No entanto, mesmo tendo trazido suas contribuições ao ensino e a aprendizagem de matemática, todo este seu trabalho foi renegado em função das novas correntes educacionais importadas pela educação brasileira – especialmente, a Matemática Moderna. Colocado à margem da Academia, o educador viveu, em seus últimos dias, a solidão daqueles que esperam o reconhecimento de uma vida inteira dedicada à educação. O mesmo repúdio imposto às suas obras de cunho pedagógico (especificamente aquelas relacionadas ao ensino e aprendizagem de matemática) também é imposto às suas obras literárias, em função das explícitas expressões de moral dispostas ao final de algumas de suas obras. Conseqüentemente, o legado literário de Malba Tahan (assim como o de Monteiro Lobato), sofreu um momento crítico por ter sido colocado à margem da literatura brasileira.

A mesma exclusão sofreu Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan pela sua concepção dialógica e inovadora no ensino de matemática, pouco compreendida pelos professores e educadores de seu tempo. Marginalizado pela Academia, o educador percorre um caminho solitário e único na educação brasileira; tão solitário que poucos educadores conhecem a sua história e o seu verdadeiro valor. Seus livros são expressões autênticas de um educador íntegro, que jamais duvidou de suas crenças e concepções educacionais, que jamais mudou o seu roteiro no areal para ter em seu caminho “outra companhia além da das estrelas”.

De todos os roteiros que este “beduíno atrevido e cheio de fé” desvelou, apenas um assumimos como missão: o roteiro da interdisciplinaridade.

Por isso afirmamos que Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan é um exemplo típico de fecundidade de uma mente interdisciplinar. Seus contos, seus romances, suas histórias infantis, revelam uma infinita multiplicidade de tendas imaginárias que poderemos dispor, na formação inicial e continuada de professores, para educar e ensinar os alunos na “inteireza do ser, buscando a totalidade do saber”.

A retomada da prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan revela-nos a autenticidade e o ineditismo de um educador que praticando a docência do ensino de matemática nos quatro níveis de sua época – primário, ginásio, secundário e ensino superior – estava em plena sintonia com o paradigma

educacional da complexidade e das atuais concepções de interdisciplinaridade, particularmente, da concepção de Ivani Fazenda.

Esse exercício de educar e ensinar, concebido e vivenciado por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan na educação brasileira, contradiz uma das afirmações de Fazenda (2001: 18-19) – destacada em negrito no texto:

Numa dimensão interdisciplinar, um conceito novo ou velho que aparece adquire apenas o encantamento do novo ou o obsoleto do velho. Ele só não adquirirá significado e força se for estudado no exercício de suas possibilidades. A imagem que me vem à cabeça é a dos dois mil esboços realizados por Picasso ao compor Guernica – a totalidade conceitual dessa obra foi gestada na virtude da força guerreira, no desejo transcendente de expressar liberdade. A magnificante força que dela emana, o impacto que sentimos quando dela nos aproximamos encontra-se na harmonia de cada detalhe, na beleza da vida e na crueza da morte, assim como na crueza da vida e na beleza da morte. Razão e emoção compõem a dança de luz e sombra da liberdade conquistada.

Ao contemplá-la, cada um de nós chora e ri a partir dos sonhos anunciados, das instituições subliminares, no jogo explícito das contradições, de história configurada. Picasso cuidou interdisciplinarmente de cada aspecto de sua liberdade pessoal, exercitou-o ao compor um conceito universal de liberdade. **Ainda estamos por viver esse exercício nos educadores.** Geralmente cuidamos da forma, negligenciamos a função, a estética, a ética, o sagrado que cobre o cotidiano de nossas proposições educativas ou de nossas pesquisas.

Ao escrever *O Homem que Calculava*, o Prof. Mello e Souza/escritor Malba Tahan cuidou interdisciplinarmente de cada palavra e frase, de cada história e de cada conteúdo matemático que seria explorado nos mais diversos problemas que Beremís Samir teria que resolver ao longo de sua viagem de visita a Bagdá. A imagem que nos vem à cabeça é a das inúmeras páginas dos antigos cadernos de capa dura que o escritor escrevia e reescrevia a mão¹ cada um dos trinta e quatro capítulos de *O Homem que Calculava* – “a totalidade conceitual dessa obra foi gestada na virtude da força guerreira, no desejo transcendente de expressar” a crença de um professor de matemática que não acreditava nos métodos tradicionais de ensino e nem nos professores que faziam da matemática um objeto de tortura e discriminação intelectual. “A magnificante força que dela emana, o impacto que sentimos quando dela nos aproximamos”, encontra-se na harmonia da matemática e

¹ Ele não datilografava suas obras, pois dizia que sua inspiração vinha das mãos e ficava descalço quando ia escrever suas obras, pois compreendia que a inspiração também vinha da Terra (trecho da entrevista concedida por sua filha Sonia Maria no dia 25 de outubro de 2003).

da literatura, da beleza de uma nova matemática aliada à vida e à vivência cotidiana das pessoas e na crueza da morte de uma matemática destituída do tradicionalismo e do rigor. Matemática e literatura compõem a proposta malbatahânica de afastar daquela o caráter de “ciência árida, transcendente, nebulosa, destinada exclusivamente a um reduzido número de iniciados e o preconceito de que a Matemática vive em constante dissídio com as demais atividades da humana inteligência”. Através de Beremís Samir, Malba Tahan propõe, ao contrário, uma nova imagem para a matemática: “simples, interessante, atraente e de uma acessibilidade que assombra”.

Encontramos em Mello e Souza um professor que exercia a interdisciplinaridade em sua prática educativa desde a década de 30; e, em Malba Tahan, mais precisamente em *O Homem que Calculava*, os primórdios da estrutura interdisciplinar - o diálogo das diversas áreas do saber.

Ao contemplarmos o carisma do educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan desvelamos das suas ações educativas, a sua marca pessoal e profissional de educar e ensinar: a pedagogia malbatahânica.

Considerando os caminhos pessoais e profissionais trilhados enquanto pesquisava a concepção de Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda e o legado de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, reiteramos uma das afirmações de Fazenda para expressar nossos sentimentos por esse árabe estranho que conosco caminha e se tornou *alimento* (Malba) para os nossos dias e *oásis* (Tahan) para nossa sede: - *A nossa vida profissional, essencialmente marcada por um símbolo, símbolo fundamental que surgiu há sete anos e se tornou quase missão, símbolo que é a razão do nosso ser profissional: Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.*

Em Olegário Mariano (Tahan, 2001: 8) encontramos as palavras que revelam a expressão máxima do nosso encontro *pessoal e profissional* com o educador: **“Lembro-me como se fosse hoje, da noite em que nos encontramos.** Não temos autorização para declinar o nome de quem nos aproximou. **Ouso apenas dizer que foi uma mulher, sua companheira de viagem e minha velha amiga.** Creio que havia entre ambos mais do que a camaradagem de alguns dias de bordo, porque ela, caminhando ao nosso lado pela Avenida Beira Mar, não podia esconder a emoção com que ouvia as histórias que ele contava. (...). Desde essa noite, esse árabe estranho caminha comigo na vida”.

Contraditoriamente a Olegário Mariano, podemos afirmar que temos o autorização para declinar o nome de quem nos aproximou: **Ivani Fazenda**. Ousamos apenas dizer que esta mulher, apesar de estar tão à frente do tempo vivido por Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan, tem sido sua companheira de viagem e nossa velha amiga. Cremos que há entre ambos mais do que a interdisciplinaridade e a camaradagem de alguns dias de bordo, porque ela, tendo a humildade de avaliar esta dissertação, não podia esconder a emoção de ver a sua missão validar a missão dele.

Maktub!

Utilizamos desta expressão árabe e do seu significado esclarecido por Malba Tahan em seu Discurso na Academia Brasileira de Letras (Anexo 4) para confessar o nosso conformismo com todas as adversidades dessa longa caminhada *pessoal e profissional*, mas, sobretudo, a nossa imensa alegria ao desvelar a história de vida *pessoal e profissional* desse educador brasileiro que merece, assim como a matemática, “reamanhecer” no cenário educacional brasileiro:

Maktub, senhores, do ponto de vista gramatical, é apenas o particípio passado do verbo árabe vulgaríssimo, o verbo *Katab*, escrever. *Maktub*, numa tradução possivelmente fiel, significaria *escrito*, ou melhor, se completa o pensamento: *Estava escrito!*

Admitida a crença – expressa, aliás, em cinco suratas do *Alcorão* – de que tudo o que acontece, na Terra, ou no Céu, “está escrito, irremediavelmente escrito por Allah” no Livro do Destino, o maometano vive eternamente algemado a um implacável fatalismo. E a expressão característica desse fatalismo é precisamente resumida nessa forma verbal, tão simples e tantas vezes rimada pelos poetas: *Maktub! Estava escrito! Tinha de acontecer!*

Parece oportuno, entretanto, esclarecer um ponto importante dentro dos dogmas discutidos do Islam: *Maktub* não é um brado de temerária revolta. Não; absolutamente. Ao pronunciar a fórmula, o árabe se confessa perfeitamente conformado com o seu destino, isto é, com os desígnios insondáveis da vontade de Deus! E tanto é assim, que ao “*Maktub*” se segue, invariavelmente a afirmação ortodoxa e solene que mais de cento e cinquenta milhões de homens repetem cinco vezes por dia:

- Allahur akbar! Deus é grande!

Se o cavalo predileto foge e desaparece no deserto, o beduíno abaixa o rosto e murmura no desolado: *Maktub!*

Se a amada o abandona, sem uma palavra de consolo ou de esperança, o árabe esmaga os sentimentos, que lhe torturam a alma e lamenta em duas sílabas: “*Maktub!*”

Quando o esposo morre, a infeliz viúva, para traduzir a grande mágoa que lhe dilacera o coração amante – para exprimir, enfim, a perda irreparável – soluça bem alto: “Perdi o meu camelo!”. “Perdi o meu camelo!”. – (Convém advertir que, para o árabe, o camelo é uma coisa preciosa, um verdadeiro tesouro. A expressão “meu camelo” é altamente elogiosa quando aplicada a um bom marido!). A vizinha, boa amiga, decidida a tranquilizar a desolada viúva, não tem outras palavras: - “Morreu o teu bom camelo! *Maktub!*”

Mas, em compensação, para as grandes alegrias, é o mesmo brado que se impõe: Maktub!

Ao subir, pois, para esta tribuna – que honra e exalta – poderia também, à semelhança dos discípulos de Mafona, exclamar: Maktub! Sim. Estava escrito que o meu livro *O Homem que Calculava* seria distinguido por esta ilustre Academia com o prêmio deste ano no concurso de contos e novelas. Estava escrito que eu seria convidado a falar perante esta douta agremiação. Estava escrito, enfim, que todos vós – ilustres acadêmicos e convidados – sofreríeis o sacrifício de ouvir minha inexpressiva palavra durante alguns minutos. Conformai-vos, pois, com o Destino! Estava escrito! Maktub!

Estava escrito que criaríamos, no Vale do Paraíba, um Grupo de Estudos e Pesquisas de Ensino e Aprendizagem de Matemática e que nele descobriríamos um professor de matemática esquecido pelo movimento da Matemática Moderna e por tantos outros modismos que importamos para a educação brasileira.

Estava escrito que no Núcleo de Estudos Malba Tahan do Centro Unisal – Lorena, iniciariamos uma longa jornada de pesquisas em torno da vida e do legado do Prof. Júlio César de Mello e Souza, do escritor Malba Tahan e do educador Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Estava escrito que inspirados em um dos projetos do Núcleo de Estudos sobre Interdisciplinaridade da PUC/SP – *A Academia Vai à Escola* -, iniciariamos os primeiros trabalhos de educação continuada de professores na Rede Municipal de Queluz – SP, com os projetos “Malba Tahan Vai à Escola” (2002) e “A Escola Vai a Malba Tahan” (2003), buscando durante os encontros mensais com os professores, coordenadores e diretores, contribuir para a inserção cultural e educacional de Malba Tahan no município que honra e guarda o acervo do educador.

Estava escrito que os projetos interdisciplinares desenvolvidos com os professores das escolas de educação infantil e de ensino fundamental de Queluz – SP trariam alegria e encanto para as aulas, fantasias e sonhos, música e dança, arte e matemática, história e geografia, filosofia e religião, ética e cidadania, educação ambiental e holística para as quatro escolas atendidas.

Estava escrito que reviveríamos nas grandes festas de encerramento de cada projeto, o I e o II Simpósio Malba Tahan, as centenárias festas de encerramento do ano letivo de D. Carolina de Mello e Souza, apresentando à comunidade queluzense os melhores trabalhos desenvolvidos pelos seus professores e alunos.

Estava escrito que haveríamos de nos surpreender ao presenciar o maior testemunho deste trabalho de inserção cultural de Júlio César de Mello e Souza

Malba Tahan no município de Queluz - SP: Malba Tahan era tema de samba e enredo que animou o carnaval de Queluz em 2003, MALBA TAHAN E AS MIL E UMA NOITES EM QUELUZ (Anexo 14).

Estava escrito que novas correntes pedagógicas, como a educação matemática, a educação continuada de professores e a interdisciplinaridade validariam a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Estava escrito que a vida profissional de Ivani Fazenda seria marcada por um símbolo, símbolo que se tornaria quase missão e razão de sua vida profissional: a interdisciplinaridade e, que, por meio de suas concepções, legitimaríamos a prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan.

Estava escrito que esse educador brasileiro traçaria nos desertos de sua longa vida de escritor e de professor de matemática um sulco sinuoso que o vento nem o tempo seriam capazes de apagar: uma obra viva, de uma audácia maior, que merece ser “reamanhecida” nos programas de formação inicial e continuada de educadores.

Estava escrito que Malba estaria para Tahan, assim como o oásis para o moleiro. Estava escrito que a água estaria para a sede, assim como o trigo para o pão. Estava escrito que a sede de um novo saber estaria para a interdisciplinaridade, assim como a interdisciplinaridade estaria para Ivani Fazenda e Malba Tahan.

Maktub!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. CARVALHO, **Edgard de Assis**. **Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros Ensaios de Edgar Morin**. São Paulo, Cortez, 2002.

ALVES, Cláudio. Humildade. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo, Cortez, 2001. pp. 61-64.

BOSI, ECLÉA. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Marcilene Pereira Rodrigues. **Malba Tahan, um Heterônimo**. s.c.p. s/d. mimeo.

CASCINO, Fábio. Espera. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo, Cortez, 2001. pp. 107-109.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da Teoria à Prática**. Campinas, Papirus, 1996.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.

DEMARTINI. Zeila de Brito. Histórias de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo, Vértice, Editora dos Tribunais. 1988.

DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento.** Petrópolis, Vozes, 1999

DRUCK, Suely. O Drama do Ensino da Matemática. Folha Sapse. Folha de São Paulo, 25/3/2003.

DRUMOND, Anna Augusta. Verbete José Carlos de Mello e Souza. **Dicionário de Educadores no Brasil.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ / MEC-Inep, 2002. pp. 587-594.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia.** São Paulo, Loyola, 1979.

_____. **Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria.** São Paulo, Loyola, 1991.

_____(org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola.** São Paulo, Cortez, 1993.

_____. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa.** Campinas, Papirus, 1994.

_____. **A Academia Vai à Escola.** Campinas, Papirus, 1995.

_____(org.). **Didática e Interdisciplinaridade.** Campinas, Papirus, 1998.

_____(org.). **A Virtude da Força nas Práticas Interdisciplinares.** Campinas, Papirus, 1999.

_____. A Avaliação na Pós-graduação sob a Ótica da Interdisciplinaridade. **Interdisciplinaridade: Formação de Profissionais da Educação.** São Paulo. Pioneira, 2000.

_____(org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade.** São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **A Teoria Fecunda e a Prática Difícil da Interdisciplinaridade.** Revista abeducatio. Ano 3 – Número 17. São Paulo, Editora Criart.

FÁVERO, Maria de Lourdes. BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de Educadores no Brasil.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ / MEC-Inep, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. A Formação de Professores: Aspectos Simbólicos de uma Pesquisa Interdisciplinar. **Formação Docente: Rupturas e Possibilidades**. Campinas, Papirus, 2002. p. 69.

_____. A Prática Interdisciplinar. **Educação e Formação**. Revista do Congresso de Educação Continuada – Pólo 7/PEC – UNITAU. Dezembro de 1998. pp. 37-40.

GADOTTI, Moacyr (org.). **Paulo Freire, uma bibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF; UNESCO, 1996.

GIACON, Beatriz Di Marco. Coerência. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo, Cortez, 2001. pp. 35-39.

GRECO, Milton. **Interdisciplinaridade e Revolução no Cérebro**. São Paulo: Pancast Editora, 1994.

GREGERSEN, Gabrielle. **Imaginação, Sabedoria e Matemática: a proposta educacional de Malba Tahan**. s.c.p. s/d. mimeo

GUIMARÃES, Flávio Romero. Um novo olhar sobre o objeto da pesquisa em face da abordagem interdisciplinar. **O Fio que Une as Pedras: a pesquisa interdisciplinar na pós-graduação**. São Paulo, Biruta, 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de A. Interdisciplinaridade na Pré-Escola: o convite num olhar. **A Academia Vai à Escola**. Campinas, Papirus, 1995 (a). pp. 25-32.

JUSTINA, Reginaldo Dalla. Parceria. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo, Cortez, 2001. pp. 160-162.

KACHAR, Vitória. Produção Bibliográfica. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo, Cortez, 2001. pp. 247-255

LIMA, Elon Lages de. **Meu Professor de Matemática e outras histórias**. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Matemática, 2001.

LORENZATO, Sérgio. **UM (Re)Encontro com Malba Tahan**. in Revista Zetetikè. Ano 3. Nº 4/1995. pp. 95-102.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos Teórico- Metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 1994.

MACHADO, Regina. **Malba Tahan**. s.c.p. s/d. mimeo.

MARTINS, Jorge Santos. **O Trabalho com Projetos de Pesquisa: do Ensino Fundamental ao Ensino Médio**. Campinas, Papyrus, 2001.

MASETTO, Marcos. Simples Assim. **Revista Ensino Superior**, Ano 4, Nº 44, Maio de 2002, pp. 3-6.

MEIDANI, Helena. **Malba Tahan: Matemática, Literatura e Educação**. Dissertação de Mestrado – FEUSP. São Paulo: FEUSP, 1997.

MORAES, Maria Cândido. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas, Papyrus, 1997.

_____. O Paradigma Educacional Emergente na Formação do Professor e nas práticas Pedagógicas. **Educação e Formação**. Revista do Congresso de Educação Continuada – Pólo 7/PEC – UNITAU. Dezembro de 1998. pp. 31-36.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MORIN, Edgard. E KERN, A. B. **Terra Pátria**. Lisboa, Instituto Piaget, 1993.

MANSUR, Paulo. Malba Tahan. **Os Melhores Contos**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

NICOLESCU, Bassarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo, Triom, 1999.

OLIVEIRA, Cristiane Coppe de. **Do Menino “Julinho” à “Malba Tahan”:** uma viagem pelo oásis do ensino da matemática. Dissertação de Mestrado – Unesp, Rio Claro, 2001.

OLIVEIRA, Edina Castro de. Prefácio. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996. pp. 10-13.

PENA-VEJA, Alfredo. ALMEIDA, Cleide R. S. PETRAGLIA, Izabel (orgs.). **Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação**. São Paulo, Cortez, 2001.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgard Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis, Vozes, 1995.

PINTO, Maria Célia Barros Virgolino. Memória. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo, Cortez, 2001. pp. 115-117.

QUELUZ, Ana Gracinda (org.). **Interdisciplinaridade: Formação de Profissionais da Educação**. São Paulo, Pioneira, 2000.

RASQUINI, Lucrécia C. Conversando sobre Interdisciplinaridade com Professores de 3ª e 4ª Séries do 1º Grau. **A Academia Vai à Escola**. Campinas, Papirus, 1995. pp. 51-57.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Terra dos Homens**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1979.

SALLES, Pedro Paulo. A Matemática de Malba Tahan. **Ciência Hoje – das Crianças**. SBPC: Revista de Divulgação Científica para Criança, 1995, Ano 8/ Nº 57.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo, Cortez, 1997.

SANTOS NETO, Elydio. O Projeto Político-Pedagógico da Escola: Caminho para Organização e Articulação do Trabalho Coletivo. **Educação e Formação. Revista do Congresso de Educação Continuada – Pólo 7/PEC – UNITAU**. Dezembro de 1998. pp. 17-20.

_____. Educação, Tecnologia e Tecnologias: uma discussão a partir da reflexão antropológica, da escola e do projeto político-pedagógico. **Revista Educação e Linguagem**. V.1, n.1. (1998) – UESP - São Bernardo do Campo - SP.

_____. **Educação e Complexidade: pensando com Dom Bosco e Edgar Morin**. São Paulo, Salesiana, 2002.

_____. Aspectos Humanos da Competência docente: Problemas e Desafios para a Formação de Professores. **Formação Docente: Rupturas e Possibilidades**. Campinas, Papirus, 2002. pp. 41 – 54.

SEVERINO, Antonio Joaquim. O Uno e o Múltiplo: O Sentido Antropológico do Interdisciplinar. **Interdisciplinaridade: Para além da Filosofia do Sujeito**. Petrópolis, Vozes, 1995.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SOUZA, João Batista de Mello. **Meninos de Queluz**. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1949.

_____. **Histórias do Rio Paraíba**. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1949.

SOUZA, Júlio César de Mello. **Matemática Divertida e Curiosa**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2001.

TAHAN, Malba. **O Homem que Calculava**. Rio de Janeiro, Record, 1949.

_____. **Didática da Matemática**. I e II Volumes. São Paulo, Editora Saraiva, 1961.

_____. **A Arte de Ler e Contar Histórias**. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1964.

_____. **O Mundo Precisa de Ti, Professor**. Rio de Janeiro, Editora Vecchi, 1967.

_____. **A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor**. Rio de Janeiro, Casa Editora Vecchi Ltda, 1968.

_____. **Antologia do Bom Professor**. Rio de Janeiro, Vecchi, 1969.

_____. **Acordaram-me de Madrugada. Recordações de um antigo aluno do Colégio Pedro II**. Rio de Janeiro, Pedro II, 1973.

_____. **Lendas do Oásis**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.

_____. **Minha Vida Querida**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2000.

_____. **Mil Histórias Sem Fim**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2000.

_____. **Lendas do Céu e da Terra**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

_____. **Lendas do Deserto**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

_____. **Lendas do Povo de Deus**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

_____. **Os Melhores Contos**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

TAVARES, Dirce. **Da Não Identidade da Didática a Identidade Pessoal**. Dissertação de Mestrado, PUC- SP, 1991.

VEIGA-NETO, Alfredo. Interdisciplinaridade na Pós-graduação: isso é possível? **O Fio que Une as Pedras**. São Paulo, Biruta, 2002. pp. 26 – 35.

WHITMAN, Walt. **Canto de Mim Mesmo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1992.

YOURCENAR, Marguerite. **De Olhos Abertos: entrevistas com Mathieu Galey/ Marguerite Yourcenar**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

ANEXOS

ANEXO 1 – Depoimento de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

Local: Museu da Imagem e do Som

Data: 25 de Abril de 1973

Horário: 14 horas e 40 minutos

Cidade: Rio de Janeiro

Entrevistadora: Neusa Fernandes

Entrevistado: Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan

Debatedores: Horácio de Almeida, Adolfo Haissen, Naomin Haissen e Oton Costa

N. F.: Hoje é dia 25 de Abril de 1973 e o Museu da Imagem e Som, situado à Praça Marechal Âncora , número 1, na cidade do Rio de Janeiro, tem a honra de receber o professor Malba Tahan que fará aqui o seu depoimento para a posteridade. Funcionarão como entrevistadores nossos convidados e amigos: historiador Horácio de Almeida, o senhor Adolfo Haissen, diretor da editora Brasil-América e eu, Neusa Fernandes, Vice-Diretora Executiva desta casa. São exatamente 14 horas e 40 minutos.

N. F.: Professor Malba Tahan, em primeiro lugar, por favor, o senhor poderia nos dar os seus dados biográficos?

M.T.: Eu nasci na cidade do Rio, no dia 06 de Maio de 1895. Portanto, estou quase completando 78 anos. Minha família, porém, mudou-se quando eu ainda era muito pequeno para a cidade de Queluz, em São Paulo. Nessa cidade eu passei minha infância. Fiquei em Queluz até completar a idade para entrar no Colégio Militar. Meu pai queria por força que eu fosse militar. Então, com grande sacrifício conseguiu um lugar no Colégio Militar. Eu vim de Queluz, de São Paulo, caipira, inteiramente tabaréu, para o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Lá em Queluz eu fui aluno de escolas primárias e fui também aluno de minha mãe. Em Queluz, a única preocupação que eu tinha era brincar, evitar os lugares em que havia lobisomem, que a turma sabia e dizia que havia lobisomem. Eu não ia lá. E colecionava sapos. Cheguei a ter uma coleção muito interessante de sapos. Cheguei a Ter cerca de 50 sapos no quintal de casa, todos eles educados por mim, muito atenciosos e obedientes. Eu os comandava com um chicote de corda desfiada. Com aquele chicote eu tocava os sapos para fora, para dentro, e eles atendiam o meu chamado. Mais tarde, fizeram uma maldade. Quando eu vim para o Colégio Militar, eles dispersaram minha coleção, fizeram uma “sapotagem”, coisa que foi muito desagradável para mim. Quando cheguei lá meus sapos foram atirados no rio Paraíba – alguns – e outros tinham desaparecidos.

N. F.: Professor Malba Tahan, por favor, o senhor diga o nome de seu pai.

M.T.: João de Deus de Mello e Souza.

N. F.: Sua mãe?

M.T.: Carolina Carlos de Mello e Souza. João de Deus de Mello e Souza, porque meu avô quis homenagear uma poeta português, João de Deus. E eu me chamo Júlio César porque papai queria que eu fosse militar. Então, já me botou um nome bélico, um nome que não é dos mais pacíficos; Júlio César. Mas eu não segui carreira militar, coisa que me arrependo amargamente. Cheguei no Colégio Militar, passei três anos. Mas, o mais interessante é que faço anos junto com o Colégio Militar; 6 de Maio. De modo que no dia 6 de Maio eu fui acordado e fiquei muito surpreso porque era dia dos meus anos e em vez de ser um corneteiro tocando alvorada era uma banda de clarins. Eu achei que aquilo era uma homenagem muito grande para mim. Estranhei! Depois, quando descemos para o café, não era café, era chocolate, eu digo, “mas isso é demais! Eu não mereço tanto”. Só às 10 e tanto é que eu ouvi uma ordem dada pelo Comandante chamando os oficiais alunos e perguntei: “Por que isso?”. E ele disse: “Hoje é aniversário do Colégio”. Então, eu tive uma primeira decepção grande com o Colégio Militar. Aquela coisa toda, clarins, chocolate, tudo não era por minha causa, era por causa do Colégio.

N. F.: Professor Malba Tahan, a profissão de seu pai, por favor?

M.T.: Ele era um modesto funcionário no Ministério da Justiça, mas era militarista acima de tudo. Ele combateu com Floriano Peixoto pela legalidade, de modo que ele tinha honras de tenente-coronel.

N. F.: E quantos filhos são? Seus Irmãos?

M.T.: Éramos nove. Eu era o do meio. Quatro acima de mim e quatro abaixo. Já diziam os romanos que no meio está a virtude.

N. F.: O nome dos seus irmãos, professor?

M.T.: A mais velha chamava-se Maria Antonieta de Mello e Souza, depois vinha Laura de Mello e Souza, depois João Batista de Mello e Souza, depois Julieta Carmem de Mello e Souza. Eram os quatro mais velhos. E abaixo de mim havia outros quatro: Nelson de Mello e Souza, Rubens de Mello e Souza, José Carlos de Mello e Souza e Olga de Mello e Souza. Agora, Rubens de Mello e Souza morreu gloriosamente. Rubens de Mello e Souza foi um dos pioneiros da aviação no Brasil. Naquele tempo, quem se arriscava na aviação era uma verdadeira tentativa de suicídio. E o Rubens era piloto de provas. Os aviões chegavam do estrangeiro e ele experimentava para ver se os aviões estavam em condições de vôo. Num dia, um desses aviões não estavam em condições de vôo e ele entrou num parafuso e ele morreu. Morreu no dia 24 de Abril de 1924 aos 24 anos de idade, mas mesmo com essa idade ele já falava vários idiomas, aprendido lá mesmo, desenhava, cantava, tocava... Rubens realmente era um colosso. A morte apagou a vida dele.

N. F.: Quantos dos seus irmãos são ou foram professores, se dedicaram ao magistério?

M.T.: Quase todos. Antonieta fez o curso na Escola Norma de São Paulo e como ela tirou todas as notas acima de 10, porque no Estado de São Paulo havia nota até 12, o Governo de São Paulo nomeou-a professora da Escola Normal de Guaratinguetá. Laura também foi professora, João Batista também foi professor do Pedro II durante muitos anos e minha irmã Julieta fundou um colégio que é lá em Copacabana com o nome Mello e Souza até hoje.

N. F.: E por que essa herança, essa vocação?

M.T.: Porque minha mãe era professora primária. Parece que com a vivência da escola eu, todos nó (pausa) Agora, eu devia Ter seguido carreira militar. Para isso meu pai me botou o nome de Júlio César.

N. F.: Mas só o senhor?

M.T.: Só para ser militar, é. Eu queria que todos os meus filhos fossem militares, mas um deles não quis, é arquiteto. O outro é milico, é da Marinha.

Horácio de Almeida: O senhor falou que se arrepende amargamente de não Ter seguido carreira militar. Por quê?

M.T.: Porque todos os meus colegas de turma do Colégio Militar são Marechais. Eu estaria Marechal, calmamente, de pijama em casa, tranqüilo. Eu não precisaria ficar me virando aqui na vida, lidando com Waissen e outros.

N. F.: Professor, vamos voltar a obedecer uma ordem cronológica. Em que ano o senhor se matriculou no Colégio Militar?

M.T.: 1906. Eu fui colega de turma de Osvaldo Aranha. Éramos três amigos, aliás, no colégio, inseparáveis: eu, Osvaldo Aranha e uma colega apelidado Camarão. Era apelidado Camarão porque ele era vermelho, tinha um rosto avermelhado, mas vermelho de espinha. Ele tinha muita espinha. Então éramos nós três. Eu. O 511, que era o Osvaldo Aranha e o Camarão. O Osvaldo Aranha não quis carreira militar, formou-se em Direito; o Camarão não era estudioso, não gostava de Estudar, 247, e eu era o 846. Repare bem, Diretora, uma coisa muito curiosa, 846,eu; 247, o Camarão; 511, o Osvaldo Aranha. O 511, noventa e sete, o 247, noventa e quatro e eu noventa e zero. Coisa curiosa, impressionante; eu fui noventa e zero. Vinte anos depois de sair do Colégio Militar nós nos encontramos outra vez, na Avenida, fazendo corrida. Eu ia atravessar a Avenida, nisso o inspetor de tráfego fechou o sinal para eu não passar. Eu parei. Quando olhei era o Camarão que era o inspetor de tráfego, de boné branco, dirigindo o tráfego ali na 7 de Setembro, esquina com a Avenida. Parei e disse: "Oh, Camarão!" . Ele disse: "Oh, você por aqui?". "Parei para quê?". "Para passar um carro oficial". Nesse carro oficial ia exatamente o 511, que era Ministro do Exterior, Chanceler do Brasil; Osvaldo Aranha. Ele disse: "olha o 511!". E o 511 não nos olhou, não nos viu porque nós estávamos no meio do povo. Mas, nós três nos encontramos. Vinte e tantos anos depois de brincadeiras no recreio do Colégio Militar. Nós éramos muito unidos. Se um brigava, os outros brigavam também, se um tinha o quepe preso, os outros também. Era

aquela coisa... sempre solidários uns com ou outros. Mais tarde eu me encontrei com o Osvaldo Aranha e ele pedindo notícias da nossa vida do Colégio. Eu falei: “Olha. O Camarão hoje é inspetor de tráfego.” Ele disse: “Ah, como é isso? Não é possível! Inspetor de tráfego?! Vou pedir para o Getúlio aposentá-lo.” E falou com o Getúlio e o Getúlio o aposentou com todos os vencimentos. E ele foi para casa; “vou arranjar outro emprego”. Educou os filhos e dizia sempre: “Foi por sua causa que eu melhorei na vida!” E eu disse: “Por minha causa não. Você melhorou de vida porque o destino quis assim, *MAKTUB!* Estava escrito que nós três íamos nos encontrar e você ia melhorar a sua vida”. Eu entrei no Colégio Militar em 1906 e sai em 1909. Fui para o Pedro II.

N. F.: Por quê?

M.T.: Porque o Colégio Militar era muito caro e papai não conseguiu gratuidade para mim e ficava muito pesado para ele, que tinha uma porção de filhos, pagar um colégio caro naquele tempo. Aí eu saí do Colégio Militar e arranjei uma gratuidade no Pedro II. Semi-gratuidade. E lá fiz meu curso de humanidades.

N. F.: O senhor se lembra dos seus professores do Colégio Pedro II ou do Colégio Militar? Ou a quem o senhor deve essa ternura, essa paixão por Matemática?

M.T.: Eu não tive paixão pela Matemática! Eu resolvi no Colégio Pedro II, a ser professor mais tarde. Entrei para a Escola Normal e tirei o curso, depois de sair do Pedro II. Mas, no Pedro II, meu professor de português chamava-se Silva Ramos, José Júlio da Silva Ramos. Era, aliás, da Academia de Letras. Não sei se o Waissen chegou a conhecer (pausa). Não conheceu. E ele passava redações para os alunos fazerem, mas nós tínhamos uma porção de colegas vadios, que não faziam a tal redação e quando o colega não fazia a redação, ele dava zero. E zero privava a gente de saída, que era internato. Então muitos colegas precisavam de redação. Eu então comecei a fazer redação para vender para os colegas. Eu, nesse tempo, recebia de mesada, dada pelo inspetor, 400 réis; 200 réis para ir para a casa da minha tia e 200 réis pra voltar na Segunda feira. Mas eu gostava muito de um chocolate chamado Chocolate Beringer. E esse chocolate custava 400 réis. Então, eu fazia uma coisa muito interessante. Eu ia a pé do campo São Cristóvão até a Estação São Francisco Xavier, andava uma hora e meia a pé para economizar um tostão porque atravessando a linha a gente tomava um bonde chamado Vila Isabel X Engenho Novo, que só se pagava um tostão. Ao passo que o Cascadura era 200 réis. Então, naquele tempo nós pagávamos só um tostão e eu economizava um tostão na ida e outro na volta. No fim de duas semanas eu podia comprar um chocolate. Mas, como apareceram uns colegas muito malandros, vadios e o professor passava, por exemplo, “Faça uma redação sobre esperança”, eu fazia cinco, seis e de manha começava a vender esperança a 400 réis cada uma. De modo que eu fiquei mais ou menos, melhorado de situação. Já bem melhor porque ao invés de ser 400 réis só, que eu recebia, eu recebia três mil e tanto por semana, dois mil e tanto e isso

permitia que eu fosse de bonde para casa, comprasse chocolate e pagava passagem para os colegas que estavam arrebetados. Eu pagava a passagem deles todos. Todo mundo ia comigo e comprava chocolate também para a turma toda. É uma coisa errada isso. Eu devia, desde aquele tempo, estar economizando. Mas, o Professor Silva Ramos a todo momento em aula falava da Dona Carolina Michaelis. Ele esfregava a mão e dizia: “Porque dona Carolina Michaelis quando estudou os fenômenos... Porque Dona Carolina Michaelis...”Então, nós, adolescentes sempre maliciosos, dizíamos: “Ele gosta de Dona Carolina”. E havia um colega mais velho chamado Lúcio, que sabia uma porção de coisas que nós menores não sabíamos. O Lúcio sabia aquelas coisas todas. O Lúcio então contou: “ Ele gosta da Dona Carolina. A dona Carolina é dona de uma pensão para rapazes do comércio. A dona Carolina é uma filóloga alemã que nunca esteve no Brasil. Foi casar-se com um português em Coimbra e lá ficou.” Mas a turma inventava coisas, dizia: “Olha, aquela gravata que ele veio é presente de Dona Carolina”. O Lúcio inventava coisas tremendas. Eu, uma vez, numa redação citei dona Carolina. Vendi essa redação a 400 réis para um colega meu chamado Arobar da câmara de Oliveira Reis. O Arobar é chamado, ele lê a redação. Quando ele viu o nome de dona Carolina na redação do Arobar, ele botou a redação em ciam da mesa, voltou-se para o Arobar e disse: “Fez muito bem em citar a Dona Carolina porque ela é uma grande filóloga”. E a turma toda: “Oh, oh, ele gosta da dona Carolina! Vou lhe dar grau nove”. Ele sempre dava grau 5 ou 6; cinco ou seis, nunca fugia disso. Naquele dia deu grau nove. Eu, então resolvi fazer dois tipos de redação: redação com Carolina e redação sem Carolina. Redação com Carolina era 10 tostões e redação sem Carolina 400 réis. Mas havia uns colegas miseráveis que diziam: “Tira a Carolina que eu não posso pagar”. Eu digo: “Como eu vou tirar a Carolina!”. Havia outros que não, diziam: “Eu estou como média baixa. Ponha duas Carolinas”. “Eu não posso! Citar, cita-se uma vez só!”O sujeito estava com média baixa e queria que eu pusesse duas Carolinas para tirar grau dez, sabe? E assim eu fui...

M.T.: Agora, qual era a outra pergunta?

N. F.: A matemática, professor. O senhor estava respondendo sobre a Matemática.

M.T.: Teve um professor que eu tive, chamava-se Henrique César de Oliveira Costa, Costinha. Foi meu amigo, mas depois se separou de mim. Esse foi um bom professor e eu tomei gosto pela Matemática com ele. Mas, quando eu me dediquei ao magistério resolvi ensinar História, mas não gostei. História a gente tem que ler livros, revistas... É muito difícil. Depois passei a ensinar Geografia, também não gostei porque a gente tem que estar a par de países que ficam independentes, que viram repúblicas e não sei o quê. Eu disse assim: “Melhor não ensinar Geografia”. Então, comecei a ensinar Física, mas Física tem laboratório, é muito trabalhosos. “Sabe de uma coisa, melhor mesmo, é ensinar Matemática”. Porque Matemática é essa coisa, não varia. E passei, então, a ser professor

de Matemática. Fui professor de História. Eu tinha uma turma aqui na rua da Assembléia, em um curso, eram todos rapazes bem mais velhos que eu, e eu dizia: “A primeira cruzada foi no ano de 1095”. E escrevia 1095 na Pedra. Porque os professores de didática da Escola Naval tinham me dito que a turma tem memória visual, auditiva, tem isso, tem aquilo. Eu, então, escrevia 1095 para fixar. Ah...”Portugal ficou livre da Espanha em 1638”. 1650, né?

Entrevistador: 1640

M.T.: 1640. E a turma tomava nota daquilo com muito capricho. Eu estava entusiasmado com a atenção com que eles tomavam nota. Mas quando acabava aula era uma correria, uma debandada tremenda, desciam a escada aos pulos. Eu, um dia, chamei um rapaz e perguntei: Por que é que vocês quando acaba a minha aula. Vocês saem em disparada? Disse: “ Ah, o senhor não sabe? Por causa desses milhares que o senhor dá aí. Outro dia, um colega nosso jogou no milhar que o senhor deu, ganhou seis contos. Então, agora todo o palpite que o senhor dá a turma sai para jogar”. (risos) Eu digo: “Ah, então não ensino mais História”. Aquelas datas que eu dava era um palpite porque eram milhares para jogar no bicho. O bicho fechava logo depois da minha aula. Então, eles iam correndo. Vejam só que decepção! Passei a ensinar Matemática que tem números demais, que não tem palpite nenhum.

N. F.: Bom, o senhor começou sua vida no Magistério, portanto quando o senhor saiu do Pedro II e foi para a Escola Normal?

M.T.: Aí, eu já trabalhava no jornal chamado O Imparcial.

N. F.: Bom, isso é importante! E quando o senhor começou a trabalhar no Imparcial?

M.T.: No tempo da guerra, 1918.

N. F.: O senhor se lembra do diretor de O Imperial?

M.T.: Chamava-se Leônidas de Rezende. Era o secretário. Eu tinha mania de escrever. Então, eu escrevi uns contos e levei para o Leônidas. E propus a ele: “Vamos publicar esses contos aqui no Imparcial porque são contos interessantes, curtos, que a pessoa lê no bonde, é uma coisa à toa”. O Leônidas pegou minha colaboração, botou em cima da mesa e botou um pedaço de chumbo em cima. Chumbo daqueles que tinham nas redações que era todo cheio de papel. No dia seguinte, eu passei lá estava o chumbo. No dia seguinte, chumbo em cima. No fim da semana, chumbo em cima. Eu digo, “ele não publica isso”. Eu tirei a colaboração debaixo do chumbo, cortei a última lauda, que estava escrito J.C. Mello e Souza, e botei R. S. Slady, nome que eu inventei na hora. Levei outra vez para o Leônidas e disse: Leônidas, aqueles contos que eu trouxe para você realmente eram fracos, não valiam nada, mas eu descobri um escritor americano formidável, que é muito curioso. Os contos dele são reconhecidos no Brasil”. Ele pegou o primeiro conto, achou interessante e botou: Primeira página, risco dentro de um quadro, duas colunas”. Eu morava em Copacabana nesse tempo. Quando, no dia seguinte eu vi o conto de R.S. Slady na primeira página de O

Imparcial , dentro de um friso, duas colunas, limpo, eu relacionei: “Que diabo! Então, quando é J.C. Mello e Souza, chumbo em cima! Quando é R.S.Slady, primeira página, duas colunas!Então Resolvi fazer uma mistificação Literária. Tem havido grandes mistificações literárias. Grandes mesmo. No Brasil, já houve algumas. Medeiros de Albuquerque, disse que a maior foi de Malba Tahan. Medeiros, talvez não tenha razão, não sei. Medeiros de Albuquerque fez um estudo da mistificação literária de Malba Tahan mostrando que foi o maior. Eu fiz crer aos brasileiros que Malba Tahan era um árabe que morreu em combate lutando pela liberdade em uma tribo na Arábia Central. Bayron foi combater pela Grécia. Pois Malba Tahan foi combater por uma tribo. E assim os brasileiros leram Malba Tahan convencidos de que era um árabe. Só oito anos depois de sair o meu primeiro livro é que eu revelei. Mas durante oito anos o Brasil todo leu Malba Tahan... O Waissen está lembrado. Ninguém sabia quem era Malba Tahan. Eu publicava no A Noite, “Contos de Mil e Uma noites”.

Horácio de Almeida: Qual foi seu primeiro livro?

M.T.: “Contos de Malba Tahan”, tradução e notas de Breno Alencar Blanco.

N. F.: Inventou também?

M.T.: Era, também inventando.

Horácio de Almeida: Em que ano foi isso?

M.T.: Quem descobriu que era uma mistificação foi uma poetisa, aqui, Rosalina Coelho, Lisboa. Eu cá na asneira de botar em um dos meus livros “*Obras de Malba Tahan*”. Então, tinha uma porção de “*Obras de Tahan*”. E entre eles havia assim: “*Samulá, Contos Orientais*”, tradução de Radiales S. Ela me telefonou e disse: “É mentira isso porque Radiales S. nunca traduziu nada desse negócio”. Então, ficou declarado que aquilo era falso. Eu não sabia que a Rosalina tinha mania de Radiales S.

Naomin Haissen: Você publicou esse livro quando?

M.T.: Foi em 1925. para o ano eu vou completar 50 anos de livro.

Adolfo Haissen: Já nesse tempo Rosalina publicava livros.

M.T.: Ah sim, sim, a Rosalina.

N. F.: Rosalina.

M.T.: Rosalina.

Adolfo Haissen: Rosalina Coelho Lisboa.

M.T.: Foi premiada pela Academia.

Adolfo Haissen: Escreveu, mais ou menos, em 1918.

M.T.: Ela está agora muito doente.

N. F.: Professor, vamos voltar aqui a nossa ordem. Do Colégio Militar você foi para o Pedro II, do Pedro II para a Escola Normal e iniciou-se no magistério, como professor, ensinou

História, Geografia e a Matemática. Começou, então, o senhor a escrever seus contos no *O Imparcial*.

M.T.: É, com o nome de R. S. Slady. Quem verificar na Biblioteca Nacional a coleção de *O Imparcial* vai achar cinco contos de R. S. Slady. Também não tem mais! Só tem aqueles cinco e parou.

N. F.: E dali em diante?

M.T.: Eu precisei escolher um pseudônimo. Malba é um oásis, nome de um oásis, e Tahan significa o moleiro, aquele que prepara o trigo. Eu tinha uma aluna na Escola Normal chamada Maria Zechuk Tahan. E ela me deu sugestão para o nome; Tahan. Era isso. Mas, eu na minha vida de magistério, eu fui professor do Pedro II, professor de colégios particulares, professor de colégios religiosos, professor de colégios... Da escola técnica, fui professor durante quatro anos do Loyd Brasileiro. Eu fui professor durante quatro anos da Escola Álvares de Azevedo, durante cinco anos lecionei para menores delinqüentes. Cinco anos! A sua pergunta naturalmente seria a seguinte: “Esses cinco anos ensinando menores delinqüentes teve algum resultado?”. Vários dos rapazes que foram meus alunos eu consegui reabilita-los. Alguns hoje estão aposentados. Eu, de vez em quando, encontro um ou outro que trabalham no Cais do Porto, trabalhavam na Light, mas de todos eles o que mais se distinguiu foi um rapaz que meu aluno. Ele era assassino. Tinha 12 entradas na Casa de Detenção. Esse rapaz conseguiu, com o esforço dele, e eu ajudando, ele conseguiu entrar para os Fuzileiros Navais, fez concurso para Sargento, foi a Primeiro Sargento, tomou parte na Revolução do Contestado, foi a Sub-Oficial de está hoje reformado em Capitão-Tenente. Ganha mais do que eu.

N. F.: E no Instituto de Educação?

M.T.: Como é?

N. F.: E no Instituto de Educação?

M.T.: No Instituto de Educação, eu tenho tido alunas que chegaram até a ser Secretárias de Educação, Diretor-Geral.

N. F.: Quantos anos você lecionou lá?

M.T.: Eu lecionei 40 anos no Instituto de Educação, como professor. Mas, não lecionei só matemática. Lecionei matemática, A Arte de Contar História, Literatura Infantil e Folclore.

N. F.: Depois que o senhor escreveu esses primeiros cinco artigos para *O Imparcial*, com esse pseudônimo, o senhor passou a escrever como Malba Tahan?

M.T.: Só. E agora (pausa).

N. F.: Depois do *O Imparcial*?

M.T.: E agora adoto só Malba Tahan. Na minha carteira de identidade figura o meu pseudônimo porque o Presidente Getúlio deu um decreto especial de que a Justiça pusesse

o pseudônimo na minha carteira de identidade. Porque apareceram nada menos de quatro homônimos. E eu tenho quatro homônimos no Brasil.

N. F.: Na carteira de identidade?

M.T.: É o sujeito que tem o nome de Júlio César de Mello e Souza e o pai bota no filho o meu nome. Agora, Malba Tahan há poucos. Eu conheço Malba Tahan no Rio Grande do Sul e conheço Malba Tahan Siqueira na Paraíba. Eu só conheço dois.

N. F.: Só para ficar registrado, a carteira de identidade do professor Júlio César de Mello e Souza é do Instituto Teles Pacheco, igual as nossas, mas tem nome, Júlio César de Mello e Souza, pseudônimo, Malba Tahan. Depois aqueles dados que há normalmente; nacionalidade brasileira, Distrito Federal etc. Professor Malba Tahan, o senhor pode citar outros jornais que o senhor tenha colaborado como Malba Tahan?

M.T.: Eu colaborei no *O Imparcial*, colaborei no *O Jornal*, com o Chateaubriand. Escrevi no *O Cruzeiro*. Se eu não me engano o Haissen disse que o primeiro número do *O Cruzeiro* tem um conto meu. Eu colaborei durante um ano no *O Cruzeiro*. Colaborei também na Noite Ilustrada, colaborei no Tico-Tico. Colaborei em uma porção de jornais.

N. F.: Sempre fazendo contos?

M.T.: Sempre fazendo contos. Colaborei no Correio da Manhã, no tempo do Edmundo Bittencourt, colaborei na Folha da Noite de São Paulo, colaborei na Noite, aqui do Rio. Colaborei em uma porção de jornais. Faço uma coluna todos os dias na *Última Hora*; Matemática Recreativa. Todos os dias sai uma seção.

N. F.: E como é que o senhor passou pára esse estágio? Ensinando matemática foi descobrindo esses encantos, essas recreações da matemática. Como ´e que foi isso?

M.T.: Como professor de matemática, eu procurava fazer com que os meninos tomassem simpatia pela matemática, de uma maneira muito simples; não repreender. Porque quando o menino fazia uma falta qualquer eu fingia que não via, e depois eu chamava o menino, conversava com ele e fazia amizade com ele. Quando eu via que o menino não tinha base, pedia ao diretor técnico que chamasse os pais. Os pais vinham e eu dizia: “Seu filho não tem base para o primeiro ano ginásial. Seu filho não tem base para o segundo ano ginásial.” O pai dizia: “Eu vou tomar um professor particular!” “Não precisa! Eu arranjo na turma um liderzinho, um rapaz que dá umas aulas para o seu filho”. Então, chamava um dos liderzinhos da minha turma e dizia “você vai ajudar fulano”. O rapaz tomava conta e assim quando chegava junho e julho estava tudo na média. Chegava no fim de ano, todos passavam. Eu fui professor assim durante 20 anos sem reprovar nenhum aluno. Não reprovava no curso secundário. (risos) No curso superior eu reprovava. Na Faculdade de Arquitetura eu reprovava os arquitetos porque lá não podia chamar o pai. Eram rapazes, não chamavam o pai, nem nada. Eles não estudavam, eu então era obrigado a reprovar. Assim, eu passei 40 anos na Faculdade de Arquitetura e nunca nem fui citado, nem citado

pelo orador da turma na formatura. Nem citado. Só porque eu reprovava. Para isso, eu nunca fui convidado, nem fui homenageado, mas porque reprovava e eles então achavam que eu não devia. Citavam todo mundo, excluía o meu nome. Porque eu reprovava. Reprovava porque eles não estudavam. Mas durante as férias dava aulas particulares para eles de graça. E na segunda época, aqueles que freqüentavam as aulas passavam todos porque eu preparava. Eu reprovava e dava aulas durante as férias. Assim, por exemplo, eu vou citar um que é bastante conhecido. Eu o preparei para passar. Vou dizer o nome dele, não há receio nenhum. Ele passou em matemática, foi lá em casa, dei aulas para ele, passou e foi embora. Chama-se Sérgio Bernardes. O pai dele até hoje é muito grato, Wladimir Bernardes, me abraça, e faz uma festa enorme quando me vê. “Meu filho é arquiteto graças a você”. Nada. Fazia a minha obrigação, o meu dever.

N. F.: O senhor se lembra como o senhor começou com a recreação para incentivar esses seus alunos para a matemática?

M. T.: Eu comecei inventando jogos de recreações de matemática. Então, inventei uma porção de jogos. Uma vez, eu tinha que lecionar a uma turma de meninas de um colégio em Copacabana e tive que ensinar uma fórmula de trigonometria complicada para elas. Que “seno de $(a+b) = \text{seno } a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. Negócio complicadíssimo. Eu sabia que aquelas meninas não iam ser engenheiras nem nada. Elas iam se casar, e acabou e não se pensava mais nisto. Notem os meus ouvintes que isso não tem dificuldade nenhuma; “seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ” são números. Agora, a gente pode, se quiser, complicar porque é bom sempre complicar um pouco, porque aquele que não se entende a gente venera. “seno $a \cdot \text{cosseno } b$ ” não vale nada, a gente ensina em 10 minutos para qualquer pessoa. Mas, eu, como é que eu vou ensinar uma fórmula para as meninas; “seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”? Para elas decorarem? Então, eu cheguei na aula e disse: “Eu vou dizer um verso, e vocês todas depois de eu dizer o verso vocês dizem ‘seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ’. Vou declamar, heim, atenção!”. Então, comecei: “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”. Elas todas: “seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. “Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá”. “seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. “Sem que desfrute os primores que não encontro por cá”. “seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. Fiz isso umas quatro ou cinco vezes para a turma e elas todas decoraram a tal fórmula. “Qual é a fórmula do Seno?” Elas: “seno $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$.” Passado alguns anos, eu sou convidado para um casamento. O nome do pai da noiva eu não conhecia. O nome do pai da mãe da noiva, não conhecia. Mesma coisa com os pais do noivo. Nome da noiva, nada! Nome do noivo, nada! “Mas que diabo, tenho que ir lá!”. Era na Igreja de Santa Terezinha, ali na entrada do túnel novo. Eu nesse tempo dirigia. Dirigia um carro que chamava Austin. É um carro pequenininho. Eu encosto na hora que eles estiverem dando as felicitações. Na hora que está dando os parabéns. Então, eu

cheguei lá na hora que estava terminando o casamento, já estava aquela fila pronta e eu entrei na fila. Quando cheguei perto da noiva, eu vi que era uma das minhas antigas a'unas lá do Copacabana. Eu disse: "Ah, é você?" Eu disse a ela: "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá." Diz ela: "seno a. cosseno b + seno b. cosseno a". Para mostrar que nem na hora do casamento ela esqueceu o raio da fórmula. Para ver o que é o jogo em matemática. Só a matemática pode fazer essas sugestões muito interessantes. Porque o matemático, o professor de matemática, em geral, é sádico. Há exceções, é claro. Ele tem um prazer de complicar a matemática. Se ele pode dar um problema para o menino, ele dá um problema difícil porque dando um problema muito fácil o menino perde o respeito por ele. O menino não toma a sério o professor que dá só problemas fáceis. Então, o professor dá problemas difíceis. Eu tinha, na Politécnica, dois professores: doutor Beringer e professor Amoroso Costa. Doutor Beringer dava uma aula, todo mundo entendia. Todo mundo entendia a aula do doutor Beringer. Quando acabava a aula, olha a conversa no corredor: "Que besta, hein? Que animal, não sabe nada, ignorante!". No dia seguinte, vinha o doutor Amoroso Costa. Enchia a pedra de cálculos complicados. Refração atmosférica e não sei o que. Ninguém entendia nada. Olha a conversa no corredor depois da aula: "Que gênio, hein? Que crânio, que coisa tremenda!". Então, quando o sujeito é (pausa) Todo mundo entende, é uma besta; quando ninguém entende, é um colosso. E se o grande matemático alemão, Weierstrass já velho, já bastante idoso... Uma vez, recebeu a uma consulta de um matemático. Ele disse: "Professor, eu vim aqui consultar o senhor porque eu soube que o seu livro tal..." Disse: "Dessa fórmula tira". "Eu, dessa fórmula, que o senhor dá aqui, eu não consigo tirar essa outra. Já falei com todos os professores aqui, ninguém sabe. Dessa fórmula deduzir essa outra, ninguém sabe". O Weierstrass que era o maior matemático da Europa naquele tempo alemão, olhou e disse: "Olha, meu filho, quando eu escrevi isso só eu e Deus é que sabíamos. Agora, só Deus, eu não sei mais. Eu esqueci como é esse negócio aí". Para ver só o que eles fazem, só fazem para complicar. Estou em Buenos Aires, chega lá o matemático Ray Pastore, me convida para fazer uma conferência para matemáticos portenhos. Tem lá um auditório cheio de matemáticos argentinos. Ray Pastore me apresentou: "Professor Malba Tahan, matemático brasileiro, autor do livro "El hombre que calculava", não sei que, vai falar sobre as funções moduladas". Eu escolhi logo um assunto infesado. Quando Ray Pastore me deu a palavra: "Com a palavra, o professor Malba Tahan". Ray Pastore foi o maior matemático do tempo dele. Maior matemático do mundo do tempo dele. Quando Ray Pastore me deu a palavra, eu me lembrei do Brasil, do nosso Brasil. Fiz uma viagem a jato do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Passei pelo Maranhão, que eu conheço tão bem, passei pelo Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas... Passei por Pernambuco, Bahia, ah, Bahia! Passei por Goiás. Goiás, eh Goiás! Por Santos. São Paulo com os cafezais, Paraná com os pinheirais. Passei por Santa Catarina, Rio Grande

do Sul com os estábulos. Passei. Digo, “Brasil, fica descansado Brasil. Fica descansado Brasil porque eles não vão entender nada. Se eles entenderem alguma coisa vai ser uma desmoralização”. E, realmente. Fiz uma conferência tão complicada que no meio eu me atrapalhei também e não sabia mais como é que devia acabar aquilo. Mas, eles não entenderam nada! Me aplaudiram de pé, por quê? Por quê? Todo o auditório de pé me aplaudindo porque não tinham entendido. Ray Pastore, disse: “Pouco confuso, pouco confuso, pouco confuso”. (risos) Ray Pastore também dizia que não tinha entendido. E é assim a matemática. Então, o professor de matemática, a preocupação dele é complicar, é complicar. Eu, uma vez, no Pedro II, ia dar a prova para cerca de mil meninos que iam fazer exame, quando eu escrevi as questões, eu escrevi a primeira questão: “Calcular o desconto de uma letra de 1.200 cruzeiros, pagáveis em 60 dias, assim, assim, juros tantos por cento”. Aí, chega um professor pelas minhas costas: “Para que, bobagem que você está dando, isso eles resolvem!” Eu digo: “Você quer que eu dê coisas que eles não resolvem? (risos) Então, a letra que está aqui comigo, que eu vou descontar hoje, de modo que tenha problema mais livre do que esse. Eu estou aqui com um papagaio já no bolso e vou descontar. Então, já é o problema meu”. (risos) Porque eles querem que a gente dê para os meninos os problemas que eles não resolvem. Aquelas questões. Eles dão para os meninos não resolverem. A preocupação deles é essa. E a preocupação de quase todos os professores de matemática é essa. É fazer que a matemática não seja compreendida porque, como dizia Comte, “aquilo que não se entende, venera-se”. Não entendeu, tem que venerar. Agora, não esqueceu da minha parte de assistente social que eu tenho.

N. F.: Não, de jeito nenhum. Tem muita coisa ainda.

M.T.: Qual é? O Naomin tem alguma pergunta a fazer, Naomin?

Naomin Haissen: Posso perguntar depois.

N. F.: Eu só queria aproveitar que o senhor está aqui para ficar registrado que esse depoimento é um depoimento para posteridade, como o senhor sabe, deve ser ouvido, espera-se, daqui uns cem anos pela mocidade. E eu queria que o senhor deixasse registrado um daqueles seus problemas que pega todo mundo. O senhor lembra?

M.T.: Problemas que pega todo mundo?

N. F.: É, um daqueles que a gente fica sem saber responder.

M.T.: Está bom.

N. F.: O senhor lembra de algum?

M.T.: No momento, assim, eu vou contar a história da matemática das surpresas, conhece?

N. F.: Não.

M.T.: Então, eu posso contar.

N. F.: Não lembro!

M.T.: Não se lembra?

N. F.: É.

M.T.: A menina, a jovem, chega para o pai, o pai estava no escritório, o pai era matemático, ela chega no escritório e diz “Papai, o Ênio disse que dentro de uma semana, até domingo, ele vem aqui fazer o pedido. Até domingo! Deu a palavra de honra dele que faz o pedido até domingo e que chega de viagem, de surpresa”. O pai diz: “Minha filha, ele diz que vem de surpresa até domingo para fazer o pedido de casamento. Então, esse camarada é um intrujão, é um mentiroso porque não há surpresa. A matemática prova que não há surpresa”. “Por que é que não há surpresa?” “Por uma razão; ele diz que vem até domingo de surpresa. Se ele deixar para vir domingo, você já sabe que é domingo porque é o fim da semana. Então, domingo ele não pode vir. Então, risca domingo. Já riscou?” “Já risquei papai, já risquei”. “Sábado. Se ele deixar para sábado também não pode, porque ele sabendo que não pode ser domingo só pode ser sábado. Então, não é surpresa. Ele não pode deixar para sábado. Risca sábado. Então, sábado e domingo ele não pode vir porque se ele vier sábado ou domingo não será surpresa. Ele disse que só vem de surpresa. E agora, vamos ver sexta-feira. Sábado e domingo já estão excluídos. Se ele deixar o pedido para sexta-feira, você sabe que é sexta-feira. Então, não é surpresa. Porque ele não pode vir nem sábado, nem domingo, então risca sexta-feira. É claro que tem que riscar quarta-feira também. O mesmo raciocínio. Quinta-feira, quarta-feira, terça-feira, segunda-feira, tem que riscar porque não será surpresa”. Nisso, a campainha toca. Ela chega na janela, diz: “Papai, o Ênio está aí para fazer o pedido”. (risos) Então, estragou toda a teoria da matemática. Gostou?

N. F.: Professor...

M.T.: Olha, acabou de chegar o doutor Oton. Você conhece o doutor Oton Costa? Está aqui.

N. F.: Muito prazer.

M.T.: Arruma uma cadeira para ele sentar aqui no meio.

N. F.: Veio entrevistá-lo também, né?

M.T.: É, ele vinha. Ele ia chegar às 15 horas. Ele tinha um compromisso, eu o convidei para vir.

N. F.: Vou arranjar uma cadeira para o senhor sentar-se aqui e participar conosco da mesa da entrevista com o professor Malba Tahan. Professor Malba Tahan, continuando então aqui pela ordem cronológica, o senhor contou sua vida de Magistério e fez uma síntese também da sua vida como jornalista. O senhor podia citar e numerar todas as obras que o senhor já publicou, por favor?

M.T.: Não, não é possível.

N. F.: Não?

M.T.: Não.

N. F.: Não, precisa sim!

M.T.: Não, não é preciso.

N. F.: Para gravar.

M.T.: Ah, não. Não é possível, não é possível. Olha aí, são 103...

N. F.: São 103 obras.

M.T.: Não é possível, não pode ser. Então, eu vou enunciar cento e tantos livros.

N. F.: É, mas eu vou ler então. O senhor me corrige se eu, por acaso, ler errado.

M.T.: Não, isso aí são cidades onde eu fiz cursos.

N. F.: “A arte de ler e contar histórias”, “A arte de ser um perfeito mau professor”, “A equação da cruz”, “A alegria de ler», “Alma do Oriente”, “A lógica na Matemática”... Está na moda, hein? “A lua”, “Amigos maravilhosos”, “Amor de beduíno”, “Antologia da Matemática” (primeiro volume) e “Antologia da Matemática” (segundo volume), “Antologia de bom professor”, “As grandes fantasias da matemática”, “As maravilhas da matemática”, “A sombra do arco-íris”, “Aventuras do Rei Baribê”, “Carta do futuro”, “Céu de Ala”, “Contos de Malba Tahan”, “Diabruras da matemática”, “Dicionário curioso recreativo da matemática”, “Didática da matemática”, “Didática da Matemática” (dois volumes), “Estudo elementar das curvas”, “Folclore da matemática”, “Funções moduladas”, “Geometria analítica”, “História de fantasias da matemática”, “Iazul”, “Lendas do céu e da terra”, “Lendas do céu e da terra”, em 1 7a edição. Confirma? “Lendas do deserto”, também em 118 primeira edição, “Lendas do oásis”, “Lendas do povo de Deus”, “Maktub”, “Matemática, aritmética”, “Matemática divertida e curiosa”, “Matemática divertida e delirante”, “Matemática divertida e fabulosa”, “Matemática divertida e pitoresca”, “Matemática fácil e atraente”, “Matemática recreativa”, “Matemática recreativa” (segundo volume), “Matemática suave e divertida”, “Meu anel de sete pedras”, “Meu caderno de matemática”, “Mil histórias sem fim”, “Mil histórias sem fim” (segundo volume), “Minha Vida Querida”, “Novas lendas do deserto”, “Novas lendas orientais”, “Numerologia”, “O bom caminho”, “O Guia Carajá”, “O escândalo da geometria”, “O homem que calculava”, “O inferno de Dante”, “O livro de Aladim” “O mistério da Mackensista”

M.T.: Do Mackensista.

N. F.: Do mackensista. “O mundo precisa de ti, professor”, “O problema das equações em matemática”, “O professor e a vida moderna”, “O terceiro motivo”, “Paca Tatu”, “Página do bom professor”, “Romance do filho pródigo”, “Roteiro do bom professor”, “Salim, o mágico”, “Sob o olhar de Deus”, “Tábuas completas e formulários”, “Técnicas de procedimentos didáticos em ensino da matemática”, “Trigonometria hiperbólica”. No total de quantos livros, professor?

M.T.: Não sei.

N. F.: Cento e poucos, né?

M.T.: Centos e poucos.

N. F.: Ainda há livros publicados, professor Malba Tahan?

M.T.: “Alkwarizmi”.

N. F.: “Alkwarizmi” e “Damião”.

M.T.: “Lilavati”.

N. F.: “Lilavati. Publicados, agora, pela Editora Brasil-América: “A girafa castigada”, “O rabi, o cocheiro e o João de Deus”, “A pequenina luz azul”, “Os sonhos do lenhador”, “O tesouro de Bresa”, “História da onça que queria acordar cedo”. (pausa) “Ainda não, doutor”, “Tudo é fácil”, “Diário de Lúcia”, o prefácio em colaboração com a professora Irene de Albuquerque. E ainda em colaboração com Cecil Thiré: “Matemática”, “Matemática, segundo ano”, “Matemática, terceiro ano”, “Matemática - Álgebra”, “Matemática - Admissão”, “Exercício e formulário de geometria”, “Exercícios de Matemática”, “Exercícios de Matemática para o segundo ano”. Em colaboração com Cecil Thiré e Euclides Roxo “Matemática, primeiro ano”, “Matemática, segundo ano”, “Matemática, terceiro ano”, “Matemática, quarto ano”, “Matemática, quinto ano”, “Exercícios de Matemática”. São livros didáticos, não professor?

M.T.: É.

N. F.: Agora, apostilas com Jairo Bezerra e Ceres Marques de Moraes: “Apostila didática de Matemática”. E ainda com Cecil Thiré e Jurandir Paes Leme; “Pathimel”, para o ensino de desenho no primeiro ano ginásial. Ainda com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber “Matemática comercial” (primeiro volume, segundo volume). E obras de Malba Tahan já adaptadas para o teatro: “A pequenina luz azul”, “Homens Extraordinários”, “Maktub” e outras obras já traduzidas; “El hombre que calculava”, “Maktub”, em inglês, né? Tradução em inglês. Professor Malba Tahan, você trouxe aqui um exemplar luxuosíssimo do “El hombre que calculava”...

M.T.: Esse é de Barcelona.

N. F.: Edição espanhola.

M.T.: Espanhola.

N. F.: Quantas traduções o senhor cedeu?

M.T.: Isso eu não sei porque o editor de Montevideu nunca me prestou contas. Eu sei lá quantas edições ele tirou. Esse só tirou uma que é essa primeira edição.

N. F.: É o livro mais luxuoso do mundo, né?

M.T.: O livro é realmente extraordinário.

N. F.: Professor, então, me explica aqui uma coisa que eu tenho curiosidade de saber a muito tempo. Quando o senhor adotou a inscrição Malba Tahan foi que o senhor se dedicou às histórias? O senhor pesquisou e inventou essas histórias todas. O senhor se baseou, teve um critério?

M.T.: Não, muitas das minhas histórias, muitos dos meus contos, têm fundo folclórico. Mas outras são originais. Eu tenho algumas histórias originais que são bem curiosas, bem

interessantes. Algumas histórias não. Algumas são folclóricas. Tem um livro, «Lendas do povo de Deus», que todas as histórias são folclóricas. Quase todas.) Uma ou outra é adaptada, arranjada.

N. F.: Professor, só para completar aqui, que eu vou passar a palavra para o Horácio de Almeida. O senhor, nessa sua obra, nessa sua vida, que o senhor fez uma síntese, quando foi que você casou? Eu sei que o senhor é casado e tem filhos.

M.T.: Tenho, tenho filhos. Eu me casei em 1925.

N. F.: O nome da sua senhora?

M.T.: Nair de Mello e Souza.

N. F.: Professora também?

M.T.: Eu vou completar Bodas de Ouro, provavelmente se estiver vivo, é claro.

Naomin Haissen: Como é que você conheceu a dona Nair?

M.T.: A Nair foi minha aluna na Escola Normal, você sabe disso. Foi minha aluna de geometria. Aí, foi a desgraça.

N. F.: E os seus filhos? Os nomes deles, por favor?

M.T.: O meu filho mais velho chama-se Rubens Sérgio de Mello e Souza. Eu dei o nome de Rubens em homenagem ao meu irmão Rubens. Rubens Sérgio de Mello e Souza. A outra se chama Maria Sônia de Mello e Souza, casada com um Engenheiro da Prefeitura. E o mais moço chama-se Ivan Gil de Mello e Souza. Ivan Gil de Mello e Souza não é um nome só não, são dois nomes; Ivan Gil. Nenhum deles têm vocação para matemática. O meu filho mais velho é oficial da Marinha, está estudando direito agora para deixar a Marinha. A minha filha é pintora, faz quadros e o meu filho mais novo que é arquiteto, constrói casas na COABE, faz casas populares.

N. F.: Professor, só mais uma pergunta. Eu me lembro que eu fui sua aluna em um curso que o senhor estava dando para professores. Nesse curso, o senhor contou uma história, de que o senhor uma vez, eu me lembro perfeitamente de ter dito isso em sala, que o senhor sempre, diariamente, quando amanhecia o senhor se lembrava que deveria fazer um bem e quando terminava o dia o senhor catalogava que o senhor tinha feito um bem durante aquele dia. Essa foi uma frase que me ficou, que o senhor disse em sala de aula, que eu acho que isso está intimamente ligado a sua vida porque eu sei que o senhor tem uma obra de assistência social O senhor poderia mostrar aqui, por favor? Por que essa frase? O que significa filosoficamente essa frase e o seu trabalho?

M.T.: Comecei em 1939. Portanto, há 34 anos. Eu me dedico só em assistência aos doentes de Lepra. Então, já visitei todos os leprosários do Brasil, com exceção do Acre que eu não conheço. E em todos eles eu fiz palestras, conferências. Já fiz no Brasil mais de duzentas conferências sobre Lepra. Fiz uma conferência em São Paulo, na Sociedade Paulista de Medicina, a convite da Sociedade para trezentos médicos, entre os quais havia

cinco ou seis grandes leprólogos de fama internacional. Eu fiz uma palestra sobre o problema da Lepra no Brasil, de modo que eu fui obrigado a estudar Leprologia. Mesmo não sendo médico, eu fui obrigado.

Naomin Haissen: Por que o senhor se interessou pela Lepra?

M.T.: Um dia eu estava em casa, cismeí, saí e fui. Apresentei-me a uma senhora, chamada dona Eunice e disse: “Eu quero trabalhar para os leprosos”. Ela me disse: “Olha, Malba Tahan, vou dizer a você uma coisa; o leproso é ingrato. Jesus curou 10 e só um voltou para agradecer”. Ela disse. Eu, então, disse a dona Eunice: “Eu não quero saber se leproso é grato ou ingrato. Eu resolvi trabalhar por eles porque são excomungados, são reprimidos pela sociedade, são amaldiçoados e desde os tempos bíblicos que eles sofrem horrores”. Então, eu resolvi me dedicar exclusivamente aos leprosos. Não espero gratidão, nem ingratidão. Mas, ao contrário, só tenho recebido provas de amizade, de simpatia dos leprosos. Minha mulher diz que eu conheço mais leproso do que gente sadia. É possível. Tendo visitado todos os leprosários e tendo amizade com eles é claro que eu conheci muito doente. Conheço doentes de Três Corações, conheço doentes de Itaim, conheço de Amendoeira e todos esses leprosários eu fui. E em Portugal também visitei uns leprosários. Encontrei duas brasileiras internadas. Só. Não encontrei homem nenhum, só as brasileiras. Naomin me pergunta: “Por que isso? Por que é que eu me dediquei a isso?” Se quiserem, eu conto um caso acontecido, mas aí é espiritismo, se quiser. Vale?

N. F.: O senhor tem alguma formação religiosa?

M.T.: Não, eu sou cristão. Ainda hoje, o Oton me telefonou de manhã, eu dei a minha resposta: Qual é Oton?

Oton Costa: Sobre Deus. “Deus existe?”, Sim ou não, por quê? Eu queria ouvir de Malba Tahan a respeito. Então, telefonei para ele e ele me deu a resposta (pausa).

M.T.: Acredito no Deus que fez os homens. Acredito no Deus que fez o homem. Não no Deus que os homens fizeram.

N. F.: Perfeito.

Naomin Haissen: Agora, como Malba Tahan, como escritor, qual foi a sua maior emoção?

M.T.: Tenho tido várias emoções como escritor. Mas a mais curiosa foi quando eu fazia uma viagem para São Cristóvão, onde eu ia fazer uma conferência, e o trem ia cheio, cheio de pessoas porque iam consultar um padre Antônio Milagreiro, que fazia milagres, mesmo naquele tempo. E na minha frente estava sentada uma senhora. Eu comecei a conversar com ela e perguntei se ela ia também ao padre Antônio.

Ela disse: “Não, não vou ao padre Antônio porque eu e o meu marido somos guias de caçadores”. Eu não sabia se havia essa profissão no Brasil, mas ela era guia de caçadores. “Amanhã cinco ou seis paulistas chegarão e nós temos que levá-los para fazer pescaria”. “Mas, vão fazer pescaria aonde?” Ela disse: “Vão fazer pescaria na Lagoa Malba Tahan”.

Então, eu fiquei sabendo que um camarada havia posto na lagoa, nas terras dele, o nome de Malba Tahan.

Horácio de Almeida: Eu queria apenas uma inversão nessa ordem de critérios porque eu preciso sair um pouco mais cedo... Eu tenho apenas duas perguntas a fazer a Malba Tahan, por isso eu me adianto porque não poderei ficar até o fim. Malba Tahan, já foi dito aqui, e nós já ouvimos de sua boca, que o seu primeiro livro foi escrito aí por volta de 1924.

M.T.: 1925.

Horácio de Almeida: 1925.

M.T.: Minha sogra foi quem me emprestou dinheiro. Eu me casei em 1925. (risos)

Horácio de Almeida: Não, me desculpa, eu disse por volta de 1924, estava em dúvida. Era 1925 o seu primeiro livro. Agora, encontrei dois livros de Malba Tahan antes disso; um de 1901 e outro em 1902. E havia ainda referência a um outro escrito de 1900. Eu digo, “deve haver um outro Malba Tahan além desse”. Mas, os livros foram traduzidos no Brasil e lançados no Brasil. Então, aí cresceu a minha curiosidade para os fatos porque não se trata de um outro homem que tivesse tido o mesmo nome ou que você tivesse adotado o nome de um outro. Eram livros lançados em 1900, 1901 e 1902. Agora, concluí que os livros eram realmente seus. Como você explica isso se na época você devia ter apenas cinco ou seis anos de idade e já aparecia lançando dois livros em 1900, 1901 e 1902?

M.T.: Todos esses livros que saíram na indicação de obras, não existiam. Eu publicava aquilo para enganar o público.

Horácio de Almeida: Então, era uma mistificação literária?

M.T.: Não falei que foi uma mistificação literária. Era 1901, 1905... Eu dava a data.

Horácio de Almeida: Meio doido isso aí.

M.T.: Em São Paulo houve polêmicas. e mais polêmicas sérias entre as pessoas; “existe ou não existe Malba Tahan?”.

Horácio de Almeida: Agora, uma outra pergunta, Malba Tahan. Eu li, certa vez, um artigo seu, não me recordo aonde foi publicado, em que você trata de numerologia que é um dos temas também de sua preferência, de sua simpatia intelectual; a numerologia. Onde você afirmava que o número sete era o número mais forte dos nossos algarismos. E aí eu lhe pergunto: qual é a razão, por que o número sete é considerado o mais forte?

M.T.: Não, os antigos davam um grande valor, um grande destaque ao número sete, mas eu não aceito que seja o número sete. Eu posso admitir o número três, mas desde os antigos tempos para cá eles usavam sempre o número sete.

Horácio de Almeida: São as cores também do arco-íris!

M.T.: Aí tem uma opção... São os dias da semana.

Horácio de Almeida: Os dias da semana!

M.T.: O sete é um número ímpar. Os romanos tinham um pavor pelos números pares. Os romanos não admitiam número par. Par era número azarado. Só os números ímpares é que agradavam a Deus. Então, os números ímpares eles davam sempre preferência. Aí a preferência ao número sete, ao número cinco, ao número três. Os romanos dividiam o mês em (pausa) A primeira parte do mês começava no dia primeiro, calendas. Depois vinha nona, depois vinha os idos. Por que é que eles faziam a divisão do mês em três períodos assim? Para evitar o número par. Eles não diziam “eu vou a sua casa no dia oito ou no dia 10”. Eu vou três dias antes das calendas ou dois dias, 16 dias antes dos idos. Sempre evitando o número par. Daí, meu caro Horácio de Almeida, eu acredito que o número sete tenha tido a preferência e a simpatia desde Pitágoras, passando pelos judeus afora até os nossos tempos.

Horácio de Almeida: Bem, mas você já pregou que de sua convicção não acredita em nada disso.

M T.: Não, não.

Horácio de Almeida: Escreve sobre numerologia e não acredita na numerologia!

M.T.: Escrevo, faço livro sobre numerologia, mas...

Horácio de Almeida: É apenas um motivo...

M.T.: Um jornal aí me obrigava a fazer numerologia. Fiquei tão atordoado com aquelas cartas que recebia, que sumi. Não podia mais. Até hoje ainda recebo. De vez em quando recebo cartas de pessoas pedindo. Porque sabe numerologia, nó? Pelo seu nome eu digo se o nome é bom, se não é bom.

Horácio de Almeida: É forte!

M.T.: Se é um nome bom. Eu tenho feito numerologia de muitas pessoas, mas eu me arrependo amargamente.

Horácio de Almeida: Eu ia pedir. Eu ia dar a minha data exata para você fazer a síntese numérica.

M.T.: Não acredito!

Naomin Haissen: Pode acreditar!

M.T.: Ah, pode acreditar!

Horácio de Almeida: Eu acredito. Eu acredito porque acima de tudo eu sou supersticioso, como um bom brasileiro.

M.T.: Todos nós temos no fundo um traço de superstição.

Horácio de Almeida: Não faço exceção e não quero ser como aqueles altamente convencidos que dizem que não são supersticiosos por uma questão apenas de garganta, de conversa vantajosa. Mas, em certos momentos eles se rendem à superstição. Bom, mas eu já não vou pedir mais.

N. F.: Como é que o senhor concilia esse discurso científico da história com a superstição? Dá certo?

Horácio de Almeida: Dá, isso dá! Porque na ocasião que a gente está... A discussão da superstição não está pensando em cálculos científicos e não está pensando em nada. Agora, para um homem que tem um princípio de espiritualidade, ele concilia perfeitamente a superstição com o mundo astral, com o outro mundo, com o mundo espiritual. E eu creio que Malba Tahan no fundo é um homem essencialmente espiritualista. Pode não ter religião nenhuma... No começo ele disse, “eu sou cristão”. Cristão não é nada!, Cristão é quem crê em Cristo. Cristão é uma palavra que vem desde aqueles tempos da missão de Cristo. Aqui chegou como um derivado de Cristo. Mas aí veio o Cristianismo. Mas dentro do Cristianismo nós temos o Catolicismo, temos o Protestantismo, temos o Espiritismo. Está tudo dentro do Cristianismo. Todos aqueles se baseiam na mesma fonte. Bom, por sorte é que não vamos discutir a religião de Malba Tahan, mas eu acredito que estou diante de Malba Tahan, um grande espiritualista. E a sua obra e a sua vida revelam o homem. Agora, você falou aí em Menino Jesus e menino Deus...

M.T.: Eu?

Horácio de Almeida: É. Eu ouvi uma conversa aqui dele e Jesus. Você adoraria a pergunta...

M.T.: Falei?

Horácio de Almeida: Falou. Houve uma pergunta aqui, dele, e Jesus...

N. F.: Não, ele contou um caso!

M.T.: Conteí? Qual é o caso? Qual é o caso que eu contei?

N. F.: Eu não estou me lembrando agora. Contou sim!

Naomin Haissen: “Lenda do povo de Deus”.

M.T.: Lendas? Não pode ser o livro “Lendas do povo de Deus”.

N. F.: Foi. Era uma lenda.

Horácio de Almeida: Do povo de Deus...

N. F.: Mas não foi uma opinião dele não.

Horácio de Almeida: Mas, eu digo o seguinte: Deus é Deus, Jesus é Jesus. Eu sempre parto do princípio, «eu não vou misturar as coisas, eu não vou misturar”.

Apenas pergunto a Malba Tahan o seguinte, apenas como o sujeito que me descreve um episódio espiritualista e se diz cristão. Eu estou pensando que a sua corrente religiosa é o catolicismo...

N.E.: Ele não disse isso!

Horácio de Almeida: Não, não diga, apenas faço a pergunta a ele, que realmente ele tem percebido...

M.T.: Não sou católico.

Horácio de Almeida: Não é católico?

M.T.: Não.

N. F.: Professor Malba Tahan, eu tenho uma pergunta aqui. Por favor, o seu nome?

Taís Mendonça: Taís Mendonça.

N. F.: Taís Mendonça do jornal...

Taís Mendonça: O Jornal.

N. F.: O Jornal. A pergunta da Tais é a seguinte: O senhor não acredita em numerologia e, no entanto, ao mencionar o encontro dos três colegas, Camarão, o senhor próprio e Osvaldo Aranha, não deixou de se preocupar com os números.

M.T.: Ah, não, mas os números que eu fazia era tudo dublagem, lembra?

N. F.: É, foi mais uma preocupação do matemático do que...

M.T.: É, porque nós no Colégio Militar perdemos o nome e só ficamos com o número. “Chama ele de 303, chama ele de 208!”. É assim que nós tratávamos uns aos outros. Coisa que eu achava erradíssima porque o nome é um patrimônio, não se deve tomar de ninguém. Eu sempre fazia com que os meus alunos respeitassem o nome dos outros. E eu ensinava os maus alunos que é dever respeitar o nome dos outros, mesmo que esse outro tenha nome estranho. Eu nunca fiz piada, nem trocadilho, nem nada, com o nome de ninguém porque nome é um patrimônio. Você diz: “Meu pai me deixou um nome honrado”. Logo, é um patrimônio. Fulano é um homem cujo nome honra, precisa de um nome. Há pessoa que gosta de fazer trocadilho, piadas, tal, com o nome dos outros. Eu nunca fiz. Nunca, de maneira nenhuma, piada com nome. Agora, lá no Colégio Militar nós tínhamos um número. Então, lá era 846. O meu primo, que estudou comigo, era 337. Nós sabíamos o número de todos eles. Nós tínhamos no quepe, no gorrinho, nós tínhamos um número... Naomin quer fazer uma outra pergunta!

Naomin Haissen: Quando você estudou no colégio Pedro II, aconteceu alguma coisa interessante para contar para a gente?

M.T.: Para contar?

N. F.: Como estudante!

Naomin Haissen: Como estudante do Pedro II!

M.T.: Bom, vou contar um episódio acontecido comigo, muito curioso. Eu era aluno... Eu era aluno do segundo ano e o meu professor de geografia era diretor, O nosso professor de geografia tinha mania que a gente decorasse todos os signos do Zodíaco na ordem. Quem não sabia signo do Zodíaco, ele dava zero. Então, a turma toda tratava de aprender o signo do Zodíaco na ordem. Então, nós inventávamos histórias, que dava os signos do Zodíaco. Por exemplo, eu sei até hoje a ordem do signo do Zodíaco. O pessoal todo fica assombrado como é que eu sei. É o seguinte: “O carneiro montou no touro e foi fazer uma visita aos gêmeos que estavam doentes na casa do doutor leão”. (risos) “O carneiro montou no touro e

foi fazer uma visita aos gêmeos que estavam doentes na casa do doutor leão. Aí, encontrou a virgem que trazia uma balança. Nessa balança ela trazia um escorpião. Então disse: “Capricórnio... O sagitário e o capricórnio agora já podem tomar banho no aquário dos peixes.” Gostou? Então, nós sabíamos aquelas coisas todas porque o professor de geografia é um homem muito bom. Mas, uma manhã, umas 3:00 da madrugada, mais ou menos, eu estava dormindo quando eu senti que me sacudiram pelo ombro. Internado. 3:00, 3:30. Eu acordei, assim era o diretor. Ele estava todo encapotado. O diretor usava um terço e um cordãozinho que vinha até aqui, até o colete. Uma coisa impressionante. O diretor disse: “Acorda, acorda.” Eu tinha o apelido de Capote “Acorda Capote, acorda Capote acorda.” Eu, o diretor me acordar a essa hora para me castigar, o que será isso? Achei, extraordinário. “Acorda, acorda.” Todo mundo dormia, só eu que estava sendo acordado, todos o colegas dormiam. Então, só eu fui interrompido. Me levantei. Ele disse: “Pega o seu cobertor!” O meu cobertor era um cobertor de bainha vermelha, muito ordinário, coitado. No que eu peguei o meu cobertor, ele disse: “Não quero que você fique aqui”. “1h, então nós vamos lá para fora? Eu vou lá para fora? O senhor espera um momento que eu vou acordar o Cearense.” O Cearense era um colega meu que era muito simples, um (gênio) de todas as matérias, um rapaz de um valor extraordinário. “Pô, então não é castigo”. “Venha, venha!” O Cearense olhou para mim, disse: “Você está maluco, eu não vou! O diretor está maluco veio acordar nós dois essa hora!” “Vem, vem!” O Cearense usava um cobertor bonito que tinha comprado no Parque Royal. O cobertor do Cearense era bonito. O meu é que era pobre, cobertor de bainha vermelha. Nós, naquele tempo, não usávamos pijama, era camisolão. O meu camisolão ia só até a canela mais ou menos. O camisolão do Cearense era bonito, tinha uns bordados aqui, uma coisa bonita. Mas, eu disse: “Vem, vem, vem!” Me chamou lá para fora. Então, nós fomos para a sala das pias. Sala onde tem as pias que a gente lava a cara de manhã. “Vem!” O Cearense: “Está louco? Só nós dois que ele vem nos acordar! Fomos lá para fora, no entanto. “Eu estava em casa com a minha família, com a minha esposa, com meus filhos e me lembrei de vocês.” “Lembrou de nós? Então, veio nos acordar a essa hora da manhã, três e tanto da manhã?” “Você...”, confessou para mim, “Capote, você não ia sair?” “Não, eu não ia não senhor diretor.” “Sério? Quer dizer que você não ia sair domingo? Sábado, você não vai sair?” “Eu não vou sair não, doutor.” “E o Cearense também, disseram que o Cearense não ia sair.” O Cearense: “É, o meu padrasto foi para Vitória, a minha mãe também foi e a casa fechada, não tem para onde ir. Então, eu vou ficar também.” “É só vocês dois que vão ficar aqui no colégio? Eu dei férias gerais para todo mundo, não há feriados, não há nada, mas só vocês dois! O pessoal de casa não lembra de vocês?” Eu disse: “Os outros não faz mal, senhor, mas para esse quem tem que voltar sou eu.” “Você está louco, quem tem que voltar sou eu, os outros fazer, “está louco”. “Vem, venha! Enrola-te!” Um frio danado. 18/05/1910, um frio danado. Descemos as escadarias,

passamos pela sala de aula, até um gato preto pulou assim, eu pensei: “Para mim era um palpite, mas para o Cearense, o Cearense é supersticioso”. Pulou um gato preto no Cearense, o Cearense: “ Sei lá, fomos para a sala da diretoria, será que o diretor vai nos botar aqui de castigo?” “Você que é um aluno exemplar! Era um aluno tão bom.” Eu me comovo quando falo isso a ele. Era um colega tão bom que, às vezes, ele estava no recreio da tarde para ensinar aritmética para os colegas. Era extraordinário. Mas foi nós lá para a sala, ele disse: “Abram a janela, abram a janela!” Janela essa que dava para o campo de São Cristóvão. Nós dois chegamos na janela só o diretor mandou a gente acordar para ficar na janela estupidamente. Nós fazemos parte desse campo, nós só moramos aqui? O campo não tinha nada. Ao longo ouvia-se um latido de um cachorro. Como diz o poeta: “O cachorro polui o silêncio,” muito longe. Lá, do outro lado, não se via nada, nada. Lá fora não havia bonde, não havia nada, o diretor nos acorda. O diretor estava acertando o gás, naquele tempo não havia luz elétrica. O diretor estava levantando o bico de gás para nós. Nós está vamos na janela, ele veio, ficou entre nós dois e abraçou a mim e ao Cearense. Abraçou e disse: “Vocês estão olhando para a terra. Não olhem para a terra, olhem para o céu.” Diretora, quando eu olhei para o céu, eu fiz uma exclamação: “Oh, Diretor, que maravilha!” Era o Cometa de Halley, era o Cometa de Halley. Esse homem extraordinário sai da casa dele de madrugada, só um bonde no horário, anda a pé, quase que urna hora para chegar ao internato para acordar dois meninos para verem o Cometa de Halley. Eram os únicos que iam ficar porque os outros iam saw, os pais mostravam, os pais mostravam. E nós não tínhamos. Quem é que ia nos trazer? Nós íamos perder o Cometa de Halley, o Cometa de Halley passava o sol e ele se afastava, não era mais visto. Então, aquela noite era a última do Cometa de Halley na terra.

N. F.: Qual o nome do Diretor, por favor?

M.T.: Augusto de Araújo Lima, Augusto José de Araújo Lima que está sepultado aqui. Naquela noite, ele esteve all conversando conosco. Conversou, explicou aquelas considerações todas: “Olha o feixe, olha o tal, coisa e tal. Olha o cometa a posição dele. Olha a caudazinha assim, e tal” E ficou ali contando coisas de outro cometa, que volta só daqui a mil e tantos anos. O Cearense disse: “E o Halley está sendo visto lá no Ceará?”. Então, o Diretor explicou que lá no Ceará o Halley está sendo visto. Por causa da latitude, ele passa muito mais alto, mas isso nós não entendemos. Nunca entendemos aquelas coisas. Mas, o cometa passa no Ceará. Isso confortou muito o cearense; saber que lá no forte, estavam vendo a Cometa de Halley. E depois quando começou a clarear o dia, o Diretor disse: “Agora, vocês vão dormir, vão. O sol está se levantando as 5:15, o sol está se levantando as 5:15, mas eu disse para bater o sino só as 6:00. Vocês vão aproveitar esse resto para dormir um bocadinho.” Então, o Cearense tomou da palavra: “Diretor, em primeiro lugar, eu quero te pedir perdão.” O diretor disse: “Mas, perdão por quê?” “Porque quando o

senhor foi me chamar, eu falei mal do senhor? Disse que a senhor estava meio perturbado, mas agora o senhor parecia o meu pai.” E conheci o pai do Capote... Que o meu pai já era falecido. “Eu conheci também o pai do Capote de modo que, Diretor, eu quero pedir perdão, eu quero lhe beijar a mão!” Beijou a mão do Diretor. O diretor disse: “Capote, você me comoveu, eu estou comovido, como é que um menino comove um velho? Não é possível, Cearense? Cearense, você me comoveu Cearense. Como é que é possível, um menino comover um velho?. “Eu estou comovido porque eu lembrei do meu pai, lembrei de minha mãe.” Então, eu não disse nada. Eu só dei um abraço assim no Diretor, com o meu cobertor assim, dei um abraço e disse: “Obrigado, Diretor.” E saí, saí em uma disparada para a dormitório, cai na cama. Mas, passado uns anos, talvez... Eu não sei quantos anos. Eu era funcionário da Biblioteca Nacional. Lá na Biblioteca Nacional eu carregava livros.

N. F.: Quantos anos o senhor tinha?

M.T.: Isso foi... O Cometa de Halley foi em 1910, 18/05/1910.

N. F.: E quando a senhor começou a trabalhar na Biblioteca Nacional?

M.T.: 1913.

N. F.: Então, você trabalhou cedo?

M.T.: Eu comecei a trabalhar, carregava livros lá no terceiro armazém. Mas, eu soube da morte do Diretor. O Cearense tinha morrido já. O Cearense tinha morrido no Ceará, em Recife... Ele fez um concurso no Banco do Brasil, tirou lugar e o dia da morte dele foi 16 ou 13. Mas, eu então pedi licença ao chefe da Biblioteca Nacional e fui a noite a casa do Diretor prestar homenagem. Cheguei lá em São Januário, está o Diretor. A casa, assim uma ladeira. Eu subi, cheguei lá, a casa estava cheia de gente, mas eu não trazia vela, não trazia coroa, não trazia for, não trazia nada, de modo que, eu fiquei lá em um canto, fiquei lá em um canto, cheio de deputados, de políticos. Havia deputados, havia professores catedráticos, juizes, desembargadores, tudo em quantidade. Foi 21:00, 22:00, 23:00, 00:00, 1:00, já estava quase tudo vazio. 1:00, 2:00, 3:00, 3:00 da madrugada, só havia quatro pessoas, dois Senhores, uma senhora e eu velando o corpo do diretor. Foi indo 3:30, 3:40 aquelas três foram embora e eu fiquei sozinho. Ai, quando eu fiquei sozinho, estava o Ataúde lá, aquela coisa preparada, muitas coroas, flores. Eu disse: “Agora eu vou falar por que da outra vez o Diretor me chamou e o Cearense falou. Dessa vez, quem vai falar sou eu...”

Naomin Haissen: Falando para quem?

M.T.: Falando para o defunto, para o morto. Eu imaginei que ele estivesse vivo ali, eu disse: “Diretor, repara todos Os seus amigos já foram embora, a vida chamou e eles não puderam deixar de atender o apelo da vida. O único que está aqui velando o seu corpo é aquele menino que o senhor foi acordar de madrugada para ver o Corneta e que nunca mais

esqueceu o ato de bondade do professor. Esse menino está aqui. O outro, também sinto que ele este aqui ao meu lado, já várias vezes senti

que ele falava comigo: "Fala Capote, fala que agora eu não posso mais falar!"

N. F.: O Cearense?

M.T.: O Cearense. "Fala Capote porque agora não posso mais falar." "Diretor, estou falando por mim e pelo Cearense, por nós dois. O Cearense está ao meu lado, eu já senti a que ele falou." Ele disse: "Chora Capote porque eu não posso mais chorar." "E eu, Diretor, estou aqui para lembrar um ato de bondade que o senhor praticou a dois meninos do internato. O senhor se levanta de madrugada, com sacrifício e vai lá para ver o Cometa de Halley. E agora, Diretor, eu vou lhe fazer um último apelo: Olha para o céu!"

N. F.: Quantos anos o senhor tinha, professor?

M.T.: Eu devia ter 13 anos, 12 anos.

N. F.: Por que o senhor tinha apelido de Capote?

M.T.: Porque eu fui lá e apareci com um capote que não era meu, era emprestado. Arrumaram o apelido de Capote.

N. F.: Professor, tem mais uma pergunta aqui de jornalistas presentes.

M.T.: Jornalistas?

N. F.: Sim. Magda Esparano, do O Estado de São Paulo.

M.T.: Do O Estado de São Paulo?

N.F.: O senhor poderia fazer um estudo comparativo entre o sistema de ensino da matemática há três décadas e o sistema atual? Continua a pergunta: Melhorou ou piorou? Sabe-se que houve uma revolução no ensino da matemática no Brasil, o senhor acha que contribuiu para essa mudança?

M.T.: Não, aqui é o seguinte: este ensino moderno da matemática exige mais do professor do que o antigo. O antigo não exigia tanto do professor como esse exige. O resultado é o seguinte: alguns alunos estão encontrando dificuldades porque o método dos conjuntos, a teoria dos conjuntos, exige do professor determinados métodos que o professor não tem. No meu tempo de estudante esses professores todos eram autodidatas. Nunca tinham feito curso de professor, de modo que eram verdadeiros criminosos, no colégio Militar, no Pedro II. Havia professores que não ensinavam nada, não conheciam didática, não sabiam nada, de modo que esse método moderno, como exige muito do professor, tem sacrificado muitos os alunos porque o professor tem que ter uma habilidade especial para ensinar aquele simbolismo. Sabe, quantos símbolos a Matemática Moderna produziu em matemática; 300, 300 símbolos novos. Agora, você sabe perfeitamente que o grande problema na China é o problema da língua. A China tinha uma porção de dialetos. Um chinês de Hong Kong não entendia um chinês de Pequim. É uma coisa que cada um tem o seu dialeto. Esse Mao Tse-Tung resolveu que toda a China só vai ensinar um dialeto. É o Mandarim, o Mandarino.

Então, todas as escolas estão ensinando mandarim. Espero que dentro de 20 e tantos anos ou 30 anos toda a China estará falando só uma língua. Atualmente, há várias províncias chinesas que estão falando duas línguas, mas eles modificaram também o sistema de escrita deles. Sabe quantos sinais eles têm? 300. Tem tantos sinais quanto tem matemática. Um filólogo que estudou a língua chinesa ao invés de fazer uma língua com letras, fez com sílabas. De modo que tem uma sílaba, por exemplo, que é “Pa”, é um sinal indicando “Pa”. Tem um sinal diferente indicando “Pe” e assim. E a professora, coitada, tem que ensinar 300 sinais para os garotos. É uma coisa tremenda. Por isso que eu estou dizendo a vocês, como a matemática produziu 300 sinais novos, 300 símbolos novos, isso vem, em parte, exigir do professor uma grande habilidade. Antigamente, qualquer indivíduo medíocre ensinava matemática. Agora não, agora a coisa modificou.

N. F.: Professor...

M.T.: Não é o Naomin, agora?

N. F.: Tem outra pergunta de uma jornalista Dalva Ventura do Diário de Notícias: Mais ou menos, quantas conferências o senhor realizou?

M.T.: No Brasil? Vê aí, um número de... Onde é que ela está, a jornalista?

N. F.: Aqui... Dalva!

M.T.: Dá a ela aí, Oton, Aí, você tem a relação das cidades de onde eu já fiz conferência e cursos. Eu já fiz umas 2000 conferências e cursos no Brasil.

N. F.: Professor Malba Tahan, você não completou, por favor, a pergunta da moça do Estado de São Paulo.

M.T.: Qual é?

N. F.: Na última fase da pergunta dela, ela, justamente, quer saber se o senhor contribuiu para acentuar, contribuiu para essa mudança da matemática?

M.T.: Eu já expliquei, né? Eu penso que já direitinho, Diretora.

N. F.: O senhor teve alguma contribuição?

M.T.: Não, nada, nada não, não. Eu estou inteiramente afastado disso.

Naomin Haissen: Agora, nos seus quarenta anos de professor, o senhor inventando tantas fórmulas mneumônicas, como aquela do cosseno $a + \text{cosseno } b$...

M.T.: Mais seno b cosseno a . Até ele guardou!

Naomin Haissen: O senhor chegou a inventar algum método de ensino diferente?

M.T.: Inventei um sistema chamado Método de Jograis, para ensinar. Esse método de jograis é inteiramente diferente dos métodos usados. Eu, durante oito anos trabalhei na CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário) e dava aula de Didática e Didática da Matemática. Mas, eu notava, que nós, professores, estamos atrasados em matéria de ensino. Ensinamos do mesmo jeito que o professor ensinava em 1909. Eu fui ao colégio outro dia, por causa do meu neto que estudava lá. A minha mulher

fez questão que eu fosse assistir uma aula no Colégio São Bento. Assisti uma aula e disse ao padre lá: “Padre, esse professor parece um sujeito competente, mas ele está atrasado, está atrasado. Ele deu agora uma aula de matemática, exatamente, como o meu professor dava em 1909”, eu disse ao padre. O padre deu uma gargalhada, deu uma risada. Me gozou, o padre! O padre me zombou! Eu disse: “Por quê”? Olha, ele me abraçou, assim: “Eu estou muito feliz porque você disse isso, que ele dá uma aula como dava em 1909 porque alguns não dão nem isso atrasados. É curso de quadro negro é o que eles sabem ensinar. É quadro negro e aula ali, escrevendo no quadro negro. Eu, então, inventei um método, o método de jograis, eu não posso expor aqui porque eu preciso de material próprio para ensinar o método de jograis.

N.F.: Mas, os elementos em que consistia o método, o senhor não poderia explicar? Como se desenvolvia o método? Não pode dar uma explicação?

M.T.: A primeira experiência que eu fiz foi na Bahia. Na Bahia, eu fiz uma experiência. Os professores não gostaram. Aí, eu repeti a experiência com pequenas modificações na cidade de Vitória. Depois, modifiquei um pouco o método e apliquei na cidade de Goiânia. Depois, fiz umas alterações que os professores sugeriram e fui aplicar nas outras cidades. E acabei depois indo a Florianópolis. Já, com o método de jograis e acabei na cidade de Assis. Aí; “pronto”, fiz em São Paulo. Eu dei um curso para 315 professores pelo método de jograis. E os professores, alguns advogados, médicos, engenheiros, entre os professores:

N. F.: Naquela Faculdade maravilhosa de História que tem lá?

M.T.: É, exatamente. Em Assis. “Por que não adotam isso?” Não adotam porque não querem. Porque eles dizem que não adotam o método de jograis. Porque que não adotam, eu não sei. Eu vou explicar mais ou menos, resumidamente, o que consiste o método jograis. Eu vou dar uma aula hoje sobre Cruzadas. Eu vou aproveitar aqui a presença do historiador. Vou dar uma aula sobre Cruzadas. Então, cada aluno recebe um folheto onde está toda aula escrita. E eu tenho. O aluno recebe também, um pequeno envelope onde estão as figuras, gravuras e mapas. Está dentro do folheto. Então, cada aluno recebe aquilo, todos abrem e de lápis na mão... Eu não admito que ninguém acompanhe a aula, a não ser com lápis na mão, de lápis na mão. Então, eu começo. Chamo quatro alunos para a mesa. O primeiro lê o primeiro item. Todos acompanham a leitura. Depois, lê o segundo, lê o segundo item. E eu vou fazendo comentários e eles vão tomando as suas notas ali mesmo. Então, a aula é lida pelos jograis. De vez em quando, eu mando que todos os jograis leiam ao mesmo tempo. Então, todos quando, é uma noção importante, se precisar, todos lêem ao mesmo tempo para fazer a verificação do aprendizado. Depois o folheto tem espaços vazios onde a gente prega as gravuras. Eu já falei aqui com Adolfo Haissen que nós podíamos lançar isso no Brasil com um sucesso extraordinário. Eu pensei

que a empresa Brasil América podia lançar o método de jograis no Brasil inteiro. Quando acaba a aula, diretora, todos têm a sua aula já pronta com gravuras, estampas e tem mapas para fazer, mapas para colorir, figuras para completar, tudo. Não tem mais exposição no quadro negro. Acabou.

Debatedor: A aula já vem escrita?

M.T.: Já está escrita. De vez em quando, eu mando errar. Eu mando o datilógrafo errar uma palavra. Aqui está escrito “Ante, ante-euclidiano “. Está errado. “É anti.” Por que em português há dois prefixos. Ante, que é latino, quer dizer antes e anti que é grego, quer dizer contra. (pausa)

N. F.: Um entrosamento.

M.T.: Um entrosamento. Se aparece um nome qualquer, por exemplo, Victor Hugo. Eles têm que indicar aqui, a vida de Victor Hugo. Então, procuram nas enciclopédias, procuram a data de nascimento, a morte de Victor Hugo. Eles têm que completar. Eu deixo linhas em branco para eles completarem.

N.F.: Parece um pouco com interpretação de texto, mas é mais explorado que interpretação de texto.

M.T.: Ah, sim. Não é interpretação porque eu faço a leitura. É o método de jograis.

N. F.: Sua formação humanística lhe permite essa exploração!

M.T.: Qual é a outra pergunta?

N. F.: Professor Malba Tahan, eu queria fazer outra pergunta que a moça do O Globo, Vera Lúcia Miranda, repórter aqui presente.

M.T.: Qual é a Vera Lúcia?

N.F.: Vera Lúcia está ali. Por que a sua preferência pelos temas orientais? Como começou isso? Alguma influência?

M.T.: Não, eu já expliquei aqui. Eu já contei o caso do Leônidas Rezende, “chumbo em cima!”. Eu tive que fazer uma mistificação literária, mas aonde que eu ia lançar esse escritor. Americano não podia ser. Europeu também não queria. Tinha um escritor chinês não... Japonês, ih! povo meio fanático, indiano. Uhhh, que confusão danada! Olha, qual é o povo que se notabilizou pelas histórias? “As mil e uma noites”, povo árabe. Então, cai lá na Arábia.

N.E.: Professor Malba Tahan, o senhor aplicou alguma coisa da alquimia nessa sua matemática?

M.T.: Alquimia?

N.F.: O senhor estudou alquimia para fazer Fantasias de Matemática?

M.T.: Não, não.

N. F.: Não. Foi só uma influência árabe.

M.T.: Por quê? É pergunta? É pergunta sobre alquimia?

N.E.: A pergunta agora é a seguinte; o senhor contou um caso sobre o seu Diretor no Colégio Pedro II, na sua vida como estudante. Teve um caso interessante, desses assim, pitorescos de seus alunos? Um aluno que tenha ficado na sua lembrança?

M.T.: Oh, caso de alunos, eu tenho milhares de casos com alunos. Eu tenho uma infinidade de casos. Qual é o caso que é... Contra mim ou...

N. F.: Tanto faz. Tanto faz

M.T.: Contra mim, ou contra o aluno? Pode ser contra mim?

N. F.: É.

M.T.: Ou contra aluno?

N.E.: Contra o senhor.

M.T.: Contra mim?

N.E.: É.

M.T.: Eu estava dando aula no Pedro II, segundo ano. E aula de matemática tinha uma turminha de garotos e vi que um menino que estava lendo uma revista com a revista assim, escondida. Eu achei aquilo uma desconsideração e resolvi castigar o aluno. Aí, veio um anjo bom à minha direita e um anjo mal à minha esquerda. O anjo bom dizia: “Não castiga, manda guardar a revista e acabou.” Mas, o anjo mal dizia: “Castiga, castiga, castiga, tem que castigar!” Eu obedeci ao anjo mal: “O aluno está lendo uma revista na minha aula. Vai pedir licença para se retirar porque eu nunca pus um aluno para fora da classe. Este aluno vai se levantar e vai pedir licença para se retirar porque eu não ponho aluno para fora da classe”. Então, houve um silêncio enorme na classe. Aí, o anjo bom: “Não faça isso!” O anjo mal: “Faz, tem que fazer!” “Vamos, eu dou três minutos para o aluno se levantar. Se não se levantar, eu expulsarei da classe.” Ele se levantou, veio até a mesa e disse: “Professor, dá licença que eu vou lá fora.” E saiu. Quando ele ia saindo, olhei aquilo e disse: “Volta, volta! Me desculpe, eu fiz mal. Eu não devia ter feito isso!” Mas, é a tal coisa. Eu fiquei tão revoltado com o caso. Chamei o inspetor e disse: “Marque falta em mim.” O inspetor: “Faltam 10 minutos para acabar a aula. O senhor vai perder o dia.” “Não, marque falta. Eu quero ser castigado de qualquer maneira. Se não marcar falta, eu me apresento ao diretor contra o senhor!” Ele então marcou com lápis verde e escreveu “não compareceu”. Eu me retirei, despedi os alunos, me retirei, fui para casa e meditei. - Era uma sexta-feira. Sábado e domingo, eu meditei. E o arrependimento, diretora, entrou no meu espírito. Eu me arrependi. Me arrependi amargamente do que eu havia feito. Então, resolvi me humilhar. Quando foi na segunda-feira, eles se levantaram. Eu fui até o menino, ele pensou que eu ia castigar outra vez. Eu disse: “Olha, na última aula, você cometeu uma pequena falta aqui. Eu fiz um castigo que não é proporcional a sua falta. Então, eu vou pedir desculpa a você”. Eu pedi perdão. “Você vai me perdoar. Então, ele disse: “Perdão, o senhor está perdoado.” Abraçamos. Eu imediatamente: “Está aqui esse papel. Eu não tenho mais capacidade para

ensinar vocês. Eu vou pedir dispensa dessa turma. Vou perder a minha gratificação mensal, mas eu vou sair.” Me dirigi ao diretor. Pedi licença da turma. O diretor tem quarenta mil candidatos para aquela turma. Então, eles fizeram um abaixo-assinado pedindo ao diretor para não conceber. Em primeiro, o pessoal foi em mim. Fizeram um abaixo-assinado para não conceber a minha demissão. Então, de fato, contra mim. O fato da minha vida como professor.

N. F.: Mas isso não é contra o senhor.

M.T.: O que é?

N. F.: Isso não é contra o senhor.

M.T.: Não é contra mim? A senhora quer outro caso? Outro caso de aluno?

Naomin Haissen: Eu queria fazer mais umas perguntas rápidas. De todos os seus 103 livros qual é o que o senhor gosta mais?

M.T.: Eu gosto mais do A Sombra do Arco-íris.

Naomin Haissen: Por quê?

M.T.: Porque é um livro agradável, é um livro suave. Eu gosto muito do A Sombra do Arco-íris. Conhece esse livro?

N. F.: Não, não li.

Naomin Haissen: Qual ou quais lhe deram maior trabalho para escrever?

M.T.: A Sombra do Arco-íris também me deu muito trabalho e também é um fenômeno muito raro. Eu já vi a sombra do arco-íris certa vez. Entre dois arco-íris faz uma sombra acinzentada que se chama sombra do arco-íris. É um fenômeno muito raro, mas me deixa contar um outro fato que muito curioso. Eu tive no Pedro II uma turma de segundo ano ginásial. Essa turminha era de garotos muito agradáveis, pré-adolescentes, meninos muito alegres, muito calmos. Eu gostava muito dessa turma. Mas, havia uma voz que falava. Durante a aula falava. Todos os meninos estavam de boca fechada e ouvia-se aquela voz. Eu achei aquilo estranho. Por que essa voz? Às vezes, ele falava comigo. Eu começava... Chamava menino na pedra: “Olha, você está somando numeradores e denominadores, não é assim que se faz porque quando tem o mesmo denominador, você só soma os numeradores. Você só soma os numeradores”. A voz dizia assim: “Dá um zero nele”. Eu olhava assim: “Quem é que falou isso?” Não havia, não dava para perceber quem é que tinha falado. Outra vez, eu começava: “Soma-se unidade vezes fatores acima. Junta-se uma unidade vezes fator acima.” A voz dizia: “Já entendi”. Eu falei então para um colega meu que dava aula nessa mesma turma, aula de português. Ele disse: “Tem um ventríloquo, você não sabia? Nós temos um ventríloquo na turma”. “Ah, eu vou descobrir o aluno ventríloquo.” Um aluno ventríloquo. Ele falava de boca fechada. Então, eu marquei... Eles não mudavam de lugar e começava a provocar o ventríloquo para ele falar para eu descobrir qual é o ventríloquo. Onde é que está o ventríloquo. “Vocês não mudem de lugar. O lugar

aqui na minha turma é fixo. Ninguém muda!” E eu então começava: Faltavam dois minutos, dois minutos para bater o sinal. Eles sabiam que quando batia o sinal, eu parava a aula. Se eu tivesse fazendo uma circunferência, parava no arco de 180 graus. “Agora, vamos estudar um pouco da matemática muito interessante para vocês, muito interessante. Vamos começar o ensino de um ponto muito interessante.” A voz disse: “Não dá mais tempo”. (risos) Então, eu disse ao ventríloquo: “Descobri o ventríloquo”. Ele disse: “Você vai levar ao diretor.” “Que levar ao diretor o que! Eu vou levar o ventríloquo para o diretor?” Vou a casa dele, entro em um acordo com o pai para sairmos pelo Brasil fazendo espetáculo de transmissão de pensamento. (risos) Mas, nesse ano houve a desacomunicação. Eu perdi o lugar no Pedro II e nunca mais soube nem do ventríloquo, nem do... Não pude levar a termo, a descoberta do ventríloquo. Mas, era um aluno muito curioso e amigo meu porque ele... Eu não sei o que ele dizia na aula. Na minha aula, ele não dizia. Na minha aula, ele só dizia coisas razoáveis: “Não dava tempo, já entendi”. Ele dizia muito “já entendi”. (risos)

N. F.: Tem alguma pergunta Naomin?

Naornin Haissen: O senhor se considera um matemático, um contador de histórias, um professor ou um escritor?

M.T.: “Como escritor, eu sou um grande matemático e como matemático eu sou um grande escritor”. Quer dizer, eu não sou nem uma coisa nem outra na opinião dele.

Eu como matemático, eu sou um grande escritor, Mas, o que eu considero mais que eu ouvi Naomin é escrever, mas escrever sobre assuntos matemáticos. Uma mistura da literatura com a matemática...

N. F.: Professor Malba Tahan, alguma coisa que o senhor queira declarar nesse depoimento para posteridade?

M.T.: Tem mais alguma pergunta?

N. F.: Ah sim. O senhor disse aqui, contou, que lecionou primeiro história, geografia e aquela moça não entendeu como isso foi possível?

M.T.: Eu não era professor oficial ainda. Não era professor de estabelecimento nenhum ainda. Então, eu arranjava bicos assim porque o diretor me convidava para lecionar geografia, história.

Debatedor: Qual o curso que o senhor fez?

M.T.: O concurso que eu fiz?

N. F.: O curso?

M.T.: Eu sou formado pela Escola Naval, sou professor primário e sou engenheiro civil. Eu sou também ex-aluno da escola dramática. Cheguei até o fim do curso, mas eu não completei. Fui colega de turma do Procópio Ferreira. Fomos companheiros de turma.

N. F.: Bom, a moça. ..Qual é o seu nome, por favor?

Magda: Magda.

N. F.: Magda, do O Estado de São Paulo, né? A Magda, ele não está naturalmente se lembrando se ainda hoje, é assim nos Estados do Brasil. Até pouco tempo, professor Malba Tahan falou isso aqui. Professores eram treinados para professor.

M.T.: De interior.

N. F.: De interior, por que não havia Faculdade de filosofia.

M.T.: Mas, agora não há mais isso.

N.F.: Professor Malba Tahan, então para encerrar o nosso depoimento, o senhor pode contar uma história, por favor, a pedido de uma jornalista?

M.T.: Uma história? Quer história na primeira pessoa? É para ficar registrado a história que a jornalista quer saber?

M.T.: Está no livro O Homem que Calculava. É muito conhecido! Ele encontra o homem que calculava e os dois vão caminhando em um caminho só, caminhando pela estrada. Aí, encontram três camaradas que discutiam. Eles pararam para saber por que é que estavam brigando. “Ah, por causa da herança que nós não sabemos resolver, que o meu pai deixou 35 camelos para nós dividirmos com a condição de eu ficar com a metade, meu irmão com um terço e outro irmão com a nona parte. Mas, nós não sabemos mais como é que vamos dividir 35 camelos. Por dois?”. Então, o homem que calculava disse: “Você me permite que eu junte o meu camelo com os outros”? O outro: “Não faça isso. Nós vamos ficar sem camelo que estamos usando na viagem”. “Bota aí o nosso na herança, eu faço 36”. Então, ficaram 36. Ele disse para o irmão mais velho: “Você ia receber metade de 35 que é 17 e pouco. Agora, você recebe 18 que é metade de 36 que não tem nada para explicar. Você ia receber um terço de 35. Você vai receber agora um terço de 36 que são 12. 18 com 12 dá 30. Agora você, que ia receber um nono de 35 camelos, vai receber um nono de 36 que são quatro. Então, 30 com 4 são 34, sobram dois. Um é desse amigo que emprestou e o outro é meu”. Porque, eu resolvi o problema dele. O problema dos 35 camelos. Porque a soma de um meio, com um terço com um nono não dá um. O pai não fez bem...

N. F.: A divisão.

M.T.: A divisão. Quer história na primeira pessoa, história na terceira pessoa ou história inter cruzada? História na primeira pessoa, o herói da história é o narrador. História na terceira pessoa, o narrador não tem nada com a história, inter cruzada... Qual é que preferem? História na primeira pessoa?

N. F.: Como o senhor quiser. De sua preferência.. Uma história oriental. O que o senhor quiser.

Debatedor: O do barbeiro tagarela.

M.T.: Ah! Isso é ... Bom, então eu vou contar uma história; “O pai do barbeiro que falava demais”. É um caso. Era um barbeiro que era tagarela. Sentou-se um freguês na cadeira dele. Ele olhou para o freguês, ele não conhecia. Olhou, tirou uma linha com o freguês, tal.

“O senhor é daqui do Rio?” “Não, eu não sou daqui do Rio, mas estou de passagem aqui. Eu vou viajar.” “Ah, o senhor vai viajar? O senhor vai para onde?” “Vou para a Europa.” “Ah, que coisa erradíssima, o senhor não devia ir para o estrangeiro. Devia fazer viagem aqui no Brasil mesmo. Esse negócio de ir para a Europa não tem cabimento. Então, vai para a América do Norte que lá tem um progresso extraordinário. Agora, o senhor ir para a Europa não tem cabimento. Ver o que na Europa? Nada. Ruim na escolha. Vai para a América do Norte, ou então, vai para o Amazonas. Vai viajar no Brasil. Vai conhecer o Rio Grande do Sul, mas agora ir para a Europa é um absurdo. Mas, agora que país o senhor ia conhecer da Europa?” “Eu vou para a Itália.” “Ah, outra coisa errada. Por que vai para a Itália? Por que é que não vai para a Holanda, para Portugal? Não vai, por exemplo, para a Inglaterra? Mas para a Itália? Itália é cartão postal, não vale a pena. E que cidade da Itália, o senhor vai conhecer?” “Eu ia conhecer Roma.” “Roma! Mas, é um absurdo o senhor ir para Roma. Vai para Milão, o senhor vai para Nápolis. Mas, para Roma. É um absurdo! O senhor me desculpe, mas é um mau gosto, o senhor ir para Roma. O senhor vai para Veneza ver os canais, mas para Roma! Não! E o que o senhor vai fazer em Roma?” “Ah, em Roma eu vou ver o Papa.” “Que Papa! O Papa? O senhor vai ver o Papa! Mas, é um absurdo! Sabe como é ver o Papa? O Papa aparece na janelinha lá no alto, faz um gesto assim para o pessoal e desaparece. Quer ver o Papa.” O sujeito saiu e foi embora. Passaram uns três meses, ele voltou e, casualmente, sentou-se na mesma cadeira com o mesmo barbeiro. “Mas, o senhor está de volta? O senhor esteve na Europa?” “Estive.” “Esteve na Itália?” “Estive na Itália.” “Em Roma?” “Eu fui para Roma.” “E viu o Papa?” “Vi o Papa.” O Papa vinha num cortejo de cardeais, bispos, freiras, cônegos, quando ele me viu acotovelou um cardeal, deu um soco noutro cardeal, atropelou as freirinhas e veio ao meu encontro. Veio a meu encontro e disse: “Oh! Você por aqui, em Roma!” Me abraçou e disse: “Qual foi o estúpido barbeiro que cortou o seu cabelo desse jeito?” (Risos)

N. F.: Muito obrigada, professor Malba Tahan, pelo seu depoimento e o homem interessante que o senhor, realmente é, e professor maravilhoso, que sempre foi, registrado, aqui no Museu da Imagem e do Som. Obrigada aos amigos Adolfo Haissen, ao escritor, crítico e ensaísta Oton Costa que nos ajudou, aqui, na entrevista, Naomin Haissen e ao historiador Horácio de Almeida que já se retirou. Muito obrigada, professor Malba Tahan, uma boa tarde!

M.T.: Muito obrigado.

ANEXO 2 – Testamento de Júlio César de Mello e Souza

Tenho o pressentimento de que vou morrer de um momento para o outro.

Para o caso de minha morte (queira Deus que seja repentina!) eis o pedido que faço.

À Nair

Aos meus filhos

Aos meus amigos

Aos parentes

E aos meus colegas:

1. Desejo ser enterrado de caixão de terceira classe e na mesma sepultura que foi enterrado o Rubens.

Quero o enterro mais modesto que for possível.

2. Não quero coroa.

Se alguém por acaso, enviar uma coroa, peço que a devolvam com um delicado cartão.

Neste cartão o ofertante será informado será informado do desejo do morto. E ele (o ofertante) que faça da coroa o uso que quiser. Considero a coroa... Ora, para que revelar agora o que eu penso das coroas...

3. Aceitarei flores.

Sim, aceitarei, com prazer, as flores. Que sejam, porém, anônimas. Nada de frases, feitas com dedicatórias, legendas... Acho horrível essa literatura funerária, sem expressão: "Homenagem eterna", "Recordação sincera", "O último adeus", etc. Depois de morto não quero saber mais de Literatura. Disse que aceitaria "com prazer" as flores. É força de expressão. O sentido vulgar do prazer não pode atingir a tranqüilidade infinita do Além.

4. Não quero missa anunciada.

Se algum católico piedoso quiser mandar rezar missa, pelo descanso de minha alma, que o faça. Serei, em espírito, muito grato a essa caridosa homenagem. Mas que essa missa (peço encarecidamente) não seja precedida de convite, nem anunciada nos jornais. Que a presença de parentes e amigos (para o ato religioso) não seja solicitada de forma alguma.

5. Não mereço que sacerdote algum acompanhe o meu enterro. “Senhor! Eu não sou digno!”

Peço, entretanto, que publiquem nos principais jornais a seguinte nota: “Malba Tahan acaba de morrer e pede, a todos, perdão pelas faltas, erros, ingratidões e injustiças. E também pede, por amor de Deus, que todos os crentes rezem por ele. Este apelo é dirigido, especialmente, às inúmeras religiosas, pacientes e dedicadas, que foram suas alunas ou que ouviram as suas aulas”.

6. Não quero luto.

Peço a Nair, filhos, netos, irmãos, sobrinhos, etc..., não ponham luto por minha causa. Lembrarei, neste momento, esta trova bastante expressiva de Noel Rosa:

Roupa preta é vaidade,
Para quem se veste a rigor;
O meu luto é a saudade,
E a saudade não tem cor.

7. No meu enterro (antes, durante ou depois) não quero discursos.

No momento do meu corpo baixar à sepultura, o Dr. Orestes Diniz (ou outra pessoa indicada),

dirá a todos os presentes, em meu nome, o seguinte:

“ – A lepra é uma moléstia curável.

- É uma moléstia como outra qualquer.

- O contágio da Lepra é muito difícil.

- A sociedade culta precisa combater os preconceitos injustos e infames que pesam contra o mal de Hansen.

- O doente de Hansen não precisa de piedade.

- Não precisa de compaixão.

- Precisa, e precisa muito, de solidariedade e compreensão.”

Aos amigos (alguns até são parentes) abaixo indicados, solicito que se interessem no sentido de que os meus desejos “Post mortem” sejam atendidos:

José Milliet

Pedro Soares de Meirelles

Renato de Souza Lopes

Ademar Gomes Veloso

Humberto Mesentier

Dr. Oreste Diniz

Raul Milliet

José Alvarenga

Munir Hillal

Sebastião Ayres de Toledo

ANEXO 3 – Localidades das Palestras e/ou Conferências

No estrangeiro realizou conferências em **Montevidéu, Buenos Aires e Lisboa.**

No Brasil:

Além Paraíba (MG)	Natal (RN)
Aracajú (SE)	Niterói (RJ)
Araçatuba (SP)	Passo Fundo (RS)
Araraquara (SP)	Paulo Afonso (BA)
Assis (SP)	Piracicaba (SP)
Batatais (SP)	Poços de Caldas (MG)
Belo Horizonte (MG)	Porto Alegre (RS)
Botucatu (SP)	Recife (PE)
Cambuquira (MG)	Ribeirão Preto (SP)
Caxambu (MG)	Rio de Janeiro (RJ)
Cruzeiro (SP)	Salvador (BA)
Curitiba (PR)	Santo André (SP)
Florianópolis (SC)	Santos (SP)
Fortaleza (CE)	São Carlos (SP)
Garça (SP)	São João Del Rei (MG)
Goiânia (GO)	São Luiz (MA)
Ilhéus (BA)	São Manuel (SP)
Itabuna (BA)	São Paulo (SP)
Juiz de Fora (MG)	Teresina (PI)
Lins (SP)	Ubã (MG)
Londrina (PR)	Uberaba (MG)
Marília (SP)	Volta Redonda (RJ)
Manhuasu (MG)	Vitória (ES)

O Prof. Malba Tahan já realizou, também, conferências litererárias nas cidades:

Alfenas (MG)	Arapongas (MG)
Antinópolis (SP)	Araxá (MG)
Anápolis (GO)	Baependi (MG)
Aparecida (SP)	Bagé (RS)
Araguari (MG)	Barbacena (MG)

Barra do Piraí (RJ)
Barra Mansa (RJ)
Bebedouro (SP)
Bela Vista do Paraíso (PR)
Belém (PA)
Blumenau (SC)
Brodósqui (SC)
Cabo Frio (RJ)
Caçapava (SP)
Campanha (MG)
Campinas (SP)
Campos (RJ)
Cândido Mota (SP)
Cantagalo (RJ)
Carangola (MG)
Caratinga (MG)
Carpina (PI)
Cataguases (MG)
Casa Branca (SP)
Caxias do Sul (SP)
Colatina (ES)
Conchas (SP)
Cravinhos (SP)
Diamantina (MG)
Dores de Campos (MG)
Feira de Santana (BA)
Franca (SP)
Goiás (GO)
Gov. Valadares (MG)
Guarapes (SP)
Guaratinguetá (SP)
Ipameri (GO)
Itabuna (BA)
Itaocara (RJ)
Itú (SP)
Jacareí (SP)
Joçaba (SC)
João Pessoa (PB)
Joivile (SC)
Laranjal Paulista (SP)
Lençóis Paulista (SP)
Leopoldina (MG)
Lindóia (SP)
Lorena (SP)
Maceió (AL)
Magé (RJ)
Manhuassu (MG)
Manaus (AM)
Mendes (RJ)
Mercedes (Uruguai)
Miracema (RJ)
Mococa (SP)
Mogi Guaçu (RJ)
Mogi Mirim (SP)
Muriaé (MG)
N. Friburgo (RJ)
N. Hamburgo (RS)
Ourinhos (SP)
Parag. Paulista (SP)
Paranaguá (PR)
Passo Fundo (RS)
Pelotas (RS)
Petrópolis (RJ)
Piquete (SP)
Pindamonhangaba (SP)
Piracanjuba (GO)
Piracicaba (SP)
Pirassununga (SP)
Ponta Grossa (RS)
Porto Ferreira (SP)
Pres. Prudente (SP)
Queluz (SP)
Quixada (CE)
Resende (RJ)

Rio Claro (SP)	Serra Negra (SP)
Rio Grande (RS)	Serrania (MG)
S.C. do Rio Pardo (SP)	Sertãozinho (SP)
Santa Maria (RS)	Sorocaba (SP)
Santa Tereza (ES)	Taubaté (SP)
Santo Amaro (BA)	Terezina (PI)
São Fidelis (RJ)	Três Corações (MG)
S. Joaquim de Barra (SP)	Tupã (SP)
S. Joao da Boa Vista (SP)	Uberlândia (MG)
S. Jose dos Campos (SP)	Vassouras (RJ)
São Luiz (MA)	Viçosa (MG)

Já visitou, no desempenho de sua campanha pela reabilitação dos hansenianos, os seguintes leprocômios. Em todos os leprocômios citados realizou conferências. Sobre o problema de lepra no Brasil, já proferiu, em diversas cidades do interior, mais de duzentas conferências.

AIMORES (Bauru, SP)
 ANTÔNIO DIOGO (Canafístula, CE)
 ANTÔNIO JUSTA (Maracanaú, CE)
 AQUILES LISBOA (S. Luiz, MA)
 CARPINA (Paraíba, PI)
 COCAIS (Casa Branca, SP)
 CURUPATÍ (Guanabara)
 DOM ROGRIGO DE MENEZES (Águas Claras, BA)
 FREI ANTÔNIO (Guanabara)
 ITANHENGA (Cariacica, ES)
 ITAPOÃ (Viamão, RS)
 LOURENÇO MAGALHÃES (Aracaju, SE)
 MARITUBA (Belém, PA)
 PADRE ANTÔNIO MANOEL (Recife, PE)
 PADRE BENTO (Gapouva, SP)
 PADRE DAMIÃO (Ubã, MG)
 PIRAPITINGUI (Itu, SP)
 ROVISCO PAIS (Figueira da foz, Lisboa, Portugal)
 SANTA FÉ (Tres Coracoes, MG)

SANTA ISABEL (Betim, MG)
SANTA MARTA (Goiânia, GO)
SANTA TEREZA (São José, SC)
SANTO ÂNGELO (Jundiapéba, SP)
SÃO ROQUE (Curitiba, PR)
TAVARES DE MAECE (Itaboraí, RJ)

Malba Tahan já recebeu os seguintes títulos:

Ubaense Honorário;

Itaocarense Honorário;

Queluzense Honorário;

e de Sírio Honorário.

A Malba Tahan os doentes e leprólogos de Minas Gerais (em Santa Isabel), sob a presidência do Dr. Orestes Diniz, conferiram o título de Leprólogo Honorário.

ANEXO 4 – Discurso de Malba Tahan na Academia Brasileira de Letras

Sr. Presidente. Srs. Acadêmicos:

Quem folhear com atenção o livro encantador das “Mil Noites e uma Noite” – tal é o verdadeiro título dessa obra famosa – há de encontrar, certamneto, inúmeras vezes, repetida pelos lábios eloquentes da formosa Sherazade esta palavra expressiva e sonora: Maktub!

Maktub, senhores, do ponto de vista gramatical, é apenas o particípio passado do verbo árabe vulgaríssimo, o verbo Katab, escrever. Maktub, numa tradução possivelmente fiel, significaria escrito, ou melhor, se completa o pensamento: Estava escrito!

Admitida a crença – expressa, aliás, em cinco suratas do Alcorão – de que tudo o que acontece, na Terra, ou no Céu, “está escrito, irremedialmente escrito por Allah” no Livro do Destino, o maometano vive eternamente algemado a um implacável fatalismo. E a expressão característica desse fatalismo é precisamente resumida nessa forma verbal, tão simples e tantas vezes rimada pelos poetas: Maktub! Estava escrito! Tinha de acontecer!

Parece oportuno, entretanto, esclarecer um ponto importante dentro dos dogmas discutidos do Islam: Maktub não é um brado de temerária revolta. Não; absolutamente. Ao pronunciar a fórmula, o árabe se confessa perfeitamente conformado com o seu destino, isto é, com os desígnios insondáveis da vontade de Deus! E tanto é assim, que ao “Maktub” se segue, invariavelmente a afirmação ortodoxa e solene que mais de cento e cinqüenta milhões de homens repetem cinco vezes por dia:

- Allahur akbar! Deus é grande!

Se o cavalo predileto foge e desaparece no deserto, o beduino abaixa o rosto e murmura no desolado: Maktub!

Se a amada o abandona, sem uma palavra de consolo ou de esperança, o árabe esmaga os sentimentos, que lhe torturam a alma e lamenta em duas sílabas: “Maktub”!

Quando o esposo morre, a infeliz viúva, para traduzir a grande mágoa que lhe dilacera o coração amante – para exprimir, enfim, a perda irreparável – soluça bem alto: “Perdi o meu camelo!”. “Perdi o meu camelo!”. – (Convém advertir que, para o árabe, o camelo é uma coisa preciosa, um verdadeiro tesouro. A expressão “meu camelo” é altamente elogiosa quando aplicada a um bom marido!). A vizinha, boa

amiga, decidida a tranquilizar a desolada viúva, não tem outras palavras: - “Morreu o teu bom camelo! Maktub!

Mas, em compensação, para as grandes alegrias, é o mesmo brado que se impõe: Maktub!

Ao subir, pois, para esta tribuna – que honra e exalta – poderia também, à semelhança dos discípulos de Mafona, exclamar: Maktub! Sim. Estava escrito que o meu livro *O Homem que Calculava* seria distinguido por esta ilustre Academia com o prêmio deste ano no concurso de contos e novelas. Estava escrito que eu seria convidado a falar perante esta douta agremiação. Estava escrito, enfim, que todos vós – ilustres acadêmicos e convidados – sofreríeis o sacrifício de ouvir minha inexpressiva palavra durante alguns minutos. Conformai-vos, pois, com o Destino! Estava escrito! Maktub!

Sim, estava escrito! No entanto, não me satisfaz o espírito êsse recurso ao dogma do fatalismo, para explicar minha presença nesse recinto, agora. A Filosofia ensina o princípio universal da causalidade: para tudo o que acontece, deve haver uma razão antecedente, um motivo bastante ou (na linguagem fria da ciência): uma causa anterior do fenômeno.

Conhecendo, e bem! – a desvalia de meus tentames literários, procurei por outra via, a justificação deste prêmio honroso.

Beremis, o “Homem que calculava”, prestou-se a me auxiliar na solução do problema. De alguma sorte êle me pagou, assim, o ter-lhe eu conferido o posto de heói simpático, de mocinho valoroso, em minha novela. Beremis conseguiu pôr em equação o problema, e ao cabo de alguns momentos, fez-se luz sobre o mistério.

A colação deste prêmio constitui um fato inédito nos anais da literatura mundial. Pela primeira vez um livro de fantasias tecido em torno da Matemática é distinguido por uma valiosa láurea literária. A verdade é que, ao conferir o prêmio ao Homem que calculava, a Academia Brasileira de Letras outra coisa não fez, senão reabilitar a Matemática perante homens de espírito e de talento, os buriladores do Verso, os arquitetos da Frase – e demonstrar, de forma eloquente e generosa, que a ciência de Lagrange – na sua beleza e simplicidade, pode viver e florir em perfeita harmonia com a Literatura.

Vosso gesto, senhores, vem provar, mais uma vez, o erro cometido pelos que consideram a Matemática uma ciência árida, transcendente, nebulosa, e destinada exclusivamente a reduzido número de iniciados. Ao contrário. A Matemática é simples, interessante e atraente e de uma acessibilidade que assombra.

Ciência altamente estética, dotada de virtudes que encantam e de belezas sublimes que impressionam. Os que se ocupam da Matemática – afirma Gomes

Teixeira, sábio português – começam a estudá-la pelo que tem de útil, principiam a amá-la quando compreendem o que tem de belo e apaixonam-se por ela quando alcançam o que tem de sublime.

Apesar dessas virtudes e excelências, avulta entre nós, com alhures, o preconceito de que a Matemática vive em constante dissídio com as demais atividades da humana inteligência. Daí o desamor, senão a invencível ojeriza que lhe dedicam tantos lúcidos espíritos.

O matemático, para muita gente, é um ser estranho, fora do comum. Não se interessa pela beleza da arte; não pratica os vôos da imaginação. Eternamente distraído, passa a vida indiferente a tudo, retido naquela prisão gradeada de símbolos e figuras, onde se compraz em viver. No meio de tanta emoção, só ele não vibra!...

Não pode haver, senhores, mais falsa imagem.

No entanto, serve ainda para representar o tipo de matemático, tal como caracterizam os desafetos de nossa bela ciência.

A que deve atribuir esses preconceitos senhores? Ao objeto da Matemática, tão vasto e tão útil em suas aplicações práticas? Não, certamente. Ao caráter da ciência dedutiva, lógica por excelência, de que se reveste? De forma alguma; o método seria, ao contrário, um fator de atração para o espírito. Ao alcance incomensurável de suas concepções, que nos fazem pensar, graças aos recursos de seu simbolismo, do simples, do elementar, para o inextricável, o incompreensível? Também não me parece residir aí a fonte de todo o mal. Os prodigiosos recursos que nos permitem, graças a um simples traço numa expressão numérica, uma letra que se transfere debaixo para o alto, um ponto a mais numa figura, que nos permitem alterar, tudo, modificar tudo, transformar um problema banal em questão de análise transcendente – tudo isso deveria aumentar o interesse despertado pela Matemática, estimulada a curiosidade de estudioso pela invencível sedução do mistério.

A meu ver, senhores, a desestima que há, pela nobre ciência dedutiva, é obra de um inimigo roaz e pernicioso: um inimigo que é para a Matemática, o que a broca é para o café, a lagarta para o algodão, e a saúva para todo o Brasil. Esse inimigo perigoso e implacável é o algebrista.

A denominação de algebrista é dada, em sentido pejorativo, a todo aquele que vive possuído de preocupação mórbida de complicar a Matemática.

Que faz o algebrista? Na sua inépcia para chegar a conclusões úteis ou interessantes, inventa problemas obscuros, incríveis, inteiramente divorciados de qualquer finalidade prática ou teórica; procura para resolver uma questão facilíssima artifícios complicadíssimos, extravagantes, sem o menor interesse para o calculista.

Entre nós o algebrista tem exercido sua atividade, bem digna de melhor emprego, sem que ninguém se atreva em combatê-lo.

E dessa atividade, há exemplos sem número.

Conta-se que o Professor Oto de Alencar, notável matemático brasileiro, que exercia a cátedra na antiga Escola Politécnica, ao terminar, certa vez, uma aula, proclamou cheio de orgulho aos colegas que o rodeavam:

- “Hoje, sim! Estou satisfeito! Dei uma aula... e ninguém entendeu!”

Na imensa e abnegada legião dos professores de Matemática perfilam, infelizmente, muitos algebristas incorrigíveis. O professor-algebrista tem um prazer especial em torturar os seus infelizes alunos com problemas arvezados e enigmas inextricáveis.

Deve-se ao algebrista a invenção desse instrumento de tortura, que se denomina, na gíria colegial – o carroção.

Inútil seria dizer que tais problemas (ou melhor, os tais enigmas) são, em geral, irreais, absurdos, fora da vida:

“Tenho duas vezes a idade que tu tinhas quando eu tinha a idade que tu tens; quando tu tiveres a idade que eu tenho a soma das nossas idades será 63 anos.”

Qual é a idade?

Com essa forma criminosa e falsa de apresentar a ciência, consegue o algebrista um deplorável resultado: torna fastidioso e irritante o ensino da Matemática e faz aparecer, no espírito dos jovens, esse irremediável desamor pela ciência que Leibniz considerava como a “honra do espírito humano”.

Ainda quando o algebrista possui cultura real e talento – como se dava com o professor Oto de Alencar – alguma coisa pode resultar de sua influência. Mas, na maioria dos casos, o algebrista fica muito aquém daquelas condições. Fácilmente se avalia então o mal que vai causar às numerosas turmas de discípulos confiados à sua direção. Não há muito tempo, um grupo de estudantes se dirigiu, em representação escrita, ao Diretor de uma Escola, contra certo docente, bisonho no magistério, que lhe tentava ensinar Matemática. Essa representação terminava pela seguinte declaração textualmente reproduzida:

“Em resumo, Dr. Diretor, quando F. fala, não se escuta; quando se escuta não se entende; e quando se entende, está errado!”

Um dos mais daninhos erros propugnados pelos algebristas consiste na afirmação de que o ensino da Matemática é indispensável para o perfeito desenvolvimento da inteligência. Erro duplamente lamentável.

Vale a pena ouvir, a tal respeito, a opinião de autoridades prestigiosas no assunto, e isentos de qualquer traço de suspeição:

Hamilton, filósofo e matemático inglês, é bastante categórico:

“Se consultarmos a razão, a experiência e o testemunho unânime de todos os tempos, não encontramos estudo mais incapaz do que a Matemática para desenvolver a inteligência.”

Não menos decisiva é a opinião do Professor Benhardy, educador alemão, diretor de um grande estabelecimento de ensino de Berlim – o Ginásio Frederico:

“Perguntaram-me se a Matemática desenvolve o raciocínio, a faculdade de discorrer, a inteligência, enfim! Sou obrigado a responder que não, porquanto não exercitam as ditas faculdades senão relativamente ao conhecimento da quantidade, prescindindo totalmente da qualidade.

“O Dr, Seguin, ilustre psiquiatra francês, citado por Adolfo Rudde, no livro *El Tesoro del Maestro*, fulmina a questão:

“Calcular não é uma operação superior. Tenho encontrado; em minha clínica, loucos e idiotas, que seriam capazes de vencer, em cálculo, professores e calculistas de talento.”

E formula, com o prestígio de seu nome, a seguinte proposição:

- Contar não é pensar!

Há, porém, prova mais frisante de que a Matemática não desenvolve a inteligência. no seu aspecto elementar, pode até prescindir dela. O que se passa com os irracionais não deixa dúvidas a tal respeito.

Há, realmente, vários animais que contam. Spencer, no prefácio de seu livro *A justiça*, cita um cachorro muito vivo que contava um, dois e três; os corvos, segundo averiguou Le Roy, contam até 4; um chimpanzé do Jardim Zoológico de Londres (exemplo colhido no livro do saudoso Professor Raja Gabáglia) contava até 5; certas vespas – afirma o Major Hingston no seu trabalho *Problemas do instinto e da inteligência* – contam até 10; as tartarugas do Araguaia contam de 4 em 4, até 12 e sabem até proporções.

Esse caso das tartarugas “matemáticas” é minuciosamente relatado pelo ilustre sertanista brasileiro General Couto de Magalhães:

“Os ovos postos pelas tartarugas são de duas espécies: uns, completos e perfeitos, dotados de gema que vão dar origem às tartaruguinhas; outros, de maior volume, destituídos de gema, estão cheios de um óleo especial. A tartaruga coloca os ovos cheios de óleo no centro da cavidade e, em redor destes, os outros que vão produzir os filhotes.

Tendo tido ocasião de observar essa diferença, que me pareceu tão notável, tratei de inquirir da causa, e soube que os últimos são destinados à alimentação das tartaruguinhas; essa é a razão pela qual são postos no meio. Como o animal, ao

nascer, não teria força para romper a crosta de areias que os cobre e defende, a Natureza ali dispôs aquela alimentação, com a qual podem esperar, não só o desenvolvimento de forças, como também o tempo que lhes é necessário para deixar o fundo da cova em que se acham.

Para cada três ovos perfeitos coloca a tartaruga um outro cheio de óleo. A proporção é pois, de três para um!”

Não admira, porém, que o algebrista ignore o que se tem verificado com os animais. Pois se êle desconhece, ou finge desconhecer, que, mesmo na espécie humana, há inúmeros indivíduos de escassa inteligência que se saem bem nos mais difíceis malabarismos do cálculo, assim como tem havido e haverá sempre gênios fulgurantes, e talentos de valor, inteiramente destituídos de qualquer aptidão matemática. “Os gênios sem aptidão matemática são raros.”

Alguns exemplos podem ser citados para confirmar a minha asserção.

Flaubert e Anatole France não possuíam capacidade alguma para os cálculos abstratos; o mesmo acontecia a Eça de Queiroz e ao genial poeta português Antero de Quental. Rui Barbosa (para citar um dos grandes vultos da literatura nacional) foi sempre inteiramente avesso à Álgebra e às complicações da Trigonometria.

Confessou-me certa vez Afrânio Peixoto (e fê-lo com indisfarçável orgulho) que a sua aptidão para a Matemática estava um pouco abaixo de zero – era (e ainda deve ser) negativa!

Em geral, porém, a aversão das grandes inteligências pela Matemática resulta apenas da forma pouco humana, absurda e falsa pela qual essa ciência é comumente ensinada. Não passa, pois, de conseqüência da atuação nociva do algebrista.

Não é talvez demasiado dizer – como acentua Dewey – que nove décimos daqueles que não gostam de matemática ou daqueles que não sentem nenhuma aptidão para essa ciência, devem tal desgraça ao ensino errado, que tiveram à princípio.

“Nenhuma outra matéria – observa o Dr. Wen. I. Harris – ensinada nas escolas elementares, define melhor do que a Matemática os recursos do Professor quanto aos métodos e planos; nenhuma outra disciplina é também mais perigosa ao aluno para lhe enfraquecer a inteligência e sustar o desenvolvimento quando, no seu ensino, são empregados métodos defeituosos.”

Analisemos, agora, o mesmo problema visto por outra face do prisma.

Na História da Literatura poderíamos citar muitos geómetras de renome; na História da Matemática não é difícil sublinhar nomes que se distinguiram nas letras.

Lá no oriente, por exemplo, vamos encontrar a figura curiosa de Omar Khayyam, o famoso poeta persa que foi matemático e astrônomo. A Álgebra de Khayyam é menos conhecida de que o Rubayat – mas não deixa de ser uma obra notável. D'Alembert, autor de um teorema famoso e que tortura os estudantes de Matemática, foi membro da Academia Francesa; Bertrand, apontado como um exemplo de “Matemático prodígio” conquistou igual posto por seus trabalhos literários; do mesmo cenáculo famoso também fez parte Poincaré – um dos gênios da Matemática Moderna.

É evidente que na Academia Brasileira de Letras, constituída dos mais altos expoentes da cultura nacional, haveríamos de encontrar também, muitos apreciadores da Matemática, e mais de um mestre e sabedor profundo da bela ciência de Telles e Einstein.

Lembrarei de início, Carlos de Laet, que ensinou Matemática e escreveu um artigo muito curioso, que se intitulava “A Matemática e a Academia”. Laudelino Freire, autor de uma Geometria. Euclides da Cunha, que nas páginas dos Sertões deixa evidente sua sólida cultura matemática. Devo citar, ainda, Goulart de Andrade, Jaceguai, Visconde de Taunay, Luís Carlos, Garcia Redondo, Gregório Fonseca, este último engenheiro militar, discípulo de Trompowski.

Em meu livro Histórias e Fantasias da Matemática tive ensejo de transcrever páginas de Tristão de Ataíde e trechos de João Ribeiro; e posso afirmar ainda que há neste os membros desta Academia quem tenha levado seus estudos e conhecimentos de Matemática até altas paragens do cálculo infinitesimal. Creio que nesse caso estão Roquette-Pinto, Miguel Osório e Afonso de Taunay.

Não admira, pois, que esta ilustre Academia haja conferido um prêmio à Matemática, representada, modestamente, pelo Homem que calculava. Redime-se, destarte, a ciência dos números, dos labéus com que a procuraram cobrir. A Matemática conduz o espírito as mais altas regiões do sentimento e da fantasia.

Há proposições matemáticas tão perfeitas nas suas conclusões, que servem até para esclarecer dúvidas ontológicas e demonstrar certas conclusões em matéria de fé. A título de curiosidade, posso citar aqui uma proposição colhida na Matemática Elementar, cuja demonstração é feita, rigorosamente, dentro dos princípios católicos. É a chamada regra dos sinais da multiplicação. Ensina a Álgebra que:

+ por + dá +

+ por - dá -

- por + dá -

- por - dá +

Vamos supor que, na primeira coluna vertical, o sinal + (mais) significa precisamente “ganhar”; o sinal – (menos), perder. Na Segunda coluna vertical, o sinal mais traduz-se por virtude; o sinal menos por vício. Na terceira coluna, enfim, o sinal mais significa crescer aos olhos de Deus; o sinal menos significa desmerecer aos olhos de Deus.

Dentro dessa interpretação vejamos como demonstrar a exatidão das operações.

1º) Ganhar virtude importa em crescer aos olhos de Deus; isto é, mais por mais dá mais;

2º) Ganhar vício, desmerecer aos olhos de Deus; isto é, mais por menos, dá menos;

3º) Perder virtude, igualmente desmerecer aos olhos de Deus; isto é, menos por mais dá menos;

4º) Perder vício importa em crescer aos olhos de Deus, isto é, menos por menos dá mais.

Disse-vos há pouco, senhores, que a Matemática nos conduzirá também à serena estância da Fantasia. Beremis, o “Homem Que Calculava”, conseguiu, com seus cálculos, captar a simpatia de seus companheiros, a estima do rei, e, mais do que isso, o amor de sua apaixonada.

Premiando essa novela, a Academia Brasileira de Letras implicitamente aprovou a conclusão a que o autor conduziu o herói de sua história.

Beremis, porém, que tantos prodígios realizou com o engenho de seu raciocínio, falharia, certamente, se, dispondo de todos os recursos, de todas as fórmulas, de todo o potencial de sua inteligência, quisesse calcular o alto grau destas três coisas imensuráveis: a alegria que me destes, a honra que me concedestes, e a gratidão que guardarei para com todos vós.

ANEXO 5 – Oh! Que Coisa Exquisita!

Era uma vez um gigante chamado Fabordão. Era um camarada bom e simples. Não brigava, não batia nos fracos, nem nos pequeninos. Mas tinha uma estravagante mania. Sabe qual era a mania do gigante?

Veja só: guardava ratos no bolso do colete!

- Oh! ... Que coisa exquisita!¹

O gigante Fabordão morava bem sossegado numa casa branca, muito alta, que tinha vinte e oito quartos, onze salas e uma porta só!

- Oh! ... Que coisa exquisita!

Mas Fabordão, apesar de forte e pesado, não tinha saúde. Sentia-se doente. Doente e triste. E sabe você o que sentia o nosso bom gigante? Ao cair da tarde, na hora exata do escurecer, Fabordão começava a sentir o queixo frio (muito frio!), a testa quente (muito quente!) e a orelha (exatamente a orelha esquerda), verde (muito verde!).

- Oh! ... Que coisa exquisita!

Disse-lhe, certa vez, outro gigante, seu companheiro:

- Amigo Fabordão! Você está doente! Precisa se tratar. Procure um médico! Tome os remédios. Onde já se viu um gigante, com a sua força, que sente ao cair da noite, o queixo frio (muito frio!), a testa quente (muito quente!) e a orelha (exatamente a orelha esquerda), verde (muito verde!)?

- Está bem, meu amigo, concordou o Bom Gigante. – Vou consultar, hoje mesmo, um doutor.

- E Fabordão procurou um médico famoso que morava no alto de uma torre feita de mármore cor de rosa. Esse médico usava uma tinta feita de asas de borboleta e tinha, em baixo da mesa, três macacos empalhados!

Oh! ... Que coisa exquisita!

O médico, com seu avental branco, recebeu muito amável o bom gigante Fabordão.

- Que é que você sente, “seu” gigante?

Respondeu logo o gigante:

¹ Publicada no Jornal O TICO-TICO (agosto de 1945), a história apresenta-se sob um tipo especial de narração, a narração com interferência coletiva, ou seja, os ouvintes proferem, em coro, a mesma interferência previamente combinada com o narrador (Tahan, 1964: 154).

- Ah!, doutor, nem queira saber! Logo que começa a escurecer e a noite a esfriar, eu sinto o queixo frio (muito frio!), a testa quente (muito quente!) e a orelha (exatamente a orelha esquerda), verde (muito verde!) verde como a asa de um periquito!

Exclamou o médico assustado:

- Oh! ... Que coisa exquisita!

E auxiliado por dois hábeis enfermeiros, colocou uma escada bem forte, e começou a examinar com atenção o gigante. E logo descobriu qualquer coisa na altura do coração! Inclinou o rosto e apurou o ouvido! Parecia-lhe que o coração do gigante dava pulos, pulinhos e “guinchos”. O doutor ouviu um chiado estranho e disse, com espanto:

Oh! ... Que coisa exquisita!

- Que foi, doutor? – perguntaram assustados os enfermeiros.

Disse o médico, nervoso e afobado:

- É espantoso, meus amigos! É espantoso! Tenho a impressão de que este bom gigante traz um ninho de ratos escondido por baixo do paletó! Estou ouvindo um chiado estranho! E só os ratos é que chamam assim!

Disse logo o gigante:

- É verdade, sim, doutor! Eu guardo ratos no bolso do colete!

Fugindo, aos pulos, pela escada a baixo, os enfermeiros gritaram:

- Oh! ... Que coisa exquisita!

Disse, então, o médico com energia:

- Que loucura, senhor gigante! Que absurdo! Jogue fora esses ratos! O rato é um animal sujo! Sujo e perigoso! Transmite moléstias terríveis. É daninho: estraga tudo! Precisamos acabar com os ratos! Só um louco (desculpe dizer!), só um louco teria essa lembrança de guardar ratos no bolso do colete!

O gigante Fabordão, nesse mesmo dia, seguiu o conselho do médico.

Matou todos os ratos. Levou para casa uma dúzia e meia de gatos e trinta e três corujas! A coruja é útil, utilíssima, porque destrói os ratos! Uma corujinha bem pequenina, com três dias de idade, já é capaz de engulir um camundongo inteiro!

- Oh! ... Que coisa exquisita!

Logo que os ratos desapareceram, o gigante Fabordão voltou novamente a gozar ótima saúde. Nunca mais, ao cair da noite, sentiu o queixo frio (muito frio!), a testa quente (muito quente!) e a orelha (exatamente a orelha esquerda), verde (muito verde!).

E tão satisfeito ficou o bom gigante que mandou ao médico, de presente, três coisas:

Um chapéu feito de penas, um sapato feito de bronze e um cinto, com sete campainhas tecidas com fios de ouro!

O chapéu era para ser usado como sapato; o sapato era para ser usado como cinto e o cinto era para ser usado como chapéu!

- **Oh! ... Que coisa exquisita!**

ANEXO 6 – Na Oitava Casa da Vida

No famoso jogo de xadrez o peão, quando sobe as oito casas do tabuleiro, não permanece peão. Transforma-se em outra peça de valor. Isso mesmo – asseguram os sábios – ocorre com os homens no tabuleiro da vida. Mas há transformações bem estranhas para certos homens que atingem a oitava casa da vida.

(...)

- Estás vendo este peão? É a peça mais fraca do jogo do xadrez. Nada vale diante das outras. No decorrer da partida, o insignificante peão vai avançando de casa em casa. Protegido pelo rei, sob o amparo da dama, auxiliado pelos bispos, vai o peãozinho, galgando o tabuleiro, subindo sempre. Para salvá-lo, outros peões são, por vezes, sacrificados. O rei leva xeques e a dama, com seu prestígio, corre de um lado para outro, fugindo aos cavalos inimigos e desviando-se das torres atacantes. Chega, afinal, o peão à última casa, isto é, à oitava casa! Ao atingir a derradeira casa do tabuleiro, nosso glorioso peãozinho não pode permanecer peão; de acordo com as regras do jogo, é obrigado a transformar-se em dama, torre, bispo ou cavalo!

(...)

- O que ocorre com os peões, no tabuleiro do xadrez, acontece, precisamente, com os homens no imenso tabuleiro da vida. Aquele que é feliz sobe, faz carreira; exatamente como no caso do minúsculo peão, recebe auxílio do rei; e protegido pela dama; não se afasta da sombra prestigiosa dos bispos. E, tomando peças, agredindo, ludibriando ou preterindo os peões mais fracos, vai o felizardo se elevando até implantar-se num cargo de prestígio.. Ei-lo, afinal, chefe, diretor, ministro, general ou presidente: alcançou, desse modo, a sua oitava casa da vida!

Ao atingir o ponto culminante de sua carreira – como acontece ao peão do tabuleiro, o nosso herói sofre completa metamorfose. Transforma-se em outra peça. Passa a agir de maneira diferente; adquire novas regalias e movimentos.

Aquele que é dotado de boa índole, e tem sólida formação moral, converte-se, no termo glorioso de sua carreira, numa perfeita dama. Torna-se fino, delicado e prestativo. Os seus auxiliares o admiram e estimam. – “O nosso chefe – proclamam com orgulho – é uma verdadeira dama!”- E esse juízo exprime a verdade mais enxadrística e humana que conheço.

(...)

- Apontemos, porém, o hipócrita, o bajulador, que ao chegar ao ponto alto de sua carreira se transforma em torre, torre da sabujice.

Quer parecer, aos que não o conhecem, que é invulnerável em seus princípios de honradez; afivela no rosto a máscara do cinismo; finge-se possuidor de vigorosa e inabalável base moral. Mas, na verdade, é desleal e invejoso. A sua idéia fixa é

derrubar, ferir e aniquilar aqueles que o ampararam O antigo e pérfido peão, mal se vê torre, imagina que pode realizar um roque e ir para a casa do rei!

Há, ainda, o modesto peãozinho que ao atingir a oitava casa vira bispo. Revestido de novo poder, com movimento livre no tormentoso tabuleiro da existência, corre em auxílio dos fracos, daqueles que se acham sob a ameaça do xeque-mate da adversidade. Transforma-se num sacerdote do bem. O seu desejo é servir, e servindo realiza o seu ideal.

Vamos encontrar, finalmente, o peão que, mal atinge o final da carreira, se converte em cavalo. Privado, assim, da razão que esclarece e nobilita, entra a dar coices a torto e a direito. Torna-se estúpido e grosseiro. Cheio de empáfia, julga-se criatura superior, mas, na verdade, não passa de mísera cavalgada, emlambuzada de torpezas. Bufa indelicadezas e selvagerias diante dos humildes e rincha sabujices e servilismo quando pretende conquistar a estima dos poderosos.

(...)

- Se algum dia, meu amigo, amparada pela sorte, sob o prestígio de teus amigos, ou à custa de teu esforço, e predicados, conquistares o teu lugar na oitava casa da vida, transforma-te em dama. Se tal mudança não for possível, faze-te bispo (mas bispo de verdade). Se tiveres vocação para torre, afasta-te do caminho da falsidade e procura ser leal com teus companheiros. Mas – pela glória do nosso Profeta – evita a tua transformação em cavalo! Triste, bem triste, é o destino daquele que se converte em besta na oitava casa da vida!

(Malba Tahan, *Contos e Lendas Orientais*, (2001: 157 – 161)

ANEXO 7- Projeto Malba Tahan vai à Escola

PROJETO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
PARCERIA CENTRO UNISAL – LORENA
E PREFEITURA MUNICIPAL DE QUELUZ

MALBA TAHAN

VAI À ESCOLA

LORENA
2001

APRESENTAÇÃO

O Professor Júlio César de Mello e Sousa – Malba Tahan – viveu sua infância e os primeiros anos escolares em Queluz, nutrindo, assim, respeito e consideração por esta cidade por toda sua vida. Este elo especial com Queluz levou sua família a doar todo o seu acervo bibliográfico para a criação de um museu em sua memória, logo após seu falecimento em junho de 1974.

Malba Tahan dedicou sua vida a grandes projetos: foi professor, escritor, pesquisador, conferencista e, ainda, mantenedor da causa pela reabilitação dos hansenianos no Brasil. Embora tenha sido mais conhecido como professor de matemática sua obra estende-se a vários campos do saber. É possível encontrar em seus escritos informações que parecem díspares, mas não o são. A arte da Literatura, o misticismo, a matemática, a cultura árabe, a didática, a cidadania e a ética pontuam uma extensa produção bibliográfica que, embora popular, é muito pouco pesquisada e levada a sério por críticos e educadores no Brasil.

A riqueza de sua produção também se revela na multiplicidade de aspectos que explora em cada área de saber. Assim, por exemplo, sua obra literária contempla dois grandes campos – a Literatura Infantil e a Literatura Adulta. Ainda, em cada um desses campos ele foi capaz de transitar com facilidade pelo conto, pelas lendas, pelo romance e pela poesia. E mais, é o maior representante da novela oriental na América do Sul.

Em sua produção didática verifica-se igualmente a profundidade com que o professor abordava as diversas áreas do conhecimento matemático: álgebra, geometria, desenho geométrico, aritmética, resolução de problemas, jogos, etc. Tanta e tão diversa foi sua inserção no universo da matemática que Malba Tahan é reconhecido como o precursor da Educação Matemática no Brasil.

Além de toda sua obra escrita, Malba Tahan proferiu mais de duas mil conferências em todo o território brasileiro, demonstrando grande capacidade de oratória e organização pois, para cada uma das conferências o autor organizava um arquivo específico contendo o convite para o evento, uma pesquisa sobre a história e a cultura da localidade para a qual se dirigia, o rascunho da conferência e toda a documentação realizada pela imprensa local de sua passagem pela cidade, incluindo as possíveis críticas a sua conferência.

Mesmo com tantas ocupações, Malba Tahan ainda encontrava tempo para dedicar-se a uma ação cidadã. Ele abraçou a causa da reabilitação dos hansenianos no Brasil, ajudando-os de diversas maneiras. Uma delas foi a criação de um “selo” beneficente que era vendido nas escolas na década de setenta e cuja renda era revertida para aplicação em projetos que objetivavam melhorar a qualidade de vida dos portadores de hanseníase no Brasil.

JUSTIFICATIVA

O Curso de Matemática do Centro Unisal – Lorena tem desenvolvido, há três anos, projetos de pesquisa e de iniciação científica a respeito das interfaces interdisciplinares da obra Malba Tahan. Desta forma, professores e alunos, após as pesquisas basilares, desejam expandir o Projeto Malba Tahan, estendendo-o à comunidade queluzense, na tentativa de revelar aos educadores e educandos a potencialidade didática e pedagógica do professor Júlio César de Mello e Sousa.

Assim, pelos aspectos apresentados e muitos outros que surgem da riqueza, diversidade e profundidade de Malba Tahan, justifica-se um Projeto de Educação

Continuada de Professores, na Rede Municipal de Queluz, que contemple a grandeza de seu ilustre filho e o revele às novas gerações de queluzenses, quer seja através de uma nova proposta de ensino de matemática, quer seja através da inserção literária das obras de Malba Tahan no universo educacional deste município.

E mais: justifica-se o projeto para que se possa explorar o imenso potencial do acervo bibliográfico de Júlio César de Mello e Sousa, disponível a todos os municípios de Queluz através do Museu Malba Tahan.

OBJETIVOS

1. Reavivar as contribuições científicas e pedagógicas de Malba Tahan nos educadores e educandos do município de Queluz;
2. Realizar uma avaliação diagnóstica entre os professores da Rede Municipal de Ensino de Queluz, identificando suas necessidades pedagógicas e elencando a potencialidade educativa de Malba Tahan que responda aos problemas apontados;
3. Promover encontros mensais de quatro horas de duração, propondo uma dinâmica dialética e contínua de ação-reflexão-ação, voltada para o pensar da própria prática pedagógica, bem como uma reflexão com o grupo sobre esta prática e, com este, pensar novas propostas metodológicas de ensino de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências fundamentadas na didática de Malba Tahan.
4. Desenvolver projetos de Educação Ambiental, Ética e Cidadania cujos temas, definidos pelo corpo docente, possam ser elementos motivadores da participação ativa dos alunos.

METAS

1. Inserção da obra de Malba Tahan no contexto educacional da Rede Municipal de Ensino de Queluz.
2. Criar um grupo de professores pesquisadores de Malba Tahan na Rede Municipal de Queluz que conheçam a potencialidade de sua obra e a utilizem como recurso didático e pedagógico em sala de aula.
3. Revelar as novas gerações de queluzenses a riqueza de todo o acervo deixado pelo ilustre professor Júlio César de Mello e Sousa ao Museu Malba Tahan em Queluz.
4. Transformar o Museu Malba Tahan num ponto de referência de pesquisadores, alunos de Iniciação Científica, educadores, alunos do Ensino Fundamental e Médio e demais cidadãos interessados no legado cultural deixado por Júlio César de Mello e Sousa a Queluz.
5. Promover o I Encontro de Pesquisadores de Malba Tahan no 2º semestre de 2.002 em Queluz, reunindo professores universitários, pesquisadores das mais renomadas instituições de Ensino Superior do Brasil e do Exterior,

apresentando pesquisas e experiências didáticas fundamentadas na obra de Malba Tahan.

METODOLOGIA

1. Apresentação do Projeto Malba Tahan Vai à Escola à Direção do Centro Unisal-Lorena;
2. Apresentação do Projeto Malba Tahan Vai à Escola ao Prefeito Municipal de Queluz Mário Fabri Filho e à Diretora de Educação Dr^a Arcy Maria de Carvalho Giupponi;
3. Apresentação do Projeto Malba Tahan Vai à Escola aos Professores da Rede Municipal durante o Planejamento do Ano Letivo de 2.002 e início da avaliação diagnóstica das necessidades pedagógicas dos educadores;
4. Planejamento dos novos encontros mensais, elencando as novas propostas metodológicas de Língua Portuguesa e de Matemática fundamentadas em Malba Tahan que respondam às necessidades educacionais mais emergentes dos educadores do município de Queluz.
5. Planejamento de atividades interdisciplinares envolvendo os temas transversais – Cidadania, Ética, Educação Ambiental - e outras disciplinas da grade curricular do Ensino Fundamental - História, Geografia, Artes, Música, etc.

RECURSOS HUMANOS

Coordenadora do Projeto de Educação Continuada de Professores –
Parceria Centro Unisal – Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz:
Juraci Conceição de Faria

Docentes - pesquisadores:
Antonio Sérgio Cobianchi
Marcilene Rodrigues Pereira Bueno

Alunos pesquisadores:
César Augusto Sverberi Carvalho – 3º ano Ciências/Matemática
Maura Silva de Oliveira Watanabe – 4º ano Ciências/Matemática

Colaboradores:
José Luiz Pasin - Professor pesquisador do Núcleo de Pesquisa Regional do Centro Unisal – Lorena e Secretário do IEV – Instituto de Estudos Valeparaibano

Alunos do 3º e 4º Anos do Curso de Ciências e Matemática matriculados nas disciplinas de Didática I e II, Comunicação e Expressão e História da Matemática, envolvidos com a temática Malba Tahan no Trabalho de Conclusão de Curso .

ORÇAMENTO

Centro Unisal - Lorena:

- O pagamento de 2 horas-aulas de pesquisa semanais para a coordenadora e os professores envolvidos no Projeto Malba Tahan:
Juraci Conceição de Faria
Marcilene Rodrigues Pereira Bueno;
- Desconto de 50% na mensalidade dos alunos selecionados para desenvolver os projetos de iniciação científica fundamentados na produção interdisciplinar de Malba Tahan:
César Augusto Sverberi Carvalho – 3º ano Ciências e Matemática
Claudemir da Silva Martins – 2º ano de Ciências e Matemática
Maura Silva de Oliveira Watanabe – 4º ano Ciências e Matemática
- Disponibilizar de carro e motorista do Centro Unisal - Lorena para os translados mensais Lorena-Queluz e Queluz-Lorena;
- Disponibilizar de um funcionário do setor de informática para a criação do link Malba Tahan no site www.unisal-lorena.br, bem como, a atualização de novas informações semanais;
- Contribuição de 50% com as despesas da publicação do livro Malba Tahan Vai à Escola contendo relatos e resultados do Projeto de Educação Continuada de Professores – Parceria Centro Unisal – Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz;
- Apresentação do Projeto Malba Tahan Vai à Escola em Congressos e Encontros de Educação e Educação Matemática, bem como a publicação dos resultados obtidos com esta parceria em Anais e Revistas de Educação e Educação Matemática no país e exterior.
- Certificados de Curso de Extensão (40 horas) aos professores da Rede Municipal de Ensino de Queluz participantes do projeto.
- Organização do I Encontro de Pesquisadores de Malba Tahan.

Prefeitura Municipal de Queluz

- O pagamento de R\$ 60,00 a hora de trabalho do professor-pesquisador em cada encontro, estimando a presença de um professor por encontro, o que totalizaria R\$ 240,00 mensais, a partir de março de 2002;
- No Planejamento do Ano Letivo de 2.002 é imprescindível a presença dos 3 professores-pesquisadores e dos 3 alunos de iniciação científica para a apresentação do Projeto Malba Tahan - Queluz e para o diagnóstico educacional do município;
- Xerox das apostilas preparadas para cada encontro;
- Lanche em cada encontro;
- Lista de presença dos professores em cada encontro;

- Contribuição de 50% com as despesas da publicação do livro Malba Tahan Vai à Escola contendo relatos e resultados do Projeto de Educação Continuada de Professores – Parceria Centro Unisal – Lorena e Prefeitura Municipal de Queluz;
- Sedar o I Encontro de Pesquisadores de Malba Tahan no segundo semestre de 2.002 em Queluz.

CRONOGRAMA

FEVEREIRO: Encontro de 8 horas
MARÇO, ABRIL, MAIO, JUNHO, AGOSTO, SETEMBRO,
OUTUBRO, NOVEMBRO: Encontros de 4 horas

OBSERVAÇÃO: Datas à serem definidas, sempre às segundas ou sextas-feiras, para facilitar a dispensa dos alunos e a presença do maior número possível de professores.

AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto será contínua, aplicada aos professores envolvidos no Projeto Malba Tahan Vai à Escola ao final de cada encontro.

Os relatórios serão apresentados mensalmente ao diretor acadêmico do Centro Unisal - Lorena Dr. Fábio José Garcia dos Reis e à diretora de Educação de Queluz Dr^a Arcy Maria de Carvalho Giupponi , uma semana após a data estabelecida para os encontros.

Lorena, 7 de novembro de 2.001

Juraci Conceição de Faria
Coordenadora do Curso de Matemática

Pe. Milton Braga de Rezende
Diretor Geral

Fábio José Garcia dos Reis
Diretor Acadêmico

Mário Fabri Filho
Prefeito Municipal de Queluz

Arcy Maria de Carvalho Giupponi
Diretora de Educação

ANEXO 8 – Programação do I Simpósio Malba Tahan

Queluz, 18 de novembro de 2002

8h00 Cerimônia de Abertura

Apresentação da BIG BAND Municipal de Queluz

9h30 Café malbatahânico

10h00 “Relevância de Malba Tahan no Cenário Educacional Brasileiro”

Mediadora: Ms. Marcilene Rodrigues Pereira Bueno Unisal e Fatea - Lorena

Dr. Sérgio Lorenzato - UNICAMP

Ms. Cristiane Coppe de Oliveira – Unesp – Rio Claro

Dr. André Faria Pereira - UFRJ

Mestranda Juraci Conceição de Faria – Unisal/UMESP

12h00 Almoço

Visita ao Museu Malba Tahan e à Exposição de Trabalhos na E. M. E. F.
“Capitão José Carlos de Oliveira Garcez”

Praça Pe. Francisco das Chagas Lima - Queluz

13h30 Pátio: “Repensando a Educação Escolar e a Ação dos Professores para o Tempo de Hoje”

Dr. Elydio dos Santos Neto UNITAU/UMESP - São Bernardo do Campo

13h30 Sala 1: Malba Tahan: uma vida pela humanização e popularização da ciência.”

Dr. Pedro Paulo Salles

13h30 Sala 2: Oficina “Contando histórias”

Silvana Regina Borin Maranesi

Biblioteca Pública Municipal Malba Tahan

São Bernardo do Campo SP

15h30 às 17h00 Comunicação de Trabalhos dos Professores e Alunos da Rede Municipal de Queluz

17h00 Cerimônia de Encerramento

ANEXO 9 – Projeto A Escola Vai a Malba Tahan

PROJETO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
PARCERIA CENTRO UNISAL – LORENA
E PREFEITURA MUNICIPAL DE QUELUZ

A ESCOLA VAI A MALBA TAHAN

LORENA
2002

APRESENTAÇÃO

O Projeto “**Malba Tahan Vai à Escola**”, parceria constituída pelo Centro Unisal – Lorena e pela Prefeitura Municipal de Queluz – SP, durante o ano letivo de 2002, através das ações mensais deste programa de educação continuada de professores, tinha como metas:

- a) A inserção da obra de Malba Tahan no contexto educacional da Rede Municipal de Ensino de Queluz.
- b) A criação de um grupo de professores pesquisadores de Malba Tahan na Rede Municipal de Ensino de Queluz que conhecessem a potencialidade de sua obra e a utilizassem como recurso didático e pedagógico em sala de aula.
- c) A revelação da riqueza de todo o acervo deixado pelo ilustre professor Júlio César de Mello e Sousa ao Museu Malba Tahan e às novas gerações de Queluz.

A experiência deste ano de trabalho coletivo levou-nos a refletir sobre o quanto conquistamos em cada um dos itens propostos por essas metas e o quanto poderemos avançar se tivermos a oportunidade de dar continuidade a este trabalho de parceria, propondo um novo projeto, com movimento inverso ao “**Malba Tahan Vai à Escola**”, constituído por ações locais, em cada escola, trabalhando as dificuldades apontadas e buscando, coletivamente, com o grupo de educadores, propostas de ação que respondam aos interesses coletivos, tanto nas atuais linhas de pesquisa educacional quanto na concepção pedagógica proposta por Malba Tahan. Este trabalho levaria a escola, como um todo, a buscar em Malba Tahan, atividades didáticas capazes de despertar nos alunos o desejo de ir à escola, de construir conhecimento, de aprender a aprender, de aprender a fazer, de aprender a conviver e a viver juntos.

Em função deste movimento de se partir da universidade ou da escola em direção a Malba Tahan, é que intitulamos este projeto: “**A Escola Vai a Malba Tahan**”.

As avaliações de resultados de cada encontro mensal e a avaliação final do Projeto “Malba Tahan Vai à Escola” como um todo, apontam o desejo dos professores da Rede Municipal de Queluz e dos professores-pesquisadores do Centro Unisal – Lorena de dar continuidade a este trabalho pedagógico, utilizando o primeiro semestre de 2003 para implantarmos em sala de aula e nas escolas municipais de Queluz

projetos pedagógicos interdisciplinares, fundamentados na didática e na metodologia de seu ilustre educador, Júlio César de Mello e Sousa.

E mais: o projeto justifica-se para que as novas parcerias possam explorar, cada uma em sua especificidade, mas sem deixar de nos abriremos às especificidades do outro, à interdisciplinaridade e à transdisciplinaridade, o imenso potencial do legado de Júlio César de Mello e Sousa, doado por sua família ao município de Queluz.

OBJETIVOS

- a) Realizar uma nova avaliação diagnóstica nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Queluz, identificando as necessidades pedagógicas de seus professores e elencando a potencialidade educativa de Malba Tahan que responda aos problemas apontados;
- b) Criar projetos pedagógicos interdisciplinares nos três níveis educacionais da Rede Municipal de Queluz – Educação Infantil, 1ª à 4ª séries e 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental que possam estruturar o conhecimento de letramento, da história e da geografia de Queluz, do ensino-aprendizagem de matemática e dos projetos interdisciplinares propostos nas ações didática-pedagógicas do Projeto “Malba Tahan Vai à Escola”.
- c) Promover encontros mensais de quatro horas de duração em cada Escola Municipal de Queluz, propondo uma dinâmica dialética e contínua de ação-reflexão-ação, voltada para o pensar da própria prática pedagógica, bem como para uma reflexão com o grupo de professores sobre esta prática e, com estes, pensar novos projetos interdisciplinares que possam responder a ação didática e metodológica proposta por Malba Tahan em sua obra.
- d) Aplicação em sala de aula e/ou nas escolas dos projetos interdisciplinares elaborados coletivamente pelas professoras, tendo como exigência um novo movimento - a Escola ir ao encontro de Malba Tahan – quer seja através da hora do conto, dos jogos matemáticos em sala de aula, dos problemas elaborados pelos alunos fundamentados na realidade cotidiana do município de Queluz, da dramatização dos contos, das histórias e das lendas malbatahânicas; quer seja através da musicalização, da criação de jornais, de documentários, de revistinhas infantis ou de projetos que contemplem a pluralidade cultural, a cidadania e a solidariedade, todos estes temas amplamente divulgados na obra deste exímio educador.

METAS

- a) Orientar os professores da Rede Municipal de Queluz na elaboração de projetos pedagógicos interdisciplinares, baseados no pensamento didático-metodológico de Júlio César de Mello e Souza, que possam tornar-se parte integrante do cotidiano das escolas municipais da Rede Municipal de Queluz, durante todo o ano letivo de 2003.
- b) Captar verbas e buscar novas parcerias com outras Instituições de Ensino Superior para colaborarmos com a Prefeitura Municipal de Queluz na reorganização do Acervo Malba Tahan, na elaboração de um plano turístico para o município, no desenvolvimento de roteiros turísticos, na produção científica de livros sobre a história e a geografia de Queluz, bem como na divulgação do futuro “Museu Malba Tahan” como potencial significativo do turismo cultural e educacional do município de Queluz.
- c) Disponibilizar na rede de computadores a síntese das pesquisas desenvolvidas pelas ações do Núcleo de Estudo e Pesquisa Malba Tahan e a síntese do Acervo Malba Tahan, possibilitando atrair um maior número de pesquisadores e de escolas interessadas em realizar o turismo educacional e cultural em Queluz.
- d) Criar um espaço educacional no futuro “Museu Malba Tahan” para divulgar aos alunos da Rede Municipal e Estadual de Queluz e demais escolas interessadas, as obras de Júlio César de Mello e Souza / Malba Tahan através de oficinas pedagógicas de letramento e de jogos matemáticos.
- e) Adquirir verbas para a aquisição e restauração da casa onde residiu a família Mello e Souza no início do século passado e onde se constituiu a primeira escola de Queluz.
- f) Realizar **novas** parcerias:
 - **Prefeitura Municipal de Queluz**
Secretarias de Cultura, Turismo e Educação
 - **FATEA – Faculdades Integradas Teresa de Ávila - Lorena**
Letras e Comunicação Social
Unesp- Guaratinguetá
Licenciatura em Matemática;
 - **Centro Unisal – Lorena**
Geografia, Filosofia, Pedagogia, Turismo,
Ciência da Computação e Setor de Estágios

- **IEV – Instituto de Estudos Valeparaibanos**
 - **Familiares de Júlio César de Mello e Souza** interessados em preservar a memória e a obra de nosso ilustre educador.
- g) Tentar realizar projetos de iniciação científica patrocinados pelo MEC, através da Lei Rouanet, Fapesp, Capes e outros órgãos financiadores de pesquisa.
- h) Criar o **Instituto Malba Tahan**, órgão constituído pelos familiares de Júlio César de Mello e Souza, por pesquisadores brasileiros e internacionais e demais pessoas interessadas em divulgar a potencialidade e a genialidade educativa de Júlio César de Mello e Sousa / Malba Tahan.
- i) Colaborar com a organização do **Simpósio Malba Tahan** e da **Semana Malba Tahan**, que deverão ocorrer anualmente em Queluz, na primeira semana de maio, em homenagem ao nascimento de Júlio César de Mello e Souza.
- j) Disponibilizar nos sites www.nucleomalbatahan.br e, posteriormente, www.institutomalbatahan.br, o maior número de informações possíveis, que possam servir de apoio ao pesquisador e incentivá-lo a conhecer o “Museu Malba Tahan”.
- k) Transformar o “Museu Malba Tahan” num local de atração turística, educacional e cultural do município de Queluz-SP.

METODOLOGIA

1. Apresentação do Projeto “**A Escola Vai a Malba Tahan**” à Prefeitura Municipal de Queluz, à Direção do Centro Unisal – Lorena, das Faculdades Teresa d’Ávila – Lorena, da Unesp - Guaratinguetá e do IEV – Instituto de Estudos Valeparaibanos para discussão e reformulação dos objetivos e metas do Projeto Queluz 2003.
2. Apresentação do Projeto “**A Escola Vai a Malba Tahan**” à família de Júlio César de Mello e Souza e ao Prefeito Municipal de Queluz, Mário Fabri Filho, para discussão e reformulação do Projeto Queluz 2003, caso haja necessidade de alguma das partes.
3. Assinatura dos convênios de parcerias, envolvendo o Prefeito Municipal de Queluz, um representante legal da família de Júlio César de Mello e Souza, a direção das Instituições de Ensino Superior envolvidas e a coordenação do Projeto Queluz 2003.

4. A apresentação do Projeto “**A Escola Vai a Malba Tahan**” aos Professores da Rede Municipal de Queluz – SP durante o Planejamento do Ano Letivo de 2.003.
5. Planejamento dos encontros mensais, orientando os novos projetos interdisciplinares que, fundamentados na obra de Malba Tahan, envolvam os temas transversais – Cidadania, Ética, Educação Ambiental - e outras disciplinas da grade curricular - História, Geografia, Filosofia, Artes, Música etc.

RECURSOS HUMANOS

1. Coordenadora do Projeto Queluz 2003 e do Projeto de Educação Continuada de Professores “A Escola Vai a Malba Tahan”

Juraci Conceição de Faria

2. Docentes – pesquisadoras

Juraci Conceição de Faria - Unisal-Lorena

Marcilene Rodrigues Pereira Bueno – Unisal-Lorena

Tânia Maria Vilella Salgado Lacaz – Unesp-Guaratinguetá

Alunos pesquisadores

Unisal-Lorena

Emanuelle Meriche Bento da Silva – 2º História

José Roberto de Souza – 4º Matemática

Marcelo Henrique – 2º Matemática

Maura Silva de Oliveira Watanabe – 4º Matemática

Valéria – 1º Matemática

Unesp-Guaratinguetá

A serem definidos no início do ano letivo

Colaboradores

André de Faria Pereira Neto – Historiador UFRJ e neto de MT

Cristiane Coppe de Oliveira – Universidade de Guarulhos

Elydio dos Santos Neto – Universidade Metodista

Gabrielle Greggersen – Universidade Mackenzie

Helena Meidani - USP

José Luiz Pasin – Diretor do IEV

Laureano Guerreiro Bogado - UNISAL

Kátia Tavares da Silva – PUCCAMP

Pedro Paulo Salles – Historiador USP e sobrinho-neto de MT

Renata de Faria Pereira – Arquiteta e neta de Malba Tahan

Sérgio Lorenzato – UNICAMP

Severino Antonio Barbosa – UNISAL/FATEC

Vicente Vale – Responsável pelo Acervo Malba Tahan

ORÇAMENTO

Centro Unisal - Lorena:

1. O pagamento de 8 horas-aulas semanais à coordenadora do Projeto Queluz 2003 e do Projeto “**A Escola Vai a Malba Tahan**”: Juraci Conceição de Faria, destinadas a:
 - a) 2 horas-aulas – encontro semanal com os integrantes do NEP-MT, todas as segundas-feiras, no IEV, das 8h00 às 10h00;
 - b) 2 horas-aulas – planejamento e organização das ações mensais destinadas às 5 Escolas Municipais de Queluz e dos projetos interdisciplinares que serão apresentados aos professores em cada encontro;
 - c) 2 horas-aulas – orientação das monografias e TCCs produzidos pelos alunos;
 - d) 2 horas-aulas: pesquisa individual, organização de Oficinas de Literatura, Oficinas de Jogos, Oficinas de Resolução de Problemas, produção de artigos para jornais e revistas especializadas, preparação das apresentações dos trabalhos em Seminários, Encontros e Congressos de Educação e Educação Matemática, divulgando e honrando o apoio do Centro Unisal e da Prefeitura Municipal de Queluz a este projeto.
2. O pagamento de 2 horas-aulas semanais aos professores-pesquisadores: Marcilene Rodrigues Pereira Bueno e outros que serão definidos após a reunião de parcerias em 25/11/2003
3. Desconto de 50% na mensalidade dos alunos indicados para compor o Núcleo de Estudo e Pesquisa Malba Tahan e para desenvolver os **projetos de iniciação científica** fundamentados na obra de Malba Tahan:
 - Emanuelle Meriche Bento da Silva – 2º História
 - José Roberto – 4º Matemática
 - Marcelo Henrique – 2º Matemática

Maura Silva de Oliveira Watanabe – 4^o Matemática

Valéria – 1^o Matemática

E outros que serão definidos após a reunião de parcerias

4. Disponibilizar carro e motorista do Centro Unisal - Lorena para os translados dos professores e pesquisadores do Núcleo de Estudo e Pesquisa Malba Tahan durante a apresentação dos trabalhos em encontros, seminários e congressos, quando a presença dos componentes do NEP-MT for indispensável;
5. Disponibilizar um funcionário do setor de informática para a atualização e a manutenção das homepages www.nucleomalbatahan.br e www.institutomalbatahan.br.
6. As despesas da publicação do livro **A Escola Vai a Malba Tahan** contendo relatos e resultados do Projeto Queluz 2003 serão divididas entre as instituições parceiras.
7. Verbas para a apresentação do Projeto **A Escola Vai a Malba Tahan** em Seminários, Simpósios, Encontros e Congressos de Educação e de Educação Matemática, o que resultará na publicação e na divulgação dos trabalhos em Anais e Revistas de Educação e Educação Matemática no país e no exterior.
8. Emissão de Certificados de Curso de Extensão - 40 horas, aos professores da Rede Municipal de Ensino de Queluz participantes do Projeto “A Escola Vai a Malba Tahan”.
9. Organização do **II Simpósio Malba Tahan**, previsto para maio de 2003.
10. Contribuir com a organização da **I Semana Malba Tahan**, de 5 a 11 de maio de 2003.
11. Avaliação das atividades desenvolvidas em cada escola pelos professores da Rede Municipal de Queluz
12. Avaliação do **II Simpósio Malba Tahan** e da **I Semana Malba Tahan**.

Prefeitura Municipal de Queluz

1. O pagamento de R\$ 60,00 a hora de trabalho do professor-pesquisador durante as ações nas escolas da Rede Municipal de Queluz, a partir de fevereiro de 2003;
2. No Planejamento do Ano Letivo de 2.003 é imprescindível a presença dos professores e alunos pesquisadores para a apresentação e discussão do Projeto **A Escola Vai a Malba Tahan** junto aos professores da Rede Municipal de Queluz, bem como para o levantamento da realidade educacional de cada escola do município;
3. Xerox das apostilas preparadas para cada encontro;
4. Lanche em cada encontro;
5. Lista de presença dos professores em cada encontro;

6. Contribuição de 50% para as despesas da publicação do livro e do CD-Rom **A Escola Vai a Malba Tahan** contendo relatos e resultados do Projeto de Educação Continuada de Professores;
7. Sedar o **II Simpósio Malba Tahan**, previsto para maio de 2003;
8. Organizar a **I Semana Malba Tahan**, de 5 a 11 de maio de 2003.

CRONOGRAMA

Fevereiro a Dezembro: 8 horas mensais

OBSERVAÇÃO: Datas a serem definidas, preferencialmente às segundas ou terças-feiras.

AVALIAÇÃO

A avaliação do Projeto “**A Escola Vai a Malba Tahan**” será contínua, mês a mês, aplicada aos professores envolvidos ao final de cada encontro (modelo em anexo).

O relatório das atividades desenvolvidas nas escolas e os resultados das avaliações do Simpósio Malba Tahan e da Semana Malba Tahan serão apresentados ao final do Projeto “**A Escola Vai a Malba Tahan**” ao Prefeito Municipal de Queluz, aos diretores das Instituições de Ensino Superior envolvidas e à família de Júlio César de Mello e Souza.

Juraci Conceição de Faria
Coordenadora do Projeto “A Escola
Vai a Malba Tahan”

Pe. Milton Braga de Resende
Diretor Geral Unisal - Lorena

Fábio José Garcia dos Reis
Diretor Acadêmico Unisal - Lorena

Mário Fabri Filho
Prefeito Municipal de Queluz

Arcy Maria de Carvalho Giupponi
Diretora de Educação

José Celso Bueno
Diretor de Cultura e Turismo

Renata de Faria Pereira
Neta de Júlio César de Mello e Souza

E outros parceiros

ANEXO 10 - Programação do II Simpósio Malba Tahan

Queluz, 7 de novembro de 2003

8h00 - Cerimônia de Abertura

Apresentação da BIG BAND de Queluz - SP

9h00 - Conferência de Abertura: **Malba Tahan, que luz!**

Marcilene Bueno Pereira Rodrigues - Mediadora

Gabriele Greggersen - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Helena Meidani - USP

Juraci Conceição de Faria - Unisal-Lorena/UMESP

10h30 - Café Malbatahânico

11h00 - Rádio Malba Tahan - EMEIEF “Arco-Íris”

11h30 - Dramatização da Vida de Malba Tahan - EMEIEF “Arco-Íris”

12h00 - Almoço

12h00 às 13h30 - Visita ao Acervo Cultural de Queluz - Museu Malba Tahan

13h30 - Apresentação de Dança: EMEIEF “Arco-Íris” e EMEF “Marilda Garcez”

14h00 - Apresentação de Trabalhos das Escolas:

EMEIEF “Arco-Íris”: *O Castelo Amarelo e Oh!... Que coisa exquisita!*

EMEF “Marilda Garcez”: *Minha Vida Querida e A Princesinha San-ga-lu* .

EMEF “Maria Mendes”: *O Cântaro Milagroso*.

EMEF “Cap. José Carlos de Oliveira Garcez”: *Procura-se Malba Tahan* .

Instituto São José Salesiano - Resende/RJ: *Malba Tahan* - Prof^a Norma Stage

16h30 Cerimônia de Encerramento

17h00 Café malbatahânico

ANEXO 11 - O Problema dos Olhos Pretos e Azuis

(...)

- Tenho cinco lindas escravas: comprei-as, há poucos meses, de um príncipe mongol. Dessas cinco encantadoras meninas, duas têm os olhos pretos e as três restantes têm os olhos azuis. As duas escravas de olhos pretos, quando interrogadas, “dizem sempre a verdade”; as escravas de olhos azuis, ao contrário, são mentirosas, isto é, “nunca dizem verdade”. Dentro de alguns minutos, essas cinco jovens serão conduzidas a este salão; todas elas terão o rosto inteiro oculto por espesso véu. O “haic” que a envolve torna impossível distinguir-se, em qualquer uma delas, o menor traço fisionômico. Terás que descobrir e indicar, sem a menor possibilidade de erro, quais as escravas de olhos pretos e quais as de olhos azuis. Poderás interrogar três das cinco escravas, não sendo permitido, em caso algum, fazer mais de uma pergunta à mesma jovem. Com auxílio das três respostas obtidas, o problema deverá ser resolvido, sendo a solução justificada com todo rigor matemático. E, as perguntas, ó calculista, devem ser de tal natureza que só as próprias escravas sejam capazes de responder com perfeito conhecimento.

Momentos depois, sob os olhares curiosos dos circundantes, apareciam ao grande divã das audiências as cinco escravas. Apresentam-se cobertas com longos véus negros da cabeça até aos pés; pareciam verdadeiros fantasmas do deserto.

Sentiu Beremís que chegara o momento decisivo de sua carreira. O problema formulado pelo califa de Bagdá, original e difícil, poderia envolver embaraços e dúvidas imprevisíveis.

Ao calculista seria facultado a liberdade de argüir três das cinco raparigas. Como, porém, iria descobrir, pelas respostas, a cor dos olhos de todas elas? Qual das três deveria ele interrogar? Como determinar as duas que ficariam alheias ao interrogatório?

Havia uma indicação preciosa: as de olhos pretos diziam sempre a verdade; as outras três (de olhos azuis) mentiam invariavelmente!

E isso bastaria?

Vamos supor que o calculista interrogasse uma delas. A pergunta deveria ser de tal natureza que só a escrava soubesse responder. Obtida a resposta, continuaria a dúvida. A interrogada teria dito a verdade? Teria mentido? Como apurar o resultado, se a resposta certa não era por ele conhecida?

O caso era, realmente, muito sério.

As cinco embuçadas colocaram-se em fila no centro do suntuoso salão. Fez-se grande silêncio. Nobres mulçumanos, cheiques e vizires acompanhavam com vivo interesse o desfecho daquele novo e singular capricho do rei.

O calculista aproximou-se da primeira escrava (que se achava no extremo da fila, à direita) e perguntou-lhe com voz firme e pausada:

- De que cor são os teus olhos?

Por Allah! A interpelada respondeu em dialeto chinês, totalmente desconhecido pelos mulçumanos presentes! Beremís protestou. Não compreendera uma única resposta dada.

Ordenou o califa que as respostas fossem dadas em árabe puro, e em linguagem simples e precisa.

Aquele inesperado fracasso veio agravar a situação do calculista. Restavam-lhe apenas, duas perguntas, pois a primeira já era considerada inteiramente perdida para ele.

Beremís, que o insucesso não havia conseguido desalentar, voltou-se para a Segunda escrava e interrogou-a:

- Qual foi a resposta que a sua companheira acabou de proferir?

Disse a Segunda escrava:

- As palavras dela foram: “Os meus olhos são azuis”.

Essa resposta nada esclarecia. A Segunda escrava teria dito a verdade ou estaria mentindo? E a primeira? Quem poderia confiar em suas palavras?

A terceira escrava (que se achava no centro da fila) foi interpelada a seguir, pelo calculista, da seguinte forma:

- De que cor são os olhos dessas duas jovens que acabo de interrogar?

A essa pergunta – que era, aliás, a última a ser formulada – a escrava respondeu:

- A primeira tem os olhos pretos e a segunda olhos azuis!

Seria verdade? Teria ela mentido?

O certo é que Beremís, depois de meditar alguns minutos, aproximou-se tranqüilo do trono e declarou:

- Comendador dos crentes! Sombra de Allah na Terra! O problema proposto está inteiramente resolvido e a sua solução pode ser enunciada com absoluto rigor matemático. A primeira escrava (à direita) tem os olhos pretos; a Segunda tem olhos azuis; a terceira tem olhos pretos e as duas últimas têm os olhos azuis!

Erguidos os véus e retirados os ‘haics’, as jovens apareceram sorridentes, os rostos descobertos. Ouviu-se um “ialá” de espanto no grande salão. O inteligente Beremís havia dito, com precisão admirável, a cor dos olhos de todas elas.

- Pelas barbas de Maomé! – exclamou o rei. Já tenho proposto esse problema a centenas de sábios, ulemás, poetas e escribas – e afinal esse modesto calculista é o primeiro que consegue resolvê-lo! Como foi, ó jovem! Que chegaste a essa solução? De que modo poderás demonstrar que não havia, na resposta final, a menor possibilidade de erro?

- Interrogado desse modo, pelo generoso monarca, o “Homem que calculava” assim falou:

- Ao formular a primeira pergunta “Qual é a cor dos teus olhos?”- eu sabia que a resposta da escrava seria fatalmente a seguinte: “Os meus olhos são pretos!” Com efeito. Se ela tivesse os olhos pretos diria a verdade, isto é, afirmaria – “Os meus olhos são pretos!” Tivesse ela os olhos azuis, mentira, e, assim, ao responder, diria também: “Os meus olhos são pretos!”. Logo, eu afirmo que a resposta da primeira escrava era uma única, forçada e bem determinada: “Os meus olhos são pretos!”

Feita, portanto, a pergunta, esperei pela resposta que, previamente, conhecia. A escrava, respondendo em dialeto desconhecido, auxiliou-me de modo prodigioso. Realmente. Alegando não Ter entendido o arresvesado idioma chinês, interroguei a Segunda escrava: “Qual foi a resposta que a sua companheira acabou de proferir?” Disse-me a segunda: - “As palavras dela foram: “Os meus olhos são azuis!”. Tal resposta vinha demonstrar que a Segunda mentia, pois essa não podia Ter sido, de forma alguma (como já provei) a resposta da primeira jovem. Ora, se a Segunda mentia, era evidente que tinha os os olhos azuis. Reparai, ó rei!, nessa particularidade notável para a solução do enigma! Das cinco escravas, nesse momento, havia uma cuja incógnita estava, pois, por mim resolvida com todo rigor matemático. Era a Segunda. Havia faltado com a verdade; logo tinha os olhos azuis. Restavam ainda a descobrir quatro incógnitas do problema.

Aproveitando a terceira e última pergunta, interpelei a escrava que se achava no centro da fila: - “De que cor são os olhos das duas jovens que acabei de interrogar?” Eis a resposta que obtive: - “A primeira tem os olhos pretos e a Segunda tem os olhos azuis!” Ora, em relação à Segunda eu não tinha dúvida (conforme já expliquei). Que conclusão pude tirar, então, da terceira resposta? Muito simples. A terceira escrava não mentira, pois confirmara que a segunda tinha os olhos azuis. Se a terceira não mentira, os seus olhos eram pretos e as suas palavras eram a expressão da verdade, isto é, a primeira escrava tinha, também, os olhos pretos. Foi fácil concluir que as duas últimas, por exclusão (à semelhança da segunda) tinham os olhos azuis!

- Posso asseverar, ó rei do tempo!, que nesse problema, embora não apreçam fórmulas, equações ou símbolos algébricos, a solução, para ser certa e perfeita, deve ser obtida por meio de um raciocínio puramente matemático!

Estava resolvido o problema do califa. Outro, muito mais difícil, Beremís seria, em breve, forçado a resolver: Telassim, o sonho de uma noite em Bagdá!

Louvado seja Allah, que criou a Mulher, o Amor e a Matemática!

(Malba Tahan, *O Homem que Calculava*, 1949: 199-204)

ANEXO 12 – Uma Fábula sobre a Fábula

Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também a Fantasia. Um dia, a Verdade resolveu visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Envoltas as lindas formas num véu claro e transparente, foi ela bater à porta do rico palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas. Ao ver aquela formosa mulher, quase nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou a Verdade! — respondeu ela, com voz firme. — Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid, o cheique do Islã!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, apressou-se em levar a nova ao grão-vizir:

— Senhor — disse, inclinando-se humilde —, uma mulher desconhecida, quase nua, quer falar ao nosso soberano, o sultão Harum Al-Raschid, Príncipe dos Crentes.

— Como se chama?

— Chama-se a Verdade!

— A Verdade! — exclamou o grão-vizir, subitamente assaltado de grande espanto. — A Verdade quer penetrar neste palácio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A perdição, a desgraça nossa! Dize-lhe que uma mulher nua, despuorada, não entra aqui!

Voltou o chefe dos guardas como recado do grão-vizir e disse à Verdade:

— Não podes entrar, minha filha. A tua nudez iria ofender o nosso califa. Com esses ares impudicos não poderás ir à presença do Príncipe dos Crentes, o nosso glorioso sultão Harum Al-Raschid. Volta, pois, pelos caminhos de Allah!

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou muito triste a Verdade, e afastou-se lentamente do grande palácio do magnânimo sultão Harum Al-Raschid, cujas portas se fecharam à diáfana formosura!

Mas...

Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também a Obstinação. E a Verdade continuou a alimentar o propósito de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid...

Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi novamente bater à porta do suntuoso palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas.

Ao ver aquela formosa mulher grosseiramente vestida com peles, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou a Acusação! — respondeu ela, em tom severo. — Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid. Comendador dos Crentes.

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu a entender-se com o grão-vizir.

— Senhor — disse, inclinando-se humilde —, uma mulher desconhecida, o corpo envolto em grosseiras peles, deseja falar ao nosso soberano, o sultão Harum Al-Raschid.

— Como se chama?

— A Acusação!

— A Acusação? — repetiu o grão-vizir, aterrorizado. — A Acusação quer entrar neste palácio? Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Acusação aqui entrasse! A perdição, a desgraça nossa! Dize-lhe que não, não pode entrar! Dize-lhe que uma mulher, sob as vestes grosseiras de um zagal, não pode falar ao Califa, nosso amo e senhor!

Voltou o chefe dos guardas com a proibição do grão-vizir e disse à Verdade:

— Não podes entrar, minha filha. Com essas vestes grosseiras, próprias de um beduíno rude e pobre, não poderás falar ao nosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid. Volta, pois, em paz, pelos caminhos de Allah!

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou ainda mais triste a Verdade e afastou-se vagarosamente do grande palácio do poderoso Harum Al-Raschid, cuja cúpula cintilava aos últimos clarões do sol poente.

Mas...

Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher criou também o Capricho.

E a Verdade entrou-se do vivo desejo de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Vestiu-se com riquíssimos trajes, cobriu-se com jóias e adornos, envolveu o rosto em um manto diáfano de seda e foi bater à porta do palácio em que vivia o glorioso senhor dos Árabes.

Ao ver aquela encantadora mulher, linda como a quarta lua do mês de Ramadã, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou a Fábula — respondeu ela, em tom meigo e mavioso. — Quero falar ao vosso amo e senhor, o generoso sultão Harum Al-Raschid, Emir dos Árabes!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu, radiante, a falar com o grão-vizir:

— Senhor — disse, inclinando-se, humilde —, uma linda e encantadora mulher, vestida como uma princesa, solicita audiência de nosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid, Emir dos Crentes.

— Como se chama?

— Chama-se a Fábula!

— A Fábula! — exclamou o grão-vizir, cheio de alegria. — A Fábula quer entrar neste palácio! Allah seja louvado! Que entre! Bem-vinda seja a encantadora Fábula: Cem formosas escravas irão recebê-la com flores e perfumes. Quero que a Fábula tenha, neste palácio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha!

E abertas de par em par as portas do grande palácio de Bagdá, a formosa peregrina entrou.

E foi assim, sob o aspecto de Fábula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso califa de Bagdá, o sultão Harum Al-Raschid, Vigário de Allah e senhor do grande império muçulmano!

(Malba Tahan, *Minha Vida Querida*, 2000: 60-62)

ANEXO 13 – Aprende a Escrever na Areia

Dois amigos, Mussa e Nagib, viajavam pelas extensas estradas que circulam as tristes e sombrias montanhas da Pérsia. Eram nobres e ricos e faziam-se acompanhar de servos, ajudantes e caravaneiros.

Chegaram, certa manhã, às margens de um grande rio barrento e impetuoso. Era preciso transpor a corrente ameaçadora.

Ao saltar, porém, de uma pedra, Mussa foi infeliz e caiu no torvelinho espumante das águas em revolta.

Teria ali perecido, arrastado para o abismo, se não fosse Nagib. Este sem a menor hesitação atirou-se à correnteza e livrou da morte o seu companheiro de jornada.

Que fez Mussa?

Ordenou que o mais hábil de seus servos gravasse na face lisa de uma grande pedra, que ali se erguia, esta legenda admirável:

Viandante!
Neste lugar,
Com risco da própria vida,
Nagib salvou, heroicamente,
Seu amigo Mussa.

Feito isto, prosseguiram, com suas caravanas, pelos intérminos caminhos de Allah.

Cinco meses depois, em viagem de regresso, encontraram-se os dois amigos naquele mesmo local perigoso e trágico.

E, como se sentissem fatigados, resolveram repousar à sombra acolhedora do lajedo que ostentava a honrosa inscrição.

Sentados, pois, na areia clara, puseram a conversar.

Eis que, por motivo fútil, surge, de repente, grave desavença entre os dois companheiros.

Discordaram. Discutiram. Nagib, exaltado, num ímpeto de cólera, esbofeteou, brutalmente, o amigo.

Que fez Mussa? Que farias tu, em seu lugar?

Mussa não revidou a ofensa. Ergueu-se e, tomando tranqüilo o seu bastão, escreveu na areia clara, ao pé do negro rochedo:

Viandante!
Neste lugar, por motivo fútil,
Nagib injuriou, gravemente,
Seu amigo Mussa.

Surpreendido com o estranho proceder, um dos ajudantes de Mussa observou respeitoso:

- Senhor! Da primeira vez, para exaltar a abnegação de Nagib, mandastes gravar, para sempre, na pedra, o feito heróico. E agora, que ele acaba de ofender-vos tão gravemente, vós vos limitais a escrever, na areia incerta, o ato de covardia. A primeira legenda, ó xeque, ficará para sempre! Todos os que transitarem por este sítio dela terão notícia. Esta outra, porém, riscada no tapete da areia, antes do cair da tarde, terá desaparecido como um traço de espuma entre as ondas buliçosas do mar.

Respondeu Mussa:

- A razão é simples. O benefício que recebi de Nagib permanecerá, para sempre, em meu coração. Mas a injúria...essa negra injúria... escrevo-a na areia, como um voto, para que, se depressa daqui se apagar, mais depressa, ainda, desapareça e se apague da minha lembrança!

Eis a sublime verdade, meu amigo! Aprende a gravar, na pedra, os favores que receberes, os benefícios que te fizerem, as palavras de carinho, simpatia e estímulo que ouvires.

Aprende, porém, a escrever, na areia, as injúrias, as ingratidões, as perfídias e as ironias que te ferirem pela estrada agreste da vida.

Aprende a gravar, assim, na pedra; aprende a escrever, assim, na areia... e será feliz.

(Malba Tahan, Contos e Lendas Orientais, 2000: 165-167)

ANEXO 14 - MALBA TAHAN E AS MIL E UMA NOITES EM QUELUZ

Enredo de Samba do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Bairro da Palha - Carnaval de 2003

Samba e Enredo de Adomilson F. Sótenes

Refrão

Com coleção de sapo

Jornalzinho de história ou coisa assim

Malba Tahan escreveu sua história por aqui

E a Vila da Palha...

A Vila da Palha hoje veio

Para homenagear quem, quem, quem...

Esse grande personagem

Conhecidamente popular

Nascido lá no Rio de Janeiro

Mais passou sua infância n

Cidade de Queluz, de Queluz

Sua vida é tão bela

Que a todos nós seduz

Malba Tahan pra gente

Sua história é real, é real

O Homem que calculava

É seu livro internacional

Refrão

Lecionou por mais de trinta anos

Ele publicou mais de 80 obras

Colaborou em dezenas de revistas e jornais.